



NÃO É

APENAS UM

NÚMERO

NANA C. FABRETI

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



**NÃO É**  
**APENAS UM NÚMERO**

Nana C. Fabeti  
1ª Edição - 2019

## Copyright

Copyright@2019NANA C. FABRETTI

Capa: Ellen Scofield

Revisão: Luciana Almeida

Diagramação Digital: Help – Serviços Literários

Está é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança entre esses aspectos é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da língua portuguesa.

---

Fabretti. C, Nana

Não é apenas um número; 1ª edição – 2019 - 370 páginas

1. Romance
  2. Ficção brasileira
- 

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – Tangível ou intangível – sem o consentimento por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº9610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

# Sumário

[Copyright](#)

[1 – Verdade ou consequência](#)

[Novembro, 2012.](#)

[Junho, 1996](#)

[2 – Pião](#)

[3 – Batata quente](#)

[4 – Pega Pega](#)

[5 – Jogo da velha](#)

[6 – Salada mista](#)

[7 – Fogo, foguinho, fogão...](#)

[8 – Força](#)

[9 – Ioiô](#)

[10 – PETECA](#)

[11 – Telefone sem fio](#)

[12 – Ciranda](#)

[13 – Sete minutos no céu](#)

[14 – Queimada](#)

[15 – Cabo de guerra](#)

[16 – Polícia e ladrão](#)

[17 – Adoletá](#)

[18 – Dança das cadeiras](#)

[19 – Jogo da Vida](#)

[20 – Pipa](#)

[21 – Quebra cabeça](#)

[22 – Uni duni tê](#)

[23 – Amarelinha](#)

[Epílogo](#)

[Nana C. Fabreti](#)

[Sobre a autora](#)

[Acompanhe a autora nas Redes Sociais](#)



*Verdade  
ou  
Consequência*



## 1 – Verdade ou consequência

Ter nascido no início dos anos 80 foi um presente para mim. Pude viver a minha infância nessa década fantástica e minha adolescência nos anos 90.

*Ah...Os anos 90...*

Só quem acordava cedo para esperar a Xuxa chegar em sua nave, ou quem gastava todas as moedinhas do troco do pão com figurinhas, ansiando completar aqueles álbuns que nunca premiavam ninguém, vai entender sobre o que eu estou falando.

Uma década onde as garotas colecionavam papéis de cartas com estampas fofas, alguns eram perfumados e ficavam guardados em pastas, dentro de folhas de plástico, como se fossem relíquias e, enquanto nós, as meninas, fazíamos reuniões para trocar os repetidos, os garotos brincavam de bola na rua, onde chinelos substituíam as traves enquanto eles corriam descalços, sem preocupar com a cabeça dos dedos que estavam sempre machucadas.

Havia também um monte de mistérios, um deles terminava quando a garota ficava “mocinha”, era muito vergonhoso quando nós, finalmente, entendíamos, para que serviam aqueles pacotes de “*modess*”, que nossas mães nos mandavam comprar na mercearia do bairro, todos os meses.

Outro marco na vida de uma garota, quase como um ritual de iniciação à vida adulta, era ganhar o primeiro sutiã. Algo tão importante que chegou a gerar uma moda: A de cortar as golas das camisetas.

Tudo o que nós queríamos era deixar que alça dele ficasse aparecendo. Tal qual um símbolo de emancipação, era algo que mandava um recado claro, do tipo: “Olha, já uso sutiã, portanto, nada de falar sobre bonecas comigo!”

Sem smartphones, a única maneira que tínhamos para registrar nossas recordações, eram em nossas agendas. Sim, porque diários estavam

ultrapassados, e em nossas agendas, com cliques de papel coloridos, prendíamos as figurinhas das balas freegells, aquelas que vinham com frases de paquera que viraram uma febre. Ganhar de um garoto uma delas era praticamente como ser pedida em namoro.

Ali, em nossas confidetes de papel, também escrevíamos o nome do garoto por quem éramos apaixonadas, guardávamos o resultado da brincadeira “SAPINO” (quando ele era satisfatório), e também, para as mais sortudas, eram nas agendas que ficavam os bilhetes ou cartinhas de amor recebidas.

*Facebook? Instagram? Que nada!*

A forma de saber sobre a vida de alguém, era com os questionários. Normalmente inventávamos aos nossos pais que o colégio havia pedido um caderno extra e depois, cada página recebia uma pergunta. Desde as mais bobas, do tipo: “qual é a sua cor preferida?”, até as mais ousadas como: “você é virgem?”

Pegar um desses questionários nas mãos nos dava uma sensação de poder sem igual, era como poder ter acesso ilimitado a intimidade de alguém, ainda, que na maioria das vezes, as pessoas não dissessem a verdade.

Outra vantagem de não desfrutarmos das atuais tecnologias, era o fato de conseguirmos interagir de formas simples. Fosse no intervalo das aulas, quando formávamos uma roda no pátio e ficávamos cantarolando a música Pais e filhos do Renato Russo, como se ela fosse um hino, ou nas noites de sexta-feira, quando as garagens de nossas casas eram preparadas para darem um “som”, aquele tipo de festa improvisada, que não passava de desculpa para que os garotos e garotas flertassem durante a dança da vassoura.

Bambolê, ioiô, roupas muito coloridas; Madonna, walkman, gel de cabelo com glitter, e, é por essas e outras que afirmo, se pudesse escolher, eu não mudaria o ano em que nasci, embora esse tenha se tornado um problema muito maior do que eu poderia imaginar.





## Novembro, 2012.

Falta de ar, batimentos descompassados, boca seca e dor no peito. Estes poderiam ser tranquilamente os sintomas de um infarto, mas não, era apenas ansiedade, afinal, foram dezesseis anos fora do Brasil e finalmente eu estava de volta, a menos de uma hora de distância da casa dos meus pais e o pânico parecia fazer parte de mim.

— Se não parar de andar de um lado para o outro, vai acabar fazendo um buraco no chão deste quarto — Chloe ralhou comigo.

— Meu braço está formigando.— Corri para a frente do espelho.— Acho que vou ter um troço... É sério...

Minha amiga se levantou da cama, parou na minha frente e segurou meus ombros.

— Pense em tudo pelo que você já passou, em toda a sua trajetória. Você conquistou tantas coisas, Dili. Eu tenho certeza de que seus pais e seu irmão sentem orgulho de você.

— Eu sou uma farsa, Chloe...Uma mentira...— Joguei-me sobre a cama e preendi minha atenção no teto claro daquele quarto de hotel. —Agora eu vejo claramente a razão de ter ficado tantos anos fora. Por mais que eu tenha me agarrado a um milhão de desculpas, na realidade, eu sempre tive medo de ser julgada.

— Até hoje eu não entendo os motivos de você esconder sua verdadeira profissão. Sua família usufrui do seu dinheiro. Todo mês, desde sei lá quando, você deposita para eles um valor alto...Dili, você mudou a vida deles com a grana que fatura com o seu trabalho!

— Eu já disse, você não conhece meus pais, não tem ideia de como a minha cidade é pouco evoluída. Se eles soubessem como é que eu ganho a vida, não aceitariam minha ajuda.

— Bom...Em algumas horas eu vou conhecê-los, e mais, daqui a pouco, eles vão saber de toda a verdade e agora não tem volta, você não pode fugir disso pra sempre.

Voltei para a frente do espelho e olhei bem para o meu reflexo. Dezesseis anos depois e como eu estava mudada. Eu sabia que seria uma atração naquela cidade, a não ser que andasse coberta.

— Não está pensando em usar isso, com esse calor, está?— Chloe fez uma careta ao me ver provando uma malha de manga comprida.

— Sei lá, é só para chegar...Para o impacto não ser tão grande.

— Dili, você tem mais de duzentas tatuagens espalhadas pelo corpo...Nem perca tempo tentando escondê-las.

Tirei a blusa e me sentei na cama como uma garotinha que fez alguma coisa errada.

— Não são duzentas...São treze— corrija-a.

Chloe revirou os olhos.

— Para mim, essa coisa toda no seu braço não conta como uma só.

Meu braço esquerdo era fechado com tatuagens, do punho ao ombro. Um trabalho lindo, com flores, borboletas e pássaros. Quase doze horas tendo a minha pele picada por agulhas, numa feira muito respeitada em Miami. O tatuador, Dyllan, meu namorado na ocasião, levou o primeiro lugar em realismo, e foi só isso o que restou do nosso relacionamento, uma tatuagem esplendida, feita sobre uma arte desenvolvida por mim.

— Eu venho pensando e repensando o que vou dizer para eles, e isso faz a minha barriga doer.

— Que tal a verdade?—Chloe sentou-se ao meu lado.— Mãe...Pai...Eu sei que pensam que eu sou uma estilista importante, e na verdade, eu até ganho a vida desenhando, mas não no papel, e sim, na pele das pessoas. Sou tão boa no que faço, que alguns desses famosos que aparecem na tevê, quiseram meus desenhos estampados em seus corpos.

—Nossa...Que fácil! — desdenhei.

—Eu não estou te reconhecendo, você é tão forte, tão decidida e agora está aí, parecendo uma menininha amedrontada!

Encarei a Chloe e me vi refletida em seus grandes olhos verdes, e, mais que no espelho, eles foram capazes de me mostrar o quão assustada eu me sentia.

—Tenho medo da reprovação, embora eu pareça uma rocha, isso é só uma casca, eu não passo de uma montanha de marshmallow...— choraminguei.

Ela balançou a cabeça e riu.

— Se eu fosse você, escolheria uma bela roupa, capricharia nos acessórios e nos pés, calçaria um Alexander. Faria uma chegada triunfal. Aquela coisa de novela brasileira, sabe?— Chloe veio com suas fantasias.

— Quantos anos você tem?— Encarei-a com desaprovação.

— Olha quem fala! A senhorita Peter-Pan...

— Agora é sério, as minhas tatuagens, além das revelações que vou fazer...Isso tudo vai cair como um meteoro na minha família, portanto, tente ser um pouco menos...Você. Entendeu?

— Não, eu não entendi.—Ela cruzou os braços, os olhos piscavam mais do que deveriam. Um tique nervoso que a Chloe tinha.

— Estou dizendo pra não se empolgar. Não precisa comentar sobre nossas noitadas, nem nossos porres, muito menos, a quantia de namorados que eu tive durante estes dezesseis anos.

—Tudo bem! Embora eu ache que tivemos uma juventude normal...Dez namorados em trinta e dois anos nem é tanta coisa assim.

— Doze, se eu contar o Caio e o Pepa.— Encolhi meus ombros.

— Treze, se contar aquele beijo que demos na festa da Kim.

—Aquilo foi um equívoco! Estávamos bêbadas, eu tinha o meu coração partido pelo Sebastian, e se eu for contar todas as bocas que já beijei, aí é que as coisas se complicam mesmo.

— Naquela noite sentíamos ódio dos homens, não é?

— Isso.—Apontei o dedo para Chloe.—Só que depois daquele beijo, percebemos que gostamos deles. Homens são um mal necessário.

Ficamos sem silêncio por um tempo, eu, lembrando todas as nossas aventuras, e foram tantas!

—Até que você beija bem Dili, não foi de todo ruim...—Ela jogou o seu ombro contra o meu, me trazendo de volta dos meus devaneios.

—I kissed a girl and I liked it, the taste of her cherry chap stick... — Comecei a cantar e Chloe me acompanhou, depois, rimos como duas loucas. —Sabe qual é o nosso problema?

— Qual?

— É que já estamos com mais de trinta e não conseguimos aceitar isso. Enquanto nossas amigas estão casadas e aumentando a família, nós estamos aqui, cantando músicas da Katy Perry.

Ela se levantou e foi para frente do espelho.

— Por isso não temos rugas.

Voltamos a rir.

—Vamos, o táxi já chegou— decretei, ao mesmo tempo em que pedras de gelo se amontoavam no meu estômago.

—Você está pálida, Dili.

— Sei que tenho trinta e dois anos e que sou dona do meu próprio nariz, mas neste momento, eu me sinto exatamente como quando eu tinha que entregar um bilhete do colégio, solicitando que minha mãe comparecesse à diretoria. — Estiquei as mãos mostrando que trepidavam.

Chloe ergueu os óculos escuros que cobriam seus olhos e repousou-os no topo da cabeça.

—Você é uma das pessoas mais incríveis que já conheci, portanto, entre agora naquele carro e faça uma chegada triunfal. Mostre para sua cidade, quem é Dili Sky.

Eu a obedeci, entrei no táxi e encontrei no retrovisor, o olhar impaciente do motorista.

—O taxímetro está rodando.—Ele ergueu as sobrancelhas.

Assenti com a cabeça sem dar a mínima importância. Dinheiro era o menor dos meus problemas.

Por todo o trajeto, a frase dita por minha amiga, minutos atrás, rutilava em meus pensamentos: “*Mostre para a sua cidade, quem é Dili Sky.*”

Naqueles momentos, onde o reencontro com todos que deixei para trás se tornava iminente, um filme de tudo o que tinha vivenciado ao longo dos meus trinta e dois anos parecia insistir em ser reproduzido.

Era engraçado pensar que de fato, minha vida tinha duas fases, divididas na mesma proporção. Meus primeiros dezesseis anos em Arco Dourado e outros dezesseis na Flórida.

A primeira metade era a que gritava naquele momento. Uma mistura de nostalgia e medo, resultava em um terceiro sentimento, esse, desconhecido por mim, e à medida que o carro avançava rumo à casa da minha família, eu era engolida por uma avalanche de recordações, como se a vida fizesse questão de contar para mim, minha própria história...



## Junho, 1996

Eu voltava para a minha casa com uma euforia que não cabia em mim, a proposta feita pela Simone, parecia um sonho ou mais do que isso, porque para ser honesta, eu nunca tinha sonhado tão alto. Cursar meu colegial na Flórida era mesmo algo surreal.

Quando se tem uma vida simples, como era a minha, tudo o que vemos em filmes e revistas parece mágico, e se deparar com a possibilidade de fazer parte daquilo, pode te corromper a ponto de tornar-se uma obsessão.

—Mas mãe, essa é oportunidade da minha vida!— argumentei, pela milésima vez.

—Só se eu vender um rim, pra poder pagar essas passagens...—ela retrucou, enquanto tirava algumas formas de bolo do forno.

O pior é que minha mãe tinha razão, ela virava as noites com a barriga grudada no fogão, já meu pai, tinha recebido o título de rei das horas extras na fábrica de tecidos onde era funcionário, mesmo assim o dinheiro continuava curto, dava apenas para as despesas essenciais.

O Diogo, meu irmão mais velho, além de ter se alistado no exército, também trabalhava, mas tudo o que ganhava era guardado para a realização de seu próprio sonho: comprar um carro.

Eu até tinha um emprego, só não me rendia dinheiro nenhum, na verdade, eu era babá dos dois filhos da Simone, em troca de aulas particulares de inglês. Nós nos conhecemos no colégio onde eu estudava, ela era a professora de línguas estrangeiras, e, enquanto a maioria se esforçava para fugir dessa matéria, eu vivia com meu dicionário português/inglês debaixo do braço, tentando traduzir sozinha, as letras das músicas do Bon Jovi.

A proposta pareceu-me tentadora. Casa, comida, estudar em um dos melhores colégios de Tampa e ainda eu ter a chance de me especializar em algo que eu adorava fazer: desenhos. Meu talento com lápis e papel era genuíno e criar modelos de roupas para as minhas bonecas sempre foi meu passatempo favorito. Em troca de tudo isso, teria que apenas continuar sendo a babá de seus dois filhos.

Uma proposta e tanto, mas para isso, eu precisava do dinheiro da passagem e não tinha ideia de como conseguiria.

Minha tia Eliana, irmã mais nova da minha mãe, era a única parente que tinha uma condição financeira razoável, só que seria mais fácil vê-la pagando para que eu não saísse jamais de Arco-Dourado do que o contrário.

Ela tinha uma competição fervorosa com a minha mãe, tanto, que acabou comprando uma casa bem em frente à nossa e, como se não bastasse, as duas engravidaram ao mesmo tempo. O resultado disso foi que minha prima e eu nascemos praticamente no mesmo dia, a diferença foi de horas.

Com tantas coincidências, o que deveria ser bom acabou se tornando meu pior pesadelo. Duas crianças nascendo juntas na mesma família e as comparações vinham de todos os lados.

Quem era a mais bonita? Qual andaria primeiro? Quem delas teria o futuro mais promissor?

Crescemos cercadas por esse tipo de comentário, algo que acabou colocando entre nós uma barreira invisível e que só cresceu com o passar dos anos, tanto, que quando chegamos à adolescência já era tão grandiosa quanto o muro de Berlim.

Sabrina, incentivada por sua mãe, parecia ter como hobby, infernizar a minha vida. Ela não perdia a oportunidade de me humilhar, principalmente quando tinha plateia.

O pior é que ela tinha munição para isso. Minha prima se vestia como se fosse a sexta integrante das Spice Girls, enquanto eu me contentava com peças feitas pela costureira do bairro, com os tecidos que meu pai trazia do seu trabalho.

Havia também os sapatos. Sua coleção de Melissas era mesmo de dar inveja, já eu tinha que me virar com um par que só podia ser usado em ocasiões especiais.

Até os meus olhos, um de cada cor, eram alvos de seus ataques. O direito tinha um tom castanho, já o esquerdo era quase azul. Enquanto a maioria das pessoas elogiava essa característica peculiar, a Sabrina insistia em dizer que eu era defeituosa.



De tanto ouvi-la zombando de mim, acabei acreditando que tinha mesmo um problema e cheguei a juntar dinheiro para comprar lentes de contato que me deixassem “*normal*”. Acabei desistindo quando soube quanto custavam.

De qualquer forma, eu nunca me senti a gata borralheira, até porque, eu odiava o papel de vítima. Com a minha língua sempre afiada, as respostas para suas provocações costumavam ser rebatidas de imediato, então nós discutíamos e depois tudo ficava bem, ou melhor, voltávamos a viver nossa guerra-fria.

As coisas mudaram realmente, quando fizemos dezesseis anos. Como eu estava economizando tudo o que podia, evitei qualquer comemoração, não quis nem que meus pais pedissem uma pizza, já a Sabrina começou a programar o seu “*som*” com meses de antecedência.

Até aí tudo bem, só que quando ela veio esfregar na minha cara a roupa que usaria em sua festa, eu pude prever o que me esperava. Juro que senti vontade de quebrar o meu cofrinho e gastar o meu dinheiro em uma das lojas do shopping comprando um vestido que deixasse a Sabrina de queixo caído.

Voltei atrás no mesmo minuto, ir embora do Brasil era muito mais importante do que afrontar a minha prima, sem contar que se eu conseguisse mesmo me mudar, estaria livre dela por um bom tempo.

Desanimada e sabendo que não encontraria nada decente dentro do meu pequeno guarda-roupa, insisti em abri-lo, apenas para me torturar. Revira daqui, puxa dali e uma sacola enfiada debaixo dos meus livros me fez parar.

Um corte de tecido xadrez nas cores amarelo e preto, fez com que a minha esperança fosse restabelecida. Corri até a minha pasta de desenhos e tirei dela um dos últimos feitos por mim. Semanas atrás a Simone teve um jantar importante com os chefes de Robert, seu marido, e pediu que eu olhasse seus filhos em plena noite de sábado, como recompensa eu poderia de escolher o filme que quisesse na locadora e, *As patricinhas de Beverly Hills* foi o meu eleito.

Tudo na vida daquelas garotas me encantou, mas o conjunto de saia e blazer usados pela protagonista foi o que mais ficou gravado em minha

cabeça, tanto que eu desenhei o modelo e guardei-o.

Aquele tecido era perfeito para fazer uma réplica.

—Mãe...—Fui até a cozinha, ela estava decorando um bolo.—Posso pedir pra a dona Sonia fazer um conjunto pra mim?

Ela lançou-me um olhar estreito.

— Com que tecido?

—Este.—Abri a sacola e mostrei.

—Ué, quando ganhou não disse que parecia pano de capa de botijão de gás?

— De toalha de mesa, na verdade.— Dei de ombros. — Mas eu mudei de ideia.

Todo mundo no bairro devia para a minha mãe, por isso, a moeda que imperava lá em casa era a mesma dos índios, a troca. Era no açougue, na padaria e por que não, na costureira?

Então, graças à dívida da dona Sonia com a minha mãe, e eu nem precisei ficar insistindo para que ela me deixasse fazer a bendita roupa.

Carreguei meu desenho e o tecido até a sua casa e depois que tirou minhas medias, prometeu que me entregaria a tempo da festa da Sabrina, que aconteceria no fim de semana.

—Você vai, Pepa?—indaguei ao rapaz que estava na sala, assistindo a uma série de heróis japoneses.

—Eu não suporto a sua prima. Ela é uma baita garota metida!—Ele fez uma careta, sem ao menos olhar para mim.

O Pepa, ou melhor, Pedro Paulo, era amigo do meu irmão e vivia enfiado na minha casa, e mesmo depois que o Diogo começou a trabalhar, suas idas até lá continuaram. Além disso, nos víamos sempre no colégio e também, quando eu precisava dos serviços da sua mãe.

—Eu já disse pra não falar da Sabrina assim!—ela ralhou do seu quartinho de costura.— Cadê a sua educação?

Tapei a boca com a mão para não rir, no entanto, eu concordava com ele.

—Podia ir para me ajudar a falar mal dela —cochichei antes de me sentar ao lado dele no sofá.

O Pepa me olhou de um jeito estranho.

—Está me convidando para ir a uma festa com você, Dili?— questionou ele, com os braços finos cruzados.— Nem adianta, eu não vou te dar as aulas de desenho, este ano, o dono daquele prêmio sou eu.

Revirei os meus olhos e joguei o meu ombro conta odele.

—Idiota! Agora quem não quer essas aulas sou eu...Acha que eu engoli a sua proposta sem-vergonha?

Ele arregalou os olhos e colocou o dedo sobre os próprios lábios, me pedindo silêncio.

—Fala baixo! Quer que eu leve uma surra da minha mãe?— sussurrou.

O concurso de artes do colégio premiaria o vencedor daquele ano com uma grana que resolveria os meus problemas. Quinhentos reais em 1996, era quase que o dobro de um salário mínimo da época, só que o Pepa desenhava como um profissional, enquanto eu precisava aprender muito sobre proporções e combinação de cores.

Na fissura de faturar aquele prêmio que praticamente carimbaria o meu passaporte, pedi que o filho da dona Sonia me desse umas aulas, e foi o que ele exigiu em troca que me fez desistir... Ou melhor, que me fez dar uma lição nele.

Pepa queria tocar os meus seios, e disse isso sem rodeios, algo estranho, já que ele sempre foi muito tímido. Como nunca fui de levar desaforos para casa, aproveitei que estávamos sozinhos e ergui a minha blusa.

Como eu previa, o garoto quase desmaiou, ficou tão desconcertado que saiu correndo e me evitou por vários dias.

—Fique tranquilo, Pepa, esse segredo será só nosso...E da minha agenda!—Pisquei para ele, antes de partir.

—Dili!—Ele veio atrás de mim.—Eu vou te dar as aulas...Mas vai ter que ficar muito boa para conseguir ganhar de mim.

Feliz e experimentando de uma dose pesada de otimismo, eu saltei em seu pescoço, animada por acreditar que eu tinha mesmo alguma chance.

Ao fim de alguns dias recebendo as dicas dele e a minha melhora era notória, Pepa tinha jeito para ensinar e passar as tardes com ele se mostrou mais divertido do que eu imaginava.

Na sexta-feira a dona Sonia entregou minha roupa e eu quase caí de costas quando a provei.

—Ficou mesmo bonita!— ela elogiou.

—Bonita? Isto aqui ficou incrível!—vibrei.—Vou mostrar pro Pepa.—Peguei a folha com o desenho e corri até seu quarto.—Pedro Paulo, veja que lindo ficou o conjunto que sua mãe fez pra mim...Eu mesma desenhei.

Ele estava deitado na cama, ouvindo a fita dos Paralamas e me encarou por um tempo.

—Legal...—disse sem muita empolgação.

Caminhei até ele batendo os pés.

—Você é gay, Pepa?

Ele se sentou em sobressalto.

—Ficou maluca?—Ele fez uma careta.

—Não, é que você é estranho. Correu de mim quando eu mostrei os meus seios e também, vive fugindo das investidas da Shirley...

—A Shirley é a garota mais feia do colégio.—Ele se levantou.—Nem em pesadelo eu ficaria com ela, agora, a coisa com os seus peitos, me pegou desprevenido —afirmou ele, já bem perto de mim.

Eu gostava mesmo de brincar com fogo, por isso, continuei a provocá-lo.

— Aposto que você nunca beijou uma garota, portanto, nem tem como saber se gosta de mulheres.

Seus olhos se estreitaram, e dava para ver em seu rosto o quanto minha afirmação tinha o incomodado. De surpresa, ele me puxou pela cintura e grudou seus lábios nos meus. Com os olhos fechados, ele tentava

enfiar a língua dentro da minha boca e, ainda que eu nunca tivesse enxergado o Pepa como um possível ficante, me deixei ser beijada por ele.

Eu já tinha saído com outros garotos, então, aquela não seria minha primeira experiência, mesmo assim, quando ele se afastou, com uma expressão esquisita no rosto, tudo o que senti foi diferente, e por mim, o beijo poderia ter durado mais.

Não dissemos nada um ao outro, eu apenas voltei para minha casa, repetindo o mantra de que não poderia gostar do Pepa mais do que como um amigo.

No sábado, eu tive que ficar na casa da Simone até o fim da tarde, quando voltei, a festa da Sabrina tinha começado, meus pais tinham ido para lá e o Diogo, só para variar, estava trancado no banheiro.

Depois de discutirmos através da porta, ele saiu e eu tive que virar o *The Flash* na hora de me arrumar. Ao sair do meu quarto, ouvi as vozes vindas da sala e senti meu rosto ferver ao reconhecer uma delas.

—O que está fazendo aqui?—indaguei, tentando parecer indiferente.

Sentado no sofá, o Pepa, em sua versão “missa de domingo”, ficou me encarando por alguns segundos antes de se levantar.

—Vou à festa.—Deu de ombros.

Confesso que fiquei feliz, o Pepa costumava ser muito engraçado quando queria. Saímos os três e da rua dava para ouvir as músicas do *Roxette* tocando. Na calçada, um monte de adolescentes do colégio seguravam garrafinhas de refrigerante caçulinha enquanto conversavam e riam.

Caminhei por entre as pessoas, à procura da Sabrina, embora faltassem dois dias para o seu aniversário, eu pensei em adiantar os parabéns. Ouvi sua risada alta vindo do quarto.

No cômodo, ao menos uma dúzia de adolescentes cheirando a brilho labial de morango, se aglomeravam em torno da cama da minha prima, onde seus presentes ficaram expostos.

—Parabéns.—Parei em sua frente, enquanto uma das suas amigas, que eu não conhecia, esfregava um gel glitter pelos cabelos.

Sabrina arregalou os olhos como se visse um fantasma, depois, estreitou-os varrendo-me dos pés à cabeça.

—Dili? Onde conseguiu essa roupa?— Ela parecia impressionada.

Com seu alarde, todas as outras meninas também passaram a me analisar, fato que me causou constrangimento.

—Mandei fazer.—Encolhi os ombros, esperando pelas críticas que viriam, afinal, Sabrina era esse tipo de pessoa.

— Arrebentou! É igualzinha a roupa da Cher!— uma das garotas elogiou empolgada.

—Verdade!— concordou a outra.

Em questão de minutos, vi-me rodeada por um bando de meninas fissuradas no meu conjunto xadrez e a única que parecia estar odiando que eu tivesse me tornado o centro das atenções era ela, Sabrina.

—Até que enfim um daqueles trapos que o seu pai traz da fábrica serviu pra alguma coisa...—ela interveio com ironia.

—Verdade...Até que enfim — fingi não me afetar.

—Meninas, vamos voltar pra festa, o Caio já deve estar chegando e eu quero que ele me veja assim, brilhando!—Ela caminhou até a porta.— Vamos aproveitar o meu som.

Sozinha ali, eu notei um caderno encapado com pelúcia cor-de-rosa. Imaginando do que se tratava, enfiei-o de baixo do braço e saí. Morta de sede, fui até o barriú aonde ficavam as bebidas e peguei uma das garrafinhas para mim, aproveitei a distração de Pedro Paulo e encostei a minha mão gelada em seu pescoço.

— Que brincadeira besta, Dili!— ele reclamou enquanto eu ria do seu sobressalto.— Não vai participar?—Pepa sinalizou com a cabeça, apontando alguns casaizinhos que se mexiam ao som de músicas românticas.

—Vai lá...Olha quantas meninas estão sem par—sugeri enquanto começava a folhear o caderno.

—Essa coisa...É aquele tal questionário cheio de perguntas idiotas?

—Isso mesmo!—murmurei, presa na pergunta mais temida por todos, a sobre virgindade.

Trinta e uma pessoas tinham preenchido o questionário, e para aquela pergunta, todas as respostas foram positivas. Eu ainda me divertia com tudo o que lia no caderno, quando ouvi o tal Caio chegar.

As meninas riam como se fossem as hienas do Rei Leão, e eu, curiosa, fui até a calçada para ver o motivo de todo aquele furor.

Um rapaz bonito, mais do que qualquer um do meu colégio, sorria com certo constrangimento à medida em que era cercado por um monte de gente.

—O cara trouxe um cachorro para o som da sua prima?— indagou, Pepa, depois de como eu, ter ouvido frases ditas com vozes infantilizadas.

Antes que eu pudesse responder qualquer coisa a ele, um garotinho lindo, de olhos castanhos e fartos cabelos cortados no formato tijelinha, começou a distribuir beijos no rosto das garotas.

—Seu sobrinho é uma graça! —Ouvi a Sabrina elogiando. — Vamos pegar uns docinhos para ele.

—Qual é o seu nome?—alguém perguntou.

—João Victor—respondeu ele, sem se intimidar.

—Dili, pega uma caçulinha pro sobrinho do Caio?—Sabrina aproximou-se de mim.

—Toma. —Virei-me com uma nas mãos e dei de cara com ela e seu convidado de honra, encarando-me.—É soda, pode ser?

—Pode—Caio respondeu antes da Sabrina.

Apenas sorri, sentindo-me mal com a maneira como ele olhava para mim.

—Essa é a Dili, minha prima —Sabrina me apresentou.

—Sou o Caio.—Ele se inclinou em minha direção e trocamos três beijos no rosto.

Minha prima deu um jeito de arrancar o rapaz dali, já seu sobrinho, grudou em mim e nem mesmo a oferta dos doces fez com que ele se

afastasse.

João Victor era um pequeno tagarela e eu nem sabia que uma criança pequena podia falar sobre tantas coisas.

—Quantos anos você tem?

—Três—ele respondeu, além de sinalizar com os dedinhos.

—Achei que estivesse de folga, Dili...—Diogo resolveu me provocar.

—Há, há, há! Como você é engraçado...—Fiz uma careta, depois coloquei o João sentado em uma cadeira e puxei outra em sua frente. Pepa ficou em pé ao nosso lado, apenas observando a conversa empolgada que o garotinho mantinha comigo.

—Ele é seu namorado?— perguntou o pequeno, sem cerimônias.

—Não!—respondi de pronto.—Ele é só meu amigo.

—Então, você pode ser minha namorada?—Ele sorriu com toda a inocência que uma criança poderia ter.

Pepa e eu caímos na gargalhada, junto de nós, o Caio, que acabava de voltar.

—Jojo, eu não acredito que falou isso!—Ele se abaixou na frente do sobrinho.

—Mas é que ela é muito bonita...

Caio olhou-me, seus braços roçavam minhas pernas.

—Ela é mesmo muito bonita, viu só os olhos? Um de cada cor, mas não é por isso que vai sair pedindo a garota em namoro.

Meu rosto queimou.

—Sem Problemas, eu também te achei lindo, mas acho que vou ter que me congelar, afinal, sou treze anos mais velha do que você.

—Ah...—O garotinho cruzou os braços.—Não quero que se congele...Você vai ficar com muito frio.—Outra vez sua inocência nos fez gargalhar.

Mantivemos por mais alguns minutos nossa conversa, mas a Sabrina voltou a insistir na história de dança da vassoura, arrastando Caio com ela.



—Eu amo essa música! —comentei quando Antologia começou a tocar.—Dança comigo, Pepa?

—Não... Eu...

—Tudo bem...Já achei meu par...—interrompi-o, assim que vi o João em um canto, devorando um brigadeiro.

—Dança comigo?—Abaixei-me de braços abertos.

João balançou a cabeça confirmando. Peguei-o no colo e pus-me a balançar o corpo, em menos de um minuto senti batidas de leve em meus ombros, Caio segurava a vassoura encarando-me com um olhar enigmático.

—Jojo, posso dançar com ela um pouquinho?

Coloquei a criança no chão e ele segurou a vassoura oferecida pelo tio.

—Tio Caio, é só um pouquinho...—o pequeno saiu arrastando a vassoura.

—Ele é tão fofo...—elogiei e antes que eu pudesse raciocinar, Caio colocou as mãos na minha cintura, logo que envolvi seu pescoço com os braços. Eu nunca fui o tipo de garota tímida, mesmo assim, estar tão próxima de um desconhecido, colocou-me em uma posição desconfortável, mais ainda, porque de soslaio dava para ver que minha prima não estava nada satisfeita com a cena.

— Meu sobrinho é uma figurinha, né?

—Ele é um encanto!—Ri com nervosismo.

—Dizem que se parece comigo...

Calei-me; se dissesse que sim, poderia parecer um flerte e levando em conta os olhares raivosos que a Sabrina vinha lançando para mim, era melhor que eu não alimentasse seu ódio.

Internamente, eu só rezava para que alguém viesse me salvar, e o Pepa pareceu ter o poder de ouvir meus pensamentos. Com uma vassoura nas mãos, outra, que não a oficial da festa, ele parou bem em nossa frente.

—Vou dançar com a minha amiga.

—Tudo bem...—Caio mostrou-se decepcionado.

—Se tivesse vindo antes, teria me poupado desse mico.Dá uma olhada na cara da abelha rainha—segredei em seus ouvidos.

—Esse carinha é bem sem noção...Ele não é *rolo* dela?

Dei de ombros.

—Sei lá...Só penso que devo me proteger, porque do jeito que ela é, vai ter volta.

O Pepa não disse nada, mas era certo que concordava comigo. Voltamos a nos sentar e o Caio, junto do João Victor, nos seguiu. Jogávamos conversa fora, quando o tormento em forma de gente retornou segurando o caderno cor-de-rosa.

—Caio...Responde o questionário da Pri?—Ela quase enfiou o caderno na cara dele. —Você não, viu Dili. Sua vida é chata, ninguém quer saber dela...

Respirei fundo, acabava de ficar irritada, e o Caio parecia partilhar do mesmo sentimento que eu.

—Vou ao banheiro.—Usei a desculpa para sair dali, algo me dizia que a minha noite não terminaria nada bem. Fiquei dentro dele por mais de dez minutos, apenas mentalizando que eu não podia esganar a minha prima.

—Dili, eu preciso falar com você. — Fui abordada pelo Caio, que me puxou para o quarto da Sabrina.

— Está querendo me meter numa roubada? Se a minha prima nos encontra aqui, ela me mata. Até onde eu sei, você e ela são...

— Colegas do curso de computação—ele completou.—E só. A Sabrina é bonita, mas não...—Ele fez uma careta.

— Talvez devesse avisá-la sobre isso.

Ele riu e seus olhos não desgrudaram dos meus.

— Aquele cara... Ele é só seu amigo?

—É, o Pepa é só meu amigo — respondi de forma automática.

—Então... Será que você... Você quer ficar comigo?—Caio segurou o meu braço, puxando-me para mais perto.

Ele era bonito, e o cheiro do seu perfume era bom, e nenhum outro garoto tinha pedido para ficar comigo daquele jeito, mas estávamos no quarto da minha prima e era bem provável que ela já tivesse dado falta de nós dois, sendo assim, não demoraria muito para nos encontrar.

—Caio, acho que... — Eu não tive tempo para terminar a frase. Mesmo demonstrando um nervosismo, ele teve uma facilidade tão grande em me envolver nos seus braços e colar seus lábio nos meus, que eu fiquei sem reação.

Foi bom, tanto que roubou os meus sentidos, me prendeu e foi por isso que o princípio da tragédia da minha vida se deu.

Ainda estávamos nos beijando quando a Sabrina, acompanhada da Roberta, junto do meu irmão, que trazia com ele o Pepa, entraram no quarto como o estouro de uma manada.

Gritos, xingamentos, empurrões e murros a esmo. A festa da Sabrina se transformou em um verdadeiro caos.

Ela me acusava de traidora, aos prantos, dizia que eu sabia de seu interesse pelo Caio, e que eu fora uma safada.

Já o Diogo, queria porque queria arrebentar a cara do tio do João Victor, e só não o fez porque eu coloquei-me em sua frente.

As outras meninas cochichavam sobre a situação e eu não conseguia entender direito qual era a opinião delas quanto o ocorrido, no entanto, não precisava ser um gênio para imaginar que não eram favoráveis a mim...

E tinha o Pepa...Ele assistia a tudo com um ar de tristeza, ou ainda, de decepção.

De qualquer forma, a maneira como ele olhava para mim, incomodou-me de um jeito estranho, despertou-me um sentimento desconhecido, profundo e nunca antes explorado.

Costumávamos nos entender mesmo sem palavras, mas naquela noite, enquanto ele virava as costas e tentava passar pelo aglomerado de gente que só crescia na porta daquele quarto, em meu interior eu sabia que entre nós dois, nada mais seria como antes.

Fiquei um mês de castigo, não pude, sequer, ir à inauguração do Mc Donalds, que chegou a Arco Dourado, na semana seguinte a festa da

Sabrina. Todos achavam que eu era uma fura-olho, e pior, como eu costumava andar para cima e para baixo com o Pepa, fui acusada de traição por todos que achavam que éramos namorados.

Esse, sequer olhava na minha cara e no colégio minha vida se tornou um inferno, a Sabrina me difama pelos quatro cantos e acabou se juntando com a Shirley, que caía de amores pelo Pepa e que por isso me odiava também.

Quanto ao meu sonho americano, eu o via mais distante a cada dia e, sem aulas do Pedro Paulo, eu tinha desistido outra vez de participar do concurso.

Um tempo depois e o Caio voltou a me procurar, acabou me abordando na saída do colégio e eu não tive como evitar. De qualquer maneira eu disse que nada de mais aconteceria entre nós, e ele achou que eu não tinha gostado do seu beijo.

—Caio, não é nada disso, só que aquele beijo causou uma rachadura na minha família...Meus pais não falam mais com os pais da Sabrina, ela e eu nem olhamos na cara uma da outra, sem contar o meu amigo, o Pepa não quer me ver nem pintada de ouro...

—Caramba! Isso tá meio que Romeu e Julieta...—ele disse com ironia, o que arrancou um riso meu.

— Longe de ser...

—Então, vamos dar uma volta? Eu passo em casa e pego o João para ir com a gente...Ele não para de falar de você...A tia dos olhos coloridos...

—Isso é golpe baixo.—Empurrei de leve seu ombro.

—Isto, é golpe baixo.—Caio segurou a minha mão.—Deixar tio e sobrinho apaixonados por esses olhos...

Balancei a cabeça em negativa, ele conseguira deixar-me sem graça.

—Se o Jojo fosse ao menos treze anos mais velho, talvez eu pudesse considerar a ideia.—Embarquei na brincadeira.

—Não. Se fosse assim, a gente ia ter um problemão, seríamos dois homens disputando a mesma garota.

—Se eu for, você jura que vai parar com essas cantadas ensaiadas?  
— Cruzei os meus braços.

Caio olhou para cima como se estivesse considerando a minha proposta.

—Vamos buscar o João.



Foi uma tarde muito gostosa, fazia tempo que eu não me divertia tanto; O João Victor era uma criança à cima da média, surpreendia a todos com sua desenvoltura e inteligência, com tão pouca idade.

No fim, nossos encontros passaram a acontecer cada vez com menos intervalos, mesmo assim, ainda que tivesse a companhia do Caio, eu sentia muita falta do Pedro Paulo.

Um dia, morta de saudades eu fui até a sua casa, encontrei o portão aberto, entrei sem cerimônias e fui direto para o seu quarto. Tudo estava como sempre, o som num volume alto e a porta semiaberta.

Empurrei-a devagar e encontrei o Pepa deitado em sua cama com um dos braços dobrados sobre os olhos.

—Vim em missão de paz.—Sentei-me na ponta do seu colchão.

—O que você está fazendo aqui?—Ele foi ríspido em cada sílaba.

—Vim ver você...Perguntar se não quer ir até a minha casa reparar umas panelas de doce.—Ele pôs-se a me encarar por alguns minutos, sem dizer nada.—Anda, Pepa, fala alguma coisa, estou tão chateada com essa situação, que penso seriamente em deitar na linha do trem e esperar que isso acabe com o meu sofrimento...—choraminguei.

Ele finalmente riu enquanto balançava a cabeça.

—Pare de ser dramática.— Sentou-se do meu lado.

—Não é drama.—Encolhi meus ombros enquanto juntava meus lábios em um biquinho. —Senti falta de você...De nós...—confessei,

deitando a minha cabeça em seu ombro.

—Me desculpa...Eu fui um idiota mesmo, toda essa história foi uma grande besteira.—Pepa respirou fundo.— Podemos retomar as aulas hoje mesmo.

Endireitei as minhas costas e olhei para ele.

—Eu meio que já me conformei...Acho que nem vou participar do concurso.

—Até parece! Eu mesmo mato você se fizer isso...—Ele se levantou e foi até seu guarda-roupa.—Comprei pra você...—Ele entregou-me uma caixa colorida e voltou a se sentar.

—Não acredito!Uma caixa de Fizz!!!— Eu amava aquelas balas que ferviam na boca e estava cada dia mais difícil encontrá-las.

—Chegou esses dias no bar do Seu Tito, eu comprei a caixa inteira porque ele disse que parece que vão deixar de fabricar. —Pepa puxou uma das fitas de bala para ele, depois que eu rasquei a tampa de papelão.

—Quero a vermelha...

—Só porque é a que vem menos.—Ele franziu a testa e pelo plástico, tentava identificar a cor delas.

—Na verdade, é porque é a mais gostosa.

Assim que ele me deu a tal bala vermelha, o sabor azedinho de cereja fez minha boca salivar. Aquele foi um gesto tão simples, mas que significou muito para mim e, enquanto eu o via separando as fitas que continham balas de cor vermelha, tudo o que eu pensava era no quanto gostava do Pedro Paulo.

—Por que não me procurou?—Empurrei-o.

— Aquele cara...Você e ele, não estão ficando, namorando ou sei lá...?

—Sei lá? Sei lá é bom, Pepa.— Comecei a rir.

—Idiota!—Ele desviou os olhos de mim e voltou sua atenção ao que estava fazendo.

— Nem uma coisa, nem outra e nem sei lá...Se eu me mudar mesmo, terei pessoas de mais pra sentir saudades, não preciso de mais uma.

— Hum...

—Fico imaginando...Três anos sem ver os meus pais, meu irmão...Você.

Pepa jogou a cabeça para trás e gargalhou de um jeito forçado.

—Agora quer que eu acredite que vai sentir saudades de mim?

Assenti com a cabeça.

—Infelizmente, sim.—Olhei para os meus pés, um pouco envergonhada por estar confessando aquilo.—Nesse tempo em que ficamos *de mal*, eu senti sua falta.

—A gente ainda está *de mal*...—Ele virou o corpo na minha direção.

—Sério? Então esse presente foi tipo uma vingança? Isto fritando na minha língua pode ser veneno?—Abri a minha boca e apontei para dentro dela.

Pepa suspirou, igualzinho a mim quando olhava para o pôster do Bon Jovi. Só que ele não pensava como eu, que se beijasse o papel acabaria o estragando.

—Pedro Paulo...Não podemos ficar fazendo isto...—reclamei, assim que nos afastamos.

—Vamos sentir falta um do outro de qualquer jeito, então...—Ele encolheu os ombros e voltou a me beijar.

Eu deixei.

Aquela foi uma noite que eu não consegui dormir, só pensava no que tinha feito e ficar com dois garotos no mesmo dia, não me pareceu uma coisa legal.

“*Diana Lima...Você só se mete em problemas!*”

Na manhã seguinte, minha mãe me encontrou na saída do banheiro, eu tinha perdido hora para o colégio, e pudera, pegara no sono quase na hora de levantar.

—Achou o envelope que o seu irmão deixou pra você?

—Não. Que envelope?

—Ele disse que deixou em cima da sua penteadeira—avisou, entregando-me um copo de leite com achocolatado.

Voltei ao quarto e se tivesse penteado os meus cabelos, teria visto sob a minha escova o tal envelope. Abri sem entender e quando enxerguei cinco notas de cinquenta reais dentro dele, senti meu coração disparar.

—O que significa isso?—Balancei o envelope na frente da minha mãe.

—Seu presente de aniversário atrasado. Seu irmão tinha umas horas extras e uns abonos pra receber e agora que saiu...

—Mas mãe...

—Diana, não pense que a gente não sabe que estudar lá fora, vai ser muito bom pra você...O seu pai não fala nada, mas ele também está juntando um dinheirinho. Eu não quero que tenha uma vida como a minha, onde todo o tempo é dedicado ao fogão.

Abracei-a e chorei em seu peito, o cheiro de baunilha e manteiga que estava impregnado nela, seria uma das lembranças que eu levaria comigo, caso fosse realmente mudar de país.

—Um dia eu ainda vou dar a vida que a senhora merece...Eu juro!—prometi, beijando os meus dedos cruzados, como se aquele gesto firmasse as minhas palavras.

Assim que saí, assustei-me com o Pepa em frente ao meu portão.

—Quer me matar de susto?— gritei com a mão no peito.

—Não, só quero ir junto com você.

—Então acelera porque a gente está muito atrasado.

Ele balançou a cabeça e sorriu, seus olhos puxados brilharam de um jeito diferente. Durante do nosso trajeto, contei para ele sobre o presente do Diego, e Pepa vibrou como se fosse algo importante para ele também.

—Se eu ganhar o dinheiro do concurso, aí minha viagem está garantida!



—Precisa ser melhor do que eu—ele ameaçou, antes que cada um de nós seguíssimos para nossas salas.

—Eu sei...— gritei enquanto ria de sua presunção.

Sentia-me feliz, era como se finalmente a minha vida estivesse entrando nos trilhos, mas como todo bônus vem acompanhado de um ônus, o meu chegou bem rápido.

Na hora do intervalo fiquei na sala com a Simone, ela me explicava sobre o passaporte, o visto e entregou-me também uma pasta com alguns panfletos de colégios da Florida, aqueles que seriam possíveis opções para mim. Eu contava para ela sobre o presente do meu irmão e também sobre o concurso. A Sabrina, que ao certo, devia estar desconfiada, deu um jeito de ficar do lado de fora e ouviu tudo...Tudo o que não deveria.

No mesmo dia a minha suposta mudança se tornou assunto de domínio público, e era como se eu tivesse me candidatado a uma visita até Marte, sem volta. Até mesmo seus pais foram à minha casa, questionar os meus sobre o fato.

Minha tia era a pior, falava com o meu pai como se ele devesse alguma satisfação para ela.

— A Diana vai sim, nem que pra isso eu tenha que bater massas de bolo, vinte e quatro horas por dia!

—Ela é uma criança! Já se perdeu aqui, imagine sozinha, num país tão diferente do nosso...

—Se perdeu, Eliana?—minha mãe interveio.—O que quer dizer com “*se perdeu*”?

—Veja o que ela fez esses dias...Se agarrou com um garoto no quarto da Sabrina...

—Tia, eu acho que da minha vida cuido eu, e também, eu tenho pai e mãe...—Apareci na sala e me intrometi na conversa, mesmo sabendo o quanto meus pais repudiavam aquilo. Desde cedo eles ensinaram a mim e ao meu irmão, que quando adultos conversam, as crianças devem ficar de fora.

—Diana, vá pro seu quarto!—meu pai rosou, como eu imaginava.

—Estão falando sobre a minha vida, acho que tenho o direito de participar.

—A conversa já acabou.—Meu tio caminhou até a porta.—A Diana está certa, a vida dela diz respeito a eles.—Apontou na direção dos meus pais.

—São tão egoístas...A Sabrina sempre dividiu tudo com a Diana, agora ela planejava ir embora do país em segredo...Minha filha não se cabe de tanta tristeza.

—Tia...Todo mundo sabe que as coisas não são bem assim...Jogar na minha cara o que ela tem e eu não, não é bem dividir.

—Você é ingrata Diana...Eu sempre percebi que você tem inveja da minha filha, sempre teve—ela choramingou.

—Eu? Inveja da Sabrina?—Ri com sarcasmo.

—Dili, vá já para o seu quarto!— gritou, meu pai.

—Tenho certeza de que agora ela deve estar esperneando, pedindo que vocês corram até uma agência de viagens e deem um jeito dela viajar antes de mim.

Meus tios se entreolharam depois do que eu disse, aproveitei então para obedecer meu pai, antes que ele perdesse a paciência comigo.

Mesmo com a porta fechada dava para ouvir o fim da discussão e cinco minutos depois eles foram embora.

Atormentada pela falta de privacidade, eu perdi a fome, não quis jantar e aproveitei o resto da noite para colocar os pensamentos em dia e cuidar das malditas espinhas que tinham saído em meu rosto. Não eram muitas, mesmo assim deixei a cara branca de Minancora e pus-me a olhar os panfletos das faculdades, com calma, imaginando-me dentro de cada uma daqueles corredores estampados nos papéis.



—Está louca Eliana...? Já pensou se alguém pega você aqui?

Pisquei algumas vezes, as vozes entraram em minha mente como sussurros, confusa, passei as mãos pelo meu rosto e senti que estava grudento.

—Droga!— murmurei à mim mesma. Eu tinha apagado, dormido sem lavar o rosto e por isso a minha fronha e meus cabelos estavam impregnados da pasta branca mentolada.

Cambaleando, segui para o banheiro, não tinha ideia de que horas eram, mas sabia que faltava muito para amanhecer. A casa estava silenciosa, todo o barulho vinha do motor da geladeira, mesmo assim, voltei a ouvir vozes que a mim, pareciam conhecidas.

—Ela não vai viajar, escutou?

—Eliana, o que você tem a ver com isso?

—Ela não vai... Do contrário...

*“Meu pai conversando com a minha tia? Às duas da manhã?”*, constatei, quando na sala olhei para o relógio antigo, pendurado na parede. Eles estavam na garagem, aos sussurros, então, na ponta dos pés me aproximei mais da porta.

Graças a madeira de baixa qualidade com a qual fora fabricada, e aos cupins, que fizeram dela sua morada, uma brecha bem no centro acabou se tornando muito providencial, servia de olho mágico e era perfeita para identificarmos quem batia em nosso portão às 6 da manhã de um domingo.

—Vai começar a me chantagear?—Pela brecha vi meu pai apontando o dedo para a minha tia. Ela estava descabelada e vestia apenas uma camisola escura.

—Sabe que tem muito a perder.—Ela colocou a mão no ombro dele, depois puxou a alça fina da peça, encarando-o de forma sensual.

—Para com isso!—Ele voltou a alça no lugar.

Sentindo a minha cabeça girar, tive vontade de sair dali, de parar de ver e de escutar tudo aquilo, só que eu não consegui. Enquanto eles se beijavam, meu estômago reagia como se eu tivesse engolido pedras de gelo.

Fechei meus olhos, tentando recuperar minha sanidade, eu só queria abri-los e perceber que tudo não passava de um pesadelo horrível e em meio às minhas preces, ouvi a porta do carro do meu pai ser aberta.

Eles iriam sair?

Corri para a janela, afastei um pouco a cortina e os vi entrando pela porta de trás. Primeiro ela e depois ele. Alguns minutos mais tarde e a forma com que o carro balançava, denunciava o que estava acontecendo ali dentro.

Essa foi a minha primeira experiência com a traição, e ela, causou em mim raiva e tristeza como nunca antes sentira na minha vida. Foi decepcionante descobrir que ambos, tanto marido, quanto irmã, enganavam a minha mãe.

No dia seguinte, quando coloquei os olhos nela, acordada tão cedo, pronta para outro dia de batalha, tive vontade de contar tudo, principalmente quando vi meu pai beijando-a rapidamente, bem diferente do beijo que eu assistira horas atrás.

—Diana...Acordada tão cedo?—Ela me viu, antes que eu pudesse evitar.

—É...é que eu dormi muito cedo. —Minha voz saiu falhada.

—Aproveita e vem tomar café comigo—meu pai convidou-me, e ele agia como se nada tivesse acontecido, como se ele não tivesse transado com a minha tia na garagem de casa, há pouco tempo.—Seu irmão também já vem.

Prestes a explodir, saí da cozinha sem dizer nada, tranquei-me em meu quarto e troquei as minhas roupas. Peguei as minhas coisas e corri para a casa do Pepa.

—Dili?—ele atendeu o portão com a cara amassada.

—Abre pra mim?—Sentia uma bola crescendo na minha garganta, algo que me sufocava.

Assim que as grades cinzentas deixaram de me separar do Pepa, me agarrei em seu pescoço e finalmente consegui chorar.

—Dili, o que aconteceu? Você está me assustando.

Seguimos para o seu quarto e me sentei no chão escondendo o meu rosto entre meus braços e minhas pernas. Por mais de quinze minutos eu apenas chorei.

— Que mancada!— Pepa coçou a cabeça, assim que contei tudo para ele.—Eu imagino como você está se sentindo...

Se precisasse explicar, nem mesma eu conseguiria externar a confusão instaurada dentro de mim.

—Tenho vontade de voltar pra minha casa e contar tudo...Sabe? Só que depois eu penso na minha mãe e eu sei que isso vai acabar com ela.

—Se eu fosse você, não contaria...—Ele encolheu os ombros e eu voltei a chorar. Fiquei com ele durante todo o dia e no fim da tarde, quando mesmo sem vontade, eu voltei para casa, cheguei ao mesmo tempo em que o Caio estacionava seu fusquinha.

Sem a mínima vontade de encarar o meu pai, eu abri a porta do carro e entrei nele.

—Caio...Por favor, eu preciso desaparecer...Pode me ajudar?— implorei, já sentada no banco do passageiro.



—Se me contasse o que aconteceu, talvez eu pudesse fazer alguma coisa —Caio mostrava-se preocupado, enquanto eu apenas chorava.

—Sabe quando o mundo desaba na sua cabeça? Acho que isso resume a minha vida.

—Poxa, eu vim disposto a te convidar para um cinema, ouvi as meninas falando de um filme...Jovens Bruxas. Achei que você fosse gostar.

—Quer saber, vamos sim, eu preciso mesmo tentar me livrar desses pensamentos que me perturbam.

Por breves momentos consegui me distrair, mas como eu disse, foram breves. O tempo passava e eu sabia o caos que encontraria quando

voltasse à minha casa e acho que por isso cogitei a ideia de não retornar, só que dentro de mim, o desejo de um embate crescia junto da minha raiva, e foi quando o Caio perguntou-me se queria que me deixasse um quarteirão antes e eu disse não, foi que percebi o quanto as minhas convicções tinham mudado.

— Perdeu o medo dos seus pais?—Ele riu.

—Não. Só me dei conta de que não gosto de mentiras.

Ele estacionou logo atrás do carro do meu pai. No mesmo instante, ele saiu na calçada.

—Acho que você está encrencada...

Não respondi nada, apenas abri a porta do carro e desci. Antes mesmo de fechá-la, senti um zumbido em meu ouvido, o tapa que recebi na cabeça foi tão forte que me desequilibrei.

— Está achando que é dona do próprio nariz?— Meu pai segurou-me pelo braço.—Vou te mostrar quem é que manda aqui!

Olhei-o nos olhos e me vi neles, eu não sentia medo, nem vergonha por ter sido agredida na frente do Caio. Tudo o que a presença do meu pai me despertava, era nojo e ódio.

—Dili...—Caio colocou-se próximo a mim.

—E você rapazinho? Sabia que minha filha é menor de idade?

—Caio...Pode ir...Eu resolvo tudo por aqui.

—Não vou deixar que ele bata em você— disse vacilante. Era claro que se precisasse mesmo defender-me, não seria capaz.

Como se ignorasse a presença e também o que Caio dissera, ele puxou-me pelo braço, me obrigando a entrar.

—Se bater nela, eu chamo a polícia—Caio ameaçou mais alto.

—Ah...moleque, está brincando com fogo!Acha que vai ficar me ameaçando e eu não vou fazer nada?

—Não vai bater nela.

—Caio, vá embora, por favor!—gritei, tentando fazê-lo entender.

Ele olhou-me com confusão, depois entrou em seu carro.

— Deixou todo mundo preocupado e agora chega com esse... Vai aprender a respeitar a sua família, Diana.—As frases eram ditas entre os dentes, carregadas de raiva e ele praticamente espumava enquanto tentava tirar o cinto da calça.

— Aprender? Com você?—Minha voz saiu abafada.—Justo você vir falar sobre respeito?

—Diana...Olha como fala comigo...

—Eu vi como você e minha tia respeitam suas famílias...—Senti as lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto.—Ontem de madrugada, na nossa garagem... Eu vi tudo!

Meu pai empalideceu, os olhos se arregalaram e no mesmo instante, suas mãos se afrouxaram em meu braço.

—O...O que está dizendo?

—Que eu vi tudo pai...Vi quando se beijaram...Quando entraram no seu carro e...

—Não...— ele sussurrou passando as mãos pelo rosto antes de dar as costas para mim.— Você está fantasiando coisas...

Dei a volta em torno dele, colocando-me bem em sua frente.

— É o que vai dizer para mamãe quando eu contar à ela?

—Não vai fazer isso!—Ele segurou os meus ombros e o pânico transformou seu rosto.

— Não sabe o quanto me decepcionou...Minha mãe não merecia isso...—Meu choro se fez mais forte, vinha de um lugar profundo e a dor dominava cada centímetro do meu corpo.

—Você...Ainda é uma criança...Não entende nada sobre...

—Sobre o quê? Respeito? Fidelidade?—Respirei fundo.— Algumas coisas nunca mudam e o que vocês estão fazendo não tem justificativa.

— Diana, se falar alguma coisa pra sua mãe, sabe que ela não vai acreditar.

Encolhi meus ombros.

— Mas você e minha tia sabem a verdade, sabem que são dois sem-vergonhas e isso para mim já basta.

Assim que minhas palavras chegaram em seus ouvidos, sua mão levantou-se na direção do meu rosto e mesmo antes de ser atingida, senti o tapa queimar minha face, fechei os olhos e esperei que ele descarregasse sua raiva injusta sobre mim. Não foi o que aconteceu.

—Vá para o seu quarto!—Sua ordem mudou minha atenção.—Vou atrás da sua mãe, avisar que você apareceu.

Foi o que fiz, tranquei-me em meu quarto e permaneci inerte, deitada na cama deixando que tudo e nada dominassem meus pensamentos. Um tempo mais tarde e o Diego quase pôs minha porta a baixo, minha mãe também tentou falar comigo. Foi em vão.

Não sei se houve intervenção do meu pai, mas no dia seguinte minha casa beirava a normalidade.

Quanto a mim, eu sabia que nada mais seria como antes e, se eu já sonhava em ir embora do Brasil, àquela altura era tudo o que eu desejava.

Certa da minha decisão e deixando-me ser consumida pela revolta, eu mudei, endureci de alguma maneira. Minha primeira atitude foi romper com o Pepa, eu não queria alimentar o que sentia por ele, estava cheia de dor e não queria sofrer sua ausência quando partisse.

E foi exatamente por isso que aceitei o pedido de namoro do Caio. Ele fez tudo certinho, foi até a minha casa, conversou com o meu pai e é claro que ele não se opôs.

Eu fazia questão de exibir meu relacionamento com ele, porque sabia que a Sabrina ficava furiosa com isso.

Atormentá-la acabou se tornando a minha melhor vingança, algo que alimentava o meu lado mau.

Houve uma tarde em que fui abordada pelo meu pai quando saía do banheiro, ele vinha me evitando, mas naquele dia queria conversar.

—Eu sei que deve estar pensando um monte de besteiras...— Ele começou e seguiu para meu quarto.

— Vou deixar uma coisa bem clara.—Fechei a porta, sabia que minha mãe não nos ouviria, aos sábados ela tinha tantas encomendas que



mal sobrava tempo para respirar.— Eu não vou dizer nada pra mamãe, porque não quero que ela se magoe e não por você.

—Diana...Eu quero me explicar...—Ele sentou-se na cama e eu permaneci em pé. Naquele momento, os papéis estavam invertidos.

—Vai acabar com essa safadeza, porque se eu desconfiar que você e minha tia continuam se encontrando, eu faço todo mundo saber e mais, até o dia da minha viagem, porque eu vou me mudar daqui, não quero que se meta na minha vida.—Abri a porta e sinalizei para que ele saísse.

O que ele podia dizer para mim? Por mais que meu pai argumentasse que seria a minha palavra contra a dele, ninguém passaria ileso diante de uma história dessas.

Naquele mesmo dia o Caio me levou a uma danceteria, a Glowing, inaugurada há pouco tempo, vinha se autopromovendo como a melhor casa de entretenimento do interior de São Paulo, e o lugar era mesmo lindo, muito mais do que eu podia imaginar.

A fumaça que saía na pista de dança tinha um cheiro bom, as luzes coloridas em movimento, os flashes e o brilho do globo de espelhos, tornavam toda aquela experiência entorpecente.

Se me diverti? A resposta honesta seria não, porque diversão e felicidade andam juntas e se existia um sentimento desaparecido em mim, era a bendita felicidade; de qualquer forma, eu aproveitei o lugar e a companhia para tentar mudar o foco, por isso eu dancei...Dancei até não sentir os meus pés.

—Eu adoro você, Dili.—Estávamos de volta à minha casa, passava da meia noite e aquela era primeira vez que eu chegava tão tarde.

— Obrigada, Caio.—Beijei-o rapidamente e entrei. Eu ficava com ele, mas não deixava de pensar no Pedro Paulo.

Minha mãe costumava dizer que todos temos um lobo e um cordeiro que vivem em nosso interior, e que cabe a nós decidir qual deles deve ser alimentado. Meu lobo vinha sendo tratado a pão deló, portanto, não achava que o Pepa merecia a Diana que eu tinha me tornado.

Para não dizer que essa fase foi de toda ruim, aproveitei-me dela para inspirar meu desenho para o concurso. Um lobo enorme acuando um

pequeno cordeiro, expressivo e melancólico, tal qual como eu e, apesar de achar que não tinha chances, foi libertador colocar em um papel a maneira como eu me sentia.

No dia em que todas as concorrentes foram expostas no pátio do colégio, o desenho do Pepa estava ao lado do meu, era como se o universo quisesse mandar-me uma mensagem.

A concorrência parecia desleal, desde os traços até as cores usadas e a paisagem feita por ele era incrível. Quando eu olhava para o meu desenho sentia tristeza, já o do Pepa trazia leveza. Árvores e pássaros lúdicos e foi como se ele retratasse parte de um universo paralelo.

— O do Pedro Paulo é muito melhor do que o seu.—Sabrina colocou-se ao meu lado.

Eu concordava, por isso, nada respondi, apenas continuei olhando os demais desenhos e mesmo desejando muito ganhar aquele dinheiro, senti-me feliz por ele, afinal, era certo de que o Pepa seria o vencedor daquele ano.

Assim que a diretora anunciou que em breve revelaria o resultado, sentei-me na ponta de um dos bancos de madeira. De onde estava eu podia vê-lo, sério, e quando nossos olhares se encontraram, o centro do meu peito doeu.

—É com muita honra que anunciamos que o vencedor do sexto concurso de artes do colégio São Cristovam... Diana Lima, do oitavo B.

Enquanto eu recebia os cumprimentos dos professores e diretores, sob vaias e aplausos, eu só conseguia pensar que havia algo de errado com aquele resultado.

— Passe na diretoria depois para que possamos entregar o cheque pra você. — A coordenadora do concurso avisou-me.

—Queremos parabenizar também, o segundo e terceiro lugares—a diretora continuou no microfone, apontando para os três cavaletes recém colocados à frente da exposição, o meu era o primeiro e nenhum dos outros dois era o do Pepa.

Confusa, voltei ao lugar onde a obra dele estava minutos antes, deparei-me com dois espaços vagos. Um, era do meu e o outro era o dele.

—Seu desenho é bom, mas não ganharia.

—O que você fez?—perguntei, virando-me para encará-lo.

—Desisti do concurso... Você precisa mais do que eu.—Ele encolheu os ombros e deu as costas para mim.

Senti meus olhos queimarem e um nó se formou em minha garganta.

—Pepa.—Fui até ele e coloquei a mão em seu ombro.—Não precisava ter feito isso...

—Não fiz por você, fiz por mim...

Outra vez eu o deixei partir sem dizer tudo o que queria. Voltei para minha casa com um cheque de quinhentos reais na mochila e uma tristeza que não tinha preço.

Não contei a ninguém sobre a minha “*conquista*”, embora soubesse que não demoraria muito para que a notícia se espalhasse, afinal, a Sabrina se encarregaria disso.

Trancada em meu quarto, ouvindo a fita K7 do Bon Jovi, eu só conseguia pensar que não deveria ter participado do concurso, afinal, minha viagem era quase certa.

Dias antes, em um almoço de família, no qual eu fui a convidada de honra, acabei descobrindo que o pai do Caio era dono de uma agência de viagens, e quando contei a ele sobre a oportunidade de estudar fora, Alberto garantiu-me um bom desconto na passagem. Sem contar meu pai, ele vinha se empenhando ao máximo para que eu realmente fosse, afinal, minha presença deveria ser uma pressão e tanto para ele.

—Faça o que é certo!—murmurei a mim mesma. Abri minha mochila, peguei o cheque e fui até a casa do Pepa.

Como sempre, o portão estava aberto e assim que cheguei à sala, ouvi as vozes da Sabrina e da Shirley.

—Todas vamos usar prata, e como eu sei que a senhora tem muitas encomendas, queremos garantir nossa vaga.

—Realmente algumas meninas do seu colégio já vieram me procurar...Fez bem em me avisar.

Os vestidos da formatura... Era sobre isso que elas falavam. Nos últimos tempos eu andava tão perturbada que acabei deixando passar. A Sabrina convocara dias antes uma reunião com todas as garotas do oitavo ano, para decidirmos a cor dos vestidos, ela insistia que deveriam ser na mesma tonalidade, e depois de uma votação, a qual eu não participei, o prata foi eleito.

—Posso levar essas revistas para ir escolhendo?—Ouvi Sabrina perguntando.

—Pode, mas traga hoje, porque como eu disse, algumas garotas já estão trazendo até os tecidos...E tem a Dili, provavelmente ela vai mandar fazer também.

—Não sei, agora que ela ganhou aquele dinheiro do concurso, é bem provável que compre alguma coisa pronta. — Foi a vez da Shirley opinar.

Sem querer que elas me vissem ali, caminhei na ponta dos pés até o quarto do Pepa, empurrei a porta e mesmo vendo que ele não estava lá, eu entrei.

Em sua cama, o desenho do concurso e outros dois repousavam sobre o lençol. Peguei o terceiro e me reconheci, Pedro Paulo havia feito um desenho do meu rosto com tanta perfeição que mais parecia uma fotografia.

—Garota enxerida! De novo no meu quarto sem ser convidada... — Ele puxou-o das minhas mãos e foi tão grosseiro que chegou a amassar o papel.

—Estúpido!—rosnei puxando o desenho de volta.—Sou eu neste desenho, portanto, isto é meu.

Pepa juntou as sobrancelhas e coçou a cabeça.

—Pode levar... Eu ia jogar no lixo mesmo.

—Mentira sua...

—Vai Diana, o que você veio fazer aqui?

—Isto é seu.— Enfiei a mão no bolso da calça e estendi-lhe o cheque. —Por merecimento.

—Vá embora Diana, eu não quero conversar com você.—Sua voz estava baixa.

Olhei para cima, eu não queria chorar, mas o Pepa parecia ser a única pessoa no mundo capaz de reativar meus sentimentos.

—Talvez um dia você possa me entender.—Deixei o cheque sobre a cama e caminhei até a porta.

—Você não foi legal comigo, Dili.

Fechei meus olhos e virei-me para encará-lo.

— Nem com você, nem comigo, aliás, eu sou uma péssima pessoa. —Saí antes de desabar.

Naquele mesmo dia o Diogo entregou-me um envelope, era o cheque, e eu sabia que não adiantaria, o Pepa não aceitaria ficar com o prêmio.

Eu vinha me sentindo tão decepcionada comigo, faltava tão pouco para o fim do ano, e também para a formatura e iminência da minha mudança deveria estar me deixando nas nuvens, só que as coisas não estavam sendo assim.

Deprimida, por mim nem participaria da festa de formatura, mas minha mãe achava aquilo um evento e eu acabei cedendo depois que ela me presenteou com um lindo corte de tecido prateado.



—Dili, você tem tanto talento...—Dona Sônia parecia encantada com o modelo desenhado por mim.—Especialize-se nisso...Já imaginou você voltar daqui alguns anos como uma estilista renomada e mundialmente conhecida?

—Que exagero...—Ri enquanto ela tirava as minhas medidas.

—Moda é algo que dá muito dinheiro...Você está com a faca e o queijo nas mãos menina, pense nisso!

—Vou pensar—afirmei sem muita convicção.

—Eu concordo com ela —uma mulher muito elegante, que esperava para ser atendida, opinou.

Ela era uma das melhores clientes da dona Sonia, vira e mexe eu a via por lá.

—Eu gosto de desenhar roupas, mas é apenas um passatempo.— Fiquei sem jeito enquanto ela segurava o meu croqui.

—Está vendo aquele tecido vermelho?—Ela apontou para a mesa de corte.—Acharia ruim se eu fizesse um vestido igual ao seu?

Nem preciso dizer que eu disse sim! Saber que ela havia realmente gostado do meu modelo foi muito empolgante.

No dia em que eu fui fazer a primeira prova, o vestido vermelho estava pronto ao lado do meu. Para ser sincera, no tom carmim parecia ainda mais bonito.

Assim que provei o meu, fiquei encantada, o caimento perfeito e só precisava subir a barra. A mãe do Pepa combinou a entrega para o dia seguinte e isso seria a antevéspera da formatura.

Na mesma noite o Caio quis me levar ao shopping para comprar um par de sandálias. A iminência da minha partida vinha o deixando melancólico.

—Como se sente?—Ele acariciou o meu rosto, estávamos dentro do carro.

—É estranho pensar daqui a dois dias é a minha formatura e que em uma semana vou dormir e acordar em outro país.

— Pra mim, estranho mesmo vai ser ficar sem você...—Ele se inclinou para um beijo.

—Disse que em fevereiro vai me visitar, não é?

—Vou...Aliás, vamos...O sonho do João Victor é conhecer a Disney e desde que soube que a tia Dili vai estar lá, ele não fala de outra coisa.— Ele sorriu.—Meu sobrinho te adora.

—Também gosto muito dele...Ainda bem que não demora muito e voltamos a nos ver.—Fechei os olhos e Caio me beijou.



Na prática, as aulas já tinham terminado, mas continuávamos indo ao colégio principalmente nós, os alunos das turmas da oitava série, porque queríamos nos despedir.

Naquela sexta-feira, passamos a manhã toda assinando as camisetas uns dos outros, e os mais amigos demoravam minutos escrevendo mensagens no tecido. O clima predominante era nostálgico, por pouco, não beirava a tristeza e para mim foi impossível não lembrar cada um dos oito anos vividos naquele lugar.

—Posso assinar a sua camiseta?—Pepa surpreendeu-me, com uma caneta preta nas mãos.

—Claro.—Virei-me de costas e puxei meus cabelos para o lado.

Ele esticou a malha perto do meu ombro e mesmo pelo tecido, dava para sentir a temperatura alta da sua pele. Pepa levou pouco menos de um minuto para escrever na minha camiseta e quando se afastou, eu ansiava por mais.

—Minha mãe mandou avisar que seu vestido está pronto—falou, depois de limpar a garganta com dois pigarros.

—Que bom...Saindo daqui eu vou até lá.—Suspirei.—Posso?—Balancei minha caneta.

Ele assentiu com a cabeça e ao contrário do Pepa, quis escrever na parte da frente, para que ele pudesse ler e não ficasse morrendo de curiosidade como eu estava.

*Obrigada por ser minha melhor  
lembrança deste lugar. - Dili 1996*

—Agora deu para ser mentirosa?

—Idiota! —Empurrei o seu ombro e ele segurou minha mão.

—Você também é a minha —Pepa disse, deixando um sorriso triste antes de partir.

Despedi-me oficialmente do colégio São Cristovam, grata por tudo o que ele me ofereceu.

Em casa tirei a camiseta e mesmo com dezenas de frases e desenhos espalhados por ela, eu sabia bem qual deles tinha maior importância.

Pepa não escreveu nada, e não, eu não esperava por uma declaração de amor, mesmo assim, o desenho de um símbolo do infinito sobre a assinatura dele, fez-me entender um monte de coisas, entre elas, que eu estava crescendo e crescer não é nenhum um pouco fácil.



—Dili, vai precisar que eu passe o seu vestido? Se for, aproveita que eu estou com o ferro ligado...—Minha mãe apareceu muito cedo na porta do meu quarto, com os cabelos enrolados em grandes bobs.

“Meu vestido....Meu vestido... pensei, ainda letárgica por conta do sono.

—Mãe, eu não peguei o meu vestido!—gritei, colocando-me em pé com um salto.



—Só não esquece a cabeça porque está grudada no pescoço...—ela resmungou, antes de sair.

Pelo jeito, não era apenas eu que me esquecera da roupa para o baile de formatura, em frente à casa da dona Sonia, uma meia dúzia de garotas do meu colégio, acompanhadas de suas mães, pareciam esperar para serem atendidas.

Cumprimentei rapidamente a todas e entrei. A porta do quarto de costuras dela estava encostada, e dava para ouvi-la conversando com alguém.

—Dona Sonia, é a Dili!

—Pode entrar—ela gritou.

—Oi, eu esqueci de pegar meu vestido. —Bati em minha própria testa.

— Não entendi...— falou, tirando um alfinete da boca e espetando-o na barra da saia de sua cliente.—Dili, o seu vestido...Eu entreguei ontem para sua prima, ela veio buscar o dela e pedi que levasse pra você.

—Entregou meu vestido para a Sabrina?—perguntei, sentindo um arrepio percorrer meu corpo todo.

—Isso.

Fechei os olhos imaginado que àquela altura, meu vestido deveria ser apenas um pedaço de pano boiando no rio da cidade.

Corri pelas calçadas daquele bairro como há tempos não fazia e constatei que era muito mais cansativo do que quando brincávamos de pega-pega.

Com a respiração curta, puxei o ar algumas vezes, precisava oxigenar o meu cérebro e depois que de toquei a campainha por mais de vinte vezes seguidas, minha tia apareceu na porta.

—O que foi Diana?— mal conseguiu encarar-me.

—A Sabina pegou meu vestido na costureira...Preciso dele.

—Que conversa é essa? Por que ela pegaria seu vestido?

Olhei para cima e bufei, minha paciência era zero.

—Pergunte para ela, eu também não sei por que raios a Sabrina pegou meu vestido.—Demonstrei minha irritação.

Minha tia revirou os olhos e entrou, dois minutos, que mais pareceram uma eternidade, e ela estava de volta. Olhei para as suas mãos. Vazias.

—Ela disse que fez o favor de trazer, porque a dona Sonia pediu...A Sabrina jogou a sacolinha na sua garagem.

Sem agradecer, atravessei a rua com as pernas trêmulas, abri o portão e varri a garagem de casa com meus olhos, até em baixo do carro do meu pai eu procurei. Nada.

Das duas uma, ou alguém tinha pegado a tal sacola, ou minha prima estava mentindo, e algo me dizia que a segunda opção era a mais acertada.

Liguei no trabalho do meu pai, e até do meu irmão, claro que as respostas foram as mesmas, ninguém da minha casa tinha visto o meu vestido.

Minha vontade era de entrar na casa da minha prima e esganá-la.

—Eu vou matar a Sabrina, mãe! Juro, vou sair dessa cidade como uma criminosa!

—Dili, não acuse sem saber...Já imaginou se ela jogou mesmo a sacola aqui e alguém que passava na rua viu e deu um jeito de pegar?

Deixei-a falando sozinha, não podia perder meu tempo tentando argumentar.

Abri meu guarda-roupas, resignada quanto a perda do meu vestido e chorando de ódio, constatei que não tinha mesmo nada decente para usar. Por fim, a Sabrina tinha conseguido estragar a última lembrança boa que eu teria do colégio.

—Eu não vou à festa de formatura—avisei minha mãe, na cozinha, ela preparava o almoço.

—Que ideia é essa, Diana?

—Não vou gastar meu tempo e nem meu dinheiro, comprando um vestido...O meu, foi eu que desenhei, tinha ficado perfeito, mas parece que eu nasci para ser a Cinderela... Só que sem fada madrinha.

Minha mãe franziu a testa e sorriu.

—Devia ter aprendido alguma coisa com essa história...Assistiu tantas vezes...

—Isso mesmo, mãe... São só histórias...—Encolhi os meus ombros e voltei ao meu quarto.

No início dos anos 90 eu não perdia um episódio sequer dos contos de fada, e minha mãe não gostava nenhum pouco, já que passavam bem no horário das suas novelas preferidas. Cinderela sempre foi a que mais gostei, só que jogada sobre a minha cama, não dava para esperar por um milagre, dentro de poucas horas a festa começaria, e, nada de “*bibbidi-bobbidi-boo*”

— Dili...A Dona Sonia pediu para você ir até a casa dela.

—Ela achou o meu vestido?—Joguei minha agenda, onde eu estava há minutos fazendo meus desabafos e corri até a minha mãe.

—Acho que sim.

Respirei aliviada e mesmo sem entender a dinâmica dos fatos, cambaleei até lá, animada e grata por minha prima não ser tão má quanto parecia.

—Eu nem acredito que meu vestido apareceu!—Entrei com a força de uma ventania em seu quatinho.

—Quando sua mãe me telefonou, eu quase tive um infarto, e depois que o Pedro Paulo me contou como são as coisas entre você e sua prima...Deus, eu nunca deveria ter entregado sua roupa para ela.

—Tudo bem, mas ela veio devolver?

A mãe do Pepa balançou a cabeça em negativa.

—Conversei com a Carina...Ela disse que vai ser uma honra deixar que você use o vestido dela.—Dona Sonia apontou para a versão vermelha do meu modelo.

—Imagina! Eu não posso...

—Pode sim, e se quiser ligar para ela, vai ver como a moça ficou feliz em poder ajudar.

—Mas todas as meninas vão usar prata...— concluí, dando a volta em torno da manequim.

—O Pedro Paulo disse que isso é bem a sua cara...Fugir do convencional.—Ela riu.—Vem, vamos ver se precisa de algum ajuste.



—Pensei que seu vestido fosse prata.—Caio olhou-me embasbacado.

—Mudança de planos, mas eu conto outra hora.—Apressei-me para entrar em seu carro, eu não queria que minha prima me visse antes da hora.

Meus pais saíam logo em seguida, até pensei em irmos todos juntos, mas desde a madrugada em que flagrei meu pai e minha tia, eu nunca mais consegui entrar naquele carro.

—O que você acha de dormir na minha casa esta noite?

—Seus pais já chegaram de viagem?

—Não. — Caio desviou os olhos para o volante. — Eles chegam só no domingo.

Senti meu rosto queimar, imaginando quais eram suas intenções.

—Não vai acontecer.—Fui direta.—Eu gosto de você, mas não me sinto pronta para transar.

—Nossa... Quanta sutileza!—Ele envergonhou-se.

—Desculpa, só que...

—Tudo bem.—Caio interrompeu-me. Acabávamos de chegar no salão de festas e ele preferiu encerrar o assunto.

Apesar da minha cortada, o Caio não mudou comigo, de mãos dadas, passeamos por entre os grupos de pessoas e não houve um só par de olhos que não ficou sobre mim de forma reprovativa. Claro que todos

certamente achavam que aquele vestido vermelho fora uma escolha minha, talvez um ato de rebeldia.

—Tinha que ser a Diana, para fugir do combinado...—A Shirley foi a primeira a verbalizar o que corria pelo pensamento das outras meninas.

—Estou vestida assim, graças à sua amiguinha... Se ela não tivesse sumido com o meu vestido, agora eu estaria usando a mesma cor que todas vocês— expliquei com um tom baixo, no entanto, audível a quem estivesse mais perto.

Ela arregalou os olhos e parecia sentir medo de mim.

—A decoração ficou bonita...—Caio elogiou assim que paramos em frente aos vasos de flores coloridas.

—Ficou sim...— respondi sem muito interesse, a proposta dele ainda faiscava dentro dos meus pensamentos.—Não quero que se chateie comigo...—Acariciei seu rosto e fechei os meus olhos para beijá-lo. Ele puxou-me para mais perto e fez com que nosso beijo durasse mais do que eu pretendia.

—Não acredito que fugiu do combinado!—Sabrina colocou-se do meu lado, e ela não sabia, mas estava brincando com fogo.

*“Esse vestido não é seu, se começar a rolar com a sua prima, vai estragar uma peça que não tem reposição...”*

—Ops...Desculpa ter decepcionado você...Queria que eu tivesse ficado em casa chorando o sumiço do meu vestido?— Pisquei para ela e arrastei o Caio para longe.

Na hora da primeira foto oficial com toda a classe, o meu contraste era indiscutível e nenhuma das garotas gostara daquilo.

— Prefiro vermelho...—Pepa, vestido de forma social, aproveitou um momento em que eu estava sozinha e se aproximou de mim.

—Sabe que eu também...—Sorri, feliz pelo encontro.

Ficamos nos olhando por um tempo e talvez por isso, eu não tenha percebido a aproximação do meu namorado.

— Vamos dar uma rodada?—Ele segurou a minha mão e agiu como se o Pepa fosse invisível.

—Vamos...E Pepa, daqui a pouco a gente se fala.—Entrelacei meus dedos aos do Caio.

Depois da sessão solene, onde foram entregues nossos diplomas, foi aberto o microfone para as homenagens. Alguns alunos haviam colhido mensagens de todos os estudantes e elas seriam lidas pelo representante de sala.

Para mim, a professora mais importante sempre foi a Simone, e para ela, minha gratidão vinha sendo externada dia após dia. Naquela noite, ela e seu marido estavam sentados na mesma mesa que os meus pais, eles aproveitavam para tirar todas as dúvidas que tinham sobre tudo o que dizia respeito a minha viagem.

—Agora... A minha homenagem vai para uma aluna que conviveu conosco por tantos anos e que vai alcançar novos voos deixando Arco-Dourado....Diana Lima.—A voz da Shirley ecoando por todo o salão, fez-me arfar.

*“A Shirley e eu nunca fomos amigas e agora ela está com um microfone nas mãos querendo me homenagear?”*

Nada fazia sentido e por isso, levantei-me como um raio e corri os meus olhos por todo o salão. Procurava por ela, a Sabrina, eu seria capaz de dar um dedo da minha mão direita, se ela não estivesse envolvida naquilo.

— Tem uma agenda rodando pelo salão, nela, vocês podem deixar uma mensagem para a Diana, uma pessoa que vai fazer falta—Shirley finalizou rapidamente, assim que me aproximei.

Cheguei a sentir-me mal por ter pensado que se tratava de alguma armação, mas essa sensação não durou nem um minuto. Sem ter de me esforçar, vi a Shirley e a Sabrina juntas, no rosto delas eram visíveis as expressões de quem está armando alguma coisa.

—O que foi Dili? Está acontecendo alguma coisa?—Caio logo veio trás de mim.

—Não sei...Mas acho que sim, a minha prima...

— Lá vem ela...—ele sussurrou em meus ouvidos.

—Caio...Acho que ainda não viu a agenda da Dili, não é?

—Qual é a sua, Sabrina? Que história é essa de agenda para mim?—  
Aproximei-me dela.

—Dili, você vai ficar tanto tempo fora, achei que seria legal que os seus colegas conhecessem você mais intimamente...Encontrei sua agenda no seu quarto e dei uma lida...Dili, sua agenda dava um belo livro...—Ela riu com todo o sarcasmo que a pertencia.

Naquele momento, tudo o que eu mais temia durante a minha vida acabava de acontecer, a Sabrina colocara as mãos na minha agenda de confissões. Eu sempre a escondia tão bem, mas naquele dia acabei vacilando...O pior foi que eu nem tive forças para revidar, preocupada com o fato de as pessoas lerem minhas mais secretas histórias, acabei saindo dali, tentando reavê-la, antes que a desgraça fosse maior.

—O Pedro Paulo saiu correndo, mas se mostrar seus peitos para mim, garanto que minha reação vai ser diferente...— Bernardo, um garoto da minha sala, foi o primeiro anunciador da minha humilhação.

Como se estivesse vendo tudo em câmera lenta, minha impressão era de que todos riam de mim, de que todos falavam sobre mim, bem como nos filmes. Estava desesperada, não por como eu poderia ser afetada e sim, pelo Caio e pelo Pedro Paulo.

Com quem aquela agenda estaria? Eu olhava para todos e sentia que seria uma missão tão impossível quanto encontrar uma agulha em um palheiro.

—Está procurando isto?— Sabrina colocou-se em minha frente.

Respirei fundo, matar a Sabrina era de fato uma opção considerada por mim.

— Devolva minha agenda agora, ou vai desejar nunca ter saído do útero da sua mãe— rosnei com os punhos cerrados.

—Dili...Ficou com o Caio só pelo prazer de tirar ele de mim...

—Sabrina... Eu não estou brincando...—Dei mais um passo, colocando-nos muito próximas.

—O que foi agora?— Caio colocou-se entre nós duas. —O que está acontecendo?

—O de sempre Caio, a minha prima infernizando a minha vida...

— Que bom que você chegou...Acho que vai gostar desse trecho da agenda da sua namorada...—Ela limpou a garganta.—“*Eu gosto do Caio, ele beija bem e é bonito, mas o Pepa, o jeito que ele me olha e a forma como eu me sinto todas as vezes em que estamos juntos, sei lá, parece que é com ele que eu devo ficar...*”

Caio me olhou confuso, balancei a cabeça um tanto atordoada.

—Isso, isso foi no começo...—disse apenas para ganhar tempo, eu nem me lembrava quando tinha escrito aquilo.

—Não seja por isso...Tem outro aqui...—ela começou a folhear a minha agenda e eu parecia uma múmia, em vez de saltar sobre ela de fazê-la engolir todos os dentes existentes em sua boca, eu fiquei inerte, como se esperasse pelo golpe final.— A Dili escreveu ontem: “*Era exatamente por isso que eu nunca quis me apaixonar por ninguém, sabia que seria ainda mais difícil partir, deixando um amor par trás...No fim, aconteceu, hoje eu descobri que estou mesmo, de fato, apaixonada por ele.*”

—Por ele?—Caio perguntou-me em um tom mais baixo.

—Isto não é seu.—Pepa apareceu e arrancou a agenda das mãos da Sabrina.

—Quem seria esse, ele?—Outra vez fui indagada pelo Caio.

Olhei para a Sabrina e ela parecia estar feliz, muito feliz com a fria em que acabava de me meter. O Pedro Paulo, assim como a Caio, encaravam a mim com cobrança, parecia que os dois esperavam pela mesma resposta.

Balancei a cabeça em negativa.

—Graças a Deus em poucos dias eu vou estar longe daqui...Tenho medo de conviver com alguém como você, uma pessoa doente...— Dei as costas para ela e saí aos prantos.

Caio veio atrás de mim.

—Acho que precisamos conversar —disse com os braços cruzados contra o peito.

Tapei meus olhos com minhas mãos, eu não queria falar sobre aquilo.



—Pode só me levar para a minha casa?—implorei.



Deitada em minha cama, ainda com o vestido vermelho, eu chorava, e não era pelas coisas que eu tinha ouvido do Caio. Por todo o caminho ele me disse coisas horríveis, por fim, eu e ele não existíamos mais... Honestamente, não me importei muito com isso, afinal, nosso namoro estava com os dias contados.

Preparava-me para tirar o vestido, temia que as lágrimas manchassem o tecido e esse era um problema dispensável, quando ouvi a campainha.

Seriam meus pais? Não, eles tinham as chaves e era bem possível que não voltassem tão cedo, quando avisei que sairia com o Caio, eles pareciam bem animados com a festa, o jantar começava a ser servido, e para pessoas sem lazer algum, aquilo estava mesmo um prato cheio.

—Caio...— murmurei a mim mesma e considerei não atender a porta, mas a campainha tocou outra vez então lá fui eu.—Pepa?—Franzi a testa intrigada.

—Vim te entregar isso e...

—Espera aí, deixa eu pegar as chaves.

—Brigou com o seu namorado?—Ele estendeu-me a agenda.

—Terminamos.—Encolhi os ombros estranhando o fato de aquilo não me incomodar.

—Então a Sabrina conseguiu... Sua prima é mesmo uma besta.

Respirei fundo, sabia que ela era muito mais do que aquilo, a Sabrina era uma pessoa ruim.

—Bom, pra mim, isso nem foi o pior...Ela expôs minha intimidade, e Pepa, eu achei que você fosse ficar chateado comigo. Não sei o que você ficou sabendo, ou se leu tudo o que escrevi aqui, mas...

—Dili—ele me interrompeu.— Eu sei que vou ficar conhecido como o cara que saiu correndo ao ver os seios de uma garota, mas fazer o quê? Foi verdade mesmo...—Ele riu.

—Idiota!—Dei um tapa em seu ombro.

Pepa e eu ficamos nos encarando por um tempo, depois, movida pelo desejo que atormentou-me por toda a noite eu o abracei. Sentia tanto a sua falta, que me agarrei a ele e não queria mais soltar.

—Pedro Paulo, quando escrevi que você vai ser a melhor lembrança desse lugar, não foi brincadeira...Eu nunca vou me esquecer do que fez por mim.

—Eu também...Vou morrer de saudades de raspar as panelas de doces assistindo televisão com você.—Ele segurou as minhas mãos.

Sem muito pensar eu o puxei para um beijo, depois fechei o portão e o levei até o meu quarto.

—O que está fazendo?—perguntou ele, ao ver que eu trancava a porta.

—Desta vez você não vai ter como fugir.—Sorri, abrindo o zíper que ficava na costura lateral do vestido.

Pepa empalideceu.

—Dili... Você não tem que...

— Eu sei.

—Dili...Eu, eu não...Eu nunca...—Pepa estava nervoso, seus lábios tremiam, assim como suas mãos.

—Eu também não...Só que eu quero que aconteça...Com você.

Ele arregalou os olhos e eu não deixei tempo para que ele pensasse. De alguma forma eu queria ser a primeira mulher na vida do Pepa; tinha certeza de que do contrário, ele permaneceria virgem até seus trinta anos.

Foi estranho, nada parecido com o que eu via nos filmes ou lia nas revistas. Ele estava nervoso, eu também, mesmo assim, ao fim daquela noite, se tivesse que preencher um daqueles questionários, a resposta sobre a minha virgindade seria não, a não ser que eu quisesse mentir.



Na semana seguinte eu parti, e não foi uma despedida fácil. Por maior que fosse o meu desejo de mudança, ver meus pais e o meu irmão, além do Pepa, parados em frente à minha casa e saber que provavelmente eu só voltaria a encontrá-los três anos depois, foi como ter uma parte do meu coração arrancado. Mas eu tinha sonhos, e eles eram grandes, muito maiores do que Arco Dourado podia me oferecer.



*Piāo*



## 2 – Pião

—Chegamos no seu bairro, moça.—A voz do taxista mudou o meu foco.

Pela janela do carro, começava a reconhecer os lugares que fizeram parte do meu passado, alguns pareciam muito diferentes, já outros, continuavam iguais. Assim que ele entrou na rua da casa dos meus pais, meu coração acelerou ainda mais.

Com os olhos urgentes, eu tentava capturar tudo o que as minhas vistas alcançavam. O motorista parou para que um casal de idosos pudesse atravessar. Era a esquina da casa do Pedro Paulo, inclinei minha cabeça e então a fachada sofisticada anunciava: Atelier Sonia Moraes.

—O que foi, Dili? Você está bem?—Chloe preocupou-se, depois de uma fungada minha.

—Aquele ali é o atelier da mãe do Pedro Paulo.

—Hum...—Chloe foi sucinta e apenas passou a mão por meu ombro.

Quando soube que a Sabrina engravidara aos dezessete anos, confesso que ri por dentro, uma vez que isso fugia totalmente dos planos do futuro brilhante que a minha tia tinha para ela.

Só que a minha felicidade durou pouco, segundos na verdade. Assim que minha mãe me disse que o filho era do Pedro Paulo, meu mundo, que já não estava lá tão em pé, caiu de vez.

Eu fiquei mal, muito mal mesmo, e por sorte eu tinha a Chloe, a primeira amiga que fiz em Tampa e que vinha sendo um anjo, atrapalhado, mas um anjo para mim.

Depois disso fiz um trato com a minha família, eu não queria saber sobre mais nada que acontecia em Arco Dourado, nada que não dissesse respeito aos meus pais e o meu irmão.

—É 490 o número da casa, Dili?—Chloe me cutucou com a ponta do dedo.

—Isso —respondi, ainda alienada e absorvida por tantas lembranças.

—Então...Chegamos.— O taxista puxou o freio de mão.

Meus joelhos começaram a tremer, o ar não encontrava o caminho certo e assim que olhei para a minha casa, as lágrimas rolaram em cascatas.

—Dili, é lindo o lugar onde seus pais moram!—Chloe elogiou.

Assenti com a cabeça, ela tinha razão. Diferente de quando parti, com a compra do terreno vizinho e a reforma bancadas por mim, minha família estava mesmo muito bem instalada. O muro revestido em pedras e o portão eletrônico sempre foram sonhos da minha mãe.

Olhei para o outro lado e a casa dos pais da Sabrina me trouxe de volta, ou melhor, me levou de novo para a década de 90. A calçada onde os garotos costumavam brincar com bolinhas de gude, a parede de tijolos à vista e o portão com grades cinza chumbo. Tudo continuava igual.

— Vamos Chloe, chegou a hora—decretei, tentando me recompor.

Era sexta-feira e eu sabia que minha mãe passava o dia no clube da cidade, onde ela montara sua própria loja de bolos e doces, um empreendimento tão bem-sucedido, que levou o meu pai a largar a fábrica para trabalhar na doçaria.

Embora minha chegada fosse uma surpresa, esperava encontrar meu irmão em casa, havíamos nos falado há poucos dias e eu sabia que ele estava de férias.

Toquei o interfone duas vezes e enquanto esperava por algum contato, Chloe afagava minhas costas de forma carinhosa.

—Oi.—A voz do Diogo soou pelo aparelho eletrônico.

—Olá! Será que pode abrir para sua irmã?

—Dili!?!— perguntou ele, desconfiado.

—Tem outra irmã, por acaso?

Em menos de dois segundos ouvi a trava do portão ser aberta, no mesmo instante, Diogo e eu nos abraçávamos aos prantos.

—Dili... Eu não acredito...Você está linda!—Ele cercou o meu rosto com as suas mãos.

Afastei-me um pouco e o analisei por completo. Nós nos víamos por fotografias e nas redes sociais, mas pessoalmente ele parecia diferente.

—Você é um homem, Diogo! Tem até barba!—Acaricieei suas bochechas, encantada com seus pelos.

—Fiz trinta e cinco anos há poucos dias... O tempo passou Dili...—Ele voltou a me abraçar.—E ela, quem é?—Diogo apontou para a Chloe.

Ainda atordoada, olhei para trás e me deparei com minha amigatoda melancólica. Ela nos observava com a mesma cara de quando assistia ao filme *Free Willy*.

—Essa chorona? É a minha melhor amiga, Chloe...Chloe, este é o Diogo.

—Oi, eu sou a amiga.—Ela sorriu, enquanto estendia a mão.

—Prazer, eu sou o irmão divorciado.—Diogo puxou-a para um abraço que foi logo correspondido.—Você também é brasileira?

—Ela é a filha dos donos da pizzaria Samba's, os brasileiros que me acolheram depois que saí da casa da Simone... Sempre falo deles pra você.

—Sou quase brasileira.—Chloe encolheu os ombros.

Olhei para os dois, os sorrisos e olhares trocados acabaram por colocar uma pulga atrás da minha orelha. Quando convidei-a para fazer aquela viagem comigo, eu não cogitei a hipótese de que ela pudesse se interessar pelo meu irmão e vice e versa.

—Nem. Pensem. Nisso!—Apontei para os dois com o meu olhar mais ameaçador. —Vamos Diogo, me mostre como a casa ficou depois das reformas...As fotos que você me envia, parecem tiradas por uma criança... Ou por um cego.

Ele revirou os olhos e fez uma careta.

—Você vai gostar...Nunca mais brigaremos por um banheiro — anunciou enquanto caminhávamos pelo longo corredor.

Embora a casa fosse a mesma, ou uma parte dela, em nada lembrava o ambiente onde nasci e vivi os meus primeiros dezesseis anos – nem o cheiro –antes, o aroma de bolo assando estava impregnado por todo o espaço, agora, por mais que eu tentasse ativar minha memória olfativa, era como se visitasse outro lugar.

—Seu quarto é aquele, o maior.—Diogo apontou a porta fechada ao fim do corredor.—Tem um banheiro só para você, Dili.

—Qual é problema de vocês dois, com banheiros?—reclamou Chloe.

—Uma longa história, mas resumindo, eu não podia entrar para tomar banho, que esse estrupício vinha bater na porta.—Virei-me para a Chloe.— Sem contar no tempo que ele ficava trancado com aquelas revistas de mulher pelada.

—Rá! Rá! Rá! Que graça!—Diogo deu um empurrão em minhas costas.—Era o contrário. Sua amiga se enfiava no banheiro e ficava horas enchendo a cara e os cabelos de umas gororobas que ela aprendia a fazer naquelas revistinhas bobas.

Balancei a cabeça em negativa, estávamos prestes a discutirmos como nos velhos tempos.

—Irmãos...—Limitei-me a dizer ao mesmo tempo em que abria a porta do meuquarto.

Meu quarto...Paredes brancas, carpete vinho, uma cama de casal king size e uma parede inteira de espelho. Tudo como eu pedira.

—Aquele baú no canto... Todas as suas velharias estão ali.

—Uau!—Chloe transpôs o cômodo, exibindo no rosto um ar de encantamento.

—Ficou mesmo incrível—elogiei.

—A Débora ama este lugar, o sonho dela é ter um igual.—Diogo colocou as mãos na cintura e parou bem embaixo do lustre de cristais âmbar.



—Débora?—indaguei, sentando-me no recamier aos pés da cama.

Diogo enrugou a testa e depois fez uma careta.

—É a filha da Sabrina...

—E do Pepo!—Chloe adiantou-se como se acabasse de descobrir o fogo.

Estreitei meus olhos recriminando-a pela intromissão.

—É Pepa, Chloe...— repeti pela milionésima vez.—Por que deixam essa menina entrar no meu quarto?—Cruzei os braços, contrariada.

—Porque ela é nossa prima...Porque ela frequenta a nossa casa...Porque...

—Tá bom!—Coloquei-me de pé.—Vamos deixar isso de lado, eu estou exausta e preciso de um banho, depois, quero ir ver a mamãe...O nosso pai também está na doçaria?

—Sim, hoje vai ter festa no clube e eles estão cheios de trabalho.

—Certo...—murmurei e, sentindo o calor cozinhar a minha pele, tirei a blusa de manga comprida.

—Meu Deus! Dili, o que são essas tatuagens!?!—Diogo levou as mãos à boca.

Eu tinha me esquecido, me sentia tão à vontade com meu irmão que me desarme.

—Meu querido, isso é apenas o começo—Chloe murmurou em tom de escárnio.

Meu irmão se aproximou de mim com os olhos fissurados no meu braço.

—Diogo...Essa é uma longa história.

—São incríveis!—Ele passou os dedos pelo meu ombro, a fim de se certificar de que elas eram de verdade. —Só que o papai vai surtar. Olha isso.—Ele ergueu a camiseta e se virou de costas, na cintura, revelou duas letras japonesas feitas em tinta preta com traços grosseiros.

— Que horrível! Não sei como convive com essa coisa na pele.

—Essa nem é a questão, o fato é que quando eu fiz isto, nosso pai quase me matou, disse que tatuagem é coisa de bandido.

Olhei para a Chloe querendo dizer: “ *Viu só? Entendeu agora?*”

—Isso foi há quanto tempo?—Minha amiga se preocupou.

—Faz uns dois anos. Eu já nem morava mais com eles.

—Bom... Se tatuagem é coisa de bandido, qual seria a definição para o tatuador, então?— Chloe continuou.

—Não...Dili? Sua amiga não está querendo dizer que...

Fechei os meus olhos com resignação.

—Eu vou tomar um banho...Chloe, pode contar tudo para ele.— Caminhei até a porta do banheiro.

—Tudo? Até onde engloba esse “*tudo*”?

—Até a parte de como eu me tornei uma tatuadora de sucesso.

—Dili, mas você não é estilista? —Diogo fez questão de expor seu ceticismo.

Sem responder nada, entrei no banheiro e fechei a porta na cara dos dois que olhavam para mim, cada um com uma expressão diferente.

—Diana Lima, uma hora eles iriam saber— murmurei a mim mesma, em frente ao espelho.Despi-me rapidamente e me enfiei embaixo do chuveiro.

Enquanto a cascata de água quente caía sobre mim, tudo o que eu pensava era nas desculpas que eu arrumei ao longo daqueles dezesseis anos para não ter voltado antes, e também, para que ninguém fosse me visitar. Por fim, chegara a hora, e eu não me sentia preparada para desfazer tantas mentiras.

Ao desligar o chuveiro, pude ouvir a risada descontrolada da Chloe, senti-me aliviada, imaginei que o meu irmão não tinha entrado em estado de choque, diferente de mim, que ao deparar-me com o ralo do cheio de cabelos louros e longos, concluí que alguém andava usufruindo daquele banheiro.

—Diga que não anda trazendo qualquer vadia para meu quarto.

—Eu?—Diogo arregalou os olhos.

—Não, estou perguntando para aquele coelhinho da páscoa atrás de você!

Chloe começou a gargalhar, ela era filha única, portanto, a relação mais próxima que tinha de irmãos, era comigo, e nós duas sempre nos demos muito bem.

—Sabe como é...Às vezes, quando quero impressionar uma gata, trago pra este quarto que é o mais bonito da casa...

—Como você é ridículo!—Joguei uma almofada nele.— Quero meu banheiro limpo e meus lençóis trocados.— Bufe.—Esse clube, dá para ir andando?

—Fica na rua do colégio, foi construído no terreno onde a molecada empinava pipa.

—Vai fazer alguma coisa antes de irmos?—perguntei à Chloe.

— Xixi, bem rapidinho.—Ela saiu de cena e Diogo não desgrudou os olhos dela.

— Enxugue o canto da boca— resmunguei enquanto abria meu guarda-roupa, à procura de lençóis.

Diogo parou ao meu lado e fingiu não entender.

—Sua amiga me disse que você trouxe suas máquinas. Vou querer cobrir minha tatuagem com um samurai e quero fechar um braço, assim como o seu...

— Fez aqui na cidade aquela porcaria?

—Não. Não existem estúdios de tatuagem aqui, o mais próximo fica em Veleiros. Foi lá que eu fiz.

—Certo...Eu tatuo você, mas vai ter que me ajudar a convencer nossos pais a não tirarem o meu couro, literalmente.



*Batata  
Quente*



### 3 – Batataquente

Levamos pouco mais de quinze minutos caminhando até chegarmos ao clube, por todo o trajeto Chloe era só elogios ao Diogo. Permaneci em silêncio, eu não queria um envolvimento entre os dois, no entanto, percebi que seria quase inevitável.

—Vou te avisar uma coisa;—Parei no meio da calçada.—Se resolver se embolar com o meu irmão, independentemente do desfecho, exijo que a nossa amizade permaneça intacta. Certo?

—Imagine! Eu e o seu...—Ela voltou a piscar sem intervalos.—Dili, pelas fotos não dava para saber que seu irmão era tão bonito.

— Claro que ele é bonito, estamos falando do meu irmão! —Imitei um sorriso.—Está avisada.—Voltei a caminhar.

A Primeiro Peça ficava logo na entrada do clube, da vitrine eu pude vê-la. Usando um uniforme corderosa com detalhes marrom, minha mãe entregava uma sacola a um casal, outra mulher, mais jovem do que ela, atendia duas moças.

Esperiei que saíssem para então entrar.

—Posso ajudar?—mamãe perguntou de forma automática, enquanto de costas para ela, eu olhava a prateleira de cookies. Respirei fundo, precisava segurar minha emoção, mas me sentia muito próxima do descontrole.

—Vendem colo de mãe?—Ergui meus óculos escuros e os repousei sobre a minha cabeça.

—Diana...?Filha?—perguntou ela, com a voz entrecortada, já aos prantos.

—Mãe...—Afundei-me em seu abraço e respirei o cheiro de manteiga que vinha dela. Dezesesseis anos depois e aquele continuava sendo o melhor lugar do mundo. Mágico, aconchegante e capaz de curar qualquer dor.

—Diana...Eu não acredito que você voltou, minha filha...—Ela chorava, intercalando beijos e abraços em mim.—Minha nossa...A minha menina está aqui, nos meus braços.

—Ela é a filha da dona Eliete?— uma mulher aproximou-se de nós e perguntou à Chloe, que acompanhava toda a cena, com os olhos marejados.

—Eu sou.— Adiantei-me. — Sou filha desta mulher fantástica, dona desta loja linda!

Passado o impacto do nosso reencontro, minha mãe mostrou-me cada cantinho da Primeiro Pedaco. Encantamento resumiria meus sentimentos, a loja tinha um clima bom, uma decoração aconchegante e não ficava devendo nada para as concorrentes gringas.

—A Dili sempre falou tão bem dos bolos da senhora, mas meu Deus, isto é fantástico.—Chloe se deliciava com um pedaço do tradicional bolo de brigadeiro.

—Senti tanta falta deste sabor...Lá fora as massas não são tão fofinhas assim...

—É, só que aqui, o mais vendido é aquele bendito Red Velvet, que você mandou a receita. Falou que é moda nos Estados Unidos e o pessoal faz fila para comprar.

Estiquei o meu braço para tocar a minha mãe. Estávamos sentadas em uma mesa na área externa, sob um guarda-sol.

—Fico tão feliz por saber que mesmo de longe eu colaborei com isso...—Voltei a emocionar-me.

—A Dili não podia ver coisas de confeitaria...Ela ficou viciada nisso —minha amiga revelou.

— Essa loja só existe e é esse sucesso, graças a você, minha filha... —Ela acariciou meu rosto.— Meu amor, você está tão linda, elegante...Nem

parece que o tempo passou. — Ela virou o corpo para a funcionária.— Adélia, parece que essa menina tem trinta e dois anos?

A mulher parou na minha frente.

—Nunca! Eu não diria que tem vinte...

—Que exagero!—resmunguei.—Agora que já matamos um pouquinho da saudade, o que acha de me mostrar o clube, mãe? Tem academia aqui?

—Tem, e das boas...Sem contar o salão de festas, é chique demais. Hoje mesmo vai acontecer o Baile do Havaí.

—Um baile! Podemos vir, não é Dili?

—Nós vamos fornecer os doces...Seu pai e eu vamos trabalhar a noite toda.

—Eu posso ajudar, mãe. Se quiser eu trabalho com vocês—propus-me.

—Imagine! E por falar no seu pai...Ele foi até o centro buscar umas frutas no varejão, daqui a pouco vai estar aqui. Ele não vai acreditar que você voltou.

Suspirei ao pensar que aquela alegria e entusiasmo, poderiam ser desfeitos assim que a verdade viesse à tona. Sem saber por onde começar, preferi ganhar tempo, puxei a Chloe para fora da doçaria e partimos para explorar o clube.

Havia muitas pessoas trabalhando e a maneira com que tudo vinha sendo decorado, aguçou nossa curiosidade.

—Mal posso esperar por essa festa!—Chloe externou seu entusiasmo.

Mais tarde, de volta à Primeiro Pedaco, o reencontro com o meu pai foi bastante emocionante, ainda que existisse uma aresta, e enquanto eu pensava se deveria ou não tocar naquele assunto delicado, foi ele o primeiro a perceber a tatuagem no meu punho.

—Diana... O que é este rabisco no seu braço?

Puxei a manga do meu suéter e coloquei minhas mãos nas costas.

—Pai...Mãe... Têm algumas coisas sobre os meus desenhos que vocês precisam saber, mas eu prefiro que tenhamos essa conversa lá em casa.—Comecei a preparar o terreno, sabendo o quão enrolada eu estava.



—Tatuadora? Só pode ser brincadeira!—meu pai bradou, como se eu acabasse de revelar que era uma assassina profissional.

Na sala, estávamos nós quatro; meus pais, meu irmão e eu, a Chloe tinha ido para o quarto.

—Eu sabia que seria assim...Por isso escondi a verdade—justifiquei.

—Diana, nos enganou por todos estes anos...Eu sempre disse para todo mundo que a minha filha é uma estilista famosa nos Estados Unidos.—Foi a vez da minha mãe, recriminar-me.

— Eu sou famosa mesmo...Ganho a vida com meus desenhos, só que na pele...—Encolhi os meus ombros, inesperadamente, seguindo os conselhos da Chloe.— O que faço é arte...

—A Dili tem razão...Um bom tatuador é considerado um artista, seja aqui no Brasil, ou lá fora...Ela tem talento, tatuou até gente famosa.—Diogo entrou em minha defesa.

Já que estava no olho do furacão, decidi que não deixaria nada para depois. Desabotoei o meu suéter e o tirei, expondo meus braços, colo e costas, sob minha blusa de alças finas.

—Muitos destes desenhos ganharam prêmios.—Virei-me para que eles tivessem uma visão total de mim.

—Santo Cristo! Esta menina é toda rabiscada!—Outra vez meu pai externou seu horror.

—Até que é bonito...—Mamãe caminhou até mim e fixou os olhos em meu ombro.—Parece pintura.



— É pintura, mãe, só que na pele, e acredite, é bem mais difícil do que desenhar croquis.

—A Simone... Ela nunca nos disse nada sobre isso...—Meu pai ainda parecia inconformado.

Ouvir o nome dela me causava calafrios, passar por tudo o que passei em sua casa, aguentar tantas coisas até finalmente atingir a minha maioridade e o pior, tendo que mentir para meus pais foi outra fase torturante da minha vida.

—Ela procurou por vocês? Ela apareceu aqui?

— Nunca, sabe bem que depois de um tempo, nem nossas ligações ela atendeu mais...—disse minha mãe.

—Eu sempre achei muito estranha essa atitude dela, agora eu entendo, a coitada deve ter ficado se sentindo culpada quando você desandou para esse lado —continuou meu pai.

Eu não respondi nada, se ele pudesse imaginar a verdadeira história, talvez tivesse me tratado de outra maneira. Só que eu não queria falar sobre aquilo, ao menos não naquele momento, por isso, enquanto eu me sentia diante de um júri prestes a decidir a minha sentença, foi minha mãe a primeira a se manifestar.

—Mesmo toda estampada, ainda é minha filha. A Diana fez tanto por nós, por isso eu espero que percebam nenhuma diferença por fora, vai mudar quem ela é por dentro.—Ela olhou para o meu pai.

Ele fechou o semblante, a testa franzida demonstrava seu descontentamento.

—Eu não concordo...Acho que isso não é coisa de gente direita.

—Têm tantas outras atitudes que não são coisa de “*gente direita*”, e que ficam escondidas, que não estão estampadas na pele, mas ainda assim, são erradas, desrespeitosas, muito mais do que uma tatuagem — discurssei, sabendo que ele entenderia exatamente sobre o que eu me referia.

Seus olhos caíram. Seria vergonha? Senti-me mal, não queria ter de me utilizar de um fato tão sórdido para embasar minhas escolhas, no entanto, a mim, era inadmissível ser julgada por algo em minha aparência, justamente por uma pessoa que tivera uma grave falha de conduta.

Sem que mais nada precisasse ser dito, Diogo e minha mãe acolheram-me em seus braços, meu pai veio logo em seguida, de forma mais tímida, mesmo assim, era o aval que eu precisava para encarar aquela cidade de cabeça erguida e sem suéteres escondendo a minha pele.

—Viu só, Dili Sky? Estava fazendo carnaval em copo d'água.

—É tempestade em copo d'água, Chloe...—Sentei-me no chão, onde ela desfazia uma das malas.—De qualquer forma, não vou ficar pensando que deveria ter vindo antes, acho que tudo tem seu tempo certo.

—Isso eu também acho...—ela concordou comigo.— Mas agora, eu só consigo pensar nesse baile do Havaí...Eu nunca participei de um.

—Nem eu. Quando vivi aqui, nunca houve uma festa dessas.

—Por que essa cara?

—Nada... Só estou imaginando que nessa festa, as chances de encontrar as pessoas do meu passado, vão ser muito grandes...

—E tem medo?—Ela abraçou as pernas.

—Não é medo... Só que parece que mesmo depois de tanto tempo, ter voltado para minha casa, trouxe à tona a Diana adolescente, e com ela, todas as tormentas e mágoas.

—Isso é normal...Não tem como voltar ao passado sem reviver antigos sentimentos.—Ela afagou minha perna e eu a encarei com espanto.

—Credo, Chloe! Parece uma adulta falando...

Minha amiga me empurrou com os pés ao mesmo tempo em que ria.

Mais tarde, enquanto nos vestíamos, um frio corria pela minha espinha e terminava na minha nuca; não era novidade, no entanto, fazia muito tempo que eu não me sentia daquela maneira.

—Acha que o vestido branco está melhor que o estampado?

Chloe olhou-me dos pés à cabeça e sorriu.

—Está linda. Sabe que não gosto quando usa estampas, elas tiram o foco das suas tatuagens.

—Tem razão.—Peguei o batom vermelho que ela acabava de usar e pintei meus lábios como os dela.

—Pronta para o próximo ato?—Chloe segurou meu rosto entre as mãos.

—Próximo ato?

—Sim... Essa festa marca a volta oficial de Diana Lima para Arco Dourado, e eu não vejo a hora de ver a cara da sua prima e do Pepo, quando colocarem os olhos sobre você.

Confesso que minha língua coçou durante todo aquele dia, e eu tive de me segurar para não perguntar sobre eles.

—Nem sabemos se vão estar nessa festa...

—Vamos meninas!—Meu irmão deu três batidas na porta.

Suspirei antes de abrir a porta.

—Uau, Diogo...Você está um gato!— elogiei-o, enquanto ele nos entregava colares havaianos, feitos de flores de plástico.

— Concordo com a sua irmã.—Chloe piscou para ele.

—Você também está linda, ou mais linda...

Encarei os dois e balancei a cabeça de forma negativa.

O carro do Diogo estava parado em frente de casa, me sentei no banco do passageiro e meus olhos foram direto para o outro lado da rua.

—O que foi?

—Eles ainda moram aí?

—Nossos tios, a Débora, a Sabrina e o marido dela...

—O Pedro Paulo está morando naquela casa?—Não resisti.

Diogo deu partida no motor do carro e afivelou o cinto de segurança.

—O Pepa não é o marido da Sabrina...Ele assumiu a criança, mas foi só...

—Caramba! Isso é sério?

—Nossa, agora até eu me interessei nessa história.—Chloe colocou a cabeça no vão entre os bancos.

— Aconteceram tantas coisas, mas a Dili não quer saber, então, uma hora eu conto para você, Chloe.

Lancei ao meu irmão meu olhar mais irritado, até parece que eu aguentaria segurar minha curiosidade depois daquela revelação.

—Vai Diogo...Conta logo todas as fofocas!



Ficamos parados no estacionamento do clube por mais de vinte minutos, até que ele conseguisse fazer um resumo dos acontecimentos mais relevantes daqueles últimos dezesseis anos. Por fim, saber que Pepa se casara com a Shirley, que Sabrina estava grávida de seis meses do seu segundo filho e que o Caio continuava solteiro, foram as três informações mais surpreendentes.

—E esse marido da nossa prima? Eu sei quem é?

—Acho que não...Ela o conheceu no hospital, quando ainda estava grávida da Débora. Michel é enfermeiro.

—Nossa! Eu nunca imaginaria nada disso...—murmurei descendo do carro.— E o Caio? Por que será que continuou solteiro? Eu jurava que ele se casaria e teria um monte de filhos... Ele adorava cuidar daquele sobrinho dele, o Jojo.

—Acho que você o traumatizou...—Diogo zombou de mim.

—Idiota!—Senti minha mão queimar depois do tapa que dei em seu ombro.— E o João Victor? Deve estar um moço, não é?—perguntei ao Diogo, que se enfiava no meio de uma fila bagunçada.

O movimento na entrada do clube era grande, centenas de pessoas, na maioria adolescentes, se dividiam em grupos praticamente idênticos. As mulheres vestiam trajes estampados, os homens bermudas claras e camisas com hibiscos, tal qual meu irmão.

—Graças a Deus optei pelo branco...

—Graças à Chloe, você quer dizer.—Ela piscou para mim.

Como fazíamos em Tampa, entrelacei o meu braço ao da minha amiga e nós duas caminhamos no sentido da música. Uma banda tocava ao vivo versões de canções dançantes. Frutas aos montes faziam parte da decoração, junto de tochas e coqueiros altos colocados dentro de vasos enormes. Garotas vestidas como dançarinas de ula-ula, distribuíam os colares de flores e algumas pessoas tinham dezenas deles no pescoço.

Meus olhos buscavam por rostos conhecidos, enquanto a cada três passos, meu irmão parava para cumprimentar alguém.

—Ele é político?—Chloe indagou ao meu ouvido.

—Não que eu saiba...—Ri, de olho na piscina.—Veja como aquela área está bonita!

Seguimos até lá, o lugar mais movimentado depois do entorno do palco, sob uma tenda de sapé, o bar era onde três filas desorganizadas, juntava pessoas sedentas por álcool.

—Quero um abacaxi daqueles!—gritei ao Diogo.

Chloe e eu ficamos paradas perto de uma cesta de frutas suspensa e devorávamos uvas doces, muito diferentes das que comíamos na Flórida.

Minutos depois ele voltou, nas mãos, dois abacaxis cheios de bebida e decorados com miniaturas de guarda-chuvas, junto dele uma garota que segurava dois copos de drinks. Ela era nova, no máximo quinze anos e embora o rosto fosse muito diferente, o sorriso era idêntico ao dela, Sabrina.

—Dili... Esta é a Déb, filha da...do...—Diogo atrapalhou-se nas apresentações.—Déb, esta é sua prima, Dili.

A garota parecia hipnotizada, seus olhos subiam e desciam por mim e sua expressão paralisada não me deixava entender o que sua atitude significava.

—Minha nossa! Você parece uma boneca...Tipo as minhas Monsters High!

—Ai, eu amo as Monsters High!—Chloe empolgou-se.

Arqueei as minhas sobrancelhas e suguei pelo canudo um bom tanto da bebida doce que meu irmão me entregara. Eu estava muito sem graça com a maneira que a garota de olhos puxados, iguais os do pai, encarava-me com fascínio.

—Tudo bom?—falei, sem pensar em nada mais criativo.

—Suas tatuagens são de verdade?—Ela correu os dedos por elas.

—Sim, são de verdade.

— E os seus olhos? Cada um é de uma cor mesmo ou são lentes?

—Não.—Sorri.—Vieram assim de fábrica.

—Você é tão diferente do que eu imaginava, nas fotos de quando você era mais nova, ou melhor, você parece ser tão nova... Sabe, eu pensei que você e minha mãe tivessem a mesma idade— Débora começou a tagarelar.

—Elas têm...Os mesmos trinta e dois anos, assim como eu —Chloe interveio.—Só que a gente engana...Acho que o álcool nos conservou.

—Fica quieta!—Lancei a ela um olhar repreensivo.

—Vai ficar aqui por quanto tempo?— perguntou a filha da Sabrina.

—Ainda não sei...

—Vou ver se acho a minha mãe...Ela fala tanto de você...

—Fala?—murmurei, imaginando qual seria a minha fama.

—Dili...Olha quem está vindo aí.—Diogo cotovelou-me.

Olhei na direção sinalizada por ele e, em meio ao monte de gente, dois homens caminhavam em nosso sentido. Eu não os conhecia.

Diogo engoliu o resto da sua bebida, jogou o copo no cesto do lixo e parou na frente deles.

—E aí Adriano?—Ele estendeu a mão ao primeiro.— Caio...Não vai acreditar em quem está aqui...

Caio? O mesmo Caio de quem falávamos há poucos minutos, pensei, confusa, enquanto por cima dos ombros da Chloe, eu tentava encontrar traços conhecidos no homem calvo que conversava com o meu irmão.

—Dili...?— Ele veio até mim.

Com o rosto mais cheio, um cavanhaque ralo e os cabelos também sem muita fartura, os olhos e o sorriso se fizeram conhecidos. Sim, pouco mais de uma década e meia depois e estávamos frente a frente outra vez.

—Caio...—Sorri sem graça.—Quanto tempo...—Mal terminei a frase e já me amaldiçoava em pensamento por minha falta de originalidade.

—Não para você...Dili! Parece mais jovem do que quando partiu.— Ele colocou as mãos no bolso da calça, depois de abraçar-me rapidamente.

—Que exagero!—Neguei com a cabeça.

Ele ficou um tempo olhando para mim, por certo lembrando-se do nosso namoro, ou melhor, do fim dele.

—Faz o quê? Quinze anos?

—Dezesseis.—Arregalei os olhos.— Eu perguntei há pouco para o Diogo, sobre o Jojo, mas o meu irmão é um cara bem concorrido e me deixou falando sozinha.

—Nossa! Você se lembra dele?— Caio sorriu.

—Claro! Eu o chamava de chicletinho...Ele vivia grudado em nós dois quando...—Respirei fundo, lá estava eu, colocando-me em uma situação constrangedora.

—Pois é...—Ele levou as mãos ao queixo e eu sabia que ele devia estar se lembrando da noite do baile.

—Chloe, vamos ao banheiro?—convidei, com um tom velado de S.O.S.

Ela entendeu, nossa conexão era tão grande que nem precisei insistir.

—Vamos...Eu preciso mesmo fazer xixi.—Puxou-me pela mão e saímos dali como dois raios.— Um já foi...—Ela gritou assim que entramos no banheiro.

— Ele está velho...Nossa, o Caio mudou muito, ele era tão bonitinho...

Minha amiga parou em frente ao espelho, junto de nós, mais meia dúzia de garotas esperavam pela desocupação de uma das cabines.

— Baby...O tempo passou, e ele não é generoso com todo mundo.

—Suas tatuagens são lindas...—Uma garota ruiva aproximou-se de mim.

—Obrigada—respondi pronta para retocar o meu batom.

—Fez aonde?

— Muito longe daqui...Na Flórida.

—Nossa! Eu amo tatuagens, pena que aqui não tem lugar para fazer...

—Quantos anos você tem?

—Dezenove.

—Anota meu número, sou tatuadora, e vou passar um tempo aqui na cidade, podemos marcar.

—Está falando sério?—A garota empolgou-se.

—Gatinha, está falando com a Dilly Sky. Pesquise na internet e vai se surpreender com quem já foi cliente dela —Chloe intrometeu-se.

—Vou te ligar... Eu nem acredito que vou fazer uma tatuagem! — Ela saiu com as amigas e parecia em êxtase.

— Veja só...Mal chegou e já está fazendo clientes...

Aquilo não me surpreendeu, mesmo na Florida minhas tatuagens faziam sucesso, por onde eu passava as pessoas perguntavam quem era o artista ou mesmo me paravam apenas para elogiar, isso porque, lá, “*peessoas rabiscadas*” eram muito comuns, portanto, eu sabia que seria uma atração e quando me vesti com uma roupa curta e decotada, estava preparada para chamar a atenção.

Passeávamos pelo salão onde a banda tocava, quando encontramos minha mãe repondo doces em uma das mesas. Falei rapidamente com ela e acabei me perdendo da Chloe. Queria encontrá-la ou o meu irmão, algo me dizia que uma coisa levaria a outra.

—Dili.—Senti meu braço sendo segurado por alguém.



—Débora!

“*Droga!*”

—Vem, minha mãe está sentada ali perto do palco.—Ela me puxou pela mão e eu não soube como dizer não.

De longe avistei a mesa onde estava a família toda reunida. Meus tios, um outro homem que concluí ser o marido da Sabrina e a própria...Meu pesadelo do passado.

—Gente, olha quem eu encontrei!—Débora gritou, assim que se aproximou da mesa.

Todos viraram os rostos para nós ao mesmo tempo, já eu, não consegui tirar os olhos da Sabrina. Os longos cabelos escuros agora estavam na altura dos ombros, o rosto também se mostrava diferente, o nariz parecia inchado e isso devia ser culpa da gravidez. Quando ela se levantou, a barriga enorme me causou aflição.

—Dili?—Ela parecia incrédula.

—Diana?—Minha tia também se levantou. Senti-me um animal exótico, sendo observada pelas duas.

—Ela não é linda?—indagou Débora.

—Eu achei que fosse invenção dessa menina...Ninguém falou que você estava de volta...—Tia Eliana não disfarçou seu torpor.

—Cheguei hoje, de surpresa. Minha família não sabia que eu viria— respondi, seca.

—Tio, tudo bem?—Desviei meus olhos para ele.

—Tudo bem...—Ele estendeu a mão para me cumprimentar.—Eu não a reconheceria se não dissesse que é você.

—O tempo passou para todos.—Encolhi os meus ombros.

—Você é muito jovem, Dili!—Débora insistiu.

—Ela tem razão, você está mesmo muito bem.—Sabrina voltou a se sentar e ficou a cariciando a barriga.

—Obrigada...Você também...— Eu não sabia o que dizer, porque não achava que ela estava bem...—Está ótima, a barriga é...Grande...—

Senti-me sem ar.—Bom, eu vou procurar minha amiga e... nos vemos. Vou passar um tempo aqui em Arco Dourado.

Cambaleando, saí sem despedir-me direito, aquela fora, sem dúvida, uma situação no mínimo constrangedora e eu precisava imediatamente de uma bebida.

A fila do bar continuava enorme, sem outra opção, enfiei-me no meio dela, aproveitando a distração de dois rapazes que riam de alguma coisa.

—Só vou deixar cortar a minha frente, porque essa tatuagem em suas costas é muito bonita.—Uma voz masculina chegou aos meus ouvidos.

Senti meu rosto queimar e fiz uma careta antes de me virar.

—Culpada! Eu nem vou tentar inventar uma desculpa... Estou louca por uma bebida e essa fila é desanimadora.

Ele sorriu, e as covinhas em suas bochechas me desmontaram. Dono de uma pele clara e lisa, seus grandes olhos castanhos fitaram-me com gentileza.

—É brincadeira... Eu não me importo que fure a fila.—Ele encolheu os ombros.—Quanto às tatuagens, com todo o respeito, são mesmo fantásticas.

Balancei a cabeça, concordando, a fila andou e agora era eu quem estava atrás dele.

—Fique tranquilo...Eu sei diferenciar elogios, de cantadas.

O rapaz sorriu com o canto dos lábios, as sobrancelhas subiram dando a ele um ar de quem sabia demais.

—Seus olhos...São incríveis.

Foi uma cantada.

—Isso é para provar que eu estava errada?

—Se está dizendo...

Apenas sorri.

Fizemos nosso pedido praticamente juntos, o dele chegou antes do meu, mesmo assim o rapaz não se afastou do balcão.

—Viu só...? No fim, foi atendido primeiro — falei, segurando o meu abacaxi alcoólico, abri a minha bolsa e entreguei uma nota de cinquenta ao homem que cuidava do caixa.—Pode cobrar os dois.

—De forma alguma...Eu faço questão.

—De onde eu venho, é perfeitamente normal uma mulher pagar a bebida para um homem. — Tentei argumentar.

O “*senhor covinhas*” abriu a carteira, também pegou uma nota de cinquenta e estendeu ao homem que nos encarava com um ar de confusão.

—Como querem que eu faça? Vejam o tamanho da fila!—Ele balançou uma nota em cada mão.

—Cobre tudo do meu—O jovem indicou, devolvendo o dinheiro dentro da minha bolsa.

Seria machismo ou apenas gentileza? De qualquer maneira ele era mesmo muito bonito, mas muito jovem. Eu arriscaria no máximo vinte anos e foi só por isso que, mesmo sendo o meu tipo preferido de homem, escolhi cortar aquilo que parecia o início de um flerte.

—Obrigada pela bebida e também por me deixar furar a fila—disse, pronta para sair à procura da Chloe.

—Não vai me dizer de onde você veio? Não é daqui, certo?

Olhei para cima e respirei fundo, ele acabava de me deixar confusa.

—Vai soar muito estranho se eu disser que não sei?

—Acho vai, mas seu nome...Ao menos isso consegue responder?

Aproveitei que ele estava parado bem na minha frente e dei uma boa analisada em seu corpo, depois, seu rosto foi o que prendeu a minha atenção. O mais certo seria encerrar o assunto ali mesmo, só que alguma coisa em seu sorriso parecia me dominar.

—Olha, eu preciso encontrar a minha amiga... Se nos cruzarmos de novo, eu te falo.—Pisquei para ele, virando-me no sentido contrário de onde estávamos.

Analisando cada casal que eu via se agarrando pelos cantos do clube, notei quando a filha da Sabrina e do Pedro Paulo caminhava na minha direção. Não que eu tivesse alguma coisa contra a garota, na verdade,

eu até tinha gostado dela, mas, ela acabara, mesmo que sem querer, por me colocar em uma baita saia justa e para mim estava de bom tamanho.

A fim de evitá-la, dei a volta por detrás do palco e, depois de me enroscar na fiação e quase morrer sufocada com um jato de fumaça que veio direto no meu rosto, consegui sair em uma quadra de esportes. A área não tinha sido decorada, o que me fez deduzir, que não era um lugar a ser explorado durante a festa.

Um pequeno grupo de jovens estava sentado em círculo, embaixo da tabela de basquete, reconheci a risada exagerada que veio de um deles. Chloe, e como eu já imaginava, meu irmão, bem ao lado dela.

—Dili!—gritou quando me viu.

Caminhei no sentido deles e quando pisei no gramado que antecedia o chão de cimento da quadra, percebi alguém atrás de mim.

—Você?

—Eu juro que não te segui...Na verdade, os observava dali.—Ele apontou um pequeno barranco ao fundo. — Então a vi, e como me disse que se nos cruzássemos novamente, diria o seu nome, achei melhor aproveitar a oportunidade.

—Vem, Thor! Vem participar da brincadeira. —Uma das garotas sinalizou com a mão.

—Thor?Esse é seu nome?— perguntei, voltando a caminhar.

— Estou mais interessado em qual é o seu— disse ele com um tom mais baixo.

— Chloe... Por que é que o seu batom vermelho está na boca do meu irmão?—sussurrei em seu ouvido, assim que ela se aproximou de mim.

—Estamos brincando de “*passa cartão*”— contou.—Acredita que essa garotada não conhecia a brincadeira?

Revirei os meus olhos depois de encarar o grupinho. Todos com no máximo dezoito anos.

—Você leva mesmo a sério essa coisa de “*forever young*”, não é?—rosnei entre os dentes.—Tem noção de que somos de gerações diferentes? Esses adolescentes nem devem saber quem foram os New kids on the block.

—Gente!—Ela bateu palmas para chamar a atenção.—Gostaram da brincadeira do cartão?

—Muito legal...Vamos começar de novo?— A mesma menina que chamou o Thor, parecia empolgada.

Eles voltaram a formar uma roda, eu fiquei no meio.

—Vai brincar?—O rapaz das covinhas parou do meu lado.

—Você vai?

— Por que não?—Ele voltou a sorrir de um jeito perturbador.

Respirei fundo, não queria ser a chata e, se na minha época aquela brincadeira já era um pretexto para os jovens trocarem beijos, em 2012 eu nem preciso dizer...

Primeiro foram a Chloe e meu irmão, que na verdade, fizeram uma brincadeira à parte, só para eles dois. Em minutos eles se agarravam fora da roda. Seguindo o exemplo deles, outro casal se formou, e mais um, então ficamos apenas duas garotas, o Thor e eu.

Dei um jeito de colocar-me entre as meninas, por algum motivo eu não queria estar ao lado do rapaz, já ele, depois de trocar um selinho com uma delas, tirou a garota loira para fora e sentou-se com o ombro grudado ao meu.

— Encerro por aqui — avisei sem graça, enquanto ele balançava o cartão em uma das mãos.

—Eu também vou parar...Preciso comer alguma coisa...—Foi a vez de outra das meninas desistir.

—Então ficamos nós dois...—Uma bela morena, lançou seu olhar sedutor ao Thor.

Ele se levantou e depois posicionou-se entre nós duas.

— Só uma rodada, garota misteriosa.

—Isso moça... Só uma rodada.—Ela se inclinou na minha direção. —Quem ganhar fica com o bonitão!— disse e seu bafo de álcool quase me embriagou.

Olhei para cima, antes de encontrar o olhar insistente do rapaz. Eu não gostava de me sentir intimidada por um homem, ou pior, por um pirralho que deveria ter uma década a menos do que eu.

Tomei o cartão para mim, coloquei-o na minha boca e inclinei-me na direção dele. Aquilo demorou mais do que o normal, talvez, porque seus olhos *cor de avelã* faziam questão de fixarem-se nos meus, exigindo de mim, mais do que eu podia dar.

No fim, já não era mais a inocente— ou nem tanto —brincadeira do cartão. Em minutos passou a ser um jogo de sedução desleal. Nossos lábios separados apenas por um fino papel, e o desejo de mudar aquilo parecia crescer dentro de mim, só que eu sabia que não era uma adolescente e por isso, não deveria agir como tal.

Enquanto o rapaz das covinhas e o meu corpo cobravam aquele beijo, minha mente me dizia que já era hora de parar.

—Se deixarem esse cartão escapar, vão protagonizar a cena mais esquisita que vou ver na minha vida...— O Diogo se aproximou de nós, e sua voz me fez parar de respirar.

Afastei-me do Thor, e imitando sua expressão de estranheza, encarei o meu irmão.

—Só estamos brincando...— justifiquei, só então reparando que a outra garota já nem estava mais ali.

—Eu sei... Só que seria bem estranho ver você o João se beijando.

—Não entendi...—Thor se levantou, depois estendeu a mão para ajudar-me a ficar em pé também. Lado a lado, nossos dedos se entrelaçaram instintivamente.

— Sei lá...É que os vendo juntos, acabei me lembrando do aniversário da Sabrina, quando a Dili ficou encarregada de ser sua babá.

“ Eu? Babá do Thor?A não ser...”

—Está querendo dizer que...Ele... Ele é...?

—Ele é o João Victor...Sobrinho do Caio—Diogo despejou de uma vez e parecia se divertir com a situação.

—Minha Nossa!—murmurei, percorrendo os meus olhos pelo rapaz que permanecia parado na minha frente.

—Gente, alguém pode me explicar o que está acontecendo, aqui?—Chloe, em muito boa hora resolveu se intrometer.

— Também quero entender...—Thor, ou melhor, o João Victor, parecia alheio a tudo.

—Essa tatuada aí, é a minha irmã, Diana.—Diogo colocou-se entre nós.— Conheceram-se há uns bons anos, quando você era um pirralhinho.

“Deus! Eu carreguei esse garoto no colo!”

—Diana...?—João encarou-me com um sorriso nos lábios e suas covinhas voltaram a aparecer.—Eu não me lembro disso, mas confesso que o nome...

—Nem poderia se lembrar, você tinha três ou quatro anos—comentei, ainda tentando entender como aquele menininho tornara-se um homem tão bonito e interessante.—Quantos anos você tem?

—Dezenove —respondeu ele.

Em menos de dois segundos eu tinha o resultado da conta.

—Exato...Você tinha três anos quando o seu tio e eu...Bom o seu tio e eu meio que...

—Ela, meio que fez o seu tio de bobo...— Diogo afirmou em tom de escárnio.— Ela namorou o Caio, enquanto gostava de outro cara.

—Cala a boca, idiota!— Dei um tapa no braço do meu irmão, que acabava de arrancar risos da Chloe.

—Como isso é possível?—João Victor permanecia pensativo.— Seria muito deselegante eu perguntar a sua idade?

—Seria. Depois dos trinta, isso soa como uma ofensa para nós, mulheres—Chloe respondeu por mim.

—Trinta e dois.— Fingi ignorá-la.—Eu não tenho problemas com isso...

João Victor assoviou.

—Trinta e dois? Impossível!

—Não entendi.—Cruzei meus braços.

— Desculpa, acho que me expressei mal, o que eu quis dizer é que não parece...De verdade.

—Eu concordo. Minha irmã envelheceu bem...—Diogo voltou a abrir a boca com um único intuito: irritar-me.

— Chloe, podemos ir, não acha?

Ela balançou a cabeça negando.

—Imagina...Quero ver o dia amanhecer, neste lugar! Quero dançar até não sentir os meus pés. Eu estou no Brasil e vou aproveitar!

—Quanta animação...—João Victor murmurou para mim, vendo minha amiga e o meu irmão se agarrando no meio da quadra, nitidamente embriagados.

—Como diria a minha mãe: “*juntou a fome com a vontade de comer...*”.—observei, ainda tentando digerir o envolvimento relâmpago daqueles dois.

— Quer dar uma volta pelo clube? Você pode ir me contando sobre o nosso passado...

Voltei minha atenção para ele e as memórias de quando João era um garotinho, arrancaram um sorriso de mim. Aquilo sim parecia impossível.





*Pega  
Pega*



## 4 – PegaPega

Sentamos os dois à beira da piscina, não a que fora decorada para a festa, mas a olímpica, que ficava dentro do ginásio.

—Então, esta é a sua segunda casa?

—Posso dizer que sim. Em temporada de provas, chego a treinar mais de oito horas por dia.— João esticou a perna e apoiou as mãos no chão.

—E por que Thor? Se fosse lutador explicaria, mas triatleta...

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

—Não tem a ver com o super-herói, na verdade, o apelido é por causa do meu nome, Victor...Tor...

—Ah...Agora eu entendi.—Ri também.— No meu tempo o chamavam de Jojo.

—Minha família ainda me chama assim...Jojo, Thor, tanto faz.—Ele voltou a ficar sério. —Como eu posso não me lembrar?

—Faz dezesseis anos...Isso é muito tempo—justifiquei.—O pior, é que desde que coloquei os meus pés aqui na cidade, essa história de tempo vem à tona de várias maneiras...Só que assim, de frente para você, tudo fica mais concreto... Como se a sua mudança fosse uma prova de que eu realmente estive fora por tantos anos.

—E por que só voltou agora? Eu não consigo me imaginar longe da minha casa por tantos anos, sem contar que a minha mãe não deixaria.

Respirei fundo, a pergunta feita por ele ecoou pelo ginásio e também por meus pensamentos.

—Foram tantos os motivos...—Cocei a minha nuca.—Alguns reais, outros inventados por mim e hoje, nem eu mesma sei a resposta—afirmei reticente.

—E essa coisa de ser tatuadora? Como chegou nisso?—Ele mudou de assunto.

—Por amor—respondi sem titubear.—Sempre gostei de desenhar e no fim, a vida me mostrou uma forma de eternizar isso, de tornar a minha arte em algo permanente.

João arqueou as sobrancelhas e dobrou o seu corpo na minha direção.

—Qual foi a primeira que fizeram em você?

Estiquei o meu braço esquerdo e virei o meu pulso para cima.

—Este número treze.—Sinalizei com a cabeça.

João segurou o meu braço com delicadeza, deslizando seu polegar sobre a marca.

—Algum significado especial?

Assenti com a cabeça.

—Na verdade eu achava que era só um número, o dia do meu nascimento, mas depois que o tatuei, parece que se tornou um amuleto e, antes que pense que sou uma dessas malucas cheias de superstições, vou logo adiantando que não. O máximo que faço é dar uma olhada no meu horóscopo.— João riu.—E você? Não tem nenhuma?

—Superstição?—Ele permaneceu segurando o meu braço, seus olhos ainda estavam no mesmo lugar, então, se levantaram até pararem nos meus.

—Tatuagem!

—Não...Mas não tenho nada contra, só que a ideia de que é para sempre, acaba me perturbando, eu preciso estar muito certo pra querer algo que seja eterno. —Sua voz soou rouca.

*“Diana Lima...Este bonitão aí, é aquele garotinho que adorava ir ao Mc Donalds, para ganhar o brinquedinho do Mc lanche feliz...”*

—Por isso existem os lasers...Hoje as tatuagens já podem ser removidas.—Puxei meu braço bruscamente. Era isso ou eu acabaria me deixando envolver pelo clima de sedução que o João Victor vinha criando.

—Parece assustada.—Ele sorriu com o canto dos lábios.

— Na verdade, estou exausta. A viagem, o fuso horário... É melhor eu ir embora. Diferente da Chloe, não vejo a hora de cair na minha cama e desfrutar de uma noite inteira de sono.

—Eu posso te levar, não vejo motivos para continuar nesta festa.

—Deveria ficar, tem um monte de gente da sua idade...Aquela garota, ela parecia bastante interessada em se divertir com você.—Levantei-me, seguida por ele.

João Victor parou bem na minha frente, seu semblante era sério e ele engoliu em seco enquanto me analisava.

—Você vai embora, este baile vai perder a graça.

Fechei meus olhos e crispei os lábios, impedindo meu riso. Ele estava mesmo me cantando de um jeito descarado.

—Eu até vou aceitar a carona, mas precisa prometer que vai parar com isso!—Apontei o dedo para ele, pronta para sair dali.

Ele não respondeu nada, apenas passou o braço por cima dos meus ombros, como se fôssemos velhos conhecidos.

E éramos, de certa forma.



Durante o curto trajeto até minha casa, tagarelamos o tempo todo. Eu contei, muitas das lembranças que tinha dele e João se divertiu. Senti-me muito à vontade em sua companhia, exceto nos momentos que ele me encarava com os olhos estreitos, exibindo um sorriso que marcava suas covinhas.

—Vou te contar uma coisa...— João parou atrás de mim. Eu destrancava o portão para entrar.— Antes da sua mãe montar a loja lá no clube, eu vim diversas vezes buscar encomendas aqui, na sua casa...Minha mãe adora as coisas que a sua faz.

Virei-me para ele e a casa da Sabrina entrou no meu campo de visão. Comecei a rir por conta de uma lembrança sobre a noite da comemoração dos seus dezesseis anos.

—O Caio trouxe você à festa da minha prima. — Apontei com o dedo. —Ali. Nesse dia você me pediu em namoro...Seu tio deve se lembrar disso...

João ficou sério, enquanto eu ainda me divertia com aquela memória. Com as mãos dentro dos bolsos da calça clara, ele deu dois passos à frente, ato que nos deixou muito próximos.

—E você aceitou?—indagou ele.

—Na verdade, eu me lembro de dizer que só daria certo se eu me congelasse.

—Interessante...—Ele encurtou ainda mais nossa distância e inclinou o corpo na minha direção. Com uns bons centímetros a mais do que eu e um físico bem trabalhado, ele me intimidou quando seu rosto quase encostou no meu.

— João Victor...Não sabe aonde está pisando...—murmurei, tentando disfarçar meu desossiego.

Ele estreitou os olhos e seus lábios foram até o meu ouvido.

—Sou exímio atleta...Sempre sei aonde colocar os meus pés.

Levantei o meu dedo e toquei seus lábios que estavam em brasa.

—Não, quando se trata de mim—disse em tom de aviso.—Deve ter bebido demais, só isso explica o que está tentando fazer.

João voltou o seu rosto, roçando a pele lisa pela minha, a respiração curta denunciava seu nervosismo, o que era bom, afinal, não me parecia justo que apenas eu tivesse sido levada para aquele lugar.

—Um drink sem álcool, foi só o que tomei, portanto, sei exatamente o que quero fazer, aliás, estou me segurando há horas.

—Jojo...Acho que é melhor ir.—Sorri, temendo não me conter. Por mais que eu tentasse negar, o garotão tinha mexido comigo e se não fosse pelo fato dele ser o sobrinho do Caio, era certo que eu estaria me agarrando com ele.

— Eu até posso ir, mas primeiro queria experimentar uma coisa.

*“Experimentar? Quer ver como é beijar uma mulher de verdade?”*

Antes de deixar-me levar por meus impulsos, girei sobre meus calcanhares e puxei o portão.

—João, foi um prazer revê-lo...—afirmei ainda de costas.

Ele segurou o meu braço e eu sorri ao virar-me para ele.

—Dili, não vamos terminar a noite assim, não é?

—Claro que não.— Coloquei-me na ponta dos pés e me inclinei em sua direção. — Tenha uma boa noite—murmurei, antes de beijar sua bochecha.

João Victor encarou-me com um sorriso maroto e não tentou impedir que eu entrasse. Assim que fechei o portão, congratulei a mim mesma por tanta força; corri até o meu quarto e parei bem em frente ao baú do passado.

Sentada no chão, comecei a tirar tudo de dentro dele. Minhas pastas de papel de carta, fitas K7. Será que ainda tocam?, pensei, e o álbum de fotografias, exatamente o que eu procurava.

Com a capa escura meio fosca e as páginas plásticas pegajosas, cada vez que eu virava uma delas, fragmentos da minha história se faziam vívidos.

Imagens de quando o Diogo e eu éramos bebês, depois crianças, fotos da minha primeira comunhão, das festas juninas do colégio, de alguns aniversários e então, justamente o que mais me interessava, as imagens capturadas na festa de dezesseis anos da Sabrina.

Não foram muitas as que peguei para mim, me lembro que foi o Diogo quem as tirou com sua câmera. No entanto, a mais importante delas estava ali, perfeitamente intacta. Eu, sentada ao lado do Pedro Paulo, com o João Victor em meu colo.

Descolei a bendita da fotografia e segurando-a, foquei a minha atenção nele, apenas nele. Os mesmos olhos grandes e as malditas covinhas já existiam. Olhando-nos daquela maneira, eu uma moça e ele, meio metro de gente, tive a dimensão do quando eu poderia me encrencar caso não tivesse cuidado.



Permaneci sentada na frente daquele baú, onde o passado estava literalmente ao alcance das minhas mãos. Ouvi quando os meus pais chegaram, e isso foi perto das duas da madrugada, em seguida foi a vez da Chloe e do Diogo. Aos sussurros, os dois passaram pelo corredor e não foi no meu quarto que ela entrou.

Continuei com a minha sessão nostalgia, esperando ansiosamente que minha amiga não demorasse, eu precisava ter alguém para ouvir minhas lamurias, além de dividir todas as memórias que foram reativadas.

Meu caderno de traduções, meu bichinho virtual, algumas poucas revistas Capricho—que eram compradas com muito sacrifício— e dois dos meus livros preferidos da série vagalume: Mariana e Garra de Campeão.

Coloquei-os sobre o meu colo, admirando as capas e sorrindo por lembrar-me de como eles me fizeram companhia. Ainda, no fundo, dentro de um saquinho plástico, a camiseta de uniforme da escola.

Desdobrei a peça que tinha um tom de cinza ainda mais horroroso do que eu me lembrava, mas não foi a cor dela, nem o logotipo do colégio São Cristovam, que para mim era de muito mau- gosto, o que chamou a minha atenção, na verdade, as assinaturas coloridas foram o que arrancaram lágrimas minhas.

—Por que diabos a gente quer crescer?—murmurei a mim mesma, passando o dedo sobre os rabiscos.

Continuava me deliciando com boas doses de emoção, quando um estalo no corredor anunciou que Chloe, cerca de uma hora depois de ter chegado, estava a caminho do meu quarto.

—Boa noite...Ou seria bom dia?

Ela, que caminhava na ponta dos pés e segurava os sapatos nas mãos, empalideceu diante do flagrante. Seus olhos verdes arregalaram-se de tal forma, que cheguei a imaginá-los rolando pelo chão.

—Dili!?!— Ela levou as mãos ao peito deixando os sapatos caírem.  
— O que está fazendo acordada a esta hora?

—Transou com o meu irmão?!—perguntei, direta, voltando ao que fazia antes dela entrar.

Chloe encostou a porta e sentou-se no chão, de frente para mim.

—Sabe que sou péssima com mentiras...No mais, eu estava numa seca...Você sabe há quanto tempo eu não

—Menos Chloe!—Levantei minha mão a fim de interrompê-la.— Era só o que me faltava! Saber detalhes da sua vida sexual com o Diogo!— Gesticulei fingindo estar com náuseas.

—Então não está brava comigo?

Puxei o ar e depois soltei um suspiro sonoro.

—Eu já disse, o problema é só de vocês...Agora, vamos ao que interessa, veja isto. —Estendi a fotografia em que aparecíamos o João Victor e eu.

—Dili! Que linda, você novinha...Eu me lembro dessa roupa sua...  
—Chloe mantinha um sorriso bobo nos lábios.

Revirei os meus olhos.

—Claro que se lembra, foi você que acabou com ela...Manchou meu conjunto com sei lá o quê, na primeira vez que emprestei pra você.

—Faz tanto tempo...— Ela fez um beicinho e deixou as sobrancelhas caírem.

—Chloe, não é sobre mim, nem sobre a roupa. Veja o garotinho no meu colo.—Encolhi as minhas pernas e aponte para a fotografia em suas mãos.

—Uma gracinha! Que carinha de sapeca...Quem é?



—Essa coisinha fofa, é aquele bonitão com quem eu estava no clube...O Tor...O sobrinho do Caio.

Chloe olhou para mim e depois para a foto e ficou repetindo isso até que eu arranquei o papel das suas mãos.

—O garoto comeu fermento ou o quê?

—Não comeu fermento nenhum, o fato foi que o tempo passou...Isso foi há dezesseis anos.—Voltei a suspirar.

—Bom para ele, sempre foi bonito e o tempo só o fez melhorar... Ele é bem do jeitinho que você gosta, não é mesmo?

Mordi os meus lábios e fiz uma careta.

—Ele é lindo, tem um sorriso encantador, a voz é grave e gentil ao mesmo tempo, os olhos castanhos são expressivos e ele ficou me cantando por toda a noite. João me deu uma carona e adivinha o que aconteceu?

—Não!—Ela abriu a boca.—Vocês...?

—Quase nos beijamos—adiantei-me.—Só não aconteceu porque eu resisti arduamente. O pior, é depois de saber quem eu era, parece que seu interesse cresceu.

— Eu não entendi.—Ela fez juntou as sobrancelhas.—Acabou de descrevê-lo como perfeito.

— E ele é mesmo— concordei, lembrando todas as suas qualidades.—Só que o João tem dezenove anos... De.Ze.No.Ve.

—Grande coisa, você já ficou com outros caras até mais novos.

Assenti com a cabeça.

—Já. Só que nenhum deles esteve em meu colo quando tinha três anos. Chloe! Eu ajudei esse garoto a colorir desenhos, eu fui praticamente babá dele!—Fiquei em pé.—Sem contar que ele é sobrinho do Caio, e isso, por si só, já é bem estranho.

—Namoraram há séculos. Eram crianças...

—Que seja...De qualquer forma já passou. Acho que ele só queria uma curtição e quando cair a ficha, esse rapaz vai fugir de mim.

Minha amiga também se levantou e soltou uma gargalhada alta.

—Ou não—decretou, cheia de malícia.



Acordei um pouco perdida e demorei alguns instantes até entender que estava na minha casa, em Arco Dourado. Ouvi barulhos vindos da cozinha e cambaleando fui até lá.

Permaneci parada na porta, observando ela, de costas para mim. Cantarolando uma música do Roberto Carlos, mamãe colocava a mesa do café da manhã.

Ela tinha mudado tão pouco, os cabelos continuavam escuros, só que agora eram tingidos. Enquanto a olhava, lembranças do meu passado e de quando eu sonhava ter uma vida melhor, cintilaram em meus pensamentos. Emocionei-me, por que, de certa forma, eu cumprira a minha promessa, só que isso tinha me custado dezesseis anos longe daqueles que eu mais amava na vida.

—Diana! Que susto!—minha mãe sibilou, quando eu abracei-a pelas costas.

—Estou querendo matar a saudade...—choraminguei como uma garotinha.

Ela me encarou e sorriu.

—Veja o que eu fiz—ela apontou para a mesa.— Mingau de chocolate e trouxe algumas fatias de bolos variados.

—Minha nossa! Desse jeito eu vou virar uma bola, mãe... —reclamei, sem me decidir por onde começar.

—Seu pai já deve estar me esperando lá fora, ele foi abastecer o carro.

—Para onde estão indo?—perguntei, depois de engolir um pouco do mingau quente.

—Para a Primeiro Pedaco...Hoje e amanhã são os dias de maior movimento.

—Mas a senhora chegou de madrugada!— reclamei.— Precisa descansar.

Ela balançou a cabeça e se curvou para beijar o meu rosto.

—Se imaginasse como eu amo ficar naquela loja... Nem encaro isso como trabalho, e tem mais, eu descanso no começo da semana.

—A senhora é quem sabe...Eu só acho que

—Não se preocupe Diana—ela me interrompeu, já desamarrando o avental da cintura.

—Disse que tem uma academia no clube, não é ?

—Tem e é daquelas bem equipadas.

—Acho que vou pegar uma carona então... Depois de tudo o que comi agora, treinar um pouco vai me fazer bem.—Levantei-me e corri até meu quarto para trocar as roupas.

Chloe dormia feito uma pedra, e também pudera. Rabisquei um bilhete e deixei sobre o criado mudo.

—Não acha estranho deixarmos sua amiga e seu irmão sozinhos nesta casa?

*“Tarde demais, mãe...A vaca já foi pro brejo!”*

—A Chloe sabe se defender...— resmunguei tentando engolir a minha risada.

—Eu não estou falando isso, afinal, seu irmão é um homem de respeito, mas penso se ela não vai se sentir mal.

Enlacei meu braço no seu e puxei-a para a garagem.

—Fique tranquila, eu conheço a amiga que eu tenho, e, digamos que os dois estão se dando bem.



Durante o caminho, conversamos sobre o baile e meus pais ficaram insistindo no Caio. Mamãe disse que tinha o visto e que ele comentou que havíamos nos encontrado.

— Falei com ele por dois segundos... Ele está, sei lá... Velho...

Enquanto manobrava o carro para colocá-lo em uma vaga, meu pai me olhou pelo retrovisor.

— Por acaso nos Estados Unidos as pessoas rejuvenescem com o passar dos anos? Sim, porque aqui, é natural ficarmos velhos com o tempo...

Mamãe riu e eu apenas fiz uma careta.

Aacademia de fato dispunha de bons aparelhos, mesmo assim, eu estava de olho apenas na esteira. Adorava correr, aproveitei que todas elas estavam vazias e tomei o meu lugar.

Coloquei meus fones de ouvido e comecei caminhando, alguns minutos depois um casal também ocupou dois dos aparelhos do meu lado.

Cumprimentei-os, apenas gesticulando com a cabeça e de novo tive meus pensamentos monopolizados por ele. Estando naquele clube, por mais que eu tentasse evitar, não tinha como deixar de pensar no João Victor e sua tenacidade. Aquele sorriso com covinhas era tentador e por alguns instantes me peguei viajando, imaginando a tragédia que seria, se tivéssemos nos envolvido mais a fundo, antes de sabermos quem éramos.

Aumentei a velocidade da esteira, eu precisava me livrar daquelas ideias. Corri por cerca de quarenta minutos e quando minhas pernas queimaram ao ponto de eu não aguentar, tive de parar.

Ofegante, caminhei até o bebedouro, tomei quase meio litro d'água e me sentei em um dos bancos a fim de recuperar meu folego.

—Bom desempenho, você é uma graça correndo.

Estava com a toalha em meu rosto, o suor fazia meus olhos queimarem, terminei de limpá-los antes de olhar para o dono da cantada.

—João...—limitei-me em dizer.

Encontrei-o parado na minha frente, os braços cruzados contra o peito e a camiseta cavada deixava seus músculos desenhados, tentadoramente à mostra.

Ele lançou-me um sorriso torto e sentou-se do meu lado, muito perto de mim.

*“Não se deixe intimidar!”*

—Você é boa... Eu não sabia que corria...

Balancei a cabeça em negativa e depois fixei meus olhos nos seus.

— Qualquer pessoa pode subir numa esteira e correr, portanto, não fique me elogiando como se eu tivesse descoberto o fogo.

—Dili...Você não é fácil—ele murmurou.—Ontem, disse que sabia distinguir cantadas de elogios, mas isso não parece ser verdade.

Girei o meu corpo em sua direção e lá estava ele, me encarando como se quisesse me devorar.

—Se pudesse ver o seu rosto... Parece aqueles cães que ficam parados na frente de máquinas de frango assado, então, ou você está me cantando ou é um canibal planejando como vai me preparar para o seu almoço.

João arregalou os olhos e colocou uma das mãos sobre a boca, enquanto movia a cabeça de um lado para o outro.

—Diante dessa sua analogia, eu prefiro admitir que sim, eu estou tentando me decidir se assada ou cozida...

—Idiota!—resmunguei, achando graça.

—Agora é sério... O que acha de correr comigo na pista aonde eu treino?

—Minhas penas doem, eu não consigo correr mais.

—E nadar? A piscina olímpica está vazia...—Ele piscou para mim.

—Não. Não trouxe roupas de banho.

João jogou a cabeça para trás.

—Pedalar...?E antes que argumente não ter uma bicicleta, eu vou logo adiantando, temos várias aqui no clube.

Ele era um rapaz impossível, e sua perspicácia se fazia cada vez mais perigosa. Os olhos amendoados e sedutores pareciam exercer um poder dominante sobre mim.

—Uma caminhada pelo clube...Vinte minutos e então eu vou embora, quero curtir a minha casa.

Ele estreitou os olhos e lançou-me um sorriso escancarado, colocou-se de pé e me puxou.



—É estranho pensar que tudo isto aqui era apenas um terreno baldio, um lugar onde os moradores de bairros vizinhos vinham desovar seus entulhos—discursei quando terminávamos o tour pelo clube.

—Engraçado, eu não me lembro, quando comecei a andar sozinho por aqui, o clube estava quase pronto.

Passava do meio dia e sol escaldante queimava a minha pele, paramos sob uma árvore de copa falha e que produzia pouca sombra, mesmo assim, a temperatura ali parecia mais agradável.

— Faz muito mais de vinte minutos desde que começamos nossa caminhada, não é?—perguntei, ciente de que sim. João era o tipo de rapaz que levava uma conversa para onde quisesse e sua maturidade mental me fez esquecer por diversas vezes que éramos de décadas diferentes.

—O que acha de almoçarmos juntos? Tem um lugar aqui no clube, a Primeiro Pedaco, eles servem umas panquecas incríveis...

—Claro, nós dois almoçando na doçaria da minha mãe...Isso me parece uma ideia perfeita! —desdenhei.

João permaneceu sério e manteve seus olhos sobre mim, como se tentasse desvendar um segredo que nem mesma eu sabia que guardava.

—Usa sempre essa armadura ou isso é só comigo?

—Armadura? Sobre o que está falando?

João Victor se aproximou de mim, esticou o braço e pressionou meu ombro com a ponta dos dedos. Seu toque fez meu corpo estremecer e quando com as costas da mão ele acariciou meu pescoço e rosto, foi como se o mundo tivesse parado de girar.

—Viu só?—Dei um passo para trás.—Você não consegue ficar comigo sem tentar me seduzir.

—É o mesmo que você tem feito desde ontem...Tudo em você me atrai e eu não consigo evitar.—Ele encolheu os ombros como um garotinho travesso.

*“Ah... João...Não imagina como a recíproca é verdadeira!”*

—Eu vou para casa, tenho malas para serem desfeitas e só de pensar já fico com preguiça— desconversei ao mesmo tempo em que voltava a caminhar.

— Podemos jantar juntos hoje? Conheço lugares incríveis.—Ele correu até ficar do meu lado outra vez.

—Posso imaginar...Mc Dolnalds, Pizza Hut...Verdadeiros ícones culinários para pessoas da sua idade —provoquei com sarcasmo.

Ele parou na minha frente, no rosto, toda a sua irritação foi denunciada.

—Por que faz isso? Por que é tão legal na maior parte do tempo e depois estraga tudo com frases bobas e preconceituosas?

—Eu? Preconceituosa?—Surpreendi-me com a acusação.

— Dili, a impressão que eu tenho é de que você tem um alarme programado, algo que muda a sua frequência quando tudo vai bem.

—Me desculpe, Jojo. Essa sou eu e você não é obrigado a gostar.—Encarei-o, coloquei os meus fones de ouvido e acelerei os meus passos.

Dessa vez ele não me seguiu, deixou que eu fosse embora sozinha e em casa, ainda amargando o desfecho desastroso do meu encontro com João Victor, encontrei Chloe e Diogo sentados no sofá da sala. Ambos exibiam tons avermelhados em torno dos lábios e assim que me viram cruzando a porta, fingiram discutir sobre o filme que passava na tevê.

—Não precisam disfarçar... Eu só tenho cara de idiota!—reclamei, indo direito para o meu quarto.

—Boa tarde pra você também, Dili!—Diogo gritou, e Chloe veio atrás de mim.

—O que aconteceu? Que mico te mordeu?

Fechei os olhos e respirei fundo.

—Chloe, é que bicho te mordeu, e não que mico...Entendeu?

Ela balançou as mãos sem se importar em aprender direito as nossas expressões.

—*Whatever!*—Ela sentou-se na cama.—Agora me conta a razão desse mau-humor.

—É aquele garoto, Chloe! Aquele pirralho consegue mesmo me tirar do sério.

Ela deixou escapar um sorriso malicioso.

—Estava com ele?

—Nos encontramos por acaso, eu fui ao clube para me exercitar um pouco e ele apareceu.

—E...?—Ela arregalou os olhos com curiosidade.

—E... Nada! Conversamos, ele não perdeu a oportunidade de ficar me cantando e depois me chamou de preconceituosa.

Chloe juntou as sobrancelhas em um sinal claro de confusão.

—O que foi que você fez?

—Nada. Só o coloquei em seu devido lugar.

—Quando diz que o colocou em seu devido lugar...?



—Quero dizer que eu tenho trinta e dois anos e ele dezenove. Simples assim!

Chloe negou com a cabeça e eu me sentei no chão depois de puxar uma das malas para perto de mim. Ela ficou em silêncio, apenas me observando tirar minhas coisas de lá.

—Dili, telefone para você!—Diogo avisou através da porta.

Chloe e eu nos entreolhamos.

—Quem está ligando para mim? — Abri a porta. Meu irmão segurava o telefone sem fio e sua cabeça insistia em mover-se por cima dos meus ombros.

Dei um passo para o lado, tomei o telefone para mim e sorri com sarcasmo.

—Chloe, acene para o meu irmão...Ele está aqui na porta como um cachorrinho perdido...—provoquei-o. —Tem mesmo alguém na linha ou é apenas uma desculpa?

—Idiota!— ele rosnou e com um sorriso bobo estampando seu rosto, ele e minha amiga trocaram olhares.—É sério, tem uma garota querendo falar com você.

—Garota?—Fiz uma careta.—Alô...—Segurei o telefone entre a cabeça e meus ombros e segui para a cozinha, quis deixar os dois pombinhos a sós.

Era a ruiva que conheci no banheiro do clube, Thais. Como sugerido pela Chloe, ela contou-me que pesquisou sobre mim e estava aficionada, queria que eu a tatuasse o quanto antes. Combinei de nos encontrarmos em minha casa na segunda-feira.



Outra vez em meu quarto e jogada sobre a cama, deixei que meus pensamentos seguissem para onde quisessem, sem barreiras. Para minha não surpresa, foi João quem monopolizou cada um dos meus neurônios.

Fazia pouco mais de 24 horas desde a minha chegada a Arco Dourado e o dono do sorriso mais cativante já conhecido por mim, conseguira acabar com a minha paz. O pior era que eu sabia, ele cheirava a problema, e eu, adorava uma encrenca.

— O Diogo e eu vamos ao supermercado. Quer alguma coisa de lá?  
—Chloe apareceu na minha frente, trazendo-me de volta dos meus devaneios.

—Você e meu irmão? Fazendo compras juntos?

—Sim... Nós...

Ergui as minhas mãos em sinal de protesto.

—Tudo bem...Vejo que fiquei mesmo de escanteio...

Minha amiga empalideceu.

—Vem com a gente—pediu, enquanto suas pálpebras se moviam freneticamente.

— Estou brincando...Eu vou mesmo é tentar desfazer as minhas malas.

Chloe me abraçou e eu fui direto para o chão, ainda sem acreditar que os dois estavam já estavam naquele grau de intimidade. De qualquer maneira, eu tinha outras preocupações que não a vida amorosa deles, se fosse mesmo tatuar a Thais, precisava organizar minhas máquinas e tintas.

Abri uma grande mala pink e senti a aproximação e alguém.

—Débora!—Levei as mãos ao peito.—Como entrou aqui?— indaguei à garota que me encarava com os olhos estreitos.

—Desculpa te assustar, mas o Di me deixou entrar.— Ela se sentou na minha poltrona sem cerimônias

—Tudo bem, eu só estava distraída.— Sorri sem graça. —Precisa de alguma coisa?

—Não, eu só vim falar um oi.—Ela também sorriu, e minha nossa, como era parecida com o Pepa.

—Eu vou sair daqui a pouco— menti, sentindo-me constrangida por estarmos sozinhas.

—Ah...Tudo bem...—A voz mostrou seu desapontamento e isso me causou remorso.

—Vou desfazer umas malas, se quiser me ajudar...

Ela se sentou do meu lado, muito animada e então, por mais de uma hora a Débora e eu conversamos sobre moda, filmes, sapatos e maquiagem. Em certo momento, cheguei a me sentir a bruxa má da branca de neve, por ter, de alguma forma, transferido a mágoa que eu tinha de seus pais, para ela.

—Que número você calça?— perguntei ao vê-la hipnotizada pelos meus calçados.

—Depende do modelo, mas normalmente trinta e cinco.

—O mesmo que eu, só que lá fora, nosso pé é 6,5 e se o modelo for europeu, 37,5.

—Que legal! Eu nunca vi tantos sapatos...Claro, já vi em lojas...

—É...Eu tenho mesmo uma espécie de obsessão—confessei, pensando em anos atrás, quando a quantia dos pares no meu guarda-roupa, dava para ser contado nos dedos de uma só mão (e ainda sobravam dedos).  
—De qual você gostou mais?

Débora correu os olhos por todos e depois ficou séria.

— Não tenho como me decidir...Eles são incríveis, mas aquele roxo...—ela apontou para um modelo Charlotte Olympia que eu comprara não fazia muito tempo.

—Ele é seu.—Entreguei-os em suas mãos.

—Mentira!—Ela ficou boquiaberta.—Está falando sério?

—Sim...Como você mesma disse, tenho tantos que... Bem, vai me deixar feliz se aceitar.

Ela fixou os olhos nos sapatos, como se visse algo extraordinário.

—Claro que aceito! Dili...Muito, muito obrigada mesmo!—Ela me abraçou.

—Vamos! Calce-os e veja se servem.

Nem bem terminei de falar e garota desfilava pelo meu quarto, sobre um salto de doze centímetros, como se eles sempre tivessem a pertencido.

—Pareço até mais velha!—disse, parada de frente para o meu espelho.

—Se isso for pelos sapatos, fiz bem em dá-los a você, afinal, tudo o que eu não quero é que alguma coisa aumente a minha idade.

—Pois eu, bem que queria ser...Sei lá, ter ao menos um três anos a mais. —Ela suspirou.

—Espere até passar dos trinta...—Ri da divergência.— Vai ser quando se arrependerá de ter dito isso.

—É...Só que os rapazes mais velhos...Eles enxergam as garotas da minha idade como crianças...

—Ah...Então esta é a razão?—Empurrei o seu ombro.—Trata-se de rapazes, ou melhor, pelo que notei, de um rapaz em específico...

Ela ruborizou e eu achei uma graça.

—Tem sim, um rapaz, só que ele é mais velho e nem olha para mim...

—Quantos anos você tem?

—Quase quinze—respondeu-me com orgulho.

Sorri, lembrando-me rapidamente de quando eu tinha a mesma idade...Eram tantos sonhos, mas garotos não estavam em primeiro plano.

—Vai por mim, não tente acelerar nada, muito menos pular etapas, a própria vida se encarrega de fazer o tempo passar depressa, depois, tudo o que resta é a vontade de voltar ao passado.

—Você é muito legal...—Débora afirmou.—Muito diferente do que sempre ouvi dizerem.

Não respondi nada, eu já imaginava que a Sabrina e toda a sua família deviam me pintar como a pior das pessoas, ao mesmo tempo, decepcionei-me por pensar que o Pepa não dizia nada a meu favor.

—Pretendo fazer uma visita à sua avó...Eu adoro a dona Sonia.—Arrumei uma maneira de entrar no assunto.

—Ela é mesmo muito legal, mas agora vou indo, hoje é dia de ir à casa do meu pai, daqui a pouco ele vem me buscar.

—Vem?

—É... Vamos ao shopping.—Ela já estava na porta.

—Tudo bem, então, nos vemos.

Ela correu de volta e me abraçou com força, sua atitude quase me levou às lágrimas. Débora era o resultado da mistura de duas pessoas muito influentes na minha vida, praticamente a personificação de bem e mal.

Eu não costumava ficar pensando nele, mas confesso que era inevitável, ainda mais estando junto da sua filha. Depois que a garota saiu, eu corri até a garagem e tentei, pela fresta do portão, espiar o momento em que o Pepa chegaria. Seria apenas curiosidade? Vontade de saber como ele ficara? Eu não tinha as respostas, e, para piorar tudo, quando vi um carro escuro parar do outro lado da rua, meu estômago revirou. Temendo alguma outra reação adversa, voltei rapidamente ao meu quarto.

—Isso não é nada bom...—resmunguei a mim mesma. Eu odiava me acovardar diante de alguma coisa, e tinha que ser o Pedro Paulo para fazer-me sentir dessa maneira.



*Jogo da  
Velha*



## 5 – Jogoda velha

Chloe e Diogo voltaram no início da noite, agindo como dois adolescentes apaixonados. Entre sorrisos bobos e trocas de olhares constantes, me convidaram para um jantar que sabia, só fora convidada por educação.

—Olhem para mim! — Gesticulei.— Vejam se eu tenho cara de castiçal—reclamei, externando todo o meu mau-humor. —E você Chloe, que bela amiga... Me trocou por meu irmão na primeira oportunidade.

— Dili, chega de drama! Você pode muito bem trocar essas roupas e vir conosco—Diogo interveio.—O restaurante japonês fica a poucos quarteirões daqui, não vamos demorar.

Mantive-me em pé, encostada na porta que dava acesso à garagem e encarei os dois que permaneciam de mãos dadas.

—Eu tenho planos para esta noite...Vou me deitar na linha do trem e esperar pelo meu fim...

Diego e Chloe foram às gargalhadas.

—Aquela linha do trem foi desativada há anos, agora vai logo, tem dez minutos pra se aprontar.

Neguei com a cabeça e acabei rindo também.

—Espero que saibam que tudo não passa de uma brincadeira, embora eu esteja estranhando vê-los assim, inseparáveis como Jack e Rose, fico feliz por vocês, talvez essa tenha sido minha missão na Terra, juntar vocês dois— disse em tom de sarcasmo.

Diogo fez uma careta.

—Jura que vai ficar bem? Hoje nossos pais voltam tarde.

—Vou ficar bem, logo eu vou dormir. Sinto o meu corpo cansado, esquisito, sei lá...—avisei, empurrando os dois para o portão.

Chloe colocou a cabeça para fora do carro e me disse um obrigada apenas mexendo os lábios. Depois que eles partiram, ainda permaneci por mais de quinze minutos observando a rua e tendo a minha mente inundada por lembranças do passado. As crianças correndo, pulando corda e aquelas calçadas rabiscadas com os desenhos da amarelinha.

Foram bons tempos e eu tinha guardado aquelas recordações em um lugar especial. Nostálgica, voltei para o quarto. Meu quarto. Eu precisava me acostumar com isso. Deitada no chão e com os olhos fixos no teto, eu me sentia como se estivesse em um hotel.

Nada daquilo parecia ser meu, era como estar dentro da mesma história, mas com um cenário diferente. Seria loucura desejar o pequeno guarda-roupa e a minha cama de solteiro?

—Diana...Você deveria saber que isso aconteceria...—resmunguei a mim mesma, tentando me convencer de que aquela confusão estava dentro do contexto.

Morta de fome e sentindo meu corpo em chamas por conta do calor que fazia naquela noite, vesti meu pijama mais leve, rezando para encontrar um macarrão instantâneo na cozinha. Eu cozinhava bem, mas a preguiça parecia ser o pecado capital que me regia.

*“Poderia ter aceitado o convite do Senhor Covinhas! Pizza Hut é bem melhor que Miojo!”*

Tinha aberto a primeira porta do armário quando o som da campainha me assustou. Seria a Débora outra vez?

Puxei o ar e deixei os meus ombros caírem, ela era de fato uma garota legal, mas a minha cota de gentileza do dia havia se esgotado.

Com as chaves nas mãos eu já ensaiava um discurso para dispensá-la. Tudo o que eu desejava para aquela noite de sábado, era encher a minha barriga com porcarias e assistir tevê até adormecer.

—Isso só pode ser brincadeira!—resmunguei, ao destrancar o portão e dar de cara com ele.

—Boa noite para você também...—João disse com sarcasmo enquanto seus olhos passeavam pelas minhas pernas nuas.



—Posso saber o que você está fazendo aqui?—Cruzei os braços, sentia-me constrangida. Embora o meu short de malha fosse muito curto, a maneira como João encarava a mim, fazia-me sentir como se estivesse nua.

—Trouxe comida.—Ele ergueu duas sacolas nas mãos.

—Eu não lembro de ter ligado para nenhum restaurante.

Ele ensaiou um sorriso, baixou a cabeça e logo voltou a fixar seus olhos nos meus.

—Não pediu, mas eu sei que ainda não jantou. Encontrei seu irmão e ele me disse que você estava sozinha, com fome e entediada...

*“Ah...Diogo... Você me paga!”*

— Meu irmão é um linguarudo intrometido... Ele nem sabe, mas eu tenho um compromisso...Vou sair daqui a pouco—menti.

—Vai à uma festa do pijama, eu imagino.—João apontou para mim.

—Não é da sua conta.

—Comida japonesa.Sua amiga disse que você adora.

Adoro mesmo, pensei, concordando com o meu estômago que roncou alto.

—Tudo bem, eu não vou fazer desfeita.—Estiquei os braços esperando que ele me entregasse as embalagens.

—Tem comida para dois.

—E você acha que eu vou te convidar para entrar?

Ele apenas assentiu com a cabeça.



— Pelo jeito, alguém aqui tem de me agradecer.—João colocou o braço sobre a mesa de centro e apoiou a cabeça nele, mantendo seu rosto direto no meu.—Você estava mesmo com fome.

—Está enganado.— Tomei um gole de saquê e me inclinei em na sua direção.—Quem tem que me agradecer é você, por eu não o ter feito dar meia volta com toda esta comida.

— Por que tem tanto medo?—A pergunta foi feita de maneira séria.

—Eu? Com medo?— desdenhei.

João esticou o braço sobre a mesa e alcançou uma das minhas mãos que repousava ao lado do meu prato. Meu primeiro ímpeto foi de reagir contra aquele contato, no entanto, eu sabia que estaria dando combustível para suas teorias.

— Pensei em você o dia todo— ele confessou. Seus dedos subiam e desciam pela palma da minha mão.

—João...Está vendo porque eu tenho que fugir de você?

—Ah! Então confessa que foge de mim?

Suspirei.

—Claro que sim— sorri. — Desde que nos conhecemos você vem me cercando, me colocando na posição de caça; sinto-me como aqueles veadinhos no meio da floresta...

— Não.—Ele ergueu o dedo.— Desde que nos reencontramos, eu venho tentando fazer algo que eu quero e que você também quer— João decretou depois de rir.

Puxei a minha mão e me levantei.

— Agora sabe o que eu quero? Achei que fosse atleta e não vidente.

Ele também se levantou e nós ficamos muito perto um do outro.

—Não preciso ser vidente. Basta olhar para você, observar como reage aos meus toques e o principal, ontem, no clube, teria acontecido se não tivesse descoberto quem eu sou.

—Talvez.—Engoli em seco.—Você é um rapaz bonito, tem um bom papo... E de fato, descobrir que você é o Jojo, aquele garotinho que adorava brincar com meus lápis de cor... Isso foi... —Fechei os olhos.—Nada vai acontecer entre nós.

*“Infelizmente...”*

—Não vai conseguir lutar contra essa atração.—Ele encurtou ainda mais a distância entre nós, seus braços envolveram a minha cintura e eu senti as minhas pernas enfraquecerem.

—Não vai acontecer—afirmei sem nenhuma convicção. Meu corpo estava em chamas, minha pele arrepiada, e ele sabia mesmo quais os seus efeitos sobre mim.

—Dili...Eu não vou desistir—ameaçou em meus ouvidos.—Eu posso ir para casa agora, mas nós vamos continuar nos vendo, então, é só questão de tempo.

*“Ele é o sobrinho do Caio! Treze anos mais jovem que você! Já carregou esse garoto!”*

Reunindo todas as forças que eu nem sabia que tinha, coloquei minhas mãos contra o seu peito e o afastei com delicadeza.

—Obrigada pelo jantar...—agradei enquanto me afastava.

João fechou os olhos, sorriu e deu as costas para mim, então, partiu (graças a Deus) sem insistir.



—Bom dia!—Chloe despertou-me com um beijo no rosto.

Pisquei algumas vezes até eu me encontrar. Meu quarto em Arco Dourado, o João Victor e aquela que deveria ser minha amiga.

—Vá se ferrar Chloe!— sibilei, com a voz rouca.

Ela se jogou sobre minha cama.

—Ah...Não me diga que você e o garotão continuam no zero a zero...

—Você é uma filha da...Não, sua mãe não tem nada a ver com isso...Você é uma grande vadia!— acusei com o dedo em riste.

Chloe foi às gargalhadas, como se a minha tormenta tivesse graça.

—Eu espiei o lixo na cozinha, então, deduzi que a minha encomenda foi entregue. Eu juro que achei você adoraria o delivery.

—Você quase me ferrou!—Segurei-a pelos ombros.— Tem ideia do esforço que eu tive que fazer para não sucumbir às investidas do João?

—Porque é uma burra! O cara está encantado, quando nos viu no restaurante, não parou de falar de você por nem um minuto... Eu achei tão fofo...

—Que graça! Era só o que me faltava...Uma amiga alcoviteira...

—Me conta...Rolou alguma coisa? Conseguiu tirar o atraso?— perguntou ela, com malícia.

Estreitei os meus olhos e a golpeei com um travesseiro.

—Claro que não!Eu já disse que não vou ficar com esse garoto.

Dili discordou, movendo a cabeça de um lado para o outro.

—Boba...Você não sabe o que está perdendo... Não tem ideia do quanto isso pode te deixar mais leve, melhor humorada...

—Só porque está transando com o meu irmão, fica se achando “*asexóloga*”, não é Chloe?—Ela ergueu as sobrancelhas e eu fiz sinal para que ela não prosseguisse.—Já disse que prefiro não saber o que você e o Diogo andam fazendo.

—Bom, nós vamos ao clube. O dia hoje está propício para uma piscina. Você vem?

Espreguicei-me depois de bocejar.

—É, eu vou com vocês, preciso mesmo me distrair.



O mais novo casal de Arco Dourado foi direto para a piscina, já eu, fiquei por mais de dez minutos na frente da Primeiro Peçaço. A loja estava lotada, todas as mesas ocupadas e mais uma dúzia de pessoas faziam fila no

balcão do caixa. Respirei fundo e o cheio de bolo assando fez meu estômago roncar, não de fome, mas de gula.

—Querem ajuda?—Beije o rosto da minha mãe.

—Imagina! Logo as coisas se acalmam por aqui.

—Mãe, eu sei cortar e pesar bolos, posso ficar no caixa...Sei lá, é só mandar que eu faço—insisti.

—Fique tranquila, nós damos conta, mas se quiser comer alguma coisa, a Divina serve você.—Ela apontou para uma senhora que sorria enquanto me encarava.

—Tem bolo de pão de mel?—perguntei, com água na boca.

—Tem, e hoje eu fui generosa no recheio de doce de leite.

Dei a volta no balcão e mostrei o tamanho do pedaço que eu queria. Divina me serviu engatou uma conversa sobre os Estados Unidos. Disse que se filho sentia muita vontade de conhecer a Florida e eu tive a impressão de que ela estava fazendo propaganda dele para mim.

—Sabe como é, um homem recém-divorciado, que ficou por tanto tempo amarrado, agora quer aproveitar. O Tadeu adora motos e tatuagens também...Acho que vocês se dariam bem.

Mantive a minha boca ocupada e mastiguei tanto o bolo que cheguei a ficar com nojo de engoli-lo.

—Mãe... Se eu não estiver louca, a sua funcionária está tentando empurrar o filho dela para mim...—Resmunguei entre os dentes, assim que a Divina se afastou.

—E qual é o problema? Você é solteira, ele se divorciou há pouco tempo e é um homem incrível...

*“Deve ser um tiozão!”*

—Ele se chama Tadeu...Tadeu é nome de velho! Sem contar que é divorciado.—Continuei reclamando em voz baixa.

—Aí é que você se engana...O Tadeu deve ter no máximo 40 anos.

—Mãe, 40 anos!?

—Diana Lima, você não está muito longe disso, não. Sem contar que depois dos 30, tem que arrumar um namorado mais velho, que é para não perder tempo, sabe bem que depois de certa idade fica mais difícil engravidar.

—Meu Deus...—Revirei os meus olhos e beijei a sua bochecha. Aquele discurso acabara por me deixar irritada. Se minha mãe soubesse que eu andava suspirando por um garotão com a metade da idade do tal Tadeu, entenderia a minha indignação.—Eu vou, antes que a senhora acabe ainda mais com a minha autoestima.

Fazia um dia típico de verão. O sol brilhava com toda a força, por isso, lambuzei-me com meu protetor fator 60, principalmente sobre as minhas tatuagens, odiava pensar nos desenhos ficando escurecidos.

De longe, risos e vozes preparavam-me para o movimento, era de se esperar que ao menos um terço de Arco Dourado estivesse reunida naquele clube, afinal, não era uma cidade com muitas outras atrações.

Já na área das piscinas, mesmo vestindo sobre meu biquíni uma bata que chegava até o início das minhas coxas, dava para notar que era seguida por dezenas e dezenas de pares de olhos, que acompanhavam o meu trajeto por entre as espreguiçadeiras.

—Dili!—Alguém me chamou. Olhei para e frente e então vi Chloe e Diogo dentro d'água. Os dois acenaram para mim e gesticularam com as mãos.

Dei a volta e fui até onde eles apontavam.

—Guardei aquela espreguiçadeira com guarda-sol para você. —Chloe nadou até a borda da piscina.

—A água está uma delícia...Entra um pouco —Diogo convidou-me, indo para trás da minha amiga.

— Ops! Hoje é meu dia de folga, aos domingos não trabalho segurando vela. —Abaixei-me para falar com os dois.

Chloe fez uma careta, bateu as mãos na água e fez um jato acertar em mim.

—Idiota! Vai molhar o meu livro!—reclamei em voz alta.

—Não vai me dizer que veio até o clube para ficar lendo?— Foi a vez do Diogo se incomodar.

Inclinei um pouco o meu corpo e dei um tapa na cabeça dele.

—O que acha de irmos almoçar, Chloe? Só nos duas?—Ergui os meus óculos de sol e encarei-a.

Ela ficou séria.

—Mas Dili, eu estou adorando o clube... Esta piscina...— choramingou.

—Que golpe baixo!—Diogo resmungou e puxou a Chloe para longe da borda.—Boa leitura!—gritou, antes de uma gargalhada.

Depois de estender minha toalha sobre a espreguiçadeira, gastei um tempo observando a todos que se divertiam dentro e fora da água. A maioria das pessoas ali eram desconhecidas por mim, ou talvez tivessem mudado tanto à ponto de eu não reconhecê-las, no entanto, algumas, mesmo depois daquele tempo, pareciam pouco transformadas.

Garotas que estudaram comigo e que agora estavam na piscina infantil, colocando boias de bichinhos infláveis nos braços de seus filhos, outras, com barrigas enormes, demonstrando que a família aumentaria. Havia também os rapazes, os mesmo que atrapalhavam o trânsito por conta dos jogos de taco, e que naquela manhã de domingo, ensinavam seus filhos a chutar bolas.

Se eu não tivesse partido e passado dezesseis anos longe, talvez aquelas cenas ordinárias em nada interessariam a mim, só que eu estivera fora, e ao voltar, o impacto de tantas mudanças despertava minha curiosidade.

Quem se casou com quem? Em que se formaram? Quantos filhos tinham?

— Eu sabia que era você!— João Victor sentou-se perto dos meus pés, fazendo-me voltar ao presente.

—Oi—foi tudo o que pude dizer, quando meus olhos correram por seu tórax nu.

—No vestiário masculino não se fala de outra coisa... A garota tatuada à beira da piscina.

—Uau!—Endireitei as minhas costas.— Devo concluir que Arco Dourado é mesmo um tédio...Vou enviar um e-mail ao prefeito com algumas sugestões de entretenimento para os moradores.

—É isso o que dá ser tão bonita...E não bastassem os atributos naturais, você vai e se colore toda...Isso mexe com o imaginário masculino, e me arrisco dizer, com o feminino também — ele usou um tom baixo para cantar-me de forma nada original.

—Vai mesmo continuar com isso?—Cruzei os meus braços, encarando-o. Tentava manter os meus olhos em seu rosto, mas seu peitoral definido parecia me chamar.

*“Ainda bem que está de óculos escuros!”*

— Costumo correr atrás do que quero, e pode acreditar, normalmente eu consigo...

—Lamento Jojo, receio que desta vez, vai ter que se contentar com a derrota.—Repousei os óculos sobre a minha cabeça e fixei meus olhos nos seus. Por mais que ele fosse lindo e sensual, minha decisão fora tomada, e não, definitivamente, eu não me envolveria com o sobrinho do Caio.

Ele puxou o ar, inclinou o corpo na minha direção e lançou-me um sorriso torto.

—Se eu acreditasse que você está sendo sincera, até desistiria, mas você é uma péssima mentirosa.

—Me fala uma coisa Jojo. —Chamei-o com o dedo. — Essas teorias têm fundamento em sua larga experiência de vida? São baseadas nessa longa estrada dos seus dezenove anos.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

—Não! Dili.? Você não me parece ser o tipo de mulher que se apega a esse tipo de coisa...Idade?

—Agora me conhece? Passamos o quê...? Algumas horinhas juntos e já deu para saber que tipo de pessoa eu sou?—Ele conseguiu me irritar.— Está mesmo levando a sério essa história de vidente.

João não se moveu, enquanto eu rasgava o vocabulário tentando colocá-lo em seu lugar, o garotão parecia hipnotizado. Com os olhos fixos



nos meus e um sorriso bobo curvando seus lábios, ele não se importava com o meu ataque.

—Escuta...E não pense que é uma cantada, mas assim, contra o sol e brava, seus olhos ficam ainda mais bonitos. Isto torna nossa conversa ainda mais injusta.

—É como eu dizia...Falar sobre os meus olhos, sobre as minhas tatuagens...— Voltei a me deitar na espreguiçadeira, peguei o meu livro e o abri na página marcada. — Tudo isso tão cansativo, sem imaginação...Mas eu não posso cobrar mais de você, Jojo... Está começando a viver agora e tenho certeza que esse seu charme ensaiado deve surtir bastante efeito nas garotinhas da sua turma.

— E essa sua maturidade me soa bem contraditória... Vinda de alguém que está lendo Crepúsculo—João criticou-me antes de sair.

—Escuta aqui...Não ouse falar mal do meu livro!—Levantei-me com o dedo em riste.

Como se ignorasse o que eu acabava de dizer, João deu as costas para mim, e que costas, diga-se de passagem, depois, saltou para dentro da piscina de um jeito gracioso e profissional.

—Vem Dili!—Ele Gritou assim que submergiu.—Deixe os vampiros um pouco de lado e aproveite a água.

—Obrigada...Estou muito bem acompanhada.—Balancei o livro em minhas mãos.

*“De onde saiu toda essa segurança? Na minha época, os rapazes dessa idade eram muito menos incisivos...”*

João Victor sabia de seus atributos, e, como se aquela piscina fosse só dele, nadava como se participasse de uma prova. Inegavelmente, era bonito vê-lo se exhibir, e não foi só eu que achei. A maioria das pessoas assistia-o batendo os braços e pernas com precisão, como se estivessem diante de um show. Sem querer alimentar o seu ego, voltei, ou ao menos, tentei, me dedicar à leitura.

*“Eu sei o que você é...”*

*“Então diga...Em voz alta.”*

Pela vigésima vez que eu lia as mesmas duas frases sem conseguir me concentrar. E como eu poderia? João parecia um pavão exibindo sua calda colorida para mim. Entrava e saía da piscina, passeando em minha frente enquanto apresentava um corpo definido pelo esporte e uma sunga estampada que mexia com a minha imaginação.

—Não vai entrar mesmo?—Ele voltou a se sentar no mesmo lugar onde estivera minutos antes.

— Odeio esse tumulto...Sem contar que não gosto de queimar a minha pele.— Resmunguei sem tirar os olhos da página,( a mesma).

—Vem comigo...Eu tenho um lugar perfeito para você!—Ele me segurou pela mão.

—Não vou a lugar nenhum com você, João.—Puxei meu braço de forma sutil.

—Tudo bem...Vou aproveitar aquela piscina coberta, sozinho...

Assenti com a cabeça.

—Isso...Faça isso...

*“Quem sabe, sem a sua presença, eu consiga me concentrar em algo que não seja o seu corpo...?”*

—Se mudar de ideia, sabe o caminho...—Ele deu-me as costas, caminhando como se desfilasse.

Não que eu quisesse, mas acompanhei-o com meus olhos até que ele desaparecesse. Só que quando isso aconteceu, em vez de paz, uma perturbação tomou conta de mim e nem mesmo o livro que tanto me interessava, foi capaz de deter o desejo de ir atrás dele.

*“Não faz isso Diana...Sabe bem que será um erro entrar nesse jogo...”*

Ignorando os alertas que meu cérebro se esforçava para me dar, arrumei minhas coisas na espreguiçadeira e lá fui eu, direto para a piscina coberta. O portão encostado não impedia que o barulho de água espirrando chegasse até mim; empurrei-o com cuidado, temendo que o contato do metal com o chão denunciasse a minha visita.

Através do vão eu podia vê-lo, indo e voltando como um peixe, rápido e feroz. João era bom, nadava com maestria e mesmo sem entender muito do esporte, era nítido que ele dominava várias modalidades da natação.

Gastei um tempo, meia volta do relógio, talvez, observando-o, e apenas aquilo me dava prazer. Era bom assisti-lo e por vezes, me peguei prestes a aplaudi-lo, tal qual uma *cheerleader* descontrolada.

Cheguei a considerar seu convite, não havia como negar, eu adoraria estar dentro daquela piscina com ele, mas não...Eu não podia arriscar, tinha ciência de que se ele investisse em mim, eu não teria forças para me afastar.

Ainda perdida e atormentada com essa constatação, senti todo meu corpo gelar quando ele saiu da água e olhou para a direção de onde eu estava. Prendi a respiração e corri, eu não podia deixar que ele me visse ali.

De volta ao meu lugar, segurei o meu livro e abri-o em uma página qualquer. Minha intuição dizia que João Victor logo aparecia para continuar com sua provocação.

Dito e feito.

Menos de dez minutos depois e ele, como se tivesse direito, sentou-se na minha espreguiçadeira.

—Se eu fosse cobrar, quanto acha que valeria a minha apresentação?

—Oi?—Deslizei os óculos até a ponta do meu nariz.

—Estava me assistindo nadar.—Ele colocou o seu rosto bem perto do meu.

Engoli em seco, por fim, ele tinha mesmo me visto, ou pior, talvez soubesse o tempo todo que eu estava ali, observando-o se exhibir para mim.

—Eu...—Fiz um biquinho, tentando ganhar tempo. Não sabia o que responder.

—Não precisa dizer nada, apenas esteja pronta hoje às nove...Vou te levar à uma boate.

—Vamos à uma boate? Você e eu?—indaguei, gesticulando.

—É—João Vitor respondeu com simplicidade.—Todo domingo a Glowing faz uma noite de flashback...Tenho certeza de que você vai gostar.

— Espera aí, a Glowing ainda existe?

— Existe, ou melhor, foi reinaugurada há dois anos, depois de um bom tempo fechada.

—Meu Deus! Sabe quem me levou lá pela primeira vez?—Sorri, atingida pelas lembranças daquele lugar. —Seu tio. Naquela época chamávamos de danceteria e não boate.

—Às nove?—ele insistiu, ignorando o que eu acabava de dizer.

—Não vamos sair juntos...Pode esquecer.—Tentei me mostrar convencida de algo que para mim parecia cada vez mais iminente.

Ele riu, balançou a cabeça e se levantou.

—Nos vemos mais tarde—despediu-se e dois minutos depois estava conversando com o meu irmão na beirada da piscina.

Chloe aproveitou a brecha e finalmente decidiu me fazer companhia.

—O garotão não desgruda, hein?

—Ele é insistente...O pior é que está difícil de resistir—confessei, analisando-o.

—Eu não te entendo Dili...Nunca vi você complicando tanto uma coisa que é tão simples. Se o interesse é mútuo, aproveita.

Não respondi nada, apenas segui-o com meus olhos e acenei de volta quando ele fez o último contato comigo, antes de partir.

Em casa, dormi por toda a tarde, sentia-me exausta e quando a noite caiu, fui despertada pela Chloe.

—Não vai começar a se arrumar? Você tem um encontro.

—Você e o Diogo vão também, não vão?

—Claro que sim! Estou louca para mexer meus esqueletos.— Ela respondeu, saindo do quarto com um pote de creme hidratante nas mãos.— Vou passar nas costas do seu irmão, ele não quis usar protetor, agora está reclamando das queimaduras.

Sem nada responder, fui direto para o meu banheiro. Assim que conferi as horas, senti uma fisgada na minha barriga. Fazia tempo que pensar em um homem me causava tais sensações.

Embora tivesse dito não, no fundo eu sabia que João e eu nos encontraríamos na boate e que ele ficaria grudado em mim.

*“Deveria estar achando isso ruim em vez de pensar na lingerie que vai vestir!”*

Não era um encontro. Seria uma saída de amigos, e minha ansiedade só podia ser por causa da Glowing, por eu estar prestes a visitar outro lugar que fora tão marcante na minha adolescência.

*“Se não é um encontro, por que está se depilando?”*

Enruguei a testa, acabava de me irritar. Parecia uma louca discutindo mentalmente comigo mesma.

A fim de calar a minha voz interna, liguei o som no volume mais alto e comecei a minha saga em busca da roupa perfeita. Dez vestidos depois e finalmente eu me decidira por um modelo vermelho.

—Você está linda, Dili... Um arraso!— Chloe bateu palmas com uma animação exagerada.

Diogo desceu os olhos até os meus pés enquanto movia a cabeça de um lado para o outro.

—Prevejo problemas...—Ele murmurou, ou talvez tenha apenas pensado alto, já que não deu continuidade a frase.



*Salada  
Mista*



## 6 – Salada mista

Em frente à Glowing uma fila se estendia por todo o quarteirão, a maioria tinha mais de trinta anos, mesmo assim, havia também alguns grupos de pessoas visivelmente mais jovens, e tirando o modo como todos estavam vestidos, tudo parecia do mesmo jeito; a fachada da boate fora mantida e a pintura do prédio, embora estivesse nova, ainda era roxa.

— Não imaginava que teria tanta gente...—disse, observando que a fila não andava.

— As músicas são boas e a criançada não costuma vir aos domingos...— Diogo comentou ao mesmo tempo que levava Chloe para mais perto dele.

— Ainda me lembro de como era por dentro...—comentei. —Se fechar meus olhos, posso ver tudo com perfeição. O balcão, a pista de dança, as cadeiras de camurça vermelha...

—Em Tampa, boates são nossa diversão preferida. A sua irmã e eu não ficamos uma semana sem ir.

—Não quero nem imaginar o que vocês duas já aprontaram —meu irmão deu um beijo rápido em Chloe e foi nesse momento que as pessoas começaram a avançar.

Na entrada, diferente de comandas de papel como eram antes, foram entregues cartões magnéticos. De onde estávamos, a batida da música já podia ser ouvida e, mesmo sem me lembrar do nome, eu reconheci o som eletrônico que parecia me chamar.

—Pronta para voltar ao passado?— Diogo inclinou a cabeça na minha direção.

Paramos de frente para uma grande porta dourada, controlando a passagem, um homem alto e forte, vestido em um terno escuro, mantinha no rosto um semblante sério.

—Área Vip ou pista?— indagou-nos, com a voz grave.

—Vip.— Diogo respondeu e esticou o braço. Fiz o mesmo para receber a pulseira de identificação.

—Divirtam-se— o grandalhão sugeriu automático, antes de abrir a porta.

Dezesseis anos depois e as sensações eram as mesmas. As batidas das músicas pareciam entrar em sintonia com as do meu coração, pulsando dentro de mim. As luzes coloridas piscavam frenéticas e a forma como iluminavam o ambiente todo, causavam ilusões óticas. Eu senti minha cabeça girar.

— Querem que eu pegue alguma bebida, meninas?— Diogo gritou.

—Qualquer coisa que nos deixe loucas!—Chloe sugeriu.

Eu ri, e quando meu irmão se afastou de nós, descemos os degraus que levavam à pista de dança. Como duas adolescentes que saem pela primeira vez, Chloe e eu pulamos ao som de I fly with you.

—Estou tão feliz!— Ela me abraçou.

—Eu também...—Sorri. Diogo entregou um copo de whisky com energético para mim e outro para a Chloe.—Não vai beber?

—Estou dirigindo... Sem contar que trabalho amanhã.

Enchi meus pulmões com todo o ar que pude, o cheiro da fumaça parecia ser o mesmo de antigamente e a sensação de poder voltar no tempo, foi capaz de me curar por breves instantes, parecia que estávamos mesmo de volta aos anos 90.

Na terceira música a Chloe e o Diogo deixaram a pista e foram se agarrar em algum canto da boate. Animada com o clima nostálgico eu continuei dançando. Nicki French, Gigi d'Agostini, Double You e eu me



lembrava de todas as músicas, as letras e mesmo sem conhecer nenhuma das pessoas que dançavam ao meu redor, me senti em casa.

Enquanto eu me movia acompanhando a batida de Tocas Miracle, uma das minhas canções preferidas, fui puxada pela cintura.

Misturado a todos os cheiros da boate, o perfume de madeira e mato verde atingiu o meu olfato. Senti meu sangue ferver e meus batimentos subirem ainda mais.

Enquanto luzes coloridas faziam seu rosto mudar de cor, os olhos permaneciam castanhos e o sorriso torto também se fez presente. Perturbador e irresistível.

—Fui até a sua casa e dei de cara com a porta— gritou em meus ouvidos.

—Combinamos alguma coisa?—fingi-me de desentendida.

João balançou a cabeça discordando de mim. Afastei-me um pouco dele e me surpreendi com a sua aparência; de calça preta e camisa social escura, ele parecia ainda mais sensual. Os ombros largos, a cintura fina e o jeito que me encarava, devorando-me a cada pestanejar, foram os ingredientes que o tornaram ainda mais desejoso.

*“Maldito seja! Isso é muita tentação...”*

Não fui só eu quem pensou assim, mal João Victor chegara, e as mulheres caíram matando. Em menos de cinco minutos ele tinha quase uma dúzia de opções.

Afastei-me um pouco, seguida pelos olhos dele, e enquanto as garotas se moviam como serpentes sedutoras, exibindo-se para ele, João tentava voltar a ficar perto de mim.

Competição? Ciúmes? Autoafirmação? Talvez fosse uma mistura de tudo isso e mais alguma coisa, o fato, foi que vê-lo sendo disputado me incomodou; tanto que eu também decidi mostrar para o que tinha ido.

Ignorando qual era a canção que tocava naquele momento, inventei um cenário dentro da minha cabeça, onde só existiam ele e eu. Enquanto mexia o meu corpo de modo sensual, levei as mãos até os meus cabelos que estavam presos no alto da cabeça e os soltei.

Os fios grudaram na minha pele suada, fechei os meus olhos e passei as mãos pela minha nuca. Continuei me mexendo, imaginando que só o João assistia ao meu show. Abri os meus olhos e tive a comprovação de que sim, ele sabia que tudo aquilo era para ele.

Tentando manter o controle da situação, dei um jeito de sair da pista quando o vi desviando das pessoas para chegar até mim.

Caminhei o mais rápido que pude até o bar. Minha boca estava seca e eu precisava de ar.

—Quero um energético—pedi ao barman.

—Raul, pega um pra mim também!— João colocou-se do meu lado no balcão.— Gosta mesmo desta coisa de gato e rato, não é?

— Olha...E não é que ele acertou!?! Tom e Jerry sempre foi meu desenho preferido...Ver aquele gato ser feito de bobo pelo ratinho...— encarei-o com um olhar maroto.

João ergueu uma das sobrancelhas e torceu o queixo. Eu tinha conseguido irritá-lo.

— Você e suas analogias...Devo concluir que nesta história o gato bobo, sou eu...

Dei com os ombros, sorrindo como uma garotinha travessa, ele também riu. Enquanto aguardávamos o pedido, um homem de meia idade se aproximou do bar e olhou-me dos pés à cabeça com malícia. Fechei o meu rosto e fingi estar interessada no cartão em minhas mãos.

—Thor...—O mesmo homem veio até nós.

—Evandro!—João o cumprimentou apertando a sua mão.

Ignorando-o, aproveitei que o barman deixou sobre o balcão as duas latas de energético e dei as costas para ele, evitando ter de cumprimentá-lo também. Eu odiava quando um homem me olhava como se eu fosse um pedaço de carne.

— Cara, não me leve a mal, mas confesso que só vim até aqui por causa da moça, ou melhor, das tatuagens dela...

*“Droga...Vou ter de ser educada...”*

—Boa noite—falei sem muita vontade, entregando uma das latas ao João.

—Dili, este é o Evandro, um dos donos da boate.

Ele, mais que depressa estendeu a mão para mim e se inclinou para beijar o meu rosto.

—Prazer, Diana Lima.

—Você não é daqui, certo?

Tomei um gole da minha bebida, antes de responder.

—Acabei de chegar... Moro na Florida.—Tentei ser breve nas explicações.

—Ela é uma tatuadora famosa lá fora, mas é prata da casa. Conhece sua família...O pessoal da doçaria do clube, ela é irmã do Diogo.

Assenti com a cabeça depois das explicações que o João deu ao homem. Ele arregalou os olhos e levou as mãos ao queixo.

—Tatuadora...Uau! Não quero tomar o seu tempo agora, mas antes de irem embora, leve-a até o meu escritório, Thor.— Ele virou-se para mim.— Eu quero conversar com você.

—Ah...Pode deixar—concordei, convicta de que não iria.—Ainda tem aquela área externa?—Dei um passo para o lado, voltando a ficar de frente para o João.—Eu preciso de ar fresco.

—Tem sim...—Ele ergueu as sobrancelhas.—Lembra-se mesmo daqui.

Eu lembrava, inclusive, a área externa era onde os casaizinhos trocavam beijos cheios de desejos, encostados nas paredes de vidro fumê.

Sentei-me em um dos bancos de ferro que estavam vagos, de frente para a fonte que jorrava água colorida, João sentou-se do meu lado, bem perto de mim.

—Se quiser pode voltar para pista. Eu só te chamei porque não queria aquele cara no meu pé.

João virou a lata na boca e depois colocou-a no chão.

—Você estava linda dançando, e, antes que reclame, sim, isto é uma cantada.

—Disse a mesma coisa para todas as duzentas meninas que dançaram para você?

Ele negou com a cabeça instintivamente.

—Não tinha mais ninguém naquela pista, além de uma linda garota de vestido vermelho... Aliás, vermelho é a minha cor preferida.— Ele virou o corpo todo na minha direção e apoiou a cabeça em uma das mãos.

—Eu adoro dançar, mas já fui melhor nisso...—Tentei desconversar, ele tinha mesmo conseguido me desconcertar.

—Impossível—sussurrou, outra vez com seus olhos nos meus.

—Vai perceber a diferença daqui a alguns anos...—Ri nervosa.— Agora entendo a minha mãe quando dizia que a idade pesa.

João vincou a testa com rugas que transpareceram seu descontentamento

—Você realmente tem problemas com a minha idade?

—Como assim?

Ele baixou a cabeça e sorriu de um jeito diferente.

—Sei lá, parece que fica o tempo todo querendo frisar que somos de gerações diferentes e às vezes, eu não sei se isso é para me atacar ou para você se defender.

—Me deixou mais confusa.— Juntei as sobrancelhas e virei também de frente para ele.

—Que bom...Porque desde que nos conhecemos, ou melhor, nos reencontramos, é isso o que você vem fazendo comigo. —Ele me encarou. — Dando um nó na minha cabeça.

Puxei o ar uma vez e soltei-o com calma.

—Me desculpe se fiz isso... Talvez eu tenha passado uma impressão errada, dado a entender que, sei lá...—Encolhi os meus ombros sem disfarçar meu desconcerto.

—Impressão errada?—Ele cruzou os braços contra o peito.

—Sim. Eu gostei de ter me encontrado com você e visto, que pessoa legal se tornou, mas é só isso...Eu não vou ser nada além da ex-namorada do seu tio.—Mantive meus olhos nos dele, uma tática para tentar passar mais credibilidade.

João Victor crispou os lábios, antes de sorrir, com covinhas.

—Vem comigo.—Ele se levantou e me puxou pelas mãos. Não relutei.

Voltamos para o lado de dentro da boate, cruzamos a pista de dança e paramos perto das escadarias de carpete que levavam ao camarote. Com um ato certo, João Victor encostou-me contra a parede, deixando o seu corpo rente ao meu.

—O que acha que está fazendo? — perguntei, sentindo o meu sangue ferver, enquanto ele tocava o meu rosto.

—Quero te mostrar, Dili, que mesmo tendo... —ele olhou para cima. — Sei lá, doze ou treze anos a menos que você, eu sei de muitas coisas, principalmente, quando uma mulher me deseja da mesma maneira que eu desejo a ela.

Sem me dar chances de responder, seus braços fortes envolveram minha cintura e sua boca buscou pela minha até encontrá-la. Com movimentos precisos, a língua se movia com uma calma que contrastava com a ansiedade que eu sabia que ele tinha. Por vezes, meus lábios foram mordidos, assim como a minha garganta.

Entregue, me vi submissa aos seus desejos e não pensei em nada, além de como tudo aquilo estava bom.

—João...—sussurrei quando ele voltou a forçar o seu corpo contra o meu.—Isto não deveria estar acontecendo...—reclamei, durante o curto vislumbre de sanidade que me atingiu.

Ele parou por um instante e nossas respirações mostravam sincronia, curtas e ofegantes.

—Quer mesmo parar?Se disser que sim, eu a levo para casa e deixo de te incomodar.

Fechei os meus olhos, derrotada com minha própria constatação. Não precisava pensar para me decidir. Movi minha cabeça de um lado para o outro, negando.

—Droga! Eu não quero parar...—confessei, puxando-o de volta para perto de mim. Bem alta, *Total eclipse of the heart* gritava dentro da minha cabeça e nunca antes a letra daquela canção que eu adorava, pareceu-me fazer tanto sentido.

— Eu gosto assim...Sem jogos...—sussurrou ele em meu ouvido, ato que faz meu corpo inteiro se arrepiar.

—Vamos sair daqui?—murmurei, cheia de ideias.

—Não vai conversar com o Evandro?

—Não. Tenho algo muito melhor para fazer...



—Eu não acredito...Diana Lima!—Chloe gritou, depois de ouvir meus relatos sobre a noite anterior.

Joguei uma almofada nela e cobri o rosto.

—Tem ideia de como eu estou me sentindo?

—Sim...—Ela mordeu o lábio inferior.—Cheia de tesão reprimido...—Gargalhou alto.

—Idiota!—resmunguei.—Agora é sério... Eu nunca fiquei com um cara, e ele não tentou me levar pra cama...Isso é novo para mim.

—Mas você me disse que ele é...Bem, que as coisas entre vocês estavam pegando fogo.

Respirei fundo, mesmo horas depois, eu ainda continuava em chamas.

—Estavam mesmo, e Chloe, bendito sejam esses dezenove anos...As coisas estavam tão acaloradas dentro da boate, que eu o convidei

pra sair de lá, achando que não nos segurariamos por muito tempo.

—E o que deu errado?

—Nada! Eu não posso dizer que algo saiu errado.—Sorri com minhas lembranças.—Quando fomos para o carro, eu desabotoei a camisa dele, sentei em seu colo e trocamos carícias por horas. Eu não me lembro de ter beijado tanto o mesmo homem. Foi tão bom perceber que ele estava comigo e não só desejando o meu corpo, sabe?

—Agora eu sei...—Ela suspirou.

—Depois, enquanto dirigia de volta, ele ficou o tempo todo segurando a minha mão, até mesmo na hora de trocar as marchas do carro.

—Dili...Que fofinho...—Chloe afinou a voz para falar.—O que você vai fazer agora?

Sentia-me estranha, de um jeito bom.

—No momento, tomar outro banho gelado...— Levantei-me, pronta para ir ao banheiro.—Depois, eu preciso atender a garota que quer fazer a tatuagem.

Combinara com a Thais um encontro em minha casa, ela trabalhava, portanto, optou por ser na hora do almoço. Ao meio dia em ponto a garota chegou.

Ela queria uma sereia na coxa, então, enquanto conversávamos, desenhei no papel um esboço de como ficaria. Aquela atividade era sem dúvida algo que eu adorava fazer, sentia prazer em transformar meus traços em imagens exclusivas.

—O que acha?—Entreguei a folha para ela.

—Minha nossa! Isto ficou incrível!—Seus olhos brilharam sobre o desenho.

—No rosto, usei algumas das suas características, eu gosto fazer isso...—Ajeitei-me no sofá, animada com a aprovação.

—Eu amei...Amei!—Thais vibrou.—Você é fantástica. Desenhar algo assim...

—Meu estilo preferido, o *freehand*. Dessa forma, todos os desenhos são únicos, ninguém além de você, terá essa tatuagem.

—Posso ficar com a folha depois?

—Claro. Lá no meu estúdio em Tampa, todos os meus clientes ganham seus desenhos emoldurados; vou finalizá-lo, colori-lo e depois ele é seu.—Sorri.

Empolgada como estava, se pudesse, Thais só sairia da minha casa com a perna estampada. Meio perdida em valores, calculei o preço sobre as horas que eu trabalharia naquilo e, mesmo não sendo um valor muito baixo, ela fez questão de pagar adiantado.

—Te vejo na quarta — despedi-me, enquanto abria o portão.

—Acho que nem vou dormir de tanta ansiedade...—Ela me abraçou, antes de entrar em seu carro.

Aproveitando a cara de preguiça daquele dia, perdi alguns minutos observando a pouca movimentação das ruas. A Primeiro Peçaço não abria às segundas-feiras, mesmo assim, minha mãe saía cedo para fazer as compras, Chloe acabou indo com ela e confesso que um frio corria pela minha espinha quando imaginava as duas sozinhas.

Preparava-me para entrar e ouvi meu nome ser chamado. Era a Débora. Com os cabelos presos em um rabo de cavalo e vestindo o uniforme escolar, ela correu na minha direção.

—Nossa, dezesseis anos depois e o São Cristovam ainda mantém a mesma camiseta? —resmunguei, antes de beijá-la no rosto.

—Dili, eu vou pegar uma coisa lá dentro e já volto.— Débora apontou para a sua casa.

Enruguei a testa um tanto confusa, mas assenti com a cabeça. Um minuto depois e ela voltou com uma sacola nas mãos.

—Não vou poder ficar com eles.—Ela entregou-me a sacola, exibindo em seu rosto um ar de derrota.

—Não entendi.—Fiz uma careta, notando o par de sapatos que dera a ela.

— Eu sinto muito, mas me obrigaram a devolver para você...

Fechei os meus olhos, fazia ideia de quem seria capaz de implicar com uma bobagem daquelas.



— A Sabrina...Por que ela não quer que você fique com isto?

Ela arregalou os olhos.

—Não. Não foi a minha mãe, mas sim o meu pai... Eu falei sobre você com tanta empolgação, e quando ele me trouxe de volta para casa, mostrei seu presente. Ele ficou uma fera...

*“Oi? Acho que eu perdi essa parte do filme...”*

—O Pep...O Pedro Paulo ficou uma fera por eu ter dado esses sapatos para você?

— E como...Até a minha mãe tentou falar com ele, mas...Sei lá, acho que é por ser muito alto, e colorido...

Tentei sorrir, senti tanta raiva do Pedro Paulo, que a minha vontade foi de procurá-lo naquele instante e fazê-lo engolir o meu Charlotte Webster.

—Vamos fazer o seguinte...Eles continuam sendo seus, daqui a algum tempo você os leva e mais...Todos os meus sapatos, qualquer um deles...Quando quiser emprestá-los, pode pegar.—Tentei ponderar as coisas.

Ela sorriu e quase pulou em meu colo.

—Muito obrigada Dili... Eu nunca vou acreditar no que falam sobre você!

Eu poderia perguntar, o que, exatamente, falavam sobre mim, no entanto, considereei que as doses de cortisol correndo em minhas veias já eram bastante perigosas e o melhor era ignorar a última frase dita por ela.

—Que bom...Eu sempre achei que cada pessoa deve ter suas próprias opiniões— simulei um equilíbrio que não era meu.—Mais uma coisa...Na quarta, por volta desse horário, vou tatuar uma garota...Se quiser assistir, pode vir.

—É claro que eu quero!—Ela bateu palmas tamanha a alegria.

—Então, combinado...Só não comente com o seu pai, vai que ele não goste. A última coisa que eu quero, é arrumar confusão aqui em Arco Dourado.

—Pode deixar!—Ela acenou, antes de atravessar a rua.

*“Pedro Paulo...Pepa...Ou seja lá quem você se tornou...Vai desejar que eu nunca tivesse voltado”*



—Quanta animação...—Fui até a cozinha, atraída pelas gargalhadas da Chloe com a minha mãe.

—Sua amiga vai me ensinar a fazer os tradicionais Ginger Breads. —Ela mexia nas dezenas de sacolas espalhadas sobre a mesa. — Ela estava me contando sobre as artes que vocês faziam lá na casa dela.

Arregalei os meus olhos.

— Espero que ela não tenha contado sobre os formatos inusitados que já fizemos os biscoitos...—Lancei a ela um olhar recriminatório. A Chloe adorava contar para todo mundo, que costumávamos fazer os biscoitos de gengibre no formato de pênis, para sacanear nossas amigas.

—Claro que contei.—Ela fez uma careta para mim.—Sobre as caveiras, abóboras de Halloween.

—Eu vou ficar com os formatos natalinos mesmo...Compramos até os cortadores.

—Tudo bem. —Pisquei para Chloe — Só que isso vai ficar para depois, de repente, eu até me animo, mas, agora, eu preciso que vá comigo a um lugar.

—Posso saber a as senhoritas vão?—Minha mãe colocou as mãos na cintura, do mesmo jeito que fazia quando eu ou o Diogo aprontávamos alguma coisa.

—Preciso ir ao centro...Tenho que comprar uns papéis.— falei, saindo da cozinha. Chloe veio logo atrás de mim.

—Por que eu tenho que ir com você?

Virei-me para ela e somente meu olhar a fez estremecer.

— Pedro Paulo... Eu preciso acertar umas contas com ele...—  
Olhei para a sacola com o sapato, sobre a minha cama.

— Não resistiu a vontade de procurar o Pepo?

—Desce da nuvem, Chloe! Eu estou é com muita raiva dele.

—Algum novo acontecimento, ou são as mágoas do passado voltando como um tsunami?

—No caminho eu te conto.

Descobrira, em uma das minhas conversas com a Débora, que seu pai era gerente de uma papelaria no centro de Arco Dourado. No táxi, contei a Chloe sobre a devolução dos sapatos e mais, sobre as minhas teorias. Para mim, estava claro que não restara nada da amizade que tivemos no passado.

—É aqui?—Chloe, sinalizou com a cabeça, antes mesmo do carro parar. A loja era grande, na frente, mais artigos natalinos, do que qualquer outra coisa.

Olhei para a fachada e sim, era mesmo a papelaria onde o Pedro Paulo trabalhava. Puxei o ar algumas vezes, se dissesse que não me sentia nervosa, mentiria, mesmo assim, mantive a minha pose e saí na frente da Chloe, caminhando rapidamente pela calçada.

—Anda molenga! Não quero me prolongar muito aqui—falei mais alto, fazendo com que ela parasse de mexer nos chifres das renas que dançavam na calçada, todas as vezes que alguém tocava nelas.

Chloe mostrou a língua e cambaleou até mim.

—Acha que vai reconhecê-lo, ou pretende pedir para a central anunciá-lo?—Ela riu.—Imagine: “Senhor Pepo, favor comparecer no setor de bonecos de neve, imediatamente, sua amiga de infância, anseia falar com o senhor...”—Ela impostou a voz.

—Às vezes...ou melhor—levantei um dedo— em noventa por cento do tempo, eu me pergunto, como é que no meio de tanta gente em Tampa, eu fui justamente escolher você como amiga.

Ela fez um biquinho e deixou os olhos caídos.

—Teve sorte Dili...muita sorte...—Chloe deu três tapinhas amistosos em minhas costas e saiu ziguezagueando por entre os corredores.

Segui atrás dela, encarando todos os homens que vestiam camisetas vermelhas, com estampadas com flocos de neve; nas costas a frase: “Posso ajudar?”, pareceu-me bem providencial.

—Por favor.—Toquei o braço de uma moça que acabava de finalizar a venda de um papai-noel falante.— O Pep...o gerente, Pedro Paulo, ele se encontra?

—Algum problema?—Ela arregalou os olhos em preocupação.

—Não! A loja é linda, vocês estão de parabéns! Na verdade, sou uma velha amiga dele, estou visitando a cidade e gostaria de dizer-lhe um, oi.

—Ah...—Ela voltou a respirar.—Ele está no segundo piso, normalmente fica na parte de materiais para artes plásticas.

—Certo.Muito obrigada.—Sorri sem dar maiores explicações.—Vamos Chloe, ele fica lá em cima.—Apontei.

—Que loja legal, gostei de várias coisas...Tem uns duendes que são lindos, acho que vou acabar comprando um de cada— ela tagarelava enquanto a esteira elétrica nos levava para o andar superior.

—Agora eu posso concordar com você...— murmurei, os olhos afoitos em cada canto daquele departamento.

Com prateleiras e mais prateleiras expondo estojos luxuosos de lápis de cor, além de tintas e pinceis dos mais diversos, para ser classificada por mim como um oásis, só faltava vender matérias para tatuagem.

Diferente do andar de baixo, naquele, dava para contar nos dedos de uma só mão a quantia de clientes por corredor, poucos também eram os vendedores e, identificados por mim pelas camisetas vermelhas que vestiam, nenhum deles era o Pedro Paulo.

—Boa tarde, precisam de alguma coisa?—Um jovem negro e forte, abordou-nos de maneira simpática.

—Estou conhecendo a loja—respondi vacilante. Sentia como se meu rosto denunciasse minhas verdadeiras intenções.

— Estarei à disposição caso precisem de ajuda.

—Qual o seu nome?—Chloe colocou-se na conversa.

—Adriano.

—Ah...Chamaremos você se...

Saí sem dizer nada e sem terminar de ouvir o que ela dizia. Ficou claro que a Chloe flertava com o cara.

—Vadia!—rosnei para ela, forçando um sorriso.

—Dili, eu juro que eu não...quero dizer, ele é bem o meu tipo, mas estou contente com o que venho tendo com o seu irmão.

Cruzei os meus braços, estava irritada, e não tinha nada a ver com o meu irmão, massim, porque no dedo esquerdo do tal Adriano, uma aliança larga e dourada deixava bem claro que o cara não estava disponível, e eu tinha sérios problemas com traição.

—Viu que ele é comprometido? Sabe bem o que eu penso sobre homens casados— discursei ao mesmo tempo em que segurava um estojo de madeira onde cento e vinte cores de lápis aquareláveis repousavam.

—Engraçado dizer isso e estar aqui, justamente atrás de uma cara comprometido— ela murmurou, e talvez, tenha apenas pensado alto, já que as mãos cobriram seus lábios no exato momento em que a frase foi finalizada.

—Espero que esteja dizendo isso da boca para fora. Ficaria muito magoada em saber que uma pessoa que me conhece tanto, possa realmente pensar isso.

Chloe começou a piscar sem intervalos, seus olhos verdes avermelharam-se como se ela fosse chorar.

—Me desculpe... Acho que nem preciso dizer que já me sinto uma idiota por ter falado uma besteira dessas. Eu sei que você é toda certinha com esse tipo de coisa. Na verdade, eu fiquei envergonhada pela repreensão e quis me defender.

Continuei caminhando pelo corredor de lápis e tintas, sem nada responder, de qualquer forma eu já havia a perdoado.

—Vou comprar este estojo como prova do meu arrependimento...É um presente de desculpas.

—Viu o preço?

Ela franziu a testa e sorriu.

—Não, mas lápis de cor não podem ser tão caros.

—Depende...Esses que acabou de me dar, custam cerca de duzentos... dólares.Fiz a conversão para facilitar seu entendimento.—Tirei o estojo de suas mãos.—Obrigada, eu amei.

— Duzentos? Dólares...?Uau!—ela reclamou e eu ri por dentro.

Clhoe ainda resmungava quando eu parei bruscamente. De frente para mim ele caminhava, as mãos nas costas e a postura ereta davam conta de que ele inspecionava aquele corredor.

O rosto era o mesmo, só que as marcas do tempo eram visíveis. Pedro Paulo estava mais velho, nada chocante, talvez, apenas a quantia de anos que passaram por nós. Ao contrário dos outros funcionários, ele vestia calça e camisa sociais, os cabelos escuros precisavam de um corte, já a barba parecia em dia.

Diferente de como foi ao rever os meus tios, a minha prima ou mesmo o Caio, rever Pedro Paulo foi impactante, tanto, que minha vontade foi de sair correndo, fugir como uma garotinha e só não o fiz porque antes de conseguir colocar as minhas pernas em movimento, ele me viu, e me reconheceu.

Seus olhos movimentavam-se freneticamente, não por mim, mas por tudo ao seu redor e se para ele foi igual a como eu me senti, seria compreensível, afinal, as lembranças do que dividimos e também do que deixamos de ter, se manifestaram com toda força.

—Dili...?—A pergunta foi feita acompanhada de uma careta.

Engoli em seco enquanto em minhas veias, nitrogênio líquido corria no lugar de sangue.

—Diana Lima, se preferir.—Endireitei as minhas costas, certa de que muita coisa tinha mudado mesmo.

—Dili, eu vou até o andar de baixo. — Chloe interveio. —Ver os duendes.

—Tudo bem. —Virei-me para ela e logo voltei a encarar aquele homem que parecia me analisar a cada piscada.

— Levou mesma sérioessa coisa de desenho...—Ele apontou para o meu braço.

—Você também, afinal, trabalha no meio de tudo isso...

Ele franziu o cenho e passou as mãos pelo rosto.

—Eu soube que tinha voltado.

—Sim, como não saberia? Inclusive, é sobre as suas boas-vindas que eu vim falar...Mandou sua filha me devolver o presente que dei à ela.—Cruzei os meus braços. Tentava retomar o controle da situação.—Quanta deselegância, Pepa.

—Aquilo não é calçado para uma criança...Sem contar, que diferente de você, nós não podemos gastar um salário inteiro em coisas de grife...A Débora é uma menina sonhadora, algumas influências podem virar a cabeça dela.

—Influências? —Meu sangue ferveu.—Está insinuando que eu sou algum tipo de má influência?—Dei dois passos à frente, aproximando-me dele.

Como se buscasse embasamento para sua insinuação anterior, Pedro Paulo voltou a me olhar como os jurados quando eu participava de algum concurso de tatuagem.

—Crio a minha filha para a vida que posso dar a ela, com simplicidade e pés no chão...Se conhecem há dois dias e a Débora não para de falar sobre como você é.— Ele pigarreou. —Como ela acha você bonita, e como suas roupas são caras, e sobre a quantidade de sapatos que você tem...

Balancei a cabeça em negativa.

—Sua preocupação quanto a exemplos deveria ter começado bem antes...Na raiz do problema, tipo quando você escolheu a Sabrina para ser mãe da sua filha—murmurei, notando a aproximação de uma cliente.

Ao ouvir o que eu dissera, o rosto do pai da Débora foi tomado por uma vermelhidão imediata e, eu sabia que seria esse o resultado quando fiz a afirmação anterior.

—Me acompanhe, por favor— ele pediu com a voz grave, colocando-se a caminhar com passos rápidos, rumo aos fundos da loja. Sem hesitar eu o segui, pisando duro e fazendo o salto dos meus sapatos estalarem sobre o piso de granito.

Parado na frente de uma sala pequena, seu escritório, Pedro Paulo me convidou para entrar, gesticulando com as mãos. Assim que o obedeci, ele fechou a porta e tomou seu lugar atrás da mesa.

Corri os meus olhos de forma rápida, tentava manter-me indiferente, no entanto, um porta-retratos ao lado do computador, acabou por me reter. Abraçados e com sorrisos forçados, Pedro Paulo e Shirley apareciam emoldurados.

Não pude deixar de notar, Shirley continuava a mesma, antipática e desprovida de beleza.

Percebendo que eu reparava, ele simulou uma tosse, se acomodou em sua cadeira e voltou a me encarar.

—Não sei se percebeu Dil...Diana, mas o tempo passou, e eu não sou mais aquele moleque bobo que fazia tudo o que você mandava.

—Oi?—Sentei-me na cadeira à sua frente, dobrando o meu corpo em sua direção.—Acho que eu perdi essa parte do nosso passado.

— Pois é...Ficou fora por tanto tempo. Dezesseis anos, certo? Acho que não deve se lembrar mesmo, aliás, fiquei surpreso por ter vindo me procurar, afinal, nunca se deu ao trabalho de ao menos me telefonar.

*“Então é isso...Rancor?”*

— Fiz apenas o que foi necessário para conseguir me manter naquele país, longe de todos os que eu gostava. De que adiantaria ficarmos nos falando? Seríamos no máximo ancoras na vida um do outro.

Pedro Paulo assoviou.

—Uau...Ancoras? Engraçado que foi graças a ancora aqui, que consegui ganhar aquele concurso. Eu desisti do dinheiro para que você pudesse realizar o seu sonho.



Dei um tapa na mesa e isso o assustou.

—É sério mesmo, Pedro Paulo? Passou todos esses anos amargando o fato de ter desistido do concurso para me ajudar? —Levantei-me, sentindo o meu corpo entrando em combustão.— Que pequeno você se tornou.

Ele também ficou em pé, com o dedo em riste apontado na minha direção.

—Escuta aqui...Acha mesmo que

—Escuta aqui ,você!—interrompi-o, segurei seu dedo com rigidez, obrigando-o a abaixá-lo.—Vou dizer duas, ou melhor, três coisas.—Olhei para o porta-retratos por um segundo.— A primeira, é que eu sinto pena de um homem como você. Engravidou minha prima para me atingir, depois se casou com essa... Com a garota que você cansou de chamar de feia, e dá para notar o quanto você é feliz. A segunda, é que você estava enganado, afinal, nem mesmo seu salário inteiro pode comprar um sapato como aquele que dei à sua filha e terceiro...O Pepa de antes, era muito superior a esse projeto de pai de família que você se tornou! — Cuspi as palavras e estiquei o meu braço até alcançar a maçaneta.

Saí sem deixar que ele me respondesse, não dei a ele a chance de uma réplica. Desci a esteira caminhando, mesmo sem ser necessário. Com as mãos cheias de sacolas, encontrei a Chloe vindo do caixa de pagamentos, os olhos ansiosos pareciam me cobrar uma resenha.

—Ele é um grande idiota!—reclamei, pegando algumas das sacolas para mim.—Mais um pouco e eu partiria para agressão física.

—Yes!Essa é a Dili Sky.

—Acredita que até sobre a droga do dinheiro, que eu nunca pedi, ele...—Balancei a cabeça e como se fosse um sinal,— que não era dos céus — encontrei sobre o balcão uma caixa decorada com as cores natalinas que exibia uma plaquinha com a frase: “Caixinha dos funcionários, deixe a sua contribuição.”

—O que foi? —Chloe mostrou-se confusa com a minha atitude.

—Moça, tem um envelope para que eu faça a minha doação?— perguntei a uma das funcionárias, ignorando minha amiga.

— Pode colocar direto na caixa.—Ela sorriu com simpatia.

—Sim, mas eu gostaria de escrever umas felicitações...Sabe, elogiar a atenção dos funcionários.

Ela concordou com a cabeça e depois de revirar a parte de baixo do seu balcão, ela entregou-me um envelope pardo —Serve este? Se não, vou buscar outro lá na seção de papelaria.

—Imagina, está ótimo—agradei, afastando-me para o fim do balcão.

—Não...Dili, você não vai...?

— Sim, eu vou. Vou colocar quinhentos reais aqui, neste lindo envelope...Este dinheiro deve ter feito muita falta ao Pedro Paulo.

—Tem noção de que todos os colegas de trabalho dele vão ler o que você escrevendo aí?

— “Querido Pedro Paulo, desculpe ter demorado dezesseis anos para devolver o seu dinheiro, mas antes tarde do que nunca. Espero que essa grana possa comprar tudo o que falta na sua vida...Ops, acho que não, afinal, nenhum dinheiro é capaz de comprar a felicidade..” — Li em voz alta o que acabava de escrever.

Chloe empalideceu, abriu e fechou a boca algumas vezes sem emitir som algum.

—Dili, você é louca de fazer um negócio desses.

—Você sabe que eu sou.— Dei com os ombros, caminhei até a caixa e deposei o envelope. —Agora vamos, eu estou animada para produzirmos aqueles biscoitos de Natal.



Fogo, foguinho,  
fogão...

## 7 – Fogo, foguinho, fogão...

Fizemos duas fornadas de *ginger breads* e quando começávamos a decorá-los, a campainha tocou.

—Atende lá, Dili —minha mãe pediu, evitando interromper seu trabalho com os bicos de confeitaria.

Sem protestar, tirei o avental que vestia e corri até a garagem, acabei não perguntando quem era e ao abrir o portão, fui surpreendida por um rapaz que segurava uma cesta de rosas vermelhas. Em posse delas, o agradei e segurei o cartão, assim que coloquei os meus olhos sobre ele, as letras, que mais pareciam garranchos, foram imediatamente reconhecidas por mim.

“ *Algumas coisas nunca mudam...* ”

—Nossa!—Chloe gritou com empolgação, quando voltei para a cozinha segurando o arranjo de flores.

—Diana? Você ganhou rosas?—Mamãe, com suas mãos na cintura, lançou-me um olhar desconfiado.

Balancei a cabeça negando.

— Não são para mim...São para a Chloe— avisei, entregando o presente para ela.

—Para mim?—Seu rosto se igualou ao tom das rosas.

—Desde quando o Diogo é romântico, mãe?—Voltei às decorações dos biscoitos, enquanto a minha amiga lia o cartão.

—Vocês jovens são esquisitos...—mamãe resmungou e não parecia estar muito contente.— Bem que eu percebi uns olhares, umas risadinhas...

—Dona Eliete, eu...Nós...

—Chloe, fique tranquila, todos aqui somos maiores de idade, portanto, não precisa dar explicações à minha mãe.

—Nada disso...Quero saber quais são as suas intenções com o meu filho.—Ela pôs-se a encarar a Chloe, que já tinha passado de vermelha para roxa, tamanho o seu constrangimento.

—Mãe!—Tive de intervir.— Olha como a senhora está deixando a garota!—Não esquentá Chloe, minha mãe não está batendo bem...Ontem ela tentou bancar o cupido entre mim e um velho divorciado, chamado Tadeu.

Chloe riu e continuou olhando para as rosas.

— Eu juro que não esperava por isso.—Seus olhos estavam marejados.

— Chloe nunca ganhou flores antes... Por isso está emocionada—revelei.

— Nos Estados Unidos os homens não são românticos?

Chloe e eu nos entreolhamos, ao menos conosco, nunca foram.

— Homens são homens, mãe, e digamos que nós duas nunca fomos muito sortudas.

— Bom, não que seu pai seja um Roberto Carlos, mas não posso reclamar, ele até que é um bom marido.

Senti uma pontada em meu peito assim que mamãe terminou a frase, afinal, ter um caso com a cunhada, não conferia a ele aquela classificação. Confesso que desde a minha volta, eu evitava pensar naquilo, de qualquer forma, preferia acreditar que o caso dos dois tinha mesmo findado, do contrário, já teria vindo à tona.

— Posso imaginar o sucesso que estes biscoitos vão fazer na minha loja... Ficaram lindos!—Ela mudou de assunto.

—Ficaram mesmo—concordei, feliz pelo nosso bom trabalho.—  
Agora eu vou tomar um banho, estou grudenta e tem açúcar até nos meus cabelos.

Chloe também continuava na cozinha, ou melhor, seu corpo estava, ela permanecia de frente para a cesta de rosas, sorrindo como uma criança que ganha a sua primeira bicicleta.

—Ela está apaixonada, Dili...—Mamãe cutucou-me com o ombro.

Assenti com a cabeça, um pouco preocupada.

—Não sei se isso é bom ou ruim—murmurei, imaginado que se o relacionamento entre Chloe e Diogo vingasse mesmo, teríamos um problemão na hora de voltarmos à Florida. Essa ideia me fez pensar também no João Victor.

Como uma adolescente boba, senti calafrios por todas as vezes que cogitei ligar para ele. Tomei um banho demorado e, antes de vestir-me, fui até a minha bolsa. Na noite anterior João me dera seu telefone, marcado em um pedaço de papel.

*“Anda Diana, liga pra ele, afinal, sempre é o garoto quem toma a atitude...”*

—Atrapalho?—perguntei, sentindo o meu coração disparar.

—Dili? —A voz denunciou sua surpresa.

— Para sua decepção, sim— falei em tom de escárnio.

—Nossa...Eu não esperava que você me ligasse, mesmo desejando muito que isso acontecesse.

—Hum...Não quero ser estraga prazeres, mas estou ligando porque me lembrei que ontem saímos da Glowing sem que eu tivesse falado com aquele cara...—inventei a desculpa na hora.

Ouvi quando ele suspirou.

—Claro.— João não escondeu seu desapontamento, e eu vibrei.  
— O Evandro me ligou hoje, ele queria o seu número, mas só tenho o da sua casa, por isso não passei.

—Fez bem, eu nem o conheço—resmunguei, irritada com os rumos daquela conversa.

— Ele é um dos meus melhores patrocinadores. Não posso falar mal do Evandro.

—Vou ligar pra ele e acabar com esse mistério.Odeio ficar presumindo coisas...Sou o tipo mais direta.

— Ah...Então acho que estou no caminho certo.— Ele usou um tom mais sedutor, eu gostei.— Tenho mais uma hora de treino e depois estou livre, se quiser posso te levar até a Glowing.

—Ele vai estar na boate?

—Vai sim...Às segundas-feiras, ele passa o dia todo naquele lugar.

—Então eu acho que posso ir já...Sou muito curiosa.—Quis provocá-lo.

João limpou a garganta com um pigarro e eu podia imaginar o olhar que estaria lançando para mim se estivéssemos frente a frente.

—Quer ir se encontrar com ele, sozinha?—perguntou, sem tentar disfarçar o incômodo.

—Acha que tem algum problema? Quero dizer, tenho razões para me preocupar?

— Não entendi a pergunta.

—Ele é um psicopata ou algo do tipo?

—Claro que não...Só que...

Tapei o falante do telefone para poder rir, era nítido o quanto João ficara enciumado.

—Bom, então nos falamos depois.

—Tudo bem, nos falamos depois—despediu-se seco.

*“Ah... Diana, gosta mesmo de brincar com fogo...”*



Menos de quinze minutos caminhando e o suor brotava do meu corpo. Usava um dos meus vestidos mais frescos, mesmo assim, ele grudava na minha pele. Passei pela portaria do clube e nem precisei me identificar, o porteiro me reconheceu, era o mesmo do dia anterior.

—Boa noite—sorridente, ele me cumprimentou enquanto estendia a pulseirinha de visitante.

—Boa noite. O senhor sabe aonde os atletas estão treinando hoje?— perguntei ao mesmo tempo em que prendia o acessório ao meu pulso.

— Atletas?Os meninos do futebol?

—Não, os do tri-atletismo.

—Ah...Está falando do Tor.—Ele sorriu, e seu bigode cobriu os lábios.— Ele já deve estar se preparando para ir embora, o treinador dele passou por aqui não têm cinco minutos

—Certo...vou ver se o encontro.

— Dê uma olhada na lanchonete, hoje é dia de música ao vivo.

Assenti com a cabeça e acabei entendendo a razão do grande movimento de pessoas naquele clube, logo no primeiro dia da semana.

Valendo-me do meu sexto sentido, fui direto até a piscina coberta, talvez, influenciada pelo calor, acreditava ser lá o lugar onde eu o encontraria.

Errei. De frente para o grande portão de aço, a corrente com o cadeado fechado se fazia visível. Respirei fundo, desapontada e com medo de termos nos desencontrado.

Lembrei-me da pista de corrida, ficava do outro lado do clube, mesmo assim, decidi arriscar, afinal, eu estava lá e na pior das hipóteses terminaria a noite assistindo à apresentação de jazz, sozinha na lanchonete.



Confesso que enquanto o procurava, sentia raiva de mim mesma por estar me deixando levar por aquela situação. Havia um lado meu, o racional, que insistia em me mandar alertas de perigo iminente, e, enquanto a pista de corrida ficava mais próxima, minha passionalidade se tornava dominante, até me consumir por inteira.

De shorts pretos e sem camisa, o tórax liso e bronzeado era um chamariz.

*“Jojo...Assim fica difícil...”*

— Precisa melhorar esse tempo...— usei um tom mais alto, fingindo olhar para meu relógio.

João Victor parou bruscamente, a respiração curta fazia os músculos do peito subirem e descerem como se me convidasse a encontrá-los. O suor e a luz amarelada dos postes o faziam brilhar e quando ele sorriu, caminhando na minha direção, fui tirada de órbita por alguns instantes.

—Mudou de ideia?— Sua voz chegou junto do seu cheiro. Suor, madeira e mato verde, uma junção que culminava em testosterona pura.

Olhei para cima, tentando encontrar meu ponto de equilíbrio, uma vez que a minha cabeça acabava de ser inundada por pensamentos proibidos para menores de dezoito anos.

— É...Sou tão controladora que às vezes, mudo meus próprios planos, apenas pra provar que sou eu que estou no comando...—Engoli em seco.

—Hum...Disso eu tenho certeza.—Ele se aproximou de mim e seu corpo parecia febril.—Seu controle é indiscutível.

—Jojo...Pare de me olhar desse jeito...—reclamei vacilante. Seu calor me atingia em cheio, e era como se o sol tivesse voltado ao céu.

—Me deixou com raiva, sabia? Sobrou até para o meu treinador...

Juntei as sobrancelhas e o encarei.

—Eu?

Ele balançou a cabeça e deu um passo à frente, seus olhos se estreitaram e seus braços laçaram a minha cintura.

— Fez aquela ligação só para me provocar... O pior é que conseguiu.

—Você está suado...—resmunguei, sentindo o meu corpo todo gostar daquele contato.

—Não mude de assunto.— Ele me prendeu com mais força, eliminando qualquer distância entre nós.—Por que você faz isso, Dili?

Puxei o ar e foi a pior atitude que eu poderia ter tomado. Outra vez seu cheiro foi tudo o que coloquei para dentro dos meus pulmões e a ação entorpecente foi imediata.

—Por que. Você. Faz isso?— sussurrei sem forças. Àquela altura, me sentia desmanchando e inundada, em todos os sentidos.

João Victor subiu as mãos pelas minhas costas, com os dedos rígidos segurou a minha nuca e puxou com cuidado a minha cabeça para trás; seus olhos permaneceram nos meus, aflitos e insistentes. Outra vez me cobrando, e eu, sem conseguir pensar em mais nada, levantei meus calcanhares e envolvi seu pescoço.

— Me beija de uma vez...— murmurei como se fizesse uma prece.

Ele atendeu.

Seus lábios estavam salgados por causa do suor, enquanto sua língua tinha um gosto adocicado, uma combinação interessante. Explorei seu tórax nu, seus braços e a cada toque, meu desejo por ele aumentava.

—Quer ir até a piscina?— ofegante, perguntou em meu ouvido.

Afastei-me um pouco dele e olhei direto para a linha abaixo da sua cintura, mesmo pelo shorts escuro, dava para notar que o volume dentro dele, era ainda maior do que eu sentia contra mim.

—Pretende passar por entre as pessoas, desse jeito?—Apontei.

Ele abaixou a cabeça e sorriu com o canto dos lábios.

—Por isso acho que água fria pode ser uma boa saída...

*“Conheço outra forma para mudarmos isso...”*

Ainda perdida em minhas fantasias, tive meus dedos entrelaçados nos dele. João me puxou para a faixa de grama e acelerou os passos, fazendo-me praticamente ter de correr para acompanhá-lo.

Quando chegamos em frente ao portão que dava acesso à piscina, ele ergueu os braços e tateou a estreita marquise, pegou as chaves e destrancou o cadeado, voltando a fechá-lo assim que entramos.

—Só para nós dois.—Ele encolheu os ombros e soltou as chaves no chão, junto da sua camiseta.

Permaneci parada enquanto ele me olhava com desejo. Um passo à frente e sem aviso prévio, ele me tomou em seus braços. Soltei um grito que ecoou pelo ginásio.

—Ficou louco?

—Pode molhar esse vestido?—Seus olhos brilhavam.

Tirei a bolsa pendurada em meu ombro e também a joguei no chão, forçando um pé contra o outro, livre-me das minhas sapatilhas.

—Posso—concordei.

Ele sorriu. As covinhas voltaram a aparecer em suas bochechas e isso fez o meu coração disparar. Comigo em seus braços, João caminhou calmamente até a borda da piscina e com os lábios grudados nos meus, saltou para dentro dela.

A água nem estava tão gelada, mas em contraste com a minha temperatura me arrancou um gemido.

Tinha o meu corpo prensado contra o revestimento de vinil e o corpo de João Victor, a roupa grudada na pele e a cada beijo, meus instintos clamavam por mais.

Seus lábios desceram pela minha garganta e chegaram até a ponta dos meus seios. Mesmo por cima da roupa, sua boca quente roubou o meu ar. Sua língua passeava pelo pico enrijecido, uma das mãos apertava o seio livre com delicadeza, enquanto a outra estava no vão das minhas pernas.

Fechei os meus olhos, minha cabeça começou a girar. Tudo estava tão bom que eu não queria ver o fim, e, embora estivesse encontrando dificuldades para respirar, além do meu estômago permanecer

constantemente enjoado, eu não queria que acabasse, porque eu não lembrava de ter me sentido assim antes.

— Não poderemos ir até o fim...— João disse, quando minhas mãos alcançaram o cós do seu shorts.— Minha mochila está no vestiário...

Eu entendi o que ele quis dizer, e me senti uma idiota por não estar com preservativos na bolsa.

— Então...?— Encolhi os meus ombros, sem conseguir disfarçar minha frustração.

Sem nada responder, João voltou a me beijar e com a facilidade de alguém que muda uma cadeira de lugar, ele me pegou pela cintura, colocou-me para fora d'água, sentando-me na beira da piscina.

—Acho que podemos nos divertir um pouco, de um jeito alternativo...—Suas mãos estavam nas minhas pernas e subiram até alcançarem minha calcinha; assim que se livrou dela, os dedos passearam pelas minhas coxas, anunciando o que ele pretendia fazer.

Ao puxar meu vestido para cima, segurou a meu tornozelo, distribuindo beijos por toda a extensão, subiu por meus joelhos, coxas e então sua boca repousou na minha virilha. Àquela altura, o meu corpo todo pulsava e era como se todo o meu sangue estivesse concentrado em um único lugar.

A língua quente como brasa e enquanto beijava a minha parte mais íntima, eu segurava seus cabelos, controlando a intensidade daquela carícia que me roubava o ar.

*“Minha nossa, isso é tão estranho...O João Victor...Aquele garotinho de anos atrás, está com a boca na minha...Eu não deveria, mas isso é tão...Bom!”* , pensei, antes de explodir de prazer.



Fomos até a quadra de basquete e nos sentamos no chão, esperando que o calor dos nossos corpos, junto da alta temperatura que

fazia naquela noite, pudessem secar as nossas roupas molhadas.

João encostou-se no alambrado grosso que cercava o espaço, e eu me deitei com a cabeça sobre as suas pernas.

—Você é linda...

—Meu rosto deve estar todo borrado de maquiagem e meus cabelos, duros por culpa do cloro.—Passei os dedos pelos meus fios e eles encontraram resistência.— Não te ensinaram que é feio mentir, Jojo?

—Dá para ver todas as suas sardas e sem o contorno escuro, seus olhos são menos intimidadores.—Ele acariciava meu rosto e pareceu ignorar o que eu acabava de dizer.

Virei a cabeça para poder encará-lo. João me observava com atenção, como se quisesse decorar cada parte minha.

—Não imagina a felicidade que sinto por você ter vindo até aqui.—Ele dobrou o corpo e me roubou um beijo casto.— Você não saiu da minha cabeça por todo o dia.

Puxei o ar antes de me sentar.

—Precisa parar de falar essas coisas...—resmunguei enquanto abria minha bolsa. Meu estômago roncava, imitando o de João Victor.—Eu trouxe para você.—Estendi um saquinho com três biscoitos de Natal.

—Boa hora. Você me deixou morto de fome. São da Primeiro Pedaco?

— Na verdade, fui eu que fiz.

João manteve os olhos sobre mim e parecia desconfiado, pegou a bengala de açúcar e deu uma mordida.

—E então...?—perguntei, ouvindo o barulho crocante do biscoito sendo esmagando pelos seus dentes.

—Se foi mesmo você quem fez, já está pronta para casar.—Seu tom era divertido.

Balancei a cabeça negando, e depois enfiei a mão no saquinho, pegando um deles para mim.

—Não sou o tipo de mulher que se casa—declarei, antes de devorar a cabeça do papai-noel.

—Vai se casar comigo. Pode escrever.

Fechei os meus olhos e soltei uma gargalhada alta, achando mesmo graça no que acabava de ouvir.

—Já namorou? Eu digo, aquela coisa de levar a garota para conhecer seus pais, andar de mãos dadas no shopping, se agarrar no cinema...

João Victor terminou de mastigar e depois se manteve sério, como se pensasse na minha pergunta.

—Não. O esporte sempre esteve em primeiro lugar, meu tempo normalmente é contado, e meus pais, além do meu treinador, sempre frisaram o quanto uma garota poderia atrapalhar meus objetivos.

—Hum...E quais são seus objetivos?—Ajeitei-me, esticando as minhas pernas.

—As olimpíadas do Rio. Vou trazer pelo menos duas medalhas.

—Uau! Vai mesmo disputar as olimpíadas?

—Sim, Dili, você está falando com um atleta olímpico.—Ele piscou de um jeito charmoso para mim.

Estiquei o meu braço e acariciei sua perna.

—Que máximo! Isso é muito legal! Quem sabe eu não consigo vir ao Brasil para te ver competindo...

Ele entrelaçou seus dedos nos meus e me puxou para mais perto.

—Tenho certeza de que vai estar aqui, afinal, estaremos...

—Para João!—interrompi-o, achando graça.—Nem vem com esse papinho de seremos isto, ou estaremos aquilo...

—Tudo bem—ele levantou as mãos em rendição, os olhos ficaram estreitos e o sorriso largo. — Mas no próximo fim de semana, no domingo, para ser mais exato, eu vou participar da meia maratona da cidade, é a última prova do ano e eu sou um dos favoritos. Vale um carro. Gostaria muito que você estivesse na linha de chegada, à minha espera.

—O vencedor ganha um carro?

—Bom, não é?

Assenti com a cabeça e quando ele laçou meus ombros, arrastei-me até ele e sentada no seu colo, trocamos outro beijo, longo e com sabor de juventude.



Na manhã seguinte, acordei com o meu celular vibrando, era uma mensagem dele desejando-me um bom dia. Virei-me na cama, inquieta, meu corpo todo fazia questão de relembrar todas as sensações vividas na noite anterior e eu sorri antes de voltar a dormir.

Passei o resto do dia trabalhando no desenho que faria na Thais, por se tratar de uma arte cheia de detalhes, eu gostava de deixar tudo pronto com antecedência.

—Um dólar por seus pensamentos.—Chloe sentou-se no sofá, de frente para a poltrona onde eu estava.

— Sereias...estou pensando em como quero detalhar esta cauda —disse, sem tirar os olhos do papel.

—Esse sorriso nos lábios... Está escrito na sua cara que você fez sexo.—A frase veio acompanhada de um risinho.

Balancei a cabeça negando, mas sabia que a minha amiga não me deixaria em paz.

—Digamos que o João e eu avançamos uma casa...

Ela se ajeitou no sofá e abraçou uma das almofadas.

—Vamos Dili, quero detalhes.

Coloquei meu estojo de lápis de lado e sobre ele, o desenho.

—Se eu disser que sinto medo? Desse desejo, dessa quase necessidade...Vai soar muito louco?

Chloe piscou algumas vezes e isso me amedrontou ainda mais, afinal, eu sabia que ela acabava de ficar nervosa.

—Sejamos realistas...Em algum momento isso teria que acontecer, afinal, temos um coração.

Franzi a testa, estranhando a conjugação do verbo.

—Está mesmo apaixonada pelo meu irmão?

—Dili, estamos falando sobre você, certo?

Coloquei o dedo em riste e curvei o meu corpo em sua direção.

—Eu achava que sim, mas você se incluiu na conversa.

—Faz quatro dias que eu o conheço...Acho precipitado classificar, mas tenho que confessar, seu irmão me despertou coisas que há tempos eu não sentia.

— Você acorda e pensa nele, respira e pensa nele, dorme e sonha com ele...—afirmei depois de um longo suspiro.

—Isso.

—E quando chegar a hora de voltarmos?—indaguei, sobre algo que perturbava meus pensamentos.

Ela se levantou, as mãos cobriram o rosto, talvez para esconder a agonia que se fazia mais visível a cada segundo.

—Podemos pensar nos problemas, depois?

Fechei os meus olhos e concordei com um sorriso, nos abraçamos e sabíamos que nunca mais seríamos as mesmas.





*Forca*



## 8 – Força

Em frente ao espelho, me preparava para fazer a maquiagem, João Victor, depois de quinze mensagens ao longo do dia, acabou me convencendo a sairmos para jantar.

Enquanto deslizava o pincel por meus cílios, olhei direto para o canto dos olhos, analisando essa área. Ensaiei diversos tipos de sorriso a fim de encontrar vestígios de rugas ou pés-de-galinha e respirei aliviada por ainda não tê-los, além de agradecer internamente pela boa genética herdada da minha mãe.

Naquela noite, diferente de como eu gostava, minhas pálpebras foram delineadas de maneira mais sutil e minhas sardas não foram escondidas pelo corretivo. Pensar que estaria indo a um lugar público com um rapaz trezeanos mais jovem do que eu, fazia com que eu quisesse, de alguma maneira, aparentar ter menos idade, por isso, jeans e All Star foram meus eleitos.

—Está parecendo uma menininha, Dili—Chloe opinou, assim que cheguei à sala.

Ela e Diogo assistiam a um filme na tevê e meu irmão me encarou por alguns instantes.

—Verdade, tirando as tatuagens, você está parecendo aquela Dili de bons anos atrás.

Fiz uma careta para ele e com um gesto chamei minha amiga.

—Não disse nada pra ele, sobre mim e o João, não é?

—Claro que não, mas, ao que me consta, vocês não estão, exatamente, vivendo um romance às escondidas. Sem contar que o Diogo não é bobo, os dois são colegas, Dili! —Ela cruzou os braços contra o peito.

—Sim...Mas eu prefiro evitar comentários explícitos, sabe? Tipo, eu avisei os meus pais que vou sair, mas eles acham que é com o Caio; ouvi quando cochicharam.

Chloe levou as mãos até a boca, abafando seu riso.

— Continua em família...—zombou ela.

Dei um tapa em seu braço e a pele branca se avermelhou de imediato.

—Ele chegou—avisei olhando para o meu celular, João acabava de enviar a décima sexta mensagem do dia.

—Divirta-se...—Ela apertou a minha bunda.

—Comportem-se.—Apontei para os dois, que teriam a casa só para eles por um bom tempo. Meus pais tinham voltado ao clube, as encomendas de fim de anos estavam a todo vapor.

Com risinhos insinuantes, os dois acenaram para mim.

“*Por que você está tremendo desse jeito, Diana Lima?*”, reclamei em pensamento, quando encontrei dificuldade para colocar a chave na fechadura do portão.

Eram quase oito da noite, mas o céu ainda exibia pinceladas alaranjadas por entre as nuvens, as vantagens do horário de verão. Assim que pus os meus pés na calçada, ouvi a porta do carro do João ser aberta, àquela altura, as batidas do meu coração apareciam atropeladas e fisgadas gélidas se divertiam na linha abaixo do meu umbigo.

—Nossa...Você está tão diferente...—João sorriu e suas covinhas me levaram ao paraíso.

Dei alguns passos em sua direção, depois de varrer rapidamente com os meus olhos tudo ao nosso redor. Eu não gostaria que algum morador da casa da frente nos visse naquele clima. De qualquer jeito, assim que os braços de João alcançaram a minha cintura, minhas pernas mudaram de estado e, antes que eu pudesse protestar, seus lábios encontraram os meus. Nós nos beijamos, na calçada, na frente da minha casa, onde qualquer um poderia nos ver.

—Senti a sua falta—ele afirmou, depois de morder meu pescoço de um jeito sensual.

—Mentiria se dissesse que não foi do mesmo jeito comigo.—  
Acaricie seu rosto.

Ele fechou os olhos e jogou a cabeça para trás.

—Que coisa boa de se ouvir.—Sua boca voltou até a minha rapidamente. —Agora vamos, estamos em cima da hora.

—Para onde vai me levar, mesmo?

—Vai ver. —Ele tomou seu lugar no banco do motorista.—Mas tenho certeza de que vai gostar.

Como em todas as vezes que eu estava em seu carro, João Victor fazia questão de segurar a minha mão, mesmo isso atrapalhando as mudanças de marcha. Assim que entramos na rodovia, descobri qual era nosso destino.

—Shopping?

Ele ergueu as sobrancelhas.

—Algum problema?

—Não.—Dei de ombros.—Na verdade, eu ainda não fui até lá, desde que voltei, tem uma pessoa monopolizando todo o meu tempo.

Ele sorriu, demonstrando gostar do que ouvia.

Muito antes de chegarmos a uma das entradas, o trânsito já se mostrava lento, duas filas quilométricas de carros avançavam devagar, a impressão que eu tinha, era de que toda a cidade resolvera ir ao mesmo lugar naquela noite.

—Então é Natal...—João Victor fez uma meia careta. — Nos Estados Unidos as decorações são lindas, não é? Minha família e eu visitamos Nova York duas vezes e ambas foram em fins de anos.

— Pois é...São maravilhosas... Mesmo para quem não gosta muito.

Ele virou o rosto para mim e juntou as sobrancelhas.

—Não vai me dizer que não gosta do Natal...?

—Prazer, Grinch.—Estendi a mão em uma proposta brincadeira.

Rimos os dois.

—Não! Você me deu biscoitos de gengibre, feitos por você; isso não combina com quem odeia o Natal.

—Eu não odeio, apenas...Sei lá, essa data simboliza família, e acho que estar longe da minha por tantos anos me causou uma espécie de defesa. Admito que meu coração endureceu um pouco.

— Não concordo, para mim, você apenas finge ser durona, de qualquer maneira, este Natal vai ser inesquecível.—Ele puxou minha mão para um beijo.— Eu vou dar um jeito de derreter seu coração.

Ainda ria do que ele tinha acabado de dizer, quando chegamos ao estacionamento e confesso ter ficado admirada com a evolução daquele lugar. Ao menos três vezes maior do que era quando eu me mudei, o Shopping Arco Dourado fazia jus ao nome.

Com grandes letras metálicas na cor do ouro, a suntuosa fachada brilhava sob as milhares de mini lâmpadas que caíam em cascatas de luzes amareladas, piscando em breves intervalos.

Letreiros eletrônicos indicavam a direção de onde havia vagas e em menos de dois minutos, João parava seu carro bem perto da entrada que dava acesso às lojas.

Ele desceu e antes que eu pudesse me movimentar, abriu a porta para mim.

—Temos que nos apressar, a sessão começa em cinco minutos.

—Cinema?

—Cinema e mãos dadas.— A afirmação veio junto de um piscada, enquanto seus dedos entrelaçaram os meus.

—Não!—Tentei me soltar dele.—Não está tentando...?João, isso é por causa da conversa de ontem?

—Conversa? Não, eu só estou levando uma garota para o cinema...

Puxei o ar e preferi encerrar o assunto, de mãos dadas entramos no shopping e a impressão que eu tive, era de que todos olhavam para nós sabendo da nossa diferença de idade.

— O que vamos assistir?—Quis saber enquanto subíamos pela escada rolante.

—Por você...—Ele levantou o dedo.— E só por você, vou fazer o sacrifício de assistir ao filme dos vampiros que brilham no sol —disse com desdém.

—Amanhecer parte dois?

Ele suspirou , fechou os olhos e depois sorriu para mim.

—Isso.—João abriu a carteira e tirou os ingressos de dentro dela. —Consegui ótimos lugares.

Eu já tinha assistido ao filme. Semanas antes, Chloe e eu ficamos horas na fila da pré-estreia em Tampa, na sessão que teve início à meia-noite. De qualquer forma, eu não contei esse detalhe para ele, achei tão delicada e fofa sua atitude, que simplesmente me pendurei em seu pescoço, como se ele tivesse inventado o chocolate.

—Ponto para você!—sussurrei em seu ouvido.

—Se eu pegar pipocas e refrigerante, ganho pontos extras?

Sentindo o cheiro de manteiga agradar o meu olfato, concordei com a cabeça e, assim que me deu um beijo rápido, João seguiu para o aglomerado de gente, que de um jeito muito mal organizado, esperava para ser atendida.

À minha frente e também atrás de mim, garotas na faixa dos dezesseis anos, vestidas em camisetas com a foto do casal Bella e Edward, eram o público dominante do local, talvez por isso, sentia-me como uma estranha no ninho. Deixei meus olhos se perderem em meus próprios pés, tentando desfazer a impressão de estar sendo observada, mas de soslaio eu podia ter a comprovação que de fato, alguns pares de olhos faziam questão de manter-se sobre mim.

A fila começou a andar, movimentei a cabeça tentando encontrar o João Victor. Com as duas mãos ocupadas, ele também procurava por mim. Levantei os meus braços e acenei para ele.

—Bem em tempo.— Ofegante, ele entregou os ingressos ao rapaz na entrada da sala de cinema.

—Meu Deus! Por que este monte de coisas? —Segurei um dos baldes de pipocas e juntos, caminhamos pelo carpete escuro, em busca das nossas cadeiras.

—Lá em cima. — Ele colocou uma das mãos na minha cintura. — Última fileira, poltrona de namorados. —Olhei para ele com desaprovação.— O quê? São poltronas mais espaçosas e sem divisão entre nós.— Ele apontou e eu pude ver nossos lugares vagos. Todos os outros, de ambos os lados, estavam ocupados por casais de adolescentes, que sequer esperaram pelo apagar das luzes para darem início ao agarra - agarra.

—Isto é um motel disfarçado...—segredei para ele, aconchegando-me na larga poltrona de couro, que mais parecia um sofá.

João olhou para os lados discretamente e depois passou o braço em torno dos meus ombros.

—Confesso que eu sempre tive vontade de ficar aqui...— Disse direto no meu ouvido.

Arqueei as sobrancelhas e ri com sarcasmo.

— Acha mesmo que eu caio nesse seu papinho furado?Nem quero pensar em quantas outras estiveram aqui com você.

Ele balançou a cabeça em negativa e sem muito esforço, fez meu corpo deslizar para mais perto.

—Acredite, você é a primeira.

As luzes se pagaram e então, depois de alguns trailers, o filme começou. Apoiei a cabeça no peito de João Victor e tentei prestar a atenção nas cenas exibidas naquela tela gigante. Tarefa difícil, ainda mais quando por estar aninhada em um corpo quente, recebendo carinhos delicados e trocando beijos amanteigados.

— Está chorando, Dili?—João indagou-me, depois de uma fungada que eu acreditava ter sido discreta. Bella acabava de deixar que Edward lesse seus pensamentos, ao som daquela canção romântica que era tema dos dois, eu não me segurei.

— Quer saber João? Estou sim...Esse é o último filme e eu acompanho desde o primeiro...Acho a história deles tão bonita — confessei, cansada de bancar a durona.

Achei que ele fosse zombar de mim, e estava preparando uma boa resposta, no entanto, João apenas beijou o topo da minha cabeça, de um jeito tão carinhoso, que fez meu corpo todo estremecer.

De volta à escada rolante, ele virou todo o corpo para mim e afagou meu rosto. Enquanto a maioria das meninas deixava a sessão de cinema desejando ter um Edward pra chamar de seu, eu tinha o João e isso me fez sorrir.

—Está com fome? Porque eu me empanturrei com toda aquela pipoca e não penso em comer mais nada—perguntei enquanto ele me abraçava.

—Zero fome.

—Então, podemos ir, amanhã eu tenho aquela tatuagem que falei para você, quero deixar o decalque pronto, estudar as cores que vou usar...Pretendo acordar cedo.

Caminhávamos em passos lentos e sem aviso prévio ele parou.

—Está vendo aquilo?—Apontou uma máquina de bichos de pelúcia.—Vou pegar um pra você.—Gosta de ursos, não gosta?

Fiquei séria.

—Que insulto!—reclamei.—Claro que eu gosto; só que essas máquinas são uma farsa, é mais fácil ir até uma loja e comprar uma pelúcia pra mim.

—Não me subestime, Dili.— Ele deu a volta em torno da máquina, observando o amontoado de ursos de diferentes modelos.—Pode escolher entre qualquer um daqueles três.

—O de gravata vermelha...—apontei enquanto ria. A mim, parecia ser o mais difícil de ser pego.

João colocou uma nota de dez na máquina e em troca recebeu cinco chances, no mesmo instante a garra metálica se movia por cima dos ursinhos.

—Calma! Eu ainda tenho outras quatro tentativas.—Ele apontou o dedo para mim depois que a garra chegou a segurar um deles, mas soltou-o como se estivesse frouxa.



—Eu disse, em qualquer lugar do mundo, máquinas como estas servem apenas para nos causar frustrações.

Sem dar ouvidos ao que eu dizia, João repetiu os mesmos movimentos de minutos atrás, e então, assim que apertou o botão no centro da máquina, a garra levantou o urso de gravata vermelha e o soltou direto no cubo de acrílico. Uma música eletrônica engraçada e luzes piscando no painel, avisaram que ele era meu, ou melhor, do João.

Ele se abaixou para pegá-lo e com um ar triunfante entregou-o para mim.

—Eu não acredito!—sibilei empolgada.

—Eu disse para não me subestimar...—Sorriu com o canto dos lábios e abraçou a minha cintura.—Acho que eu mereço um beijo.

*“Está entrando na dele... Mas que se dane!”*

Fechei meus olhos e bem ao estilo filminho de sessão da tarde, envolvi seu pescoço, segurando em uma das mãos o ursinho de pelúcia.

Estávamos nos beijando em público, em um shopping lotado e por mais que as pessoas ali fossem todas desconhecidas ou esquecidas por mim, João Victor era o atleta daquela cidade, o menino de ouro de Arco Dourado, por isso não me surpreendi com a aproximação de um grupo de rapazes e garotas que vieram abordá-lo, quando ainda tínhamos nossos lábios unidos.

—E aí cara? Preparado para o domingo?—Um jovem alto e magro, cumprimentou João Victor, dando três tapinhas amistosas nas suas costas.

—Aquele carro já é meu, pode esquecê-lo!— ele afirmou, depois de entrelaçar seus dedos nos meus.—A propósito, essa é a Dili, minha

—Prazer— interrompi-o e em seguida acenei para todos, certa de que a tonalidade do meu rosto denunciaria o desconcerto em que me encontrava.

—Eu sou o Ramon, o cara que vai tirar o carro do Tor. —Ele se inclinou para um beijo.

—Eu não o subestimaria, o João é uma das pessoas mais obstinadas que já conheci—avisei meio constrangida.

As garotas permaneceram em silêncio, apenas assistindo a tudo, uma delas parecia ter gostado de mim, já que seus olhos permaneceram fixos no meu rosto por todo o tempo.

—Veremos no domingo...— Ramon disse com desdém, então partiu.

Caminhamos até o estacionamento, João não parava de falar no quanto aquele rapaz era competitivo, e em como ficava quando perdia para ele. Já eu, só conseguia me concentrar na maneira com que estava prestes a ser apresentada, e pior, nos olhares que eu tinha recebido daquelas meninas.

—O que foi?— questionou ele, quando ao abrir a porta do carro para que eu entrasse, permaneci parada, apenas encarando-o.

—Isso está passando dos limites...

— Eu não estou entendendo. O que foi que passou dos limites?

Olhei para cima, cada célula do meu corpo se encontrava em confusão.

—O que estamos fazendo. João, eu não estou o culpando... Eu dei corda, deixei me levar, só que agora percebi no que estou me metendo.

Ele colocou as mãos no bolso da calça, manteve a testa enrugada e seus olhos castanhos iam e voltavam como se estivessem perdidos.

—Eu achei que estivesse gostando...Ontem foi tão...

—Bom—completei. Com um passo à frente fui para bem perto dele.— Você é fantástico João, uma companhia e tanto, mas sejamos realistas, eu não posso oferecer aquilo que você está procurando... Não podemos brincar de namorados, entendeu?

—E quem disse que eu quero brincar? —Ele acariciou o meu rosto. —Eu gosto de você, muito, na verdade. Eu nunca me senti tão bem ao lado de uma garota.

Fechei os meus olhos, sentindo a pancada daquela frase atingir-me como um soco na cara.

—Chegamos a um dos problemas. Eu não sou uma garota, eu sou uma mulher, João, e por mais que eu me vista como as meninas da sua idade, todos sabemos que é tapeação, que qualquer um que nos olhe, vai

notar a nossa diferença de idade eu não gosto disso.—Bufei.— Não gosto de me sentir como me sinto agora.

— E como se sente agora?

— Uma velha idiota, vestida em tênis All Star, com os cabelos presos num rabo-de-cavalo e segurando um ursinho de pelúcia, tentando parecer uma adolescente...—confessei com amargor.

Ele balançou a cabeça como se eu acabasse dizer uma grande besteira; outro passo e ele me segurou pelos ombros.

— Com certeza estamos falando de pessoas diferentes, porque tudo o que vejo na minha frente, é uma garota linda, que consegue ser intimidadora mesmo segurando um urso esfarrapado nas mãos e, que acaba de me fazer pensar em uma maneira de subornar um cartório, só para conseguir uma certidão de nascimento com a data alterada.

—Pode parar com isso?—choraminguei, odiando o fato de o João sempre dizer a coisa certa.— Desse jeito fica difícil.

Ele segurou o meu queixo, o ar que saía da sua boca era o mesmo que eu respirava e enquanto deixava a minha razão de lado, puxava-o para bem perto de mim.

—Vamos para minha casa?—ele sugeriu, depois de termos que interromper os nossos beijos por mais de três vezes. Já era tarde e àquela altura o estacionamento estava movimentado, as pessoas começavam a ir embora.

—Imagina! —Abri a porta do carro e me sentei no banco de passageiros.

—Se está preocupada com os meus pais, pode ficar tranquila. — Ele o olhou para o relógio em seu pulso. — A esta hora, eles já estão no quarto, prontos para dormir. Meu pai acorda muito cedo.

—Melhor não.—Acariciei o seu rosto, achando-me forte demais.— Como eu disse, eu tenho de estar descansada para amanhã, vou ficar duas horas praticamente na mesma posição e...

—Tudo bem, eu não vou insistir, mas espero que seja apenas essa a razão.

*“Sabe bem que não é apenas por isso, dona Diana!”*

—É sério, eu só quero estar bem-disposta — menti.

Naquela noite, despedi-me de forma rápida de João Victor, as luzes da casa da minha tia estavam acesas e eu não queria comentários sobre a minha vida pessoal. Na sala, Chloe e Diogo dormiam abraçados no chão, sobre o tapete.

Fiquei parada os observando por alguns minutos e não pude deixar de sorrir. Eles até que formavam um casal bonitinho.

Enfim, a Chloe vivia um romance descomplicado, e para mim era ótimo, afinal, não teria de ouvi-la choramingando porque seu telefone não tocava, ou por ter levado o bolo de algum pretendente.

Sentindo-me melancólica, fui até o meu quarto e parei em frente ao espelho com o urso nas mãos. A frase dita por João no estacionamento do shopping ainda ecoava em meus pensamentos.

Deve ser culpa do filme, pensei, estranhado o vazio dentro do meu peito.

Cinco dias em Arco Dourado e tudo o que levei anos para construir e para consertar dentro de mim, parecia estar desmoronando. Uma pessoa bem resolvida como eu achava que era, não deveria estar se sentindo daquela maneira.

Coloquei o urso sobre a minha cama e suspirei tentando aliviar a minha angustia. Pronta para vestir meus pijamas, ouvi o apitar do meu telefone. Mesmo sem ter certeza de que era ele, o meu peito parecia ser o palco de uma escola de samba, daquelas bem animadas. Segurei o aparelho e tive a confirmação.

***“Esta é a décima segunda vez que passo em frente à sua casa...***

***Devo me preocupar quanto a minha sanidade?”***

Não pensei em mais nada, apenas meus dedos moveram-se no teclado do telefone, externando a agitação que crescia dentro de mim.

***“Na décima terceira, pare... Preciso falar com você.”***

Recoloquei as roupas que permaneciam sobre a cama, calcei os meus tênis e saí. Eu precisava olhar para ele, mais do que os meus pulmões precisavam de ar. Quando abri o portão lateral, seu carro acabava de estacionar.

Ele desceu com os olhos urgentes, o maxilar contraído, e eu me atirei em seu colo e me perdi em seus braços.

—Pode me apertar com toda a força que você tem?— supliquei, desejando desaparecer.

—O está acontecendo? Comigo...Com você?

Levantei a minha cabeça que até então repousava em seu peito, eu podia ouvir a batidas do seu coração, a cada segundo mais rápidas.

—Ainda quer me levar para sua casa?



Não dissemos nada um ao outro, em certo ponto, eu reconheci o caminho, afinal, João morava no mesmo quarteirão do Caio.

Ele entrou com o carro na garagem, e quando desligou o motor, virou o corpo todo para mim. Gotinhas de suor se acumulavam sobre os seus lábios e em sua têmpora, uma veia pulsava descompassada.

João Victor segurou meu rosto dentro das mãos. Fechei os olhos, não queria ver nada, apenas sentir. Tal como a minha, sua respiração era curta e sonora.

—Tem certeza de que não vou cruzar com os seus pais?— sussurrei em sua boca, ao fim de um beijo atormentador.

Ele negou com a cabeça, abriu a porta e desceu. Imittei-o, tentando não fazer barulho.

Passamos pela sala e depois pela cozinha, que tinha aroma de café. No piso de madeira do corredor, o atrito das minhas solas de borracha emitia um ruído baixo, mesmo assim, eu achava que a qualquer momento, uma daquelas portas se abriria para um flagrante.

A penúltima delas foi onde paramos, estava encostada e tinha um tag pendurado na maçaneta, com o aviso: “*Não perturbe, futuro campeão olímpico descansando!*”

Olhei para João e ergui as sobrancelhas.

—Quanta confiança...—murmurei, quando já estava do lado de dentro do quarto.

—Foi um presente...Incentivo dos patrocinadores.—Ele encolheu os ombros, sem baixar a voz.

Coloquei o dedo em seus lábios, temia chamar a atenção de alguém. João entendeu, girou sobre os calcanhares e fechou a porta trancando-a com as chaves.

—Música ou tevê?— perguntou, com dois controles remotos nas mãos.

—Ambos.

—Ambos?

—A iluminação da televisão e o som do rádio— respondi, passeando os meus olhos pelo cômodo que não tinha nada demais. Era apenas o quarto de um garoto.

Uma cama de solteiro encostada na parede coberta por lençóis azul-marinho, sobre a cômoda, alguns porta-retratos e o que mais me surpreendeu foi um painel emoldurado, onde dezenas de medalhas apareciam penduradas.

—Viu? Está no quarto de um campeão.—João voltou para o meu lado.

—São muitas...—concluí, parando de contar na vigésima oitava.

—Em seis anos, setenta e oito medalhas.

Arregalei os meus olhos.

—Uau! Daqui a algum tempo vai precisar de uma parede inteira.

—Em nossa casa, teremos um quarto só para essas coisas... Medalhas, troféus...—João me abraçou pelas costas, repousando o queixo na curva do meu ombro.

—Nossa casa?—Ri da colocação.

— Você não acredita que vamos nos casar, não é?

— Você vai, agora eu...Já te falei, não sou esse tipo de mulher. Sinto muito.

João segurou a minha cintura, fazendo com que eu me virasse para ele.

— Vamos falar sobre isso no futuro... Vai ser engraçado ver você admitir que estava enganada, quando estivermos fazendo nossos votos na frente de um padre.

Balancei a minha cabeça negando.

— Tem dezenove anos, precisa parar de falar sobre casamento.— Acariciei o seu rosto e uma onda de tristeza voltou a me atingir. Imaginar que algum dia ele estaria mesmo se casando, e que aqueles olhos castanhos que me olhavam com tanta paixão, pertenceriam a outro alguém, tirava meu chão.

—Sabe que eu fico feliz por você ter pensado dessa forma até hoje?—Seus lábios tocaram os meus com delicadeza.— Tenho certeza de que estava esperando por mim.—Ele me puxou para mais perto e com nossos corpos rentes, toda aquela postura e segurança que ele tentava transmitir, eram desmentidas pelas mãos trêmulas e geladas.

Com rigidez, seus braços me prendiam e ainda com os lábios unidos, ele me deitou em sua cama, tirou a camiseta e soltou o seu peso sobre mim. A pele fervia, e eu também achava que entraria em combustão a qualquer momento.

Insistentes, as mãos subiam e desciam pelas minhas coxas e a sua língua parecia querer ir cada vez mais fundo dentro da minha boca. Eu começava a ficar sem ar, de fato, e era bom; tanto, que minha vontade foi de fazer com que todas aquelas sensações fossem prolongadas.

—Calma...—ciciei, notando a luta entre seus dedos e o botão da minha caça jeans.

João parou, seu rosto avermelhado exibia uma expressão assustada.

—Eu estou nervoso...Tenho medo não atender às suas expectativas.—A frase veio em tom de confissão. — Uma mulher experiente como você deixa qualquer homem intimidado. —Engoliu seco.

Puxei o ar, precisava encontrar uma forma de igualar as coisas entre nós.

—Eu também estou com medo...Disso, e de tantas outras coisas.— Escolhi dizer a verdade e me pareceu libertador.— Eu quero que hoje seja especial, porque você é especial.

Ele sorriu, franco e desarmado, depois, colocou a mão por baixo da minha nuca, levando o meu pescoço para perto do seu rosto. Beijos delicados eram depositados ali, leves como asas de borboleta.

Estremeci, soltando um gemido abafado quando outra vez seu corpo cobriu o meu. Ao fundo, alguma música que eu não consigo me lembrar, mas que eu gostava, tocava lenta, como se acompanhasse o ritmo dos nossos beijos que duraram por minutos, sem pressa, bem como eu queria, diferentes do que eu provara antes, com os outros que não foram o João Victor.

Não será para sempre... Essa afirmação perturbava meus pensamentos, e por momentos se fazia como aviso.

Eu sei, pensei. E por isso mantive meus olhos abertos e as minhas mãos ativas; apertava os ombros definidos, espalmava o tórax desenhado, além de respirar todo o ar e todo o cheiro que vinham dele.

Levantei-me e eu mesma acabei por me livrar das roupas que vestia, peça a peça, devagar, deliciando-me com as expressões involuntárias que João Victor exibia em seu rosto.

—Você é incrível...—elogiou-me quando me sentei em seu colo, com as pernas em torno da sua cintura.

Apenas sorri, sabia que ele achava mesmo aquilo, e se conseguisse, teria dito que ele também era, mas preferi me calar, ou melhor, preferi voltar meus lábios à sua boca, ao mesmo tempo em que ele, de um jeito preciso, voltou a se deitar, deixando-me sobre ele dessa vez.

Perfeito! Uma visão privilegiada de algo próximo do paraíso, meu paraíso.

Talvez, como ele mesmo dissera momentos antes, a ideia de que precisava me provar que era bom, de que precisava me surpreender, fez com que João desse tudo de si; beijos, toques, o jeito que suas mãos



exploravam meu corpo, que os lábios passeavam pelos meus seios enquanto os olhos estavam fixos nos meus, e finalmente, nós dois nos tornando um só, naquela cama pequena. Foi perfeito, porque não precisávamos mesmo de espaço.

Amamo-nos com demora, com uma calma que contrariava o tempo real, em um ritmo criando por nós, dentro de um mundo só nosso, ignorando a realidade que ficava do outro lado daquelas paredes. Cada ida e cada volta dos nossos corpos, sincronizados, ritmados, pareciam uma prova de que não importavam aqueles treze anos de diferença. Fomos levados para outra dimensão e quando juntos estremecíamos inundados de prazer, não havia nenhuma barreira entre nós.

— Me promete uma coisa?—murmurei com a cabeça repousada em seu peito, deliciando-me com as batidas do seu coração que pareciam não querer estiar.

João Victor entrelaçou seus dedos nos meus e levou-os até seus os seus lábios.

—Peça o que quiser.

—Juraque nunca vai se esquecer desse momento?

Ele roçou o rosto liso contra as costas da minha mão, sem nada me responder; puxou o ar com força, fazendo com que seu abdômen afundasse, se levantou, caminhou até o quadro de medalhas e mesmo confusa não pude deixar de notar que sua bunda era redonda e dura, bem como nas memórias que faiscavam, frescas dentro da minha cabeça.

Assim que tirou o tampo de vidro, com cuidado puxou um daqueles que eram símbolos de suas inúmeras vitórias, voltando em seguida para a cama.

—Esta medalha é de todas, a mais importante para mim. Ter ganhado essa prova foi a comprovação e que eu estava no caminho certo.— Ele passou a fita vermelha pela minha cabeça, deixando o círculo dourado e pesado, repousar no meio dos meus seios. Estremeci pelo toque gélido do metal.— Embora sejam duas coisas muito diferentes, o que houve agora entre nós, tem o mesmo significado para mim... Eu estou, ou melhor, nós estamos no caminho certo.

Engoli seco, era extraordinária a capacidade que aquele rapaz tinha de fazer e dizer coisas que me deixavam sem ação.

—João...

—Por favor, Dili.— Ele me abraçou, interrompendo minhas palavras. —Não fale nada que possa estragar isso. Não, quando tivemos algo além da perfeição.

Eu o obedeci, mesmo sabendo que não deveria estar deitada na cama do sobrinho do Caio e mesmo ciente de como seria o fim daquilo que acabávamos de começar, era ali, onde eu queria estar.



*Joio*



## 9 – Ioiô

Chloe, assim como no meu estúdio em Tampa, me ajudou a organizar um canto da casa, onde eu atenderia a Thaís. Improvisamos na sala, um lugar para que eu pudesse tatuá-la e faltava pouco para o horário combinado.

—Agora não adianta fugir, Dili, pelo que me disse, o garoto não vai te dar sossego—ela opinou, depois de me ouvir contar sobre o que tinha acontecido na noite anterior.

—Sabe o que é mais complicado? Eu não quero fugir...— confessei, rindo.

A campainha tocou, fazendo com que interrompêssemos o assunto.

— Deve ser a Thais...Abre pra ela?

Chloe atendeu ao meu pedido, e eu continuei fazendo os últimos ajustes no desenho da sereia.

— Oi, Dili ! Me convidou e eu vim.—Débora, vestida no uniforme escolar, sentou meio tímida em uma das poltronas.

—Claro...—Beijei seu rosto.—Ainda tendo aulas? No meu tempo, esse já seria o período de férias.

—Na verdade, fiquei de recuperação.—Ela revirou os olhos. — Pra ser sincera, eu odeio estudar.

—Eu também odiava...—Chloe sentou-se ao lado dela.

— Que ótima coisa pra se dizer a uma garota da idade dela...—  
chamei sua atenção.

—Mas eu só estou sendo honesta, estudar é um saco mesmo.

Outra vez a campainha tocou.

—Vai Chloe, agora é ela.

—Nossa, que coisa linda!—Débora segurou a folha com o desenho colorido e seus olhos cintilaram.

—Seu pai também desenha, não é?—perguntei como quem não quer nada. — No colégio ele era o melhor.

Ela recolocou a folha sobre a mesa de centro e fez uma careta.

—Eu já vi alguns desenhos dele, mas são antigos, de quando ele era novo, acho que agora meu pai não desenha mais.

—Hum—murmurei, achando estranho. Desenhar era a paixão do Pedro Paulo e saber que ele a tinha abandonado, acabou me surpreendendo.

Ouvi as risadas da Chloe e um segundo depois ela e a Thais passaram pela porta.

—Foi o que consegui improvisar para poder te atender—avisei a garota, depois de cumprimentá-la com um abraço.

—Imagina, está ótimo.— Ela deu uma olhada panorâmica por tudo, e então, concentrou-se no desenho sobre a mesa.

—Minha Nossa! É a minha tatuagem?—As mãos foram ao peito, uma visível empolgação.

—Sim.—Entreguei a folha para ela.—Gostou das cores?

—Eu amei! Amei, amei, amei.

Todas rimos.

—Que bom.—Vesti minhas luvas cirúrgicas.—Agora pode deitar.  
—Apontei o sofá.— Thais, essa é a minha prima, Débora... Se importa que ela acompanhe sua tatuagem?

—Claro que não.—Esbanjou simpatia.

Sem querer perder tempo, decalquei o desenho no local indicado por ela. Assim que liguei o motor da máquina, senti o meu coração bater com mais vigor. Era sempre do mesmo jeito e aquilo comprovava o quanto eu amava o meu trabalho, e também, o quanto ele vinha me fazendo falta.

Uma hora depois e todos os contornos já estavam prontos, no entanto, a pele da garota reagira mal às agulhadas e inchava a cada instante – algo natural –, mas que poderia atrapalhar o resultado final da arte.

—Vou começar a colorir algumas partes, os sombreamentos vamos deixar para uma próxima sessão. Não quero judiar desta pele.

—Vou confessar que estou sentindo muita dor.

—Normal.—Chloe interveio. — Mas está ficando linda!

Thais olhou para a perna e abriu um sorriso.

—Maravilhosa, tanto, que por mim, mesmo com a dor poderíamos terminar hoje mesmo...Eu tirei a tarde de folga.

— Eu também quero muito ver essa tatuagem pronta.—Débora, que não parou de tagarelar por nem um minuto, era a mais ansiosa.

—Bom, vamos continuar então, e, dependendo de como a sua pele, e você, aguentarem, terminamos. Agora, se inchar muito mais do que isso, paramos.

Passei outra camada de pomada anestésica e pus-me a dar cor ao desenho, minha parte preferida, onde eu viajava para um lugar comandado por mim. Uma forma de mostrar o meu jeito de enxergar o mundo.

Pouco mais de uma hora depois e Thais não suportou. Bom para ambas. As minhas costas reclamavam, meus ombros queimavam e a coxa dela começava a convulsionar de forma involuntária.

Borrifei um pouco de água e limpei o excesso de tinta e sangue. Ela ficou em pé e era inegável, mesmo faltando alguns detalhes, a tatuagem ficara incrível.

—Nem sei o que dizer...—Thais, boquiaberta, olhava a perna refletida no espelho segurado por Chloe. —Isso superou tanto as minhas expectativas, que vou sair daqui já pensando na próxima que vou fazer.

—É assim mesmo...Tatuagem é igual sexo, começou não para mais !

—Chloe!—rosnei para ela.—Temos uma criança aqui na sala!— Olhei para Débora e ela ria deliberadamente.

—Dili, é só uma brincadeira! Nada demais.

Balancei a cabeça negando, era só o que me restava.

—Quando tiver dezoito anos, vou querer fazer também. — Débora sorriu.

—Sexo ou tatuagem?

—Meu Deus!—Ergui as mãos. Não tinha jeito, minha amiga era mesmo muito sem noção e eu nem deveria me espantar com nada do que ela dizia.—É, pelo que me fala sobre o seu pai, acho que vai ter de ser maior de idade para poder se tatuar—opinei, ciente de que Pedro Paulo se tornara um homem careta e conservador.

— Meus pais nunca ligaram, eu sempre fiz tudo o que quis, não é Dili?

Estava abaixada, colocando o plástico filme sobre o desenho na perna da Thais, então encarei a Chloe.

—Seus pais são as pessoas mais liberais que já conheci...De qualquer maneira, veja no que deu...—zombei, e ela mostrou a língua.

—Os meus são bem rígidos, tanto que só agora que trabalho e tenho o meu próprio dinheiro, é que estou podendo fazer as coisas de que tenho vontade — Thais pontuou, enquanto fazia caretas de dor por eu estar colocando a fita adesiva próxima a tatuagem.

—De qualquer jeito, eu nunca fiz nada de errado, ou melhor, de tão errado.—Chloe sentou-se de frente para a Débora outra vez. — Tive vários namorados, tomei alguns porres, fumei algumas coisas ilícitas e beijei uma garota, mas foi a Dili, então, nem sei se conta.—Mal ela terminou a frase e já estava com os olhos nervosos, me encarando enquanto seu rosto se igualava ao tom carmim do batom que usava.

—Gente, a Chloe precisa ser estudada pela Nasa, acho que ela não é deste mundo...

Débora cobriu a boca para esconder que estava achando graça de tudo aquilo, enquanto a Thais sequer disfarçava, ria como se acabasse de ouvir a piada mais engraçada do planeta.

Acompanhei-a até o portão e combinamos que ela voltaria na sexta, para que eu pudesse finalizar os últimos detalhes do desenho. Retornei à sala correndo, temia Chloe e Débora sozinhas.

Estava certa.

—O que acha que está fazendo, sua louca!?!—gritei, ao deparar-me com a minha prima só de calcinha, sentada com a perna esticada sobre a mesa de centro e com a coxa estampada pelo desenho da Thais.

—Eu só decalquei para ela ver como fica...

—Quer que os pais dela venham arrancar a minha cabeça?!—reclamei, já com um pano úmido nas mãos.

—Dili, eu gostei tanto, me deixa ficar um pouco com isso, mais tarde tomo banho e sai. —Ela juntou as mãos, implorando.

Soltei o pano sobre a mesa e me joguei no sofá.

—Eu juro que devia estar insana quando convidei você pra vir até aqui comigo...—Encarei-a e Chloe parecia nem se importar com as minhas reclamações.

— Mentira dela!—sussurrou à Débora.— A Dili não vive sem mim...—Ela pigarreou diante a minha indiferença.— Sabe o que sua prima estava me contando? Ela é apaixonada por um garoto mais velho... Acho que uma tatuagem o faria notá-la...

—Sabe o que eu acho? —Apontei o dedo para ela.—Que você vai me ajudar a arrumar tudo por aqui, e Débora, por favor, se não quiser ver a sua prima sendo queimada em praça pública, como uma das bruxas de Salem, não deixe que ninguém veja isso na sua perna.

—Fique tranquila.—Ela vestiu o Jeans com muito cuidado, preocupada com o desenho.

Voltei todos os apetrechos dentro da minha mala cor derosa e quando voltava ao meu quarto, ouvi meu celular tocando. Era ele.

—João Victor...—atendi com as penas trêmulas.



—Dona Diana, por que está me ignorando?— Sua voz era séria.

—Não estou ignorando você, na verdade, acabei a tatuagem da garota, agora.

—Hum... E então, nos vemos mais tarde?

Fechei os olhos e sorri, mesmo sem querer.

— Estou me sentindo cansada, não tem ideia de como tatuar em um lugar improvisado judiou das minhas costas, dos meus ombros...

—Mais um motivo para sair comigo, eu posso cuidar de você, sem contar que o Evandro não para de me ligar, ele está querendo ir até a sua casa.

—O que esse cara quer comigo?

—Vá até a Glowing e descubra...

—Uma boate? Hoje?—reclamei, exausta só de pensar.

—Não.—ele riu.—Não vamos pra dançar, mas sim pra falar com o Evandro, afinal, acho que se eu não promover esse encontro, terei meu patrocínio cortado.

—Passa me pegar dentro de quanto tempo?

— Daqui a uma hora está bom? Assim evitamos o movimento da boate.

— Não tem treino hoje? —preocupe-me, enquanto segurava a medalha que eu tinha levado comigo.

—Estou treinando desde cedo, só que não consigo me concentrar em nada.

*“Sei bem como é...”*

—Mas deveria. Lembre-se da medalha, do carro...

—Dili, eu...—ele suspirou, fazendo o telefone chiar em meus ouvidos. — Eu não parei de pensar em você por nem um minuto, o seu perfume continua na minha cama...Hoje a minha mãe queria trocar os lençóis e eu não deixei.

—Jojo...Isso está ficando tão perigoso...

—Eu gosto de coisas perigosas... Mais ainda das que apenas parecem perigosas.—Sua voz exprimia sensualidade.

—Eu te odeio! Te odeio muito...—Desliguei atordoada, me deliciando com o riso solto que vinha do outro lado da linha.



João parou o carro bem em frente à boate, não esperei que ele abrisse a porta para mim, embora ele estivesse pronto para isso.

—Chata!— Segurou a minha mão e juntos caminhamos até a entrada da Glowing.

Sem cerimônias João empurrou a porta para entrarmos. Vazia e com iluminação clara, era bem diferente de quando aconteciam as festas e só assim dava para ver como os ambientes eram grandes.

Mostrando conhecer bem o lugar, João passou pela lateral do bar e deu dois tapas no balcão de granito.

—E aí?— Um rapaz colocou a cabeça para fora de uma porta pequena, não o reconheci, mas sabia que não era o tal Evandro.

—Tudo bom, Will?—João o cumprimentou com um aperto de mão.—Seu patrão está no escritório?

O rapaz passou os olhos rapidamente por mim e eu sorri de um jeito técnico, depois voltou a encarar o João.

—Sim, mas se envolver grana, hoje não é um bom dia...Ele acabou de saber que uma carga de bebida que ele pagou para trazerem, foi apreendida.— Comentou entre os dentes. —Um prejuízo daqueles...

João ergueu uma das sobrancelhas e colocou o braço em torno da minha cintura.

—Vou falar com ele, e não é sobre patrocínio —disse, voltando a caminhar.

—Se as bebidas foram apreendidas, ou eram falsificadas ou adquiridas de maneira ilegal...— murmurei ao João.

Ele lançou-me um olhar recriminatório e eu entendi que aquele era um assunto proibido.

De vidro fumê, a porta do escritório exibia uma placa metálica anunciando que: Evandro Dias era diretor executivo e sócio proprietário da boate.

Com os nós dos dedos, João deu algumas batidas no vidro, antes de fazer a porta correr.

— Boa noite, olha quem eu trouxe para falar com você.

Era uma sala grande, o ar condicionado cuidava para que a temperatura estivesse beirando o frio, isso explicava como aquele homem conseguia estar vestido em uma camisa de manga longa e gravata.

Atrás de uma mesa também de vidro escuro, ele se levantou de sua suntuosa cadeira de couro vermelho e veio até mim, com um sorriso que ia de orelha a orelha.

— Diana Lima... Ou devo chamá-la de Dili Sky?— Ele estendeu a mão na minha direção e assim que apertou a minha, curvou o corpo, depositando em meu rosto um beijo ,desnecessariamente, molhado.

—Apenas Dili—respondi, sem graça.

—Sente-se por favor.—Ele apontou uma das cadeiras na frente da mesa. João se adiantou e puxou uma para que eu me sentasse, em seguida ocupou um lugar ao meu lado.

— Thor...Obrigado por trazê-la, mas se quiser, pode ir até o bar. É por minha conta.

João endireitou as costas e me encarou, coloquei uma das minhas mãos sobre a sua coxa, eu não queria que ele saísse dali.

— Ele fica. Não acho que vamos falar sobre algum segredo de estado, então...—Dei com os ombros e com o canto dos lábios, um sorriso sutil vindo do João, mostrou que ele aprovara a minha atitude, ao contrário do Evandro e que não disfarçou a decepção.

— Vamos ao que interessa? — Ele colocou os braços sobre a mesa e dobrou ao corpo na minha direção.—Há cerca de um ano, eu dei início a um projeto...Queria montar um estúdio de tatuagem anexo à Glowing, uma coisa moderna, com música, bebida... Estava tudo certo, o espaço montado, e então Régis, o artista que tomaria conta do lugar, sofreu um grave acidente. — Ele fez uma careta. — Quebrou o braço direito em três partes.

—Uau! Imagino que isso tenha atrapalhado sua carreira de tatuador.

—Pior Dili, isso encerrou a carreira dele. As cirurgias e pinos não tiveram um bom resultado, o cara perdeu a firmeza na mão e o meu projeto foi para o espaço!

—Eu não sabia que tinha essa intenção...—João se mostrou surpreso.

Evandro desviou os olhos para ele.

— Pois bem...Talvez fosse um segredo de estado.—Ele riu e se levantou.—Venham comigo, vou mostrar para vocês. —Abriu uma porta que ficava nos fundos da sua sala e indicou para que fossemos até lá.

João segurou a minha mão e isso não passou despercebido para Evandro, ele fixou os olhos no entrelaçar dos nossos dedos e largou no rosto um ar de confusão.

Caminhamos atrás dele por um corredor comprido, a todo o tempo Evandro tagarelava sobre como Arco Dourado precisava de inovação, e que por sorte, ele estava a fim de ser o estopim do avanço daquela cidade.

Quando chegamos na frente de outra porta, ele tirou do bolso da calça um molho de chaves e destrancou a fechadura, acendeu as luzes e entrou no cômodo. João e eu fizemos o mesmo.

Paredes brancas contrastavam com o piso preto e brilhante como vinil. Em um dos cantos, um balcão amarelo-ouro sustentava caixas de vinho fechadas. No chão, pilhas e mais pilhas de engradados de cerveja escondiam parcialmente uma maca de couro preto.

Enquanto eu olhava por tudo aquilo sem entender nada, Evandro caminhou para trás do balcão e colocou sobre ele uma placa

escura, que depois de ser ligada na tomada, brilhou em neon azulado a palavra “tattoo”.

—E então Dili, o que me diz de colocar esse estúdio para funcionar? O que acha de dar uma colorida nos moradores de Arco Dourado?

Soltei da mão de João, que não se pronunciou, e caminhei por todo o ambiente, analisando tudo o que meus olhos alcançavam.

— Tirando todas essas caixas de bebida, este espaço daria mesmo um estúdio incrível, mas...

—Ai, ai, ai! Mulheres têm sempre um, “mas”.—Evandro cruzou os braços e pôs-se a me encarar.

Olhei para o João e ele parecia ansioso por minha resposta. Senti meu coração doer.

—Minha vida é na Florida, meu estúdio...Tenho uma cartela de clientes enorme, em Tampa eu fiz meu nome, meu trabalho é reconhecido e por isso eu tenho data para voltar... Minha agenda de março a julho está fechada.

—Achei que tivesse vindo para ficar...— Evandro enrugou a testa, mas não era ele quem me interessava, e sim, João.

Como eu imaginava, ele não tinha gostado do que acabava de ouvir, seu rosto mudou e o cenho franzido denunciava o quanto ficara contrariado.

—Fico até o carnaval, depois, vida que segue...—continuei, porque achei melhor aproveitar que estávamos tocando naquele assunto, e para ser honesta, àquela altura eu já nem me importava com Evandro, ele estava servindo apenas de mediador para uma conversa entre mim e o João.

— São mais de dois meses. Faça uma experiência... Quem sabe não acaba mudando de ideia—Evandro insistiu, eu só conseguia enxergar a magoa crescendo nos olhos do atleta.

—Eu agradeço.—Caminhei até ele e estendi a minha mão.—Sua ideia é ótima. Vou torcer para que encontre um bom parceiro.

Evandro trincou maxilar e suspirou.

João saiu na minha frente e diferente das outras vezes, não se incomodou em abrir a porta do carro para mim.

— O que é isso?—indaguei, assim que me sentei do seu lado.

Ele manteve os olhos fixos no volante.

—Tem tudo planejado, não é Dili? Se diverte um pouco com o garoto bobo do interior e depois volta para sua vida animada, rodeada de gente diferente, de gente famosa...

Joguei a cabeça para trás e fechei os olhos.

—Você só pode estar brincando...Não faz nem uma semana que estamos saindo e você vem com esse tipo de cobrança?

— E você com essa coisa de tempo... Sempre o tempo!—Ele olhou para mim.

—Eu não estou te entendendo. Sempre soube que eu estou aqui de passagem, que eu vou voltar... Alguma vez eu falei o contrário?

Ele ficou quieto, com os olhos grudados nos meus.

—Vai ficar aqui por quase três meses, estamos juntos e você não considera uma curva na sua estrada? Lá dentro, a forma com que você falou, demonstrou que não importa o quanto eu me envolva, para você, nada vai mudar.

—O que você quer, João Victor?— Seguei o seu rosto, forçando-o a me olhar. — Quer que eu diga que vou jogar tudo para o alto, que o que vivemos até agora foi tão especial a ponto de eu mudar a minha vida inteira para ficar com você? Uma vida que só eu sei tudo pelo que passei para conquistar...

— Parece loucura, não é? Mas eu queria...Queria que pra você, estivesse sendo tão forte como é para mim. Faz só seis dias, mas isso já foi o bastante para me mostrar que você é tudo o que eu sempre esperei.

—Me leva pra casa...Agora —pedi em voz baixa, eu precisava me acalmar. Nunca, antes eu discutira relação daquela forma. Nem mesmo os homens que ficaram na minha vida por muito mais tempo que os dias de João, me levaram para aquele lugar em que eu estava.

Quase vinte minutos de um silêncio total, vinte intermináveis minutos.

—Não quero que pare em frente à minha casa —avisei antes que ele entrasse na minha rua.

João olhou-me com rancor, acelerou até o meio fio e freou bruscamente.

—Então vai ser isso mesmo?Vai agir como uma criança?

—Era só o que me faltava...Um garoto de dezenove anos, me chamar de criança!

—Não consegue deixar esta história de idade de lado, não é? Esse é o motivo da sua relutância em assumir que gosta de mim?

Soltei o cinto de segurança e virei meu corpo todo em sua direção.

—Qual a parte do, “*eu não vou me amarrar a ninguém*”, você não entendeu? Eu nunca escondi que não sou esse tipo de mulher. Eu odeio dar satisfações do que vou fazer ou planejar os meus atos em cima das expectativas de alguém.

Ele arregalou os olhos, parecia que eu tinha lhe dado uma bofetada.

— Porque é uma egoísta. Pensa que pode entrar e sair da vida das pessoas, agindo apenas da maneira que te favorece e que te agrada...Isso explica o fato de ter ficado tanto tempo longe da sua família.

Pronto. Ele acabava de retribuir o tapa, ou melhor, aquilo foi mesmo um soco no estômago.

—Eu deveria ter dado mais ouvidos àquele ditado... —Abri a porta do carro e desci.—“Quem dorme com criança, acorda molhado.”



Sozinha, depois de ter desligado o meu celular, já que o João não parava de enviar mensagens e de fazer ligações, permaneci prostrada na minha cama, os olhos perdidos no teto branco e amargando a sensação de estar oca.

—Me acha egoísta, Chloe?—perguntei, assim que ela entrou no quarto. Já era madrugada e a frese dita por João Victor se fazia cada vez mais agressiva.

Ela se sentou do meu lado e passou a mão pelos meus cabelos. Um afago quase que maternal.

—Se eu for pensar nas vezes em que não quis me emprestar a jaqueta Dior ou aquela bolsa preta que amo, eu diria que sim. — Ela riu.— Mas em todo o resto, você até que é bem generosa.

Virei-me de lado e encolhi as minhas pernas.

—Essa coisa de demorar dezesseis anos para voltar... Talvez eu tenha mesmo só pensado em mim, em como a minha vida estava boa lá em Tampa. Festas, badalação, bebidas, dinheiro... E a minha família, aqui.

—Aqui, nesta casa enorme e requintada... Dili, você mudou a vida deles para melhor.—Ela segurou o meu rosto.—Eu sou testemunha do quanto você sempre pensou nos seus pais e no seu irmão, em realizar os sonhos deles...

Arfei e depois me sentei, meus olhos passearam por aquele quarto luxuoso, e naquele instante, nada parecia fazer sentido.

—A impressão que eu tenho estando aqui, é a de que eu comprei o meu afastamento, a minha ausência, subornando a minha família para que eles não cobrassem a minha presença— confessei com a voz entrecortada.

Chloe ergueu as sobrancelhas e torceu a boca.

—Foi ele que colocou essas coisas na sua cabeça?

Mordi meu lábio inferior a fim de segurar meu choro, então, balancei a cabeça de forma positiva.

—Não com essas palavras, mas sim com esses significados...No fundo, acho que venho sendo mesmo egoísta. Eu voltei depois de tanto tempo e mesmo assim, trouxe na mala um monte de mágoas, e fico agindo



sobre elas, como se a vida das pessoas tivesse ficado em modo pause. Eu não estou considerando os dezesseis anos que passaram...

— Aquele envelope que deixou para o Pepo... Eu devo confessar que achei um pouco demais — Chloe e suas piscadelas frenéticas me alertaram. — Fico pensando em como ele pode ser humilhado quando aquilo for lido em voz alta, na frente de todos os seus colegas de trabalho.

Sim, eu também já tinha pensado nisso e ouvir Chloe dizer, foi a confirmação de que eu precisava me sentir mal, muito mal mesmo.

—Que droga! Eu nem sirvo para ser vilã...Fiz uma maldadezinha de nada e já estou aqui, me afogando em remorso.—Apertei o canto dos meus olhos, tentando impedir as lágrimas.— É tudo culpa dele, do João Victor...Desde que eu conheci esse moleque, tudo o que eu faço e pensar e repensar a minha vida, antes tão firmada.

Chloe suspirou e cruzou os braços, seus lábios se abriram, mas nenhuma palavra foi dita.

—Amanhã vamos voltar àquela loja e pegar o envelope—decidi-me.—Apesar de tudo, eu não vou deixar que o Pepa passe por esse constrangimento.

—Vamos roubar a caixinha dos funcionários?— ela questionou em sobressalto.

—Não!O dinheiro eu vou deixar, só quero o envelope...—afirmei, sem ter a mínima ideia de como conseguiria.

Na manhã do dia seguinte, a primeira coisa que fiz ao abrir os meus olhos, foi ligar meu celular. Vinte e duas mensagens, dezenove eram do João, duas da Thais. Ela ficara tão feliz com a tatuagem que fez um texto enorme de agradecimento, em sua outra interação, avisava-me sobre o fato de várias de suas amigas estarem desejando um horário comigo.

Sorri, porque ter meu trabalho reconhecido e elogiado, era um dos meus maiores prazeres, só que se fosse mesmo atender outras pessoas, a sala de casa mostrara não ser o lugar mais indicado, e por isso, a proposta de Evandro, pareceu-me parcialmente interessante, pela primeira vez.

—Vamos resgatar o envelope e depois almoçaremos com o dono da Glowing—comuniquei à Chloe sobre o itinerário do dia.

—Espera aí... Você não está pensando em ficar aqui de vez, está?

—Desce da nuvem, Chloe! Vou negociar o aluguel do espaço, apenas pelos dois próximos meses.

—Ah...— ela expressou seu desalento.

Coloquei a mão em seu ombro e fixei meus olhos nos seus.

—Ficaria aqui em definitivo?

Ela olhou para cima e sorriu sem pretensão.

—Ficaria—respondeu sem rodeios.

Fui para a sala, o táxi chegaria em minutos e eu só pensava que as possibilidades de voltar sozinha para a Florida eram mesmo reais.

—Quem diria... —murmurei para mim mesma.



Caminhávamos pela calçada da papelaria, meu celular vibrou, olhei apara a tela e era outra mensagem do João Victor. Ignorei-a, uma noite mal dormida depois e eu decidira que era melhor deixar como estava, se prolongasse aquela relação, os efeitos colaterais poderiam ser catastróficos.

—Qual é o plano?—Chloe parou na minha frente.

—Plano? Eu não tenho um plano.

—Não? Então vai entrar e pedir para pegar o envelope dentro da caixa?

Olhei para o os lados em desespero, a Chloe estava coberta de razão, eu não poderia simplesmente entrar na loja, dizer que tinha feito uma burrada e que queria consertá-la.

— Shit, shit, shit! Eu não tinha pensado nisso... Sei lá, eu achei que...

Minha amiga balançou a cabeça de um lado para o outro, reprovação definiria seu semblante.

—Eu nunca antes a vi tão bagunçada...Nem mesmo quando chegou a Tampa.

Ela estava certa, Chloe acabava de resumir minha situação.

— Apenas me siga... Sabe que eu odeio me sentir perdida e mais, eu odeio que seja você a me mostrar isso.

Ela bufou e veio atrás de mim. Em zig-zag, caminhávamos por entre as prateleiras, e não foi nenhuma estratégia, eu só queria ganhar tempo.

—Encontrar o Pepo, está dentro do programado?

—Não. — Revirei os olhos. —Espero que ele fique no andar de cima, do contrário, tudo o que está ruim vai piorar.

—Então piorou... — Arregalou seus grandes olhos verdes. — Ele está vindo aí.

“Deus, me conceda o poder de ficar invisível, por favor...”

—Precisam de ajuda?—Pedro Paulo estreitou os olhos e eles se tornaram dois riscos.

Meus joelhos tremiam e minhas mãos suavam, típicas sensações de quando estamos prestes a sermos pegos em flagrante fazendo algo errado.

—Bom dia, Pepa, tudo bom com você?—Meus cumprimentos saíram acompanhados de todo o cinismo reservado em mim.

—Bom dia, precisam de alguma coisa?—ele voltou a perguntar de forma técnica.

— Estou escolhendo uns enfeites para o estúdio de tatuagem que vou montar aqui em Arco Dourado, algum problema?

Chloe, que até então estava quieta, entretida com os benditos duendes, franziu a testa e fez uma careta.

—Vai montar um estúdio aqui?—Ele se desmontou.— Isso significa que está de volta em definitivo?

Cruzei meus braços e sorri com o canto dos lábios, eu não estava, mas precisava fingir segurança.

—Quem é que sabe? Sou uma mulher do mundo...—Pisquei para ele e virei-me de volta para a Chloe.—Pegue dois destes, é só o que vou levar.

—Dili...— A voz de Pedro Paulo me fez parar.—A Sabrina me contou que a Débora não para de falar que quer ser tatuadora como a prima, dia desses pintou a perna e os braços com canetinhas, dizendo que era para ficar parecida com você...Vou avisar pela última vez: não seja má influência para a minha filha.

*“Miserável! Grande filho da...”*

—Muito obrigada, Pedro Paulo...Você acaba de resolver um problemão para mim.—Estiquei os meus braços e tirei os enfeites das mãos da Chloe.—Eu estava prestes a fazer algo que achava ser o mais certo, mas agora eu vejo que tudo o que eu mais desejo é que você vá à merda!

Ainda, antes de sair da loja, vi a caixa sobre o balcão e sorri, satisfeita por saber que minha vingança estava ali, muito bem guardada.

—Viu só, Chloe? Viu como ele falou comigo? Aquele infeliz me trata como se eu fosse uma erva daninha...—resmunguei, enquanto enviava uma mensagem para o Evandro, avisando que estava a caminho do restaurante.

—Não quero que se zangue ainda mais, mas... Aquilo lá é amor reprimido. Você mexe com ele, e isso o irrita.

—Amor? Não quero descobrir como é ser odiada pelo Pedro Paulo—rosnei.Homens são mesmo um grande problema, a pior invenção de Deus!—O taxista me encarou pelo retrovisor e eu já esperava por isso. — O senhor vai me desculpar, mas eu nunca vi raça mais complicada!

Ele moveu a cabeça e bufou.

—Moça, sou casado há vinte e dois anos, por isso, posso garantir...—Dobrou o corpo para trás.—Vocês mulheres têm de ser estudadas. Não importa a idade, eu tenho uma filha, e juro, me sinto um vencedor por ainda não ter enlouquecido com aquelas duas.

Chloe e eu caímos na gargalha, lembrei-me de seu pai, ele dizia a mesma coisa, quando por azar, ou por biologia mesmo, a filha, a esposa e eu, ficávamos de TPM juntas.

Pelo resto do trajeto, fomos os três, discutindo assuntos típicos de uma guerra de sexos, e pobre motorista, eram duas contra um; ao fim da corrida, ele teve de admitir que nós, as mulheres, éramos mesmo superiores.

—Se tudo der errado na carreira de tatuadora, pode ser advogada...—Chloe brincou.

Sentado do lado de fora do restaurante, em uma mesa bistrô de dois lugares, Evandro se concentrava no celular em suas mãos. Como da outra vez, mesmo sob um sol escaldante de quase quarenta graus, ele usava roupas sociais; os óculos escuros foram para o topo da cabeça assim que parei em sua frente.

—Dili...—Ele se levantou e abriu um sorriso largo antes de beijar o meu rosto.

—Boa tarde, Evandro, esta é a Chloe, minha amiga e sócia. Em Tampa é ela quem cuida de tudo para mim, desde a agenda até o pagamento das contas.

Ele percorreu os olhos por todo o corpo da Chloe, depois a cumprimentou de forma rápida, voltando-se para mim.

—Vejo que mudou de ideia bem rápido.—Ele piscou, em seguida pediu que o garçom providenciasse outra cadeira.

—A verdade é que percebi que preciso trabalhar nestes meses em que vou ficar aqui...Preciso ocupar a minha cabeça e a melhor maneira é fazendo o que eu amo, por isso quero negociar um valor para poder usar seu espaço.

Evandro ficou em silêncio, segurou o queixo e por alguns minutos tudo o que vinha dele eram expressões que me deixaram confusa. Ele tentava ser sexy até para respirar e eu costumava sentir repulsa por homens assim.

De qualquer forma, meia hora depois e estávamos apertando as mãos, firmando uma parceria. Ele fixou o valor pelos dois meses, em um preço que para mim pareceu simbólico.

— Hoje mesmo vou tirar aquelas caixas de lá e providenciar para que deixem tudo limpo —disse, tirando de sua pasta uma chave pendurada por uma argola de metal.—Toma, se quiser pode começar a usá-lo amanhã.

— Certo, também amanhã eu faço o acerto dos dois meses de aluguel, quero pagar adiantado.

—Prefiro que acerte mês a mês...Algo me diz que não será minha inquilina apenas por esse tempo.

—Quem é que sabe?—Chloe interveio.

Ele voltou a sorrir daquele jeito...Galanteador.

—Vai falar com o Tor, hoje?

—Falo com ele o tempo todo — respondi com uma rispidez espontânea.

—Você e ele...— Evandro fez uma careta.— Eu adoro aquele menino, mas uma mulher como você deveria...

—Evandro...—interrompi-o, antes que nossa parceria terminasse sem ao menos começar. —Mulheres como eu dispensam conselhos...— Tentei colocá-lo em seu lugar de um modo sutil, no entanto, a raiva parecia vazar de cada um dos meus poros.

Ele percebeu onde estava pisando, muito desconcertado, despediu-se com um aceno e seguiu para o seu carro.

— É impressão minha ou esse cara estava fazendo sexo com você mentalmente?

— Infelizmente, eu não posso impedir seus pensamentos, mas se um dia esse cara passar dos limites comigo, ele vai querer voltar para o útero da mãe dele!— avisei, observando-o arrancar com seu esportivo azul metálico.—Sinto nojo desse exemplar de macho.

— Que bom que não sou só eu que penso assim. Eu não gostei dele, nenhum um pouco.

—Eu também não gosto, mas o estúdio é ótimo e eu me sinto empolgada, sem contar que agora preciso mesmo ocupar minha cabeça.

— Culpa do garotão?

Abri a minha bolsa e peguei meu telefone. Fazia mais de duas horas desde a sua última mensagem.

— Eu não sei onde estava com a cabeça quando sucumbi às investidas dele. Por bem abri os meus olhos antes de ser tarde... Mais um pouquinho e a oxitocina correria solta pelo meu corpo.

Ela ficou séria.

— Se é que já não está...

—Me conhece bem, meu único relacionamento longo é com você.  
—Abracei-a, sentindo uma pontada no peito ao pensar que tinha mesmo desistido de ficar com o João.



*Peteca*





## 10 – PETECA

Fazia oficialmente vinte e quatro horas que João Victor não me procurava. Eu deveria estar contente, afinal, se tinha decido que nós não teríamos mais nada, não havia motivos para continuarmos nos falando.

“ *Se é assim, por que está tão incomodada ,Diana?*”

Eu receberia a Thais em casa, e ela já tinha me avisado, viria junto de outras três amigas, todas queriam marcar tatuagens.

Meu pai estava de folga da doçaria e aproveitou o momento para conversar um pouco comigo. Fazia uma semana desde a minha volta e nós mal tínhamos nos falado.

—Quanto cobra para fazer um peixe desses?— Ele apontou para o desenho da sereia, eu tinha terminado de colorir e o entregaria para a Thais.

—Se fosse lá em Tampa, eu não trabalharia nisto por menos de quatrocentos dólares.

Ele arregalou os olhos e assoviou.

—Tudo isso?

—Sim, pai, como eu disse antes, tatuagem é uma obra de arte...Consegui um espaço pra atender aqui em Arco Dourado. — Encolhi os ombros. — Posso ganhar uma grana extra.

Ele apenas me ouviu, então, ajeitou-se no sofá sem me encarar.

—Se tivesse uma boa clientela aqui, ficaria para sempre?

Aquilo cortou o meu coração.

—Pai, a questão nem é essa, eu tenho umas boas economias, e eu sei que independentemente do lugar, eu consigo destacar meu trabalho. Só que são dezesseis anos, a minha vida é em Tampa.

—Hum...—Ele sorriu de um jeito que não me convenceu.— Viveu dezesseis anos aqui e dezesseis lá, quem sabe não muda de ideia.

Prestes a tentar me explicar, já que a declaração do meu pai acabou por me levar direto à de João Victor, e o sino da campainha avisou a chegada das meninas.

—Quer que eu atenda?

—Por favor, pai, deixe que elas entrem e depois, se puder não passar aqui na sala por uma horinha, vai ser ótimo.

Ele saiu e em seguida, cinco garotas, além da Thais, encheram a sala. Tagarelas e curiosas, depois de uma volta no relógio e eu me sentia como se respondesse a uma entrevista. Por bem, Chloe se juntou a nós e me ajudou a administrar as tantas indagações.

—Agora vamos fotografar, porque ficou mesmo linda—elogiei, com a câmera nas mãos, buscando o melhor ângulo da tatuagem.

—Muito obrigada, Dili. Não imagina como eu estou feliz pelo que fez por mim... Esse era meu sonho.—Thais abraçou-me com força.

—Imagina, eu é que sou grata pela confiança, e por ter sido minha primeira pele aqui no Brasil...

—Agora fiquem juntas, vou fazer a foto clássica...Arte e artista! —Chloe emendou.—Ficou ótima...Vai para o mural.

No fim do atendimento, eu já tinha trabalho para ao menos os próximos quinze dias, todas as meninas marcaram sessões.

Ainda naquela tarde, depois devorarmos uns restos de bolo que minha mãe trouxera da Primeiro Pedaco, e meu pai nos levou até a Glowing, ou melhor, até o meu estúdio.

—Caramba, Dili! Este espaço é ótimo.—Chloe andava pelo salão, que livre das caixas de bebida e com o chão brilhando, era mesmo, ainda melhor do que eu me lembrava.

— vou até o clube, sua mãe já me encheu de tarefas...Trocar lâmpadas, verificar um vazamento no banheiro...Quer que eu venha buscar vocês mais tarde?

—O Diogo vem...Eu combinei com ele.

—Ah...Combinou com ele?—Virei-me para Chloe.—Eles estão namorando, pai...A minha amiga é sua nora, agora. Uma nora importada...

—É... Seu irmão me falou.— Meu pai parecia meio sem graça, as mãos estavam nos bolsos da calça e seus olhos na parede atrás de mim.

—Dili! Que vergonha...

—Estão mesmo namorando? Eu quero dizer, com classificação...  
—Surpreendi-me, porque até então, eu achava que só estava provocando a Chloe.

—Meninas, eu vou indo...—Meu pai saiu, deixando claro que não queria participar daquela conversa.

—Dili...Naquele dia das flores, seu irmão me pediu em namoro.

—Minha Nossa!—Tapei minha boca com as mãos.—Como isso aconteceu em tão pouco tempo? Não... Como pretendem fazer isso funcionar?

Chloe puxou o ar e se sentou na ponta da maca.

—Eu gosto dele, de um jeito diferente...Não vou deixar isso passar, por medo ou sei lá, por parecer algo incerto. Vou viver um dia de cada vez e ver no que dá.

Mantive meus olhos sobre ela por alguns minutos. Aquela era mesmo a Chloe?

—Quando foi que você cresceu? Sério, eu não acompanhei esta sua súbita evolução.—Sentei-me do seu lado.

—Sabe, Dili, às vezes precisamos sair da Terra do Nunca e ver o que tem do outro lado...

Não, essa não é a Chloe, pensei, tentando decidir-me se gostava ou não da sua nova versão.

De qualquer forma, era notória a sua felicidade, nunca tinha a visto tão animada e se era meu irmão a razão, não me restava outra alternativa, que não, alegrar-me também.

—Dependendo da hora que ele chegar, vou dar um jeito naquela coisa horrorosa, que seu namorado chama de tatuagem...

Ela arrumava as tintas nas prateleiras enquanto eu testava as tomadas.

—Acho que é ele...—Chloe alertou, ao escutar o motor de um carro. Correu até a porta de vidro e saiu.

Eu estava de costas, quando os ouvi entrando. Mentalmente eu fazia as contas de quanto tempo duraria o material que eu trouxera, não era muito, afinal, minha ideia nunca foi trabalhar em Arco Dourado, não, ao menos como as coisas vinham se projetando.

— Quer dizer que ganhei uma tatuagem da famosa Dili Sky?— Diogo se gabou, aproximando-se de mim.

—Digamos que hoje é seu dia de sorte...—avisei sem olhar para trás.—E Chloe, você é uma bela fofqueira...

—Dili...— Ela me chamou com a voz mais baixa.—Temos visita...

Balancei a cabeça, rindo.

—E desde quando meu irmão é visita? — Girei o meu corpo e graças a Deus eu estava com a minha bunda bem grudada no chão. — João?

— Encontrei o Tor no clube, fui falar com a mamãe e acabei o convidando.

—Oi, Dili, eu vim conhecer, oficialmente, o primeiro estúdio de tatuagem de Arco Dourado. No fim você está fazendo história...—Ele se aproximou com passos curtos, os olhos fixos nos meus e isso foi o bastante para eu ter dificuldades em me levantar.

—João Victor... Tudo bem?— Olhei rapidamente por cima de seu ombro, e agradei aos céus por Chloe e Diogo estarem distraídos enquanto se agarravam.

—Não muito.— Ele se inclinou para um beijo em meu rosto.

Outra vez o contato com a sua pele me roubou de mim mesma.

—Bom... Vai querer cobrir essa porcaria ou prefere continuar engolindo a Chloe?— Afastei-me de João, sentindo-me magnetizada, prestes a saltar em seus braços, porque com ele ali, parado na minha frente, certifiquei-me de que sentia mesmo a sua falta.

—Vai Di, eu libero você um pouquinho—Chloe falou manhosa.

—O que vamos colocar aí?— perguntei, enquanto analisava o desenho grosseiro.

Diogo ajeitou-se na maca.

—Quero uma caveira. Pode fazer uns esboços para eu escolher?

Em silêncio e acompanhada pelo olhar atento dos três ali presentes, limpei a área que seria tatuada, e liguei o motor da máquina.

—Vai ser *freehand*... E surpresa...—avisei.

—Fica tranquilo que sua irmã é muito boa nisso.—Chloe se aproximou, junto dela, João.

— E se eu não gostar?

— Deixou que fizessem essa porcaria na sua pele. Qualquer coisa que eu tatuar vai ficar anos luz, melhor do que estes borrões.

João riu alto.

—Viu só, cara? Minha irmã é muito folgada...

— Eu não diria isso a alguém com uma máquina cheia de agulhas nas mãos...—João piscou para mim e imediatamente eu comecei a tremer.

*“Que ótimo! Então o garoto tem mesmo esse poder sobre você?”*

Munida de todas as minhas forças, tentei ignorar a sua presença. Eu já tinha feito tatuagens diante de centenas de pessoas, de frente para uma bancada de jurados que esperavam por qualquer erro meu, então, fazer o mesmo sob os olhos do João Victor seria moleza.

Não foi.

Eu suava, não coordenava as mãos e derrubei por umas três vezes os copinhos com a tinta. Chloe percebera e para me ajudar, ficou o tempo todo soltando piadinhas bobas, mas que faziam o meu irmão rir; à parte, João e eu parecíamos ser protagonistas de uma guerra fria. A impressão que eu tinha era de que ele tentava entrar na minha mente e por alguns momentos, conseguia e me dominava. Fazia com que as lembranças dos nossos momentos juntos gritassem dentro da minha cabeça.

—Cara, está ficando incrível!—João chegou mais perto, enquanto eu limpava o excesso de tinta.

—Vai demorar?— Diogo virou a cabeça para tentar ver o desenho.

—Só mais um pouquinho.—Dei um tapa em suas costas, o fazendo voltar à posição anterior.

—Está doendo?—João fez uma careta.

—Não... Tenho que admitir que a mão da Dili, é mesmo leve.

— Não tem vontade de fazer uma, João?—Chloe se intrometeu.

Ele respirou fundo.

—Nunca tive, mas ultimamente tatuagens têm me chamado atenção, despertaram meu interesse...—A voz estava rouca e os olhos em mim.

*“Desgraçado!”*

—Pronto!—avisei, porque sabia que não conseguiria desenhar nem mais um traço.

Chloe correu para pegar o espelho e o entregou para o namorado.

Ele olhou e nada disse, seu rosto mantinha-se liso, livre de qualquer expressão que denunciasse o seu gostar, ou não.

—Anda Diogo. O que achou?

—Dili, você é muito foda! Sério... Eu não imaginava que pudesse ficar tão bom.

Respirei aliviada.

—Realmente, você é incrível.—João insistia em usar seu tom mais sexy e lançar-me seus olhares mais sensuais.

—Gente, eu não sei vocês , mas eu estou morta de sede, vi que tem um bar no quarteirão de trás. O que acha de irmos lá buscar umas cervejas?  
—Chloe pendurou-se no pescoço do Diogo e eu entendi o que ela queria fazer.

—Eu estou bem, não quero beber nada—recusei.—Vou arrumar isso tudo para irmos embora.

João tirou a carteira do bolso e entregou uma nota de vinte para a minha amiga.

— Eu quero. Se puder trazer alguma coisa para mim...

— Ajuda a minha irmã?—Diogo indagou João.

—Claro, deixa comigo.

Eu poderia ter protestado, me oferecido para ir junto ou sei lá mais o quê, o fato foi que eu fiquei inerte e apenas senti meu sangue gelar quando Chloe e Diogo passaram pela porta, deixando-me sozinha com o João.

Ele não disse nada, trancou a fechadura e depois cruzou os braços contra o peito.

—Custava ter respondido alguma das minhas mensagens?

Fingi não estar nervosa. Abaixei-me e tirei a máquina da tomada, enrolei o fio e rezei para que ele ficasse longe de mim.

—Não temos nada para conversar...A egoísta aqui, não tem mais nada a dizer.

—Eu falei sem pensar.—João veio em minha direção.—Fiquei irritado, aliás, eu estava irritado porque o Evandro nem consegue disfarçar. O jeito que ele olha para você me faz ter vontade de quebrar a cara dele.

Ele tinha razão, mas eu não podia dar alimento para a sua raiva.

— Isso já nem importa mais, no fim, foi bom termos parado com aquilo... Fique certo de que estamos evitando grandes problemas.

Ele cobriu o rosto com as mãos e soltou um grunhido.

—Dá para tirar a armadura, Dili? Não imagina como é chato ver a sua boca falando uma coisa e o seu corpo gritando outra.

—Nem mais um passo!—bradei, assim que nossa distância atingiu o limite de segurança. — Eu já disse que não quero mais.

Ele balançou a cabeça de forma negativa e sorriu, aquele sorriso com covinhas.

—Se eu acreditasse, juro que não insistiria, mas eu vejo nos seus olhos, nesses lindos olhos de duas cores, que você está louca por um beijo meu.

Dei um passo para trás e trombei com a maca.

— É mesmo um garoto muito convencido, Jojo.—Ri nervosa.— Se acha um Don Juan...

—Não... Não acho isso, até porque, ele queria seduzir várias mulheres, e eu, só quero uma...Você.— Puxou-me de encontro ao seu corpo, colocando-me em chamas.

— Para com isso—murmurei. — Odeio me sentir forçada a fazer o que quer que seja.

Ele ergueu as mãos em rendição.

—Me desculpe... Eu jamais a forçaria a nada.

—João, eu não quis dizer isso, na verdade, eu... Eu sinto muito, mas eu não posso... São muitas as coisas que nos impedem...

Ele franziu a testa, parecia impaciente.

—Já sei... Os malditos treze anos...

—Não, ou melhor, também eles, mas João, eu fui namorada do seu tio, eu estou aqui com data certa para partir, então...

—Sem essa, Dili, você é capaz de inventar desculpas melhores,

Olhei para ele, dentro dos seus olhos, e chegava a ser admirável um rapaz tão jovem ser seguro e auto-suficiente como João era. Estiquei o braço e acariciei seu rosto.

—Eu gosto de você João, e o que tivemos foi muito bom... Só que estamos em fases contrárias. Você está começando, quer uma garota para chamar de sua, enquanto eu... Eu já fui a garota de tantos outros e posso afirmar, pra mim, já deu.



— Então eu tenho que pagar o preço por todos os babacas que passaram por sua vida?—Ele segurou os meus ombros.—Não pode apenas me dar uma chance? Nos dar uma chance...

—Por favor, João Victor, não insista. Eu não vou ficar aqui em Arco Dourado, e começar uma coisa com data para acabar. Isso é masoquismo.

—Tem alguém te esperando lá em Tampa? Alguém que seja especial para você?

—Não!—respondi sem titubear.— Eu não tenho ninguém, e se tivesse, jamais me envolveria com você... Se tem uma coisa que eu repudio com todas as minhas forças é infidelidade.

Ele sorriu ao término da minha frase, depois, se afastou de mim.

—Então, Dili, escreve o que estou falando para você. Nós vamos ficar juntos.

Não consegui responder nada, minha língua travou. Continuei recolhendo as minhas coisas enquanto ele abria a porta para Chloe e Diogo que voltaram com uma sacola cheia de latas de cervejas.

— Já tem uma fila para entrar na boate—meu irmão comentou, entregando-me uma.

—Bom pessoal, eu vou indo, tenho que descansar, amanhã tenho treino.—João continuou perto da porta.

Chloe me encarou com um ar de quem pergunta: “*O que aconteceu?*”

— Toma só uma latinha...—Diogo insistiu.

— Valeu, mas eu não gosto de cerveja e nem posso, tenho que estar cem por cento no domingo.—Ele olhou para mim.—Vocês vão assistir a prova, não vão?

—Claro que vamos!—Chloe se adiantou.

—Sabia que o Tor, vai disputar as olimpíadas, Dili?

Engoli seco diante do comentário do meu irmão.

—Sim, ele comentou comigo.Agora vamos acelerar, eu também quero ir para casa, preciso de um banho e da minha cama.

—Então, nos vemos no domingo.—A frase foi dita diretamente para mim.

Apenas sorri.



A prova começaria às sete da manhã, passava das três e eu continuava acordada, virando na cama, pensando se iria ou não. Depois da noite no estúdio, eu não tinha visto o João, na verdade, depois daquela frase de efeito, dita por ele, trocamos apenas uma mensagem de texto no sábado, ele me enviou um: “Torça por mim”, e eu devolvi um simples, “boa sorte.”

—Já acordada?—Chloe se surpreendeu ao me ver saindo do banheiro, quando ela finalmente voltava para o nosso quarto.

— E você? Não sei por que não fica de vez no quarto do meu irmão...—resmunguei ao mesmo tempo em que desembaraçava os meus cabelos.

—Eu fiquei...Só vim para trocar de roupa. Ele quer chegar cedo à tal praça de onde os atletas vão partir.

—Ainda não sei se vou.

Chloe balançou a cabeça.

—Achei que estivesse acordada exatamente por causa disso...

—Eu sequer dormi, e fui tomar um banho para ver se acalmo meus pensamentos,Chloe, esse garoto conseguiu! Eu estou ficando maluquinha.

Sem nada me responder, ela abriu o guarda-roupa e começou a mexer em uma das suas pilhas de peças.

—Anda Dili, vista-se logo, do contrário, vai ficar sem carona.



Achei que chegaríamos até a praça e que encontraríamos meia dúzia de gatos pingados, mas não, centenas de pessoas se amontoavam pelo local, também às margens da rua e atrás da fita de isolamento. Em frente ao coreto, o prêmio. Um carro preto envolto por um laço vermelho enorme.

De crianças que estavam aprendendo a andar à idosos, tinha público de todas as idades e até torcida organizada.

— Veja Chloe, aquele grupo de meninas está usando uma camiseta com a foto do João Victor—cochichei, depois de certificar-me de que não estava vendo coisas.

— Quer uma? Posso ver com elas onde conseguimos.

—Idiota!—resmunguei, tentando encontrar João Victor, em meio aos tantos homens que tinham em suas camisetas, papéis com números impressos.

Eles eram muitos, e espalhados dificultavam a minha missão. De olho em todos os grupos, encontrei um rosto conhecido, dona Sônia.

— Como a senhora está bonita!— Toquei um dos seus braços, a fim de chamar sua atenção.

— Dili!?!—perguntou depois de me analisar.

Abracei-a, sentindo como ela estava mais magra.

—Dona Sonia, a senhora parece mais jovem do que quando eu saí daqui!

—Bobagem! Agora, você...Menina, como está diferente. Linda como sempre foi, mas só a reconheci por causa dos olhos.

— Faz pouco mais de uma semana que voltei, eu queria ter ido até o seu atelier, mas depois de tanto tempo fora eu ainda estou me organizando.

—Posso imaginar...Minha neta é sua fã, a Débora não para de falar de você!—Ela segurou as minhas mãos.

— Sua neta é uma graça...

—Ela está por aí...O Pepa e a Shirley também.

*“Que ótimo!”*

—Legal—desconversei.— Dona Sonia, eu vou circular, mas em breve eu apareço na sua loja.—Abracei-a, despedindo-me.

Entre esbarros e pedidos de licença, tentei sair do aglomerado de pessoas, o sol começava a ficar ardido e eu queria encontrar uma tenda mais vazia para me abrigar.

—Dili!—ouvi meu nome ser gritado.—Aqui!

*“Isso só pode ser brincadeira!”*

Acenei para o Caio, porque não podia fingir que não tinha o visto. De modo frenético, ele balançava as mãos me chamando. Tudo o que eu não precisava era um encontro com o tio do João, mesmo assim, impulsionada pela minha educação, coloquei meu melhor sorriso e fui até a tenda em que ele estava.

—Bom dia, Caio—cumprimentei-o depois de um rápido beijo no rosto.

Ele tinha tirado o cavanhaque, e para mim foi pior, agora, no lugar de pelos, a falta de queixo o deixava mais estranho.

—Dili, eu não imaginava encontrar você aqui.

—Pois é, parece que a cidade inteira veio assistir a prova , então, eu não perderia isso por nada!

—O Jojo vai disputar...Na verdade, ele é um dos favoritos.—Caio demonstrava o mesmo carinho de antes pelo o sobrinho e, enquanto ele enumerava suas qualidades, tal qual um pai orgulhoso, eu só conseguia imaginar como ele reagiria se soubesse o quão bem eu conhecia o João.

—Meu filho é mesmo tudo isso que o Caio falou.—Uma mulher muito bonita, aproximou-se de nós.O rosto tinha o mesmo formato que o do meu ex-namorado, só que mais delicado.

—Marian, esta é Dili...Dili...Esta é a minha irmã, mãe do Jojo.

Nossa! Isso é realmente perfeito, pensei, arrependida por não ter ficado em casa.

—Aquela Dili?—Ela fixou os olhos em mim e meu coração parou de bater.

—Isso, a minha primeira namorada... Lembra que o Jojo adorava ela?

—Verdade!—Ela sorriu para mim e seus dentes eram idênticos aos do filho. Senti a minha cabeça girar.—Ele falava que quando crescesse queria ter uma namorada igual a do tio Caio.

*“ Deus! Manda logo um raio bem na minha cabeça!”*

—O garoto sempre teve bom gosto...—Caio disse em tom de brincadeira, mesmo assim, meu rosto que já queimava como brasa, se incendiou ainda mais.

Pensando em uma maneira de sair daquela saia justa, uma buzina alta fez com que todas as vozes silenciassem e, que também, todos voltassem suas atenções para o local da largada.

—Atrasou um pouco, mas já vai começar...—O tio de João virou-se para mim.

—Está vendo ele?— Marian movia a cabeça de um lado para o outro.

—Ali...—Caio apontou com o dedo.—Ele é o número treze.

Ficou claro que alguma força superior estava de brincadeira comigo. Virei-me de costas, para que ele não me visse, afinal, da forma como sua mãe e todas as outras pessoas gritavam seu nome, seria inevitável que ele não me notasse.

Quando a largada foi autorizada, a gritaria se intensificou, em disparada, os competidores arrancaram todos juntos, de um jeito muito confuso para mim, depois, já nos primeiros metros, os mais rápidos iam se isolando em suas posições. João era um deles.

Acompanhei-o com os olhos até que desaparecesse.

—Quantas voltas vão ser?—perguntou Marian a Caio.

—Três, portanto, dentro de...—ele olhou para o relógio em seu pulso. —Vinte minutos ou um pouquinho mais, é para o vermos passar aqui novamente.

—Caio, Marian, eu vou ver se encontro o meu irmão. Viemos juntos e ele deve estar me procurando.

—Ah, fica aqui com a gente — pediu ela.—Veja como as tendas estão lotadas, não vai conseguir outro lugar protegida deste sol, sem contar que aqui teremos uma vista privilegiada de quando o meu menino cruzar a linha de chegada.

—Isso mesmo, Dili, fica aqui. Logo seu irmão te acha.

Sorri para o Caio, e diante da insistência dos dois, fiquei sem saída, sem ter como fugir.

Enquanto Marian me contava com empolgação, sobre como João se tornara atleta e o quanto era disciplinado, Caio se mantinha ansioso pela passagem do sobrinho. Segundo ele, para vencer a corrida, a primeira volta deveria estar prestes a ser concluída.

—Olha lá!— gritou.—Lá vêm eles...

Isolados na frente, além de João que liderava, outros cinco rapazes oscilavam as posições, mesmo assim, não o alcançavam. Concentrado, mesmo sendo ovacionado, ele não olhou para os lados e logo voltou a desaparecer.

—Nossa, o tempo dele está ótimo...—Caio comemorou.

—Viu só, Dili? Não que eu seja uma mãe coruja, mas meu filho é mesmo excepcional, meu orgulho!

—Nosso orgulho— o irmão a corrigiu.

—Tudo bem...Nosso orgulho—ela concordou.—O Caio é o tio mais babão que eu já conheci, trata esse menino como se fosse seu próprio filho.

*“Isso só piora as coisas...”*

—Eles sempre foram muito ligados, não é?—perguntei, aceitando uma garrafinha de água oferecida por ela.

—Sempre, mas, depois do que o pai do Jojo me fez...

Mantive a minha atenção sobre Marian, esperando que ela fosse mais clara.

—Está falando sobre o seu marido?

Ela balançou a cabeça negando, desviou os olhos para algum ponto atrás de mim e depois sorriu com amargor.

—Não, o meu marido, Fernando, não é o pai do Jojo, embora se considere, afinal, estamos juntos desde que meu filho tinha cinco anos, então...—Ela encolheu os ombros.

Eu não me lembrava de o Caio ter dito algo sobre o pai do João na época em que namorávamos, ou talvez eu apenas não tenha me interessado.

— Pelo jeito ele a deixou na mão...

—Isso—confirmou, assentindo com a cabeça.—Éramos muito jovens, e seus pais quiseram nos matar quando descobriram a gravidez, em vez disso, o mandaram estudar em outro país... São descendentes de espanhóis e o obrigaram a se mudar para a Europa.

—Que história, Marian...—Afaguei seu braço.

Ainda pensava sobre o que acabava de ouvir e notei um grupo de garotas tagarelas se aproximando de nós. No meio delas, Débora, que correu na minha direção assim que me viu.

—Dili!—Abraçou-me com força.

—Oi, Débora.

As outras meninas pararam perto de mim e todas olhavam para as minhas tatuagens; enquanto observada, a fotografia de João em suas camisas parecia saltar aos meus olhos.

—Lá vem o Jojo de novo!— Caio avisou com empolgação.

Outra vez na ponta, e agora, apenas dois rapazes estavam próximos, um deles era o jovem que encontramos no shopping. A maioria das pessoas completava a primeira volta naquele momento, e por isso havia um volume maior de gente, do que na volta anterior.

—Ele vai ganhar, ninguém bate o tempo do seu filho!—Caio abraçou Marian, eles pareciam já comemorar a vitória de João Victor,

mesmo faltando um terço da prova.

—Vamos ficar perto da linha de chegada? — propôs uma das garotas.

— A gente se fala depois...—Débora acenou, correndo para acompanhar o grupo.

—Viu só, Dili? O Jojo tem torcida organizada.

— É, eu tenho notado, Caio.

—Quanto tempo?—Marian, voltou-se ao irmão.

—Cerca de dez minutos e ele deve se consolidar campeão.

A mãe do João segurou-me pelo braço.

— Vamos esperá-lo lá na frente.

—Vão vocês, eu...— Acabei me enrolando para inventar uma desculpa.

—Vamos Dili! Vamos comemorar juntos!—Caio também pegou na minha mão e me puxou.

A ideia parecia não ser apenas dos dois, ao fim da linha de chegada, um amontoado de gente se formou e o empurra-empurra acabou me assustando. Um guarda tentou colocar ordem na bagunça e, enquanto um grupo de retardatários passava por ali, alguém avisou que os primeiros lugares se aproximavam.

Todos olharam para o mesmo lugar, os gritos se fizeram altos, ensurdecedores. Independentemente de como era chamado, João Victor estava na frente, veloz, e o segundo colocado, nem que tivesse um turbo conectado aos pés, conseguia alcançá-lo.

Assim que passou pela terceira vez ao ponto de partida, a buzina alta soou de novo, agora ela parecia gritar que João vencera a corrida.

Senti-me muito feliz, e quando sua mãe me abraçou emocionada, partilhei de sua animação e do seu orgulho.

—Ele venceu! Ele venceu! É o meu filho!— meio às frases, Marian tentava abrir passagem para chegar até João, que era agarrado por algumas pessoas.



Dois homens, ambos com estruturas corporais avantajadas, pareciam ter percebido o que acontecia e tentaram formar um corredor para que ela pudesse passar. Conseguindo uma brecha, Caio foi o primeiro que chegou até o campeão e deu para ler em seus lábios quando perguntou pela mãe. Ela acenou com os braços levantados e sem demora eles envolveram o filho.

Enquanto eu admirava a cena, ele me viu, e a maneira como sorriu, arrancou-me o ar. O rosto tinha um tom vermelho escuro e brilhava por culpa do suor que escorria em bicas.

Ele, sem perder o contato visual comigo, soltou-se de Marian e puxou-me de encontro ao seu corpo. Tudo aconteceu tão rápido que eu não tive tempo de reagir. Seus braços contornaram minha cintura, seus lábios preencheram os meus, e tudo o que eu fiz foi corresponder àquele beijo, esquecendo-me de que estávamos diante de quase toda a cidade, incluindo sua mãe e seu tio.

Eu não via e nem ouvia... Apenas sentia. Aromas, sabores e sensações, estar com João sempre era como estar pisando no paraíso.

—Obrigado por estar aqui.—Sua voz me trouxe de volta.

Mantive meus olhos fechados, era como se eu precisasse preparar o meu corpo para retornar ao mundo real.

—O que está acontecendo aqui?—Caio indagou em confusão.

—Filho, esta é a garota?

—Tor, a moça é sua namorada?

Perguntas, perguntas e mais perguntas. Com os dedos entrelaçados nos meus, e rodeado de um monte de pessoas, João parecia perdido, só não mais do que eu.

— Um minuto...Eu preciso me recuperar— ele gritou ofegante.

—Tor, vem comigo.—Um jovem senhor parou em nossa frente.

—Reinaldo...Que loucura!—João inclinou-se na direção dele.—Dili, este é meu técnico.

—Dili...A famosa Dili.—Ele estendeu-me a mão.—Agora vamos— continuou, depois do cumprimento. — Temos de ir até o pódio, a corrida

termina daqui a pouco e você tem que estar pronto para receber todas as honras.

—João, eu vou ficar por aqui—avisei, sendo devorada pelos muitos olhares que vinham de diferentes pessoas. As garotas da sua torcida, os outros competidores, Caio e Marian, além dos desconhecidos que pareciam apenas curiosos.

—Não, você vem comigo.

Pensei em negar, mas sair dali consolidou-se a melhor opção.

—Fez um ótimo tempo, Tor. Vinte e um quilômetros em cinquenta e oito minutos...Confesso que fiquei preocupado, nesses últimos dias você esteve meio disperso.

João me olhou de forma rápida.

—É, eu sei, mas agora, acho que tudo vai ficar bem.—Piscou para mim

Reinaldo avisou que precisava falar com os organizadores da corrida, deixando assim, João eu à sós, dentro de uma tenda fechada.

— Estou tão feliz.—Ele me tirou do chão.— Você é a cereja do bolo, Dili.Sua presença aqui tornou esse momento ainda mais especial.

—João...Isso...Isso não era pra ter acontecido.—Usei um tom bem baixo, temerosa quanto a estragar a sua festa.—Viu a cara do seu tio? Da sua mãe?

Ele colocou-me no chão e riu jogando a cabeça para trás, como se eu acabasse de contar uma piada.

—Que bobagem, eles apenas se surpreenderam, afinal, eu nunca antes agi dessa maneira com nenhuma outra garota.— João me beijou rapidamente.—Você é a primeira que me faz sentir vontade de gritar para o mundo: Ela é minha!

Eu até pensei em protestar, mas por bem, meu bom senso foi ativado nos quarenta e cinco minutos do segundo tempo e eu me calei. Não era o melhor momento e nem o melhor lugar para termos aquela conversa.



—O que fez para minha filha?—A frase chegou depois do solavanco que senti, ao ter o meu braço puxado.

—Desculpa?—Encarei Pedro Paulo, sem imaginar sobre o quê ele falava.

—Não se faça de tonta, Diana.—Ele colocou o dedo em riste.—A Débora saiu daqui chorando e dizendo que odeia você.

Arregalei os meus olhos, de fato, eu não tinha a mínima ideia de que tinha acontecido, e mais, estava certa de que não fizera nada que pudesse ter causado raiva na filha do Pedro Paulo.

— Falei com ela há pouco e estava tudo bem, depois disso eu não a vi—argumentei muito confusa.—Deve estar havendo algum mal-entendido, só pode.

Ele continuou me encarando, a cabeça ia de um lado para o outro, como se me desaprovasse a todo tempo.

—Pedro, eu não encontrei ela.—Shirley parou ao lado do marido.—Dili?—A indagação veio logo que notou minha presença ali.

— Oi, Shirley. E antes que venha com acusações, eu não fiz nada para a sua enteada...Sou inocente.

Ela empalideceu, as mãos foram até os cabelos mal presos, seguindo depois para o braço do Pepa, como se quisesse me mostrar que estavam juntos.

—Você...Você...—Ela não conseguia formular uma frase.

— Esta cidade é mesmo muito louca...—Oscilei meu olhar para os dois, antes de partir.

Como aquele era o momento da entrega das medalhas e dos prêmios, a concentração maior de pessoas estava em frente ao pódio. Encostei-me em uma árvore que ficava logo atrás de um banheiro químico e

liguei para Chloe, precisava encontrá-la, eu não via a hora de voltar para minha casa.

Por bem ela e meu irmão também me procuravam e dez minutos depois, seguíamos para o carro de Diogo.

—Dili... O que foi aquilo? O João Victor te agarrou?—Meu irmão parecia se divertir com o comentário.

Chloe me olhou com pavor.

—Podemos não falar sobre isso?

—Nós até podemos evitar o assunto, mas lá na praça, você está na boca do povo. Todos especulam quem é a namorada tatuada do grande campeão Tor!—Diogo satirizou, depois de ligar o motor do seu carro.

—É... Dili. —Chloe dobrou o corpo para me encarar. — Por onde passávamos, frases relacionadas a isso eram ouvidas...

—Dili, desde quando vocês estão saindo?—Meu irmão encarou-me pelo retrovisor.

—Cala a boca, Diogo!—Dei um tapa sonoro em seu braço.—Aquilo foi...Sei lá, o calor do momento, acho que o João se empolgou.

Diogo limpou a garganta.

—Então a empolgação foi mútua...Irmãzinha, parecia que você queria engolir o cara...

—Não provoque a Dili...Ela treinou defesas pessoais e isso a torna bem perigosa—Chloe interveio e eu aproveitei para me calar.

Nervosa, estrolei todos os dedos das minhas mãos, e se pudesse, iria para os dois pés. Além da história do beijo, tinha a coisa toda com a Débora.

—Há pouco fui abordada pelo Pedro Paulo naquela praça...Ele me acusava de ter feito alguma coisa para a Débora, mas eu juro, falei com a garota por um minuto e nada demais aconteceu.—Coloquei-me entre os dois bancos, desabafando com o casal.

—Esse Pepo é mesmo um chato...Sempre incomodando, não é?

—Ah...Eu acho que sei o que houve.—Diogo aproveitou que o sinal estava fechado e olhou para mim, com um sorriso no canto dos lábios.

—Então fala, traste! Por que estão querendo minha cabeça servida numa bandeja?

—A Débora deve ser mais uma do clube “*eu quero me casar com o Tor.*” As meninas daqui veem nele um astro, tipo aqueles One Directions, sabe?

Voltei o corpo para trás e deixei que minhas costas escorregassem pelo banco de couro. A camiseta com a foto do João Victor, a história de ser apaixonada por um cara mais velho e tudo começava a fazer sentido.

—Podemos passar em algum lugar que venda aqueles milk-Shakes de um litro?

—Ihhh...É melhor atender, Diogo. Sua irmã quando fica assim...

Sem nem discutir, ele seguiu até um *fast-food* e nós três saímos de lá com copos gigantes de milk-shake de Ovomaltine. Essa, costumava ser uma válvula de escape para mim. Tudo bem, que se fosse mesmo verdade que a Débora tinha uma paixão aguda pelo João, não haveria milk-shake no mundo capaz de me salvar.



*Telefone  
sem fio*



## 11 – Telefone sem fio

Meu cérebro ainda estava congelado quando chegamos. Mal meu irmão estacionou o carro e eu ouvi o ranger o do portão da casa da Sabrina. Relutante e sentindo meu sangue gelar, olhei para o lado e vi quando ela, a minha prima e seu barrigão protuberante, saíram até a calçada.

Desci sem ter coragem de encará-la, algo me dizia que ela estava ali por mim.

—Bom dia—cumprimentei-a, com a voz travada, minha língua endurecida foi a culpada.

—Dili, parece que o tempo realmente não passou para você! — gritou ela.

—Algum problema, Sabrina?—Virei todo o meu corpo decidida a enfrentá-la.

— Disputando homem com uma adolescente? É muito baixo até mesmo para você!

—Sabrina, olha como fala com a minha irmã!—Diogo resolveu se intrometer.

Esperiei um carro cruzar a rua e atravessei. Meus joelhos tremiam, mesmo assim, não queria bater boca de longe, se era para brigar, que fosse cara a cara.

— Outra vez sinto como se tivesse perdido uma parte do filme... Estou sendo acusada pelo que, exatamente?

Sabrina endireitou as costas e estreitou os olhos.

—Como você é sínica...Todo mundo viu quando você se agarrou com o sobrinho do Caio— ela vociferou com o dedo apontado para mim.— Diana Lima, o garoto tem idade para ser seu filho!

“*Tem?*”, pensei, tentando fazer as contas mentalmente.

— Sua filha não para de chorar...—Minha tia se juntou a Sabrina.

—Dili, volta para casa!—Diogo gritou.—Não fique aí escutando essas besteiras, você não deve satisfações a essa gente.

— Eu não devo mesmo... De qualquer forma tem algo de muito errado nessa história. —Voltei a encarar minha prima. — O João é um homem, e me espanta que esteja querendo que sua filha e ele... Deus! A Débora é uma criança.

—Quem é você pra falar alguma coisa sobre a minha neta?— Eliana deu um passo na minha direção.—Você, Diana, sempre deu problema com essa coisa de homem, parece que tem um fogo no meio das pernas!

*“Ah, não! Aí já é demais... Ser insultada pela vagabunda que dormia com o marido da própria irmã?”*

—Escuta bem o que eu vou dizer...—Foi minha vez de caminhar até ficar bem próxima dela.—Você não tem moral nenhuma para julgar a minha vida... Por todos esses anos eu fiquei calada, guardando um segredo pesado e que por muitas vezes quase me afundou, mas eu juro, se continuar tentando me difamar...Eu jogo a merda no ventilador. Entendeu?

Minha tia arregalou os olhos e engoliu seco. Sabrina nos encarou com confusão enquanto abria e fechava a boca por repetidas vezes.

—Sobre o que vocês estão falando? —perguntou, enfim.—Dili, por que está ameaçando a minha mãe?—Sua expressão confusa e a mão sobre barriga, me fizeram perceber que era hora de encerrar o assunto.

—Não se estresse Sabrina. Está grávida, e eu não quero levar a culpa caso o seu bebê nasça antes da hora.

—Filha, vamos entrar. —Minha tia segurou-a pelo braço.—Você não pode mesmo ficar nervosa.

Muito irritada, ela deu um jeito de se livrar da mãe, os olhos avermelharam-se e os lábios tremiam.

—Eu não sou idiota. O que vocês duas estão escondendo?— Sabrina oscilava olhares entre mim e sua mãe.

*“Shit! Shit! Shit!”*



Eu ainda nem tinha terminado de amaldiçoar o momento e outro carro parou bem em frente de onde estávamos. Não demorei nem um segundo para descobrir quem era.

—Que ótimo, agora o circo está armado!—resmunguei entre os dentes, assim que Pedro Paulo e sua esposa desceram.

Diogo segurou a mão da Chloe e se colocou ao meu lado.

—A Débora está lá dentro?—Shirley perguntou à minha tia, sem ao menos olhar para mim.

Ela apenas assentiu com a cabeça.

—Vai lá Pedro, vai conversar com a sua filha...—ordenou ao marido.

— Parece que você voltou para infernizar as nossas vidas...—Pedro Paulo acusou-me com mágoa, depois que “esbarrou” seu braço contra mim.

—Eu não vou discutir a minha vida pessoal com nenhum de vocês... Sou solteira, fico com quem eu quiser e até onde eu sei, o João é livre e desimpedido. O que existe entre mim e ele, só diz respeito a nós dois.

—Então existe algo? — Sabrina se intrometeu.— Está mesmo tendo um caso com o garoto que você carregou no colo? O Sobrinho do seu ex-namorado?

—Dili, vamos...Você não precisa fazer isso.—Chloe correu até mim e segurou o meu braço, puxando-me no sentido do meio fio.

Sem nada responder, olhei para todos eles, com calma, um por um. Eles me encaravam também, e cada uma daquelas pessoas que fizeram parte da minha vida no passado, tinha um sentimento expressado em seus olhos, nítido, como em projetores.

Nenhum deles era bom.

Assim que pisei no meu quarto, o celular disparou. Mensagens, telefonemas e João era o dono de ambos.

—Não vai atender?—Chloe perguntou meio sem jeito.

Balancei a cabeça negando.

—Ele não podia ter feito aquilo...João me expôs de um jeito desnecessário.

O rosto dela mudou, antes me olhava com pena e ao termino da minha frase, tornou-se sério.

—Sabe que se quisesse, teria impedido o tal beijo. Talvez esteja na hora de você assumir sua parcela de culpa nessa história e de admitir que quer o garoto.

Fechei os meus olhos, sabia que a minha amiga estava coberta de razão.

—Pior que é isso mesmo...O João me despertou uma coisa estranha, uma semana e ele me chacoalhou, me apresentou um lugar que eu não conhecia, mas que agora que eu não posso ficar sem ir até lá...

—Então vá!

— Ouviu o que a Sabrina disse? Ela falou que o João tem idade para ser meu filho!

Chloe franziu a testa e olhou para cima.

—Teria que ter engravidado aos doze...Quem engravida aos doze?

Erguemos as sobrancelhas e nos entreolhamos, ambas com os olhos arregalados. Chloe, assim como eu, acabou se lembrando de um caso ocorrido em Tampa, poucos anos depois de eu ter me mudado para lá. A filha de um dos faxineiros do colégio tinha exatos doze anos quando engravidou de um rapaz, dez anos mais velho.

O caso foi um escândalo e, embora ela alegasse que o sexo fora consensual, o rapaz foi preso e condenado por estupro. Cumpriu bons anos de pena e a garota permaneceu à sua espera. Até onde ficamos sabendo, quando ele saiu da cadeia, ela já tinha mais de dezesseis anos e então, os dois acabaram se casando; portanto, sim, engravidar aos doze era possível.

—Chloe...—choraminguei, enquanto me arrastava até a cama.— Eu tenho mesmo idade para ser mãe do João Victor!

Ela mordeu o lábio inferior e fez uma careta.

—Tudo bem... Matematicamente falando, sim, mas o que isso tem a ver? Grande coisa!

Com as pálpebras caídas, senti os meus olhos pesando, a cabeça doía e o meu telefone voltou a gritar.

—Eu não vou atender...—resolvi, enquanto apertava o botão para desligar o aparelho.

—Que infantil, Dili! O João sabe onde você mora, eu não duvido que daqui a pouco ele venha bater na sua porta.

—Nem brinca com isso. Eu não quero olhar para cara dele... Veja os problemas que esse garoto vem me causando. Por pouco eu não denunciei o caso do meu pai com a minha tia!—falei mais baixo.

—Sabe que se isso acontecer, não vai ser apenas a eles que você vai afetar. Já pensou na sua mãe? No seu irmão?

Levantei-me com o coração palpitando em ritmo acelerado.

—Exato! Eu sequer posso imaginar uma coisa dessas; logo vou me arrepender de ter voltado.

—Então, Dili, eu acho que é melhor atender o menino. Joga limpo com ele, fala que não quer... Ou que quer, mas não pode querer, sei lá... O que você não pode é ficar agindo como criança, isso é chato demais.

—É.—Suspirei.—Vou ligar para ele, mas eu preciso que fique aqui, do contrário, tenho medo de não ser forte o bastante.

Chloe sentou-se no chão.

—Pode ligar, mas sabe a minha opinião, para mim, só está sendo uma grande medrosa.

Ela estava certa, mas eu me sentia confusa demais para admitir e optei por fazer o que parecia correto.

Quando João atendeu, confesso que apenas ouvi-lo pronunciar o meu nome, foi o bastante para uma agitação boa dominar o meu corpo. Sob o olhar severo da minha amiga, de forma rápida e clara avisei que não tinha gostado do que acontecera mais cedo. Mentira minha, o beijo tinha sido muito bom; de qualquer maneira, surpreendi-me com a minha firmeza.

—Eu não acredito em uma só palavra do que você fala... Eu sei Dili, tudo o que eu sinto é recíproco.

—João, não insista. Eu tenho idade para ser sua mãe, portanto, isso nunca vai funcionar.

—O quê? Você só pode estar de brincadeira... Para ter um filho da minha da minha idade, você teria que ter engravidado aos...

—Doze!—adiantei-me, acabando por interrompê-lo.—E antes que diga que isso é impossível, eu posso afirmar que não é.

Olhei para Chloe e ela colocou as mãos na testa, seu rosto mostrava desaprovação.

—Você é doida, Dili! Doida!—resmungou ele.

—Seria se embarcasse nesta loucura de ter um romance com um bebê...

— E o que pretende fazer? Quando nos encontrarmos, não vai conseguir fugir —João insistiu como se estivesse certo dos meus sentimentos por ele.

—Quer saber? Eu vou passar um tempo em Arco Dourado e de fato não vou fugir de você, mas vou fazer exatamente o cérebro faz em relação ao nosso nariz.

—O quê!?!—Chloe não conseguiu se segurar.

—Do que está falando, Dili? Que história é essa de cérebro e nariz?

—Deveria saber que enxergamos nosso nariz o tempo todo, mas nosso cérebro dá um jeito de ignorar isso... É justamente o que vou fazer com você, se insistir nessa história de que temos que ficar juntos.

—Bom, eu vejo que hoje não é um bom dia para conversarmos, de qualquer forma, eu posso ser um nariz bem grande!—João ameaçou antes de desligar.

Arrastei-me até a cama enquanto um nó se formava em minha garganta.

—Amiga...Como é que isso pode ter me acontecido? Tudo isso é uma verdadeira loucura!

— Não é loucura, é paixão...Apesar que acaba dando no mesmo...—ela sussurrou, depois de um tempo em que nós duas ficamos em silêncio. —

Você só está assim porque nunca experimentou desse sentimento antes.—  
Chloe brincava com uma mecha dos meus cabelos.

Puxei o ar profundamente.

— É, você tem razão. Agora mesmo eu estava pensando nessa semana, ou melhor, nesses dias em que passamos juntos, desde o momento em que nos encontramos na fila do clube, até hoje, naquele beijo e tudo isso acontece ao som de 2 become 1, das Spice Girls... Você tem noção?

Chloe crispou os lábios e ao contrário do que eu pensava, ela não riu de mim.

—“*I need some love like I never needed love before.*” É isso o que diz um dos trechos, não é?

—É Chloe, só que eu vou precisar me livrar desse desejo, dessa necessidade. Eu tenho trinta e dois anos, uma carreira e uma vida em outro país. Eu não vou largar tudo em Tampa para viver atrás de um rapaz que está começando agora, que está buscando seus objetivos e que ora ou outra vai se desencantar, porque aos dezenove, tudo parece ser mais intenso do que verdadeiramente é.

—Não pense que estou defendendo uma causa, mas eu conheço casais que deram certo, mesmo com idades diferentes.

Ajeitei-me na cama, porque esse assunto geralmente rendia longos debates.

—Se fosse o contrário, uma garota de dezenove e um homem na casa dos trinta...Sabemos que ninguém ficaria escandalizado e mais, na roda de amigos ele seria ovacionado por estar namorando uma garotinha. Só que ao contrário, parece chocante, inapropriado até.

—O pior é que você tem razão.—Ela fez uma careta.— Ainda que tenhamos feito grandes conquistas, mulheres sempre serão mais julgadas, em tudo...

—Exato, Chloe!—Apontei o dedo para ela.—Lembra dos concursos que ganhei? Quanto preconceito eu tive que suportar... E os meus namoros? Praticamente todos se findaram justamente por conta da minha ascensão, o destaque em minha profissão.

Ela nada respondeu, mas seu sorriso triste dava conta do recado, no mais, eu tinha colocado na cabeça que havia tomado a melhor decisão, só que meu coração parecia não concordar.



Depois de passar o domingo todo, trancada em meu quarto, na segunda-feira, impulsionada pelo fato de que tinha clientes para atender, acordei bem cedo e junto de Chloe segui para o meu estúdio.

—Nem sei como meus pais não vieram falar nada sobre o que aconteceu na corrida.

—Não quero ser mediadora de más notícias, mas sua mãe comentou com o Diogo, parece que ontem no clube todo mundo falava disso...da namorada do Tor.

Sentei atrás da mesa e coloquei algumas folhas de papel sobre ela, Chloe permaneceu me olhando, como se esperasse pelo meu pronunciamento.

Tinha que desenhar uma fada, um anjo e outra sereia. Para isso, precisava de concentração.

—Quer saber? Vou começar a mentir. Quem vier me perguntar sobre o João Victor, vai ouvir que mal o conheço, vou negar o tal beijo e fica o dito pelo não dito.—Comecei a rabiscar.

Esperando que minha amiga dissesse algo, ergui os meus olhos para buscá-la.

—Dili...—ela falou, enquanto abria o zíper da bolsa, ainda pendurada em seus ombros.—Antes de sairmos, eu peguei isto.—Estendeu-me um jornal dobrado.

Na primeira página, a reportagem sobre a corrida e a fantástica vitória de João. Uma foto grande do momento em que ele recebia a medalha e abaixo dela, a indicação da reportagem completa no miolo do impresso.

Ansiosa e sob o olhar preocupado de Chloe, virei cada uma das páginas até chagar na indicada.

—Talvez você não possa negar o beijo, afinal...—Ela apontou a fotografia em que estávamos João e eu agarrados. Era colorida e minhas tatuagens nunca foram tão bem retratadas.

Corri os olhos pelas letras miúdas enquanto a minha boca secava.

—Eles também se referem a mim, como “*namorada*”—reclamei, assim que terminei de ler a reportagem.

—Pois é.—Chloe deu com os ombros.

Segurei meu lápis e a impressão que tive, foi de que toda a minha inspiração tinha desaparecido. Sem saber o que pensar de tudo aquilo, duas batidas na porta de vidro nos fizeram assustar.

—Abre para mim?

—Viu quem é?

—Vi.— Revirei meus olhos.

Sentia-me resignada quanto a não gostar de Evandro. Como minha mãe mesmo dizia: “O nosso santo não bateu”, de qualquer maneira, eu me esforçava para ser simpática.

—Bom dia.—Levantei-me para cumprimentá-lo e outra vez os beijos que deveriam ser simbólicos, foram molhados e demorados, deixando meu rosto grudento.

—Bom dia, Dili, vejo que está se adaptando bem...—Ele correu os olhos pelo ambiente e depois os voltou para mim.

—Seu espaço é ótimo, perfeito para o que foi designado.

—Que bom, fico feliz e esperançoso, ainda mais agora...Imagino que já posso pensar nesse lugar alugado por um período mais longo...—ele conjecturou, e eu sabia bem aonde Evandro pretendia chegar.

—Talvez...—menti.

— Imagino que seu namoro com o Tor seja um bom motivo para mantê-la aqui...A não ser que queira levar nosso menino para a terra do Tio Sam...Imagine o garotão na Disney, seria um prato cheio para ele.

Enquanto ele falava, Chloe me olhava com pavor, ela me conhecia tão bem, a ponto de saber que eu não tinha paciência para aquele tipo de coisa.

—Fala muito do João, ou melhor, da pouca idade dele...Mas saiba Evandro, que eu já tive inúmeras experiências e vou te contar um segredo. —Aproximei-me dele.—Dezenove anos passaram a ser a minha idade favorita...Em contrapartida, não gosto de fazer planos a longo prazo. A vida muda em fração de segundos e por isso vivo um dia de cada vez.

Ele apontou o dedo para mim, enquanto os lábios se juntavam em um bico.

—Boa... É uma bela frase a ser tatuada.—Riu com uma dose de sarcasmo embutida.—Por falar nisso, gostaria de marcar um horário com você, queria dar uma retocada na tatuagem nas minhas costas e colocar mais alguns elementos em volta dela.

*“Ele é um cliente como outro qualquer...”*

—Posso ver o que você tem?

—Claro.—Ele olhou para Clhoe, que fingia arrumar minhas pastas de desenho.

Evandro vestia uma camisa social e, à medida em que abria os botões, suas expressões eram próximas das de um stripper do clube das mulheres.

—Fiz quando fui a Vegas... O cara é um puta tatuador e eu tive que implorar por um horário.—Virou-se de costas para mim, com o ombro esquerdo mais baixo.

—Gostou mesmo dos cassinos...—comentei, assim que coloquei os olhos no Joker que segurava uma máquina caça-níquel.

—Sempre gostei, na verdade, eu adoro jogos. Sou um grande entusiasta de tudo o que envolve diversão.

*“Eu me divertiria dando umas agulhadas na sua jugular...”*

—O tatuador é mesmo bom, os traços, a forma com que usa as cores...Podemos colocar umas fichas de pôquer caído da outra mão do coringa, e fazer um chão de cartas sob os pés dele. Ficaria interessante...

—Gostei.—Ele virou o rosto para me encarar.



—Senta ali.—Indiquei a maca.—Chloe, pega as minhas canetas coloridas.

Eu era acostumada com todo o tipo de clientes e, no decorrer da minha carreira, colecionava situações chatas ou algo além disso. Algumas pessoas, e isso não se restringia apenas aos homens, acabavam confundindo as coisas e com o contato, a proximidade, achavam que sairiam com algo além do desenho sobre a pele. Notei que Evandro tinha todos os requisitos desse tipo de inconveniente.

Repetindo o mantra: “*este é o meu trabalho...*”, com rapidez rabisquei as ideias que tinha para aquela tatuagem, e uau! Quando terminei, senti orgulho de mim mesma.

—Dá uma olhada.—Segurei o espelho para que ele pudesse ver.

Chloe colocou-se do ao meu lado e balançou a cabeça com a mão no queixo.

—Legal!—ela murmurou.

—Nossa...Ficou muito bom, ou melhor, fantástico...Garota, meus amigos vão fazer com que tenha trabalho até o fim do ano que vem. —Ele se mexia tentando enxergar tudo o que eu tinha feito.

— Na quinta, se quiser, podemos começar...

—Fechado!

—Quer que eu passe álcool pra tirar?

Ele puxou a camisa repousada sobre a maca e a vestiu.

—Não, pode deixar.—Piscou para mim.— Vou ficar ansioso até quinta.—Estendeu-me a mão, apertando a minha antes de sair.

Chloe o acompanhou com os olhos e quando ele desapareceu, fez uma carranca e mostrou a língua como uma criança de três anos.

—Não gosto desse homem...Tudo nele me incomoda.

Ri, com o pensamento que acabava de me ocorrer.

—Chloe, essa cara vai sentir o peso da minha mão...Ele vai ter de dormir sentado por um bom tempo.

—Dili, lembra do Austin? O coitado teve até febre depois que você o tatuou.

— Sabe que só faço isso se a pessoa realmente merecer.

Chloe concordou e eu finalmente voltei aos esboços. Mesmo assim, ainda que me concentrasse nos desenhos, meus pensamentos por vezes vieram a me trair, fazendo com que João dominasse cada um dos meus neurônios. Olhei para o meu celular e notei que não havia nenhuma nova mensagem ou ligação.

*“Foi você que pediu isso a ele.”*

No fim da tarde Diogo foi nos buscar, mortos de fome, seguimos para casa, rezando para que nossa mãe tivesse feito algum de seus pratos deliciosos.

—Sabe que hoje você não escapa... Nossos pais vão pegar você de jeito, ainda mais depois de ter saído no jornal.

—Estou pouco me importando —resmunguei.—Se me perguntarem, direi a verdade.

Diogo freou o carro e me olhou pelo retrovisor.

—E qual é verdade... Não, porque eu juro que estou curioso.

Ouvi o riso abafado da Chloe.

—Não é da sua conta!—rosnei, irritada.—Agora volte a dirigir, que você ganha mais.

Da garagem, o cheiro de comida caseira fez meu estômago anunciar a fome com um som estranho. Corri para tomar um banho e fui uma das primeiras a me sentar à mesa, antes de mim, só o meu pai.

De frente para ele, acompanhei o seu olhar que passeava pelo prato colorido, os desenhos de galos portugueses também chamaram a minha atenção.

— Bonita louça...—elogiei, incomodada com o silêncio.

— É...é bonita sim.—A frase soou automática e eu podia imaginar a razão.

—Mãe!—gritei.—Quer ajuda?

—Agora que terminei?—Ela veio com uma panela em cada mão.

—Que saudades de comer o seu feijão...

—Por isso mesmo eu fiz, sua amiga me contou que lá vocês vivem à base de pizza—ela reclamou ao mesmo tempo em que me servia.

Chloe e Diogo chegaram juntos, sentaram-se lado a lado, uma das mãos entrelaçadas sobre a mesa e trocando olhares apaixonados.

— São tão bonitinhos, juntos...—minha mãe elogiou.—Por falar nisso...

—Já sei...Vai sobrar pra mim!—adiantei-me, encarando meus pais, um de cada vez.—Devem estar curiosos com essa coisa que saiu no jornal, mas eu garanto...Nada do que dizem sobre mim é verdade.

—Diana, na foto dá pra ver você e o João se beijando...

—Eu sei mãe, mas eu fui cumprimentá-lo e acho que o garoto acabou se empolgando um pouco. —Ergui as mãos.

—Você também parece ter se empolgado...—Diogo não perdeu a oportunidade de me provocar.

Ignorei-o, esperando meu pai se pronunciar.

— Hoje em dia as coisas mudaram mesmo...Tudo é permitido. Homem com homem, mulher com mulher, velho com jovem...— ele resmungou enquanto enchia a boca de comida.

Diogo explodiu em uma gargalhada e apontou o dedo para mim.

— Olha aí, esse exemplo de velho com jovem serve para você, Dili...

Outra vez, fingi que meu irmão não existia, focava-me apenas no que meu pai e seu falso moralismo acabavam de dizer.

—Desde que todos sejam descompromissados, eu não vejo problemas... O que me causa repulsa mesmo, é traição, por exemplo—discursei.

Chloe ficou vermelha, minha mãe apenas balançou a cabeça como se concordasse comigo e meu pai, esse parecia querer desaparecer. O impacto

da minha declaração foi tamanho, que ele se embananou com os talheres e deixou a faca cair no chão.

—Tudo o que você falou está certo, filha, mas você namorou o tio desse menino antes... Sem contar que ele é mesmo muito jovem. Você precisa encontrar um rapaz da sua idade, um homem disposto a formar uma família...

—Nem comece a falar sobre o tal do Tadeu!—reclamei, antes de tentar oxigenar o meu cérebro. —Mãe, lamento lhe informar, mas não vou ser eu a fazer esse papel na família. Casar, ter filhos... Isto fica para esses dois aí.—Apontei para o casalzinho que acompanhava a discussão como se assistissem a um filme.

—Podemos mudar de assunto?—Diogo se pronunciou.

—Boa ideia—concordei.

Minha mãe balançou a cabeça negando e meu pai apenas abriu a boca para enfiar a comida.

—Bom, temos que conversar sobre o Natal...A Eliana me avisou hoje, que este ano não vamos festejar juntos.

*“Ops! Culpada...”*

—Prefiro assim—anunciei.—Faz quinze Natais que passo sem vocês, portanto, prefiro que sejamos apenas nós. —À propósito, é só porque eu estou aqui, ou eles pouco frequentam a nossa casa, mesmo?

—Eles pouco vêm—Diogo comentou.—Não é como antes, que entravam e saíam quando queriam...

—Hum...—murmurei satisfeita diante do silêncio que imperou.

Imaginava que minha tia conversara com meu pai sobre a confusão que protagonizamos, por bem, eles pareciam temer a minha boca. Minha maior chateação diante de todo o ocorrido, era o fato da Débora ter se voltado contra mim.

De qualquer forma, eu não pensava em procurá-la, esperaria a poeira abaixar para só então tentar falar com ela.

Ainda, antes de dormir, voltei a olhar meu celular, e tirando as mensagens trocadas com as meninas que faziam tatuagens, ninguém mais

havia me procurado.

Teria João desistido mesmo?

Fiquei imaginando como ele vinha reagindo diante dos fatos. Comentários, o jornal e até mesmo a própria família. Para mim a Marian ficara horrorizada com a situação, afinal, ela se lembrava perfeitamente da minha relação com seu irmão.

Eu tinha de estar aliviada, seria muito mais fácil não ter que ficar fugindo ou desviando das investidas do João Victor, só que por mais que eu tentasse me convencer disso, sentia um buraco crescendo em meu interior.

O dia seguinte foi cinzento, em todos os sentidos. O céu permaneceu escuro por toda a manhã e no início da tarde, uma chuva forte lavou Arco Dourado por horas a fio.

Chloe e eu estávamos no estúdio e depois de eu ter atendido um dos funcionários da Glowing, achei que era melhor irmos para casa.

—Seu irmão ainda vai demorar um pouco... Ele foi chamado no trabalho para resolver uma emergência...

—Podemos pedir um táxi.—Olhei para o relógio e faltava meia volta para às quatro horas da tarde.

—Tudo bem, eu só preciso tirar tudo das tomadas.

Parada de frente para a porta de vidro, distrai-me observando as gotas pesadas, batendo no chão. Sorri notando o volume da enxurrada, lembrei-me do como aquilo costumava ser divertido para nós, crianças.

— É água que não acaba mais...—Chloe parou do meu lado.

— Estava pensando nisso agora... Em como o Diogo e eu éramos destemidos; entrávamos dentro dessas enxurradas, deixando que ela nos levasse rua a baixo.

Chloe riu e fez uma cara de nojo.

—Chamou o táxi?

—Sim, ele já deve estar chegando...Vou ao banheiro e já volto.

Sem pressa para esvaziar a minha bexiga, ouvi o barulho da porta batendo, pendurei minha bolsa no ombro e corri para o salão.

—Boa tarde!—A voz dele ecoou pelo estúdio, chegando até mim como se fosse uma canção.

—O que você está fazendo aqui?—Parei bruscamente.

—Mal-educada. Eu disse boa tarde.

Soltei uma lufada de ar, queria mostrar que não estava para brincadeiras.

—Boa tarde, João—respondi em tom de escárnio.— Agora, se puder me dar licença, eu preciso ir embora, chamei um táxi e ele deve estar chegando.

—O Táxi já veio.—Ele desceu as sobrelhas e desviou os olhos até os próprios pés.

—Viu só? Eu...A Chloe está lá fora?

—Ela já foi... Eu disse que depois levo você.

—Você o quê?

—Sabe que temos que conversar e eu não tenho saco para essa coisa de mensagem, ligação...—João avançou em minha direção.

—Não gosto disso, na verdade, eu odeio que tomem decisões por mim.

—Eu não te entendo, juro que não te entendo.—Ele suspirou. — Você fica comigo, me faz acreditar que está tudo bem e depois vem com umas histórias malucas.

Ele tinha razão, eu mesma achava que vinha agindo como uma louca.

—Conversamos, sim, aqui mesmo. E eu deixei bem claro que entre nós não aconteceria mais nada.

—Aí você foi me ver correr, nós nos beijamos e

—Você me beijou.—Apontei o dedo para ele, impedindo que terminasse a frase. —Me pegou de surpresa, eu fiquei sem ação.

—Não, não teve nada de “*sem ação*”. Na verdade, você correspondeu ao meu beijo. E como correspondeu...

Dei um passo para trás, a fim de manter uma distância segura.

—Tudo bem João.— Virei-me de costas e caminhei até o balcão.— Nos beijamos, eu quis, mas isso não significa que vamos nos casar.—Fingi desdém.

—Então para você é isso? Diversão?

—Diversão...Prazer...Chame do que quiser, mas como eu disse antes, nada além disso —afirmei, sem conseguir encará-lo.

—Se é mesmo verdade, por que você fica assim?—Ele segurou o meu punho esquerdo, exibindo minha mão que tremia.

—Estou com fome—respondi rápido.

Ele me lançou um olhar de reprovação ao mesmo tempo em que movia a cabeça de um lado para o outro.

—Quer tanto parecer madura, insiste em colocar nossa diferença de idade em pauta, mas age como uma criança, infantil e boba.

Puxei meu braço.

—Olha quem fala... Desde que nos conhecemos, fica agindo como um adolescente apaixonado, daqueles insistentes que têm dificuldade em entender o significado da palavra “*não*”.

Juntando as sobrancelhas, João Victor manteve seus olhos nos meus, como se quisesse uma prova de que eu estava mentindo, e eu tive medo de ser pega.

—Tudo bem Dili, eu vou parar. Juro que não te incomodo mais.

—Eu não disse que você me incomoda.

Ele sorriu, um sorriso falso e cheio de amargor, os olhos brilharam, e achei que ele fosse chorar, fato que me causou muito mal-estar.

—Está coberta de razão Dili, você já disse e repetiu que não quer nada comigo. Sou um tolo por ficar insistindo.—Ele realmente parecia constrangido.

Pensei em dizer algo que o fizesse sentir-se melhor, de repente a verdade seria perfeita: “João, eu estou perdidamente apaixonada por você, mas estou também morta de medo de como isso pode mudar a minha vida, que hoje é muito organizada.”

—João, eu não espero que me perdoe. —Tentei parecer desarmada.—Sabe, eu mesma não me entendo...Essa história de que toda panela tem uma tampa, pra mim é lenda, no fim eu acho que sou uma frigideira...Frigideiras não têm tampa.

Ele me encarou de um jeito profundo, não achou graça nenhuma na minha tentativa de piada.

—Quer que eu a leve? Prometo que vou me comportar.—Ele estava mesmo derrotado.

Engoli em seco, dúvida quanto em como aquela carona podia arriscar minha decisão.

—Tudo bem, eu aceito.

Em seu carro, além de constrangimento, havia também admiração. Da minha parte, é claro. Porque enquanto João dirigia, ficava mais clara a sua indulgência, afinal, em seu lugar, eu teria me largado, deixado que me virasse e isso só comprovava que ele era mesmo superior a mim.

—Se importa se eu aumentar um pouco.—Estiquei a mão no botão que indicava o volume do rádio.

—Claro, pode aumentar.—Ele sorriu com o canto dos lábios e eu apenas virei o meu rosto. Stay, uma canção antiga, da década de noventa, cantarolada com uma voz doce por Lisa Loebe, parecia detalhar com exatidão como eu me sentia naquele momento.

Distraída e me identificando com cada frase da música que há bons anos, fora meu vício, voltei para o meu mundo ao escutar o ranger do freio de mão sendo puxado.

—Chegamos...—avisou ele, com a voz baixa.

Terminei de ouvir a canção e só então desafivelei o cinto de segurança.

—É engraçado como às vezes as letras das músicas falam tudo o que não conseguimos dizer.

—Eu não sou muito bom em inglês, portanto não tenho ideia da mensagem que essa passava.—Ele não tirou os olhos do volante.



—É melhor assim...—Soltei um riso de desgosto, abri a porta do carro e me preparei para descer.—João, acharia muito estranho se seu pedisse um abraço?

Ele olhou para cima, o maxilar se contraiu enquanto o meu rosto fervilhava de vergonha.

—Acharia.—Ele dobrou o corpo e puxou a porta do meu lado, fechando-a de novo.—De qualquer forma, conheci uma pessoa que colocou a palavra “estranho” e todos os seus sinônimos em destaque na minha vida.—Sem mais, puxou-me de encontro ao seu corpo e me apertou de um jeito firme, apaixonado e protetor.

Meus relacionamentos, ou melhor, o fim deles, nunca foram carregados de emoção, mas nos braços daquele garoto de tinha o dom de me dominar— e isso era um fato que me assustava muito —tive que me segurar para não abrir um berreiro. Sem contar, que se naquele momento ele quisesse me beijar ou ainda, ligar o motor do carro e dirigir para outro lugar, qualquer lugar, eu iria sem protestar.



—Dá medo, não é?—Chloe acariciava os meus cabelos, e pela primeira vez eu admitia em voz alta, que sim, eu estava completamente apaixonada por João Victor, e não era uma paixõzinha com data certa para acabar. Não, aquilo era profundo, rasgava a minha alma e me fazia sentir como se estivesse jogada no espaço.

—Sabe o que eu mais queria agora, Chloe?

—O quê?

—Ter nascido dez anos depois...Isso resolveria um grande problema.—Virei-me de lado, ainda com a cabeça sobre suas pernas.— Eu estaria caminhando pelo clube e encontraria o João atrasado para um treino, ele esbarraria em mim e derrubaria meu protetor solar... Nós nos apaixonaríamos e tudo seria muito mais fácil.

Ela riu deliberadamente.

— Que eu prefiro a versão real... O encontro na fila do clube, ele ser alguém que você conheceu há anos, ainda criança, essa paixão avassaladora! Nossa! É muito mais interessante, além do que, se vocês tivessem a mesma idade, a probabilidade de se interessarem um pelo outro certamente seria pequena, porque se amam assim, como são e pelo que são.

Talvez Chloe tivesse razão, e essa ideia me deixou ainda mais perturbada.



*Liranda*



## 12 – Ciranda

Os dias posteriores seguiram lentos e túrbidos. Sem João, Arco Dourado parecia sem graça e cada vez mais eu me sentia perdida dentro um problema sem solução.

Eu gostava mesmo dele. Isso vinha se firmando a cada instante que eu pegava o meu telefone na esperança de receber uma mensagem ou telefonema, bem como, quando morta de saudades, eu ia até o clube apenas para espioná-lo por alguns poucos minutos.

Fazia cinco dias desde o nosso último encontro, e dois, de uma discussão séria com a Débora. No domingo, quando eu voltava do clube, cruzei com ela e outras duas de suas amigas.

Sem sentir-me pronta para um embate, mudei de calçada, não como uma forma de ataque, na verdade, eu só queria me proteger.

Foi em vão.

Como se tivesse encarnado a Sabrina do passado, Débora, antes doce e delicada, veio ao meu encontro e em meio a muitas acusações e insultos, falar que eu era velha demais para o João, e que assistir ao nosso beijo foi nojento, acabou sendo o que mais me afetou.

Se estivesse normal, colocaria a pirralha em seu devido lugar, no entanto, como a Chloe mesmo dissera, aquela não era a Diana Lima que ela conhecia, e confesso, eu também partilhava da sua opinião. Passei o domingo todo amargando tudo o que ouvira e no fim, acabei compilando seus insultos aos da sua mãe, avó e de seu pai, além das minhas próprias autocríticas.

O resultado? Uma mistura bombástica que acabou por me abalar de tal maneira, que na terça-feira tive de ser levada às pressas para um hospital

de emergências.

Queimando em febre, quarenta e um graus que não cederam, mesmo depois de uma cartela inteira de Dipirona, então Chloe e Diogo acharam melhor que eu passasse pelo atendimento de um especialista.

—E aí? Quanto tempo de vida me resta?— brinquei, quando o médico, acompanhado do meu irmão, veio na minha direção.

Diogo balançou a cabeça em reprovação, enquanto o homem de meia idade e de rosto sereno sorria para mim.

—Sou o Doutor Celso Medeiros —Ele estendeu-me a mão.

—Sou Diana Lima, mas isso o senhor já deve saber—retrukei, depois do gesto de cumprimento.

—Bem, fizemos um hemograma completo e estou com o resultado.— Ele correu os olhos pela folha de papel que segurava.—Considerando o que diz aqui, posso afirmar que está muito saudável, tudo dentro do normal, e isso, somado ao que conversei com a sua cunhada, me leva a afirmar que essa febre é de fundo emocional.

—Chloe? O que aquela fofqueira andou falando sobre mim?— Esforcei-me para ficar sentada, ato que fez minha cabeça girar.

—Dili, digamos que você mesma se entregou.—Diogo colocou-se em volta do leito.—Durante todo o caminho, e também aqui no hospital, ficou chamando o João por inúmeras vezes.

Senti o meu rosto em chamas, e dessa vez não era febre.

—Mentira! Está falando isso para me provocar—rosnei ao Diogo.

O médico levou a mão até a boca, tentando disfarçar seu sorriso.

—Na verdade, ele não está mentindo. Você chamou por esse João, por algumas dezenas de vezes —Doutor Celso deu o golpe final, levando Diogo a gargalhar com entusiasmo.

Outra vez a minha cabeça reagiu como se eu acabasse de sair de uma ciranda. Atordoada e morta de vergonha, afundei-me naquele colchão, enquanto o médico preenchia a receita e aconselhava-me, como um alcoviteiro, a resolver minha vida amorosa.



A febre voltou a aparecer no início da noite, menos rigorosa, por isso pedi que não dissessem nada aos meus pais, não queria preocupá-los.

Na manhã seguinte, sentia-me melhor, mesmo assim, Chloe insistiu que fossemos ao estúdio só depois do almoço.

— Vou ficar com vocês... Não tenho nada o que fazer mesmo.

— Isso Di, assim você pode nos ajudar com aquelas prateleiras.— Chloe apontou para um dos cantos, onde duas pilhas de madeiras retangulares, esperavam para serem pregadas nas paredes.

— Desmarcou com todos os meus clientes?— perguntei, de olho no meu caderninho que indicava três tatuagens para aquela tarde.

— Sim, eu não sabia como você estaria e por isso achei melhor remarcar, agora tem um rapaz que ligou ontem, ele queria fazer uma frase no peito, coisa rápida, ele insistiu e eu fiquei de confirmar.

— Uma frase? Tudo bem. É bom que eu coloque minhas mãos para trabalharem.

— Então vou telefonar e ver se ele ainda...— Chloe e Diogo trocaram olhares que eu não entendi o significado.

— Quer que eu ligue? Assim conversamos sobre o que ele tem em mente.

— Não, eu ligo e pergunto.— Ela pegou seu celular e pôs-se a discar.— Mostre para o seu irmão onde quer que ele pregue as prateleiras.

Mesmo achando tudo estranho, acatei a sugestão da Chloe e fui até o Diogo, apontando onde aquelas madeiras ficariam mais úteis.

— Tem furadeira aqui?

— Furadeira? Não. Por que eu teria uma furadeira?

Diogo balançou a cabeça, rindo de mim.

— Confirmado, Dili. —Chloe juntou-se a nós.—Ele quer freehand, a fonte fica a seu critério, dentro de meia hora ele estará aqui.

—Certo.—Coloquei as mãos no queixo.—Mas temos outro problema...O Diogo precisa de uma furadeira.

—Claro!

—Será que o Evandro não tem uma para nos emprestar?—sugeri.

—Não!—Chloe fez uma careta.—Seu pai não tem uma? Podemos ir buscar.—Ela encarou meu irmão.

Outra vez aquela troca de olhares e uma cumplicidade que me deixava de fora.

— Isso está parecendo uma desculpa para os dois pombinhos darem uma fugida daqui...—desdenhei. —Marcou um cliente, Chloe, eu não vou ficar sozinha com alguém que eu não conheço.

—Tem razão Dili. Eu vou dar um pulo em casa, só preciso marcar as distâncias antes...

Deixei os dois conversando, fui preparar minha máquina e todos os outros materiais os quais precisava.

Em algum momento, ainda distraída com meus acessórios, voltei a atenção aos dois, que cochichavam, intercalando olhares entre mim e a porta.

— Volto daqui a pouco— avisou meu irmão, já cruzando o salão rumo a saída.

Chloe seguiu com ele.

No minuto seguinte, passos lentos vieram na minha direção. O som da borracha em atrito ao piso de porcelana, levaram-me a concluir que era o Diogo, já que a sola dos sapatos da minha amiga, produziam estalos diferentes e especialmente irritantes naquele dia.

—O que esqueceu?—perguntei sem tirar os olhos das minhas agulhas. —Aposto que foram a chaves do carro. Acertei?— gritei, vendo a silhueta pelas frestas do biombo.

Diante da falta de respostas, levantei os meus olhos para deparar-me com João Victor, parado, feito uma miragem.

A calça jeans estonada, deixava suas coxas parecem mais grossas, além da camiseta de tecido fino, cheia de propaganda de patrocinadores, que tornavam o desenho dos braços e tórax mais atrativos. Ele era lindo, e seus olhos cor de avelã pareciam me chamar.

—O que faz aqui outra vez?

—Tenho um horário marcado. Vou fazer uma tatuagem.—A resposta certa, parecia ensaiada.

Levantei-me com certa dificuldade, já que meus joelhos pareciam molas, mesmo assim mantive a postura para encará-lo.

—Claro!—Entendi naquele instante o que eram as atitudes suspeitas daquela dupla.—Você é patético! Não vai fazer tatuagem nenhuma, está usando isso como uma forma de me desestabilizar.

Rugas vincaram sua testa de maneira suave, os lábios curvaram-se para baixo, conotando a decepção pelo que acabava de ouvir.

—Marquei um horário, horário este, que foi confirmado há pouco pela Chloe.

—Essa garota... Onde está essa traidora que se diz minha amiga?—Procurei-a, movendo a minha cabeça por sobre os ombros largos de João.

— Saiu com o seu irmão.—Ele foi sucinto.

— Deus...—Corri as mãos por meus cabelos.—Armaram esse plano, infantil, diga-se de passagem, para que você e eu ficássemos a sós...Só que eu vou pegar as minhas coisas e vou embora!

João fixou os olhos nos meus, depois, em uma ação rápida, tirou a camiseta, jogando-a nos pés da maca. Senti o chão me faltar.

A pele morena estava bronzeada, a cintura fina fazia o cóis da cueca aparecer por debaixo da calça.

—Quero mesmo a tatuagem. Vou pagar como qualquer outro cliente—afirmou, sentando-se sobre a maca.

O que eu podia fazer? Expulsá-lo de lá? Não, eu não tinha força, muito menos coragem para tal atitude e por isso preferi entrar no seu jogo.

Bastava executar o meu trabalho, receber o dinheiro e dispensá-lo. Claro, antes disso, teria de fazer minhas mãos pararem de tremer e controlar



o ritmo dos meus batimentos cardíacos.

—Tudo bem, João—concordei vacilante, sentindo a minha voz falhar.  
— O que vai querer? Qual vai ser a frase e em que parte do corpo

Ele estufou o peito, como se precisasse fazer aquilo para mostrar o quanto seu estava em boa forma.

—Aqui.—Ele apontou com o dedo, no espaço logo abaixo da clavícula esquerda.—Quero que escreva esta frase.— Enfiou a mão no bolso da frente da calça e tirou de lá um pedaço de papel.

“*Si vis pacem, para bellum*”, era o que estava escrito com letras rabiscadas.

— É latim?—perguntei interessada.

—Isso.

—Pode me dizer o que significa?—Tentei parecer indiferente.

—É necessário saber para que faça?— indagou ríspido.

Senti minhas bochechas queimarem.

—Claro que não.—Desviei meus olhos dos dele. —Me desculpe. Aproximei-me, rezando internamente para que Deus me desse forças.

— Eu depilei o meu peito hoje.—Sua voz, dessa vez mais gentil, chegou até os meus ouvidos, junto do seu hálito quente.—Sabia que era necessário.

—Fez bem.—Engoli seco por causa da proximidade.—Quer que eu faça antes no papel? Tem algum modelo de letra como referência?

—Não precisa me mostrar antes. Confio em você, no seu trabalho.—Seus olhos castanhos não desgrudavam dos meus.

Dei um passo para trás, do contrário, seus lábios carnudos me fariam cometer uma insanidade. Naquele momento, tudo o que me preocupava, era se eu conseguiria mesmo fazer aquela tatuagem.

—Vou passar isto para anestesiá-lo um pouco a sua pele.—Voltei com um pouco de pomada no meu dedo indicador. Enquanto eu espalhava o creme espesso no peito musculoso do João, sua respiração tornou-se curta e sua pele eriçou-se diante do meu toque.

“ *Não vai conseguir...Admita Diana, isso é muito pra você.* ”

—É uma área sensível. Vai doer?

—Mais ou menos, mas como é sua primeira vez, é melhor nos prevenirmos—avisei, sentando-me atrás da mesa e obrigando-me a rabiscar a frase no estêncil. Eu sabia qual era o meu limite, e João tinha me feito ir bem além dele.

—Disse que não precisava— ele retrucou quando voltei com o decalque nas mãos.

—Eu sei, mas eu me sinto mais segura—menti, a fim de esconder os verdadeiros motivos por deixar de lado a *freehand*.

—O que acha?—perguntei, apontado o espelho na direção do peito nu.

—Muito bom, gostei da letra.—Ele parecia mesmo satisfeito.

—Então vamos começar...—Liguei o motor da máquina.—Se algo o incomodar, me avise, e por favor, sem movimentos bruscos, do contrário, um desastre pode acontecer aqui.

João puxou o ar para em seguida o soltá-lo devagar. Uma veia do seu pescoço pulsava descompassada e seu corpo rígido denunciava seu nervosismo. Embora eu também estivesse, tentei manter a minha mão o mais leve possível e depois das primeiras agulhadas, preocupei-me com seu bem-estar.

—Tudo ok? Posso prosseguir?

Ele balançou a cabeça de forma positiva e sorriu.

—Na verdade estou mais preocupado com a sua coluna...Essa posição me parece pouco confortável.

Ele tinha razão, João estava deitado e eu em pé, curvada sobre ele. No meu estúdio em Tampa, havia um lugar certo para cada área a ser tatuada, o contrário dali, com uma única opção.

—Digamos que é o que temos para hoje.—Ri, meio sem jeito.

João levantou o seu tórax e sentou-se na beirada da maca.

—Assim fica mais fácil, não fica?

Outra vez ele acertara, mas para isso, nos aproximaríamos ainda mais, e enquanto eu tentava encontrar uma maneira de me desvencilhar da sua

sugestão, João, puxou-me pelos braços, colocando-me entre as suas pernas.

—Eu, não acho uma boa ideia...—Acabei pensando alto.

Ele sorriu satisfeito, João não era bobo e tinha entendido perfeitamente a razão da minha apreensão.

—Olha só...Agora você tem condições para trabalhar.

— Ou não. — Fui honesta e ele apenas pestanejou.

Voltei a pintar as letras e a cada segundo, mover aquelas agulhas contra a pele dele, se tornava mais complicado. Seus olhos não saiam dos meus, seu hálito parecia dominar cada centímetro cúbico de ar, disputando acirradamente com o aroma do seu perfume.

—Sabe que depois vou procurar no Google o que significa esta frase, não sabe?—provoquei-o, tentando mudar o foco.

João riu, fazendo seu tórax se mover. Afastei a máquina a tempo.

—Desculpa.—Ele fez uma carranca.—Mas está mesmo curiosa?

—Sim. Não faço ideia do que significa.

—Bom, é algo do tipo: “*Dili, casa comigo?*”— disse ele, sério.

Parei no mesmo instante e dei um passo para trás.

—Isso é brincadeira, não é? —Externei o meu pânico.

João manteve-se sério por alguns instantes, depois, os lábios curvaram-se para cima e suas belas covinhas voltaram a aparecer.

—É brincadeira!— Ele riu deliberadamente. Enquanto sua gargalhada ecoava pelo estúdio, ele me puxou pelos braços, fazendo com que eu retornasse ao lugar onde estava.—Na verdade, que dizer: *Se quer paz, prepare-se para a guerra*, o que significa quase o mesmo que eu disse antes.

—Idiota!—Dei um tapa em seu braço. Nesse momento, sentir o calor da sua pele fez meu coração acelerar.

—Agora é sério.—Ele limpou a garganta com um pigarro.— Quando se quer muito uma coisa, você tem que lutar por ela, e é o como interpreto essa frase: lutar para ter de volta sua paz.

Liguei novamente a máquina de tatuagem, tentando dar minha própria interpretação sobre o que acabava de ouvir.

—Acho que se significar mesmo o que me disse, tem mais a ver com seu esporte —opinei.

—Também, mas neste momento, diz respeito a você.— Ele colocou seus olhos nos meus e eles cintilavam.—Diz respeito a como me sinto com toda essa situação, afinal, você é a razão da minha insônia, da minha falta de apetite e de toda a minha perturbação, mas, por mais que eu tente colocá-la no papel de algoz, tudo o que consigo é me certificar do quanto eu gosto de você...Agora mesmo, diante de tudo o que acabei de te dizer, lidando com a vontade que eu tenho de desaparecer, eu a levaria comigo. Você é uma espécie de híbrido, é meu terror e a minha paz.

Soltei o ar que preendi à medida que João dizia todas aquelas frases, e, se a sua intenção era tocar-me, ele conseguira muito mais do que isso. Prestes a sucumbir ao desejo de tê-lo comigo e impactada com a declaração, virei-me de costas para barrar meus impulsos.

—Precisa parar com isso.—Tentei parecer firme.—Se continuar a me dizer estas coisas, eu não vou...—Senti lágrimas brotando dos meus olhos e logo elas deixaram rastros quentes por minhas bochechas.

Pude ouvir quando ele se levantou, com poucos passos, parou nas minhas costas, muito perto, tanto, que as lufadas de ar que vinham da expiração balançavam meus cabelos me fazendo estremecer.

—Não faz assim —reclamei entre meus dentes, quando suas mãos alcançaram a minha cintura.

—Por que você luta tanto contra as suas vontades?—A pergunta foi feita diretamente em meu ouvido.

—Porque se eu não for forte, vou pedir para você ficar, e isso vai bagunçar a minha vida de um jeito que não sei se consigo arrumar—confessei em um sussurro quase insonoro.

—É como na música? Aquela que ouviu no meu carro?—João me fez girar, colocando-me de frente para ele.—Procurei a tradução no Google.—Ele encolheu os ombros, depois, com os polegares enxugou os meus olhos e colou a testa na minha.— Peça para eu ficar Dili, peça, e o resto resolvemos juntos... Eu juro que te ajudo a colocar tudo em ordem.

— Você é incrível João Victor, e eu te odeio tanto por isso... Se fosse um babaca, tudo seria tão mais fácil para mim— confessei esgotada.

Suas mãos escorregaram para a minha nuca, forçando a minha cabeça contra a sua. Nossas respirações se misturaram e a frequência de nossos pulmões era a mesma, ritmada, como se acabássemos de disputar uma corrida.

Com um olhar enternecedor, os lábios de João se mantiveram semiabertos e esperançosos. Ele aguardava que o próximo passo fosse meu, o que era compreensível, já que fui eu a dar inúmeras cortadas em suas investidas.

Relutante, e ciente que perderia os sentidos a qualquer instante, envolvi os meus braços em torno do seu torso ardente e colocando-me na ponta dos pés, facilitei para que aquele beijo tão aguardado acontecesse.

João não perdeu tempo, talvez tenha notado que eu me desmanchava, e por isso, segurou-me com firmeza, circulando meu corpo com um dos braços enquanto com a outra mão acarinhava meu rosto.

—Senti a sua falta—murmurei, aproveitando para respirar.

—É muito bom ouvir isso. —Ele lançou-me um sorriso largo, ao mesmo tempo em que me levava até a maca. Deitei-me sem tirar os meus olhos dos dele, e as pupilas dilatadas davam a mim a dimensão de como aquilo era entorpecente para João.

—Se eu disser que quero você para mim, vai parecer muito presunçoso? — Acabei verbalizando a ideia que me atormentava há dias.

— Isso é fácil...—Ele emoldurou meu rosto com as mãos. As sobrancelhas se juntaram e sua face radiava felicidade.—Também quero você para mim, então acho que resolvemos um problema.

Balancei a cabeça de um lado para o outro.

—Ou acabamos de entrar em um dos grandes...

—Agora, o único problema que vejo em minha frente, é o fato de temer que esta maca não aguarde o peso de nós dois.—Ele dobrou o corpo sobre mim.

—Eu acho que podemos testar.—Lancei a ele um sorriso lascivo, levando minhas mãos até a braguilha da sua calça jeans.

Assim que consegui desabotoá-la, João subiu por cima de mim, ainda vestido no tecido grosso que roçava a minha pele exposta, graças ao meu vestido largo que facilitava seu acesso.

Suas mãos, ainda mais trêmulas, subiam e desciam pelas minhas coxas, até que alcançaram a minha calcinha. Afastando um pouco o seu quadril, ele puxou minha lingerie sem sequer olhar para ela, e isso foi bem providencial. Na cor bege e com o corte padrão americano, ela estava longe de ser sensual.

—Parece um anjo com esta roupa—ele murmurou, depois de beijar toda a extensão do meu colo, subindo e descendo as alças finas do vestido branco.

Eu não usava sutiã, por isso, as pontas dos meus seios se mostravam rijas, como se pedissem para serem tocadas. Como se lesse meus pensamentos, João Victor abriu caminho com a ponta do nariz e enfiou a boca por dentro do bojo frouxo do vestido, arrancando-me gemidos de prazer, quando os seus lábios quentes e úmidos encontraram o lugar exato da minha excitação. Ainda, como eu precisasse ser mais estimulada, seus dedos passearam por entre as minhas pernas, escorregando para dentro de mim com uma delicadeza que me fez perder a razão.

Com os olhos fechados, tateei sua maldita calça e alcançando o cós, segurei pelo passante do cinto e puxei-a de uma só vez, levando com ela, também a cueca escura que ele vestia.

—Você é lindo, Jojo.—Inclinei um pouco a cabeça para poder apreciar aquele conjunto perfeito e tão bem distribuído.

Nesse instante fui livrada de toda a culpa que sentia por estar me entregando de novo para ele. Naquele momento, todas as minhas atitudes ganharam embasamento, ele era mesmo irresistível.

Sem motivos para que mais nada pudesse ser dito, trocamos carícias, demos e recebemos carinhos tão íntimos que por um momento quase fui eu a pedi-lo em casamento. Enquanto seu corpo subia e descia por cima de mim, enquanto não havia espaço entre nós e ainda, logo antes de chegar ao máximo do prazer, estremeci sob ele e gemi em seus lábios, certa de que nunca queria deixar de sentir-me daquela maneira. Preenchida por ele, em todos os sentidos.

De lado, encaixada em seu corpo, ainda sentia espasmos na linha abaixo do meu abdome. Nas minhas costas, o coração de João continuava pulsando frenético, como se ele não conseguisse relaxar.

—Algum problema?—indaguei com a voz arrastada.

—Decididamente, não.—Senti seu corpo balançar enquanto ele ria.

—Então por que seu coração não desacelera? Estou preocupada.

João soltou um suspiro, o ar quente em choque com a minha pele, fez meu corpo todo se eriçar.

—Sinto-me como uma criança que acaba de construir um belo castelo de areia, bem perto de onde as ondas quebram...

Virei-me para encará-lo, temerosa diante do tom de voz turbado.

—No caso, a onda sou eu?—Apontei o dedo em minha própria direção.

Ele girou os olhos como se procurasse uma boa resposta, depois, curvou os lábios em um sorriso resignado.

—É, neste caso, a onda é você.

Diante daquele rosto, daqueles olhos tão doces e depois do que acabávamos de compartilhar, não me restavam dúvidas, não tinha mais volta.

—Lamento decepcioná-lo, mas não passo de uma marola, sem força e nem poder de apagar uma mísera pegada na areia, quiçá, destruir um castelo.—Toquei sua face com as costas da minha mão.—Não vou mais fugir, Jojo, não tenho coragem para isso e nem quero ter.

Ele puxou o ar e deitou a cabeça de um jeito que meus dedos foram para perto dos seus lábios.

— Está dizendo que...?

—Ainda ciente de que estar com você vai virar o meu mundo de cabeça para baixo, eu vou arriscar. Eu vou brincar com fogo mesmo sabendo da iminência de me queimar.

Ele segurou o meu queixo com a ponta dos dedos.

—Como sei que amanhã não vai ter mudado de ideia?

—Como eusei que você não vai ter mudado de ideia?— Devolvi a pergunta.

João embrenhou os dedos por entre os meus cabelos, forçando-me para mais perto. Com os lábios inerentes aos meus murmurou:

— Sabe que você é meu maior desejo, minha guerra e minha paz.

— Parece bastante coisa...—Entreguei-me a outro beijo, demorado e cheio de significados latentes.

—Na verdade, você é tudo para mim...



Faltavam três letras para finalizar a tatuagem de João e eu estava em dúvida se conseguiria prosseguir com meu trabalho.

— A tatuagem foi uma desculpa, não foi?—Parei em sua frente e passei a ponta do meu dedo sobre as marcas inchadas.

Ele segurou a minha mão sobre seu peito, e empinou o queixo como se deliberasse.

—Eu queria fazê-la, mas queria mais, estar perto de você, então...

—Armou tudo com a Chloe—deduzi.

—Com seu irmão também. Na verdade, foi ele quem me contou sobre o que houve ontem com você.

Arregalei os meus olhos, experimentando o dissabor do constrangimento em que fora colocada.

—Eu vou matar o Diogo, depois, vejo o que faço com a Chloe! Eles não passam de dois enxeridos.

João jogou a cabeça para trás, rindo de mim como se eu tivesse dito algo muito engraçado.

—Não vou deixar que faça nada a eles, afinal, foram esses “*enxeridos*” que me encorajaram a procurá-la novamente.



Ergui uma das sobrancelhas, analisando o que acabava de ouvir. Eu não demonstraria nem sob tortura, mas em silêncio, agradei aos dois por terem intervindo, já que nunca antes em meus trinta e dois anos de vida, experimentara de um sentimento tão pleno como aquele me dominava enquanto tinha seus braços em torno de mim.

—Vamos tentar terminar ou quer deixar para outro dia?

—Está em condições?—Ele me lançou um sorriso desafiador.

Estiquei a minha mão direita, apenas para me certificar de que não tremia.

—Acredito que me encontro em melhor estado do que quando você transpôs esta sala—admiti, religando o motor da pequena máquina. João voltou à mesma posição e sem toda aquela tensão instaurada entre nós, coloquei-me entre as suas pernas e bem perto do seu corpo.

—Parece mais confiante agora...— zombou ele.

—É que agora, não tenho a sensação de que vou ser devorada a qualquer momento.

—Não?—João inclinou a cabeça para o lado. Parecia disposto a me provocar.

—Não, na verdade, agora eu tenho certeza e conformada de que não posso fugir, não sinto medo—confessei, ao mesmo tempo em que trabalhava minhas agulhas em sua pele.

—Diana Lima, admitindo que sentiu medo de mim. Este é mesmo um momento histórico!—Ao fim da sua frase, coloquei um pouco mais de força na minha mão.—Aiii!— ele gemeu de dor pela primeira vez.

—Não me provoque, João Victor...Não quando eu posso mudar os rumos dessas agulhadas.

Ele riu contido para que seu corpo não se movesse.

— É a única que me chama pelo nome, às vezes, até me esqueço dele.

—Não gosto de Tor, parece ensanchado, e Jojo, me leva de volta ao passado, uso apenas quando quero te provocar, colocá-lo em seu lugar...

—Colocar-me em meu lugar?—perguntou intrigado. Terminei de pintar a última letra e logo em seguida limpei toda a área com um papel

úmido.—Não respondeu—ele insistiu.

—Sim,Jojo. Foi o que eu disse.—Mantive meus olhos na tatuagem, satisfeita com o resultado.—Eu sou muito boa nisto!

—Dili...Quer me provocar, não é? Vou mostrar para você, aonde é o meu lugar.—Com um ato certo, João me tomou em seus braços tão facilmente, que quando dei por mim, já estava sobre a maca, sentindo meu corpo ser deliciosamente esmagado pelo dele.— Meu lugar, Diana Lima, é contigo, entendeu?

Não respondi, mas cada célula que me compunha, concordava com ele.



Já era noite quando chegamos à minha casa, João estacionou seu carro logo atrás ao do meu irmão. Sem deixar de lado seu cavalheirismo, abriu a porta para mim. Em tempo, assim que fui abraçada por ele, meus olhos correram para outro lado da rua, e, mesmo imaginando que a Débora, eventualmente nos veria juntos, eu preferia que não fosse aquele, o dia de estreia.

—Vai entrar ou tem que ir embora?

—Não...—João estreitou os olhos com dúvida.—Está me convidado para entrar na sua casa?

Pestanejei algumas vezes interrompendo-me logo em seguida, aquele tique nervoso pertencia a Chloe e não a mim.

—Isso é estranho?—Encolhi os meus ombros.

—Não. Na verdade, é surpreendente, um passo enorme pra alguém como você.—João exibia no rosto a mesma expressão de quando venceu a corrida.

Abri o portão e segurei-o pela mão. Assim que cruzamos a sala de estar, as gargalhadas uníssonas de Diogo e Chloe já podiam ser ouvidas e vinham da cozinha.

—Vou dar um susto neles—cochichei, colocando o dedo em meus lábios, num pedido de silêncio.

João abaixou a cabeça, conteve seu riso e seguiu logo atrás de mim.

—Que interessante! Eu achava que cupidos tinham asas e seguravam flechas com ponta de coração, mas o que vejo aqui, são dois alcoviteiros sujos de trigo.—Alternei olhares entre os dois e tive que me segurar para não rir da expressão desesperada que assolou Chloe e Diogo.

—Dili...—Ela deu um passo à frente, segurando o rolo de abrir massas em uma das mãos.— Eu, aliás, nós, só queríamos ajudar.

—É isso mesmo Dili—Diogo interveio, um dos braços alcançou os ombros da namorada, em sinal de apoio.—Ontem, enquanto ardia em febre, ficou chamando pelo João por todo o tempo, então...

Arregalei os meus olhos e senti o meu rosto ferver, de soslaio, olhei para o João, parado no meio do corredor e antes que eu pudesse abrir a minha boca e formular uma frase, ele já estava do meu lado. No rosto, um sorriso de satisfação dominou sua expressão.

— A parte em que delirou chamando por mim, eles não contaram.— João contornou minha cintura com os braços.

—Minha nossa!—Chloe soltou o rolo sobre a mesa e cobriu a boca com as mãos.—Se ele está aqui, significa que...?

—Que fizemos um bom trabalho, mesmo sem as tais asas e as flechas —Diogo gabou-se.

Antes mesmo de uma resposta, era abraçada por uma amiga eufórica. Ela pulava tanto, que parecia ter ganhado na loteria.

—Você precisa ser estudada por cientistas—resmunguei assistindo à sua dancinha de comemoração ao mesmo tempo em que ela, com o dedo em riste, tripudiava João.—Viu só? Eu não disse que daria certo? Quero ser a madrinha desse casamento!

Olhei para ele, queria me certificar de que não se preparava para fugir dali, no entanto, João parecia estar se divertindo com toda aquela bagunça.

—E a tattoo? Chegou a ser feita?—Chloe perguntou com malícia.

Sem que eu precisasse pedir, João levantou a camisa exibindo a frase que estava coberta por um plástico filme.

—Ficou legal mesmo!—Diogo elogiou, aproximando-se.— O que significa?

Encarei-o, sem poder deixar de sorrir ao me lembrar da nossa conversa anterior.

— Algo como: Se quer conquistar a mulher mais interessante do mundo, insista.

—Ahhhhh...Que lindo!—Chloe se derreteu, assim como eu, mas mantive-me quieta.

—Mandou bem, cara.—Diogo deu um tapa amistoso no braço de João, depois voltou para perto da mesa, onde uma bola de massa esbranquiçada, parecia duas vezes maior do que quando chegamos.

— Estão fazendo o quê?—perguntei, a fim de mudar de assunto.

—O que acha? Minha especialidade, pizza! — Chloe anunciou com a voz empostada.— Estou fazendo a receita secreta do papai.

—Devo concordar que sabe mesmo fazer uma boa pizza, por isso, dobre a receita, estamos mortos de fome.

—Se quiser, pode ajudar.—Chloe animou-se com a ideia.

—Essa eu passo... Só nos chame quando essa mozzarella estiver derretida sobre uma massa bem assada, ok?— gritei, enquanto puxava João pelo corredor que levava ao meu quarto.

Ele caminhou pelo cômodo, passeando os olhos por cada canto dele, como se não quisesse deixar nada passar.

Sentei-me na ponta da minha cama e fiquei apenas o observando. Gracioso e másculo, João Victor conseguia ser as duas coisas ao mesmo tempo e isso o tornava encantador.

—Não tem muito de mim aqui. Na verdade, mesmo que eu tenha escolhido a mobília e a decoração, têm vezes que me sinto dentro de um cenário, algo que não é não tem meu DNA —confessei.

— Talvez só precise criar memórias afetivas com este lugar...Isso ajuda a estreitar os laços. —Ele parou no meio do quarto, bem debaixo de

meu lustre de cristais. A luz amarelada projetada nele, fazia sua pele cintilar em tons de âmbar.

—Acho que começamos bem... Algo me diz que o fato você estar aqui, já é um bom início pra minha coleção de memórias.

—E se eu for até a sua cama? Conta como outra boa memória?

Soltei um suspiro profundo e apenas concordei com um balançar de cabeça.

—Antes de sair daí, tire a camisa sob essa luz—pedi, porque de fato ele estava lindo, como uma estátua de bronze.

Mesmo demonstrando estranheza, João me obedeceu.

—Nossa!—Foi tudo o que eu consegui dizer. Levantei-me, sentindo as pernas fraquejarem e cambaleando até ele, só voltei a respirar quando meus braços contornaram seu pescoço e seus lábios se encontraram com os meus.

—Dili... Eu...— Seus olhos semicerrados e o tremor no canto dos lábios, pareciam denunciar o que ele estava prestes a declarar. Meus pulmões se fecharam e meus joelhos resolveram criar vida própria.

—João.—Toquei sua boca, tentando, de um jeito sutil, impedir que ele falasse.

—Dili, eu estou completamente apaixonado por você— declarou ele, antes de outro beijo que fez o chão sumir debaixo dos meus pés.



*Sete minutos  
no céu*

## 13 – Sete minutos no céu

“*Me peça pra ficar*”, foi o que João Victor me disse na últimas conversa que tivemos, antes de nos acertarmos...Eu pedi... Naquela noite e em tantas outras.

Uma, duas, três semanas e nós não nos desgrudávamos mais. Não posso dizer que a minha entrega foi total, porque eu era cheia de esqueletos no armário, e isso, de alguma maneira, acabava por manter uma barreira de segurança, no entanto, se comparado a todos os meus doze relacionamentos anteriores, ela foi quem conseguiu chegar mais fundo.

Desde a forma com que falava comigo, sempre olhos nos olhos, até o jeito de me abraçar depois que nos amávamos. Ele provava que eu era para ele alguém especial.

Confesso que as paranoias na questão da idade não tinham me deixado, por vezes eu ouvia alguns comentários que feriam meu ego, ainda que não fossem ofensivos. Mas sempre que eu deixava transparecer meu incomodo, João fazia questão de me passar segurança, com suas juras e declarações de amor.

Sua preocupação comigo, chegava a me causar estranheza. Como um homem tão jovem podia ser tão protetor?

— Deveria fechar sua agenda nestes últimos dez dias do ano...—ele reclamou, enquanto massageava as minhas costas.

No meu quarto, que àquela altura era nosso, já que a Chloe tinha oficialmente se mudado para o do Diogo, João sentou sobre as minhas costas enquanto espalhava um óleo perfumado por minha pele. Prometia que aquilo me ajudaria com as dores nos meus ombros.

—Vou fechar. Já conversei com a Chloe—concordei com a voz relaxada. O subir e descer das mãos de João pela minha coluna e nuca, arrancavam-me gemidos de prazer. — Eu só preciso terminar o desenho do Evandro e então encerro as atividades de 2012.

—Achei que tivesse acabado...

—Bem que eu queria.—Deixei escapar. Eu não gostava de estar na companhia daquele homem que a cada dia parecia mais misterioso e inconveniente.

—Eu já disse que odiei a ideia de você tatuar as costas dele?—João inclinou o seu copo, deixando os lábios bem próximos do meu ouvido, fazendo-me arrepiar.

—Já.—Eu ri deliberadamente.— Acho que por umas 597 vezes.

—Então, vamos chegar a 600. Eu odeio que você fique perto dele, odeio pensar que suas mãos tocam a pele dele e odeio e que ele sinta este seu perfume delicioso.—Ele afundou a cabeça no meu pescoço, depois de afastar os meus cabelos.

—Isso é ciúmes?—indaguei a fim de provocá-lo.—Se for, fique tranquilo, porque também não gosto nenhum pouco de todos esses contatos, mas preciso ser profissional. Agora, posso te contar um segredo?

— Devo me preocupar?—Sua voz soou séria.

Forcei minhas costas e dei um jeito, mesmo tendo o João ainda sobre mim, de virar o meu corpo e ficar de frente para ele. Sem blusa, meus seios ficaram expostos, e foi para eles que João voltou sua atenção.

—Jojo...Tire esta expressão do rosto, isso é um pouco assustador.—Cruzei os braços, me divertindo com seu olhar de adoração.

—Eu nunca vou me cansar de dizer que te acho incrível...A cima da média... Linda de um jeito que deveria ser proibido...—As frases eram ditas alternadas com beijos rápidos em meus lábios.

—E você , João, é um exagerado.

—Não sou...Na verdade eu me considero um baita cara corajoso.

—Corajoso?—Crispei meus lábios.

Ele concordou com a cabeça.



—Um homem que namora uma mulher como você, tem que ser muito corajoso. Diana Lima, você é problema. Chama a atenção por onde passa, e só de imaginar o que está passando na cabeça dos caras que ficam babando por você...

Estreitei os meus olhos, decidindo-me se gostava ou não do seu discurso. Tivera péssimas experiências com homens ciumentos, mas João Victor não demonstrava ser nem de longe, ignorante como alguns dos meus ex.

— Gosto de homens seguros...Portanto, nada de colocar minhocas nessa sua cabeça linda. —Pisquei para ele antes de acariciar o seu rosto. —E quanto as suas fantasias? Quais foram as primeiras, ou a primeira?—perguntei, realmente curiosa.

João jogou a cabeça para trás e depois forçou suas pernas contra os meus quadris. Com a ponta dos dedos, contornou os desenhos que estampavam meu braço, um a um, com muita delicadeza.

A cada toque, um gemido meu. Fechei os meus olhos deliciando-me da sensação que aquela carícia me provocava.

—Naquele dia, quando cortou a minha fila, meu primeiro pensamento foi ter meus lábios nestes desenhos...Eu queria beijá-los...Cada uma deles.

—Depois veio com aquele papinho de que não estava me cantando.—Abri meus olhos e apontei meu dedo para ele. Uma acusação.—Se pudesse, teria me levado para cama naquela noite mesmo.

João ficou sério, apenas olhando nos meus olhos.

—Teria. Mas não seria tão especial como foi...

Eu concordava.

— João Victor Delawin, pode, por favor, beijar todas as minhas tatuagens...

—Todas? Inclusive as imaginárias?

—Todas elas, João.



Quinze Natais longe da minha casa e aquele não poderia ter uma premissa melhor. Minha mãe estava na cozinha desde muito cedo, queria caprichar na ceia e o João ficaria só um pouco conosco, já que eu não achava certo que ele não estivesse com sua família.

Ele sugeriu que dividíssemos o tempo, queria que ficasse por algumas horas na ceia preparada pela Marian. Não concordei, era justo ficar com meus pais, Diogo e a Chloe.

Em Tampa, todos os Natais foram comemorados com ela. Sua família, sempre tão generosa comigo e mais cedo, quando telefonamos para eles, senti um aperto no peito.

Minha amiga também ficou muito nostálgica, por mais que tivesse uns parafusos a menos, nunca passou tanto tempo longe dos pais. Por sorte ela tinha o Diogo, e meu irmão se mostrava cada vez mais apaixonado.

—Trocaram presentes?—perguntei, ao vê-la sorrindo como uma boba enquanto brigava com o fecho de um colarzinho com pingente de coração.

—Não é lindo?—Ela empinou o queixo e caminhou até mim.

—Um coração com fechadura!—Segurei o pingente entre os dedos.— Imagino que o meu irmão esteja usando uma chave pendurada no pescoço. Acertei?

As bochechas da Chloe se avermelharam e ela sorriu outra vez.

—Não é fofo?

—É...— Forcei um sorriso—Brega...Muito brega!

Ela fez uma carranca e empurrou o meu ombro enquanto esbravejava algum xingamento em inglês.

—Acha mesmo que consegue enganar alguém, Dili? Você e o Senhor Covinhas, são o tipo de casal que causa cáries...

Levantei-me da minha cama e fui até o meu guarda-roupa, abri a última gaveta e peguei uma caixa que eu tinha guardado ali um dia antes.

—Veja o que comprei para ele. Mandei fazer na verdade...

Chloe tomou a caixa vermelha nas mãos e tirou a tampa.

—Uma medalha?—indagou ao mesmo tempo em que olhava a frente e o verso do círculo cor de ouro.—“*Primeiro lugar no coração de Diana Lima.*”—Ela leu em voz alta.

— O amor é brega...—Encolhi meus ombros, resignada quanto ao fato de estar me sentindo com quinze anos outra vez.

Pronta para uma dose de sarcasmo ou mesmo para um punhado de brincadeiras sobre eu estar admitindo a minha entrega e paixão, e fui surpreendida. Chloe devolveu a medalha dentro da caixa, colocou-a sobre a cama e me abraçou.

—Estou tão feliz por você, minha amiga... Confesso que senti medo de vê-la deixando de viver esse romance por causa dessa história de idade.

Depois de suspirar, sentei-me no chão, seguida por Chloe.

—Não pense que esse fantasma materializado em um número treze, tem me deixado em paz...—Abracei as minhas pernas como uma garotinha.— O espelho vem sendo meu inimigo, eu procuro rugas e cabelos brancos em exaustão, e isso Chloe, isso às vezes é torturante.

Ela negou com a cabeça e deixou escapar um sorriso.

—Você é tão linda Dili...Sem contar o seu espírito, aliás, no nosso espírito! Sempre fomos divertidas e inconsequentes, adoramos assistir *Pretty Little Liars* e cantarolar *Crazy*... Se lembra de quantas vezes reproduzimos esse clipe?

Cobri o meu rosto com as mãos e gargalhei com as memórias.

—Nunca vamos envelhecer... —dissemos juntas. Era nosso grito de guerra quando passeávamos no conversível antigo do pai dela. Cabelos ao vento e uma vida inteira pela frente, sem imaginar as cobranças – ainda que ignoradas na maioria das vezes –que a vida adulta reservava para nós.

— A impressão que eu tenho é de que universo conspira ao meu favor, porque Chloe, tudo parece tão perfeito. Nunca antes o sexo foi tão bom, e

isso deve ter a ver com a minha maturidade. Nem quando eu era mais nova eu sentia tanto desejo e nem era tão prazeroso...Agora, com o João, sempre é incrível, sempre é completo e ele tem um gás que só se tem aos dezenove...Imagino que um homem de quarenta me classificaria como ninfomaníaca, enquanto com ele, que está com hormônios em alta, não poderia ser mais providencial.

—Então, Dili! Vocês têm tudo a favor! É como um bônus.

—Bônus é uma boa definição, mas isso me faz lembrar do que a sua mãe sempre nos dizia... *“Todo bônus traz consigo um ônus...”*

—Nós nunca demos ouvidos a ela...Não vai ser agora, certo?

Se eu ficasse pensando, acabaria enlouquecendo, por isso, depois de outra vez checar os meus cabelos na frente do espelho e por me sentir aliviada com o fato de todos os fios estarem naturalmente pigmentados, decidi que era hora de me aprontar para o nosso jantar.

Ainda brigava com o pincel do rímel que parecia não querer colaborar comigo naquela noite, quando a porta do meu quarto se abriu e como um príncipe encantado, João cruzou o cômodo e me abraçou tirando-me do chão.

—Ah...Esse seu perfume...—sussurrou enquanto passeava os lábios pelo meu pescoço.

—Gosta?—Segurei o frasco e dei uma borrifada no ar.

—É o seu cheiro, portanto... Eu amo.

Meu coração bateu em descompasso. Todas às vezes que eu ouvia a palavra amor e seus derivados, da boca de João, elas surtiavam em mim efeitos controversos e, ainda que não tivesse sido a declaração explicitada com todas as letras, eu preferia fugir temendo que ela fosse feita.

— Eu tenho um presente pra você.—Girei sobre meus calcanhares e caminhei até a cama. Voltei para perto do João e, sentindo o sangue ferver em minhas veias, entreguei a caixa para ele.

—Nossa, achei que só eu teria um presente.—Ele ergueu o braço direito e só então eu reparei que havia uma sacola dourada pendurada nele.

—Pode abrir primeiro. Estou tão nervosa que posso sair correndo a qualquer momento—confessei, quando ela foi entregue a mim.

—Devo me preocupar com o conteúdo? Sim, porque vindo de você, eu não posso esperar abrir essa caixa e me deparar com uma camiseta ou um boné.

—Anda João! Abre isso antes que eu desista e retome o presente.

Ele arqueou as sobrancelhas e destampou a caixa, desenrolou o papel de seda e segurou a medalha pela fita vermelha. Meus olhos ficaram sobre ele por todo o tempo, fixos e ansiosos, buscando qualquer indício do seu gostar ou não.

No momento em que leu a gravação no metal, suas sobrancelhas subiram, ele piscou algumas vezes e o semblante sério não deixava pistas de como estavam seus pensamentos.

—Dili, isto é...—Cobri meu rosto com as duas mãos enquanto João abria e fechava a boca, como se não encontrasse a palavra certa para definir o presente.

—Ridículo? Pretensioso?—Encolhi os meus ombros e entortei os meus lábios, depois arranquei a medalha de suas mãos em um ato rápido.— Deus! Eu queria ter um aparelhinho igual aos dos caras do MIB...Aqueles que apagam memórias.

Movendo a cabeça de um lado para o outro enquanto ria, João Victor me puxou pela cintura.

—Eu queria encontrar um elogio mais impactante que “*incrível*”, como não achei, espero que essa minha cara de bobo seja o bastante para provar o quanto eu adorei a medalha. Ela é sem dúvida, a mais importante da minha vida — discursou com os olhos nos meus.

Sem ter resposta, coloquei-a em seu pescoço e me entreguei a um beijo que me salvou.

—Agora é a sua vez.—Ele apontou para a sacola. — Abra seu presente.

Obedecendo a sua ordem, puxei uma caixa estampada, era leve, como se não abrigasse nada em seu interior. Chacoalhei-a e outra vez tive a impressão de que estava mesmo vazia.

—Vamos, Dili...Abra de uma vez.

Desamarrei o laço e ao retirar a tampa encontrei um papel retangular meio amassado. Tomei-o em minhas mãos e demorei um tempo até entender que era o canhoto de um convite: Baile do Havai2012.

—Acho que este é o momento ideal pra uma explicação.—Sorri balançando o papel.

João lançou-me um sorriso radiante, os olhos fulgiam como se ele estivesse feliz com a minha reação.

— Esse não é o canhoto de um convite— começou ele, causando-me ainda mais confusão.

—Não?—perguntei vacilante.

Ele negou com a cabeça.

—Não. Este é o arquivo de um dos momentos mais especiais da minha vida... O dia desse baile, o dia em que tudo começou, oficialmente, entre nós e por isso eu o coloquei dentro dessa caixa. Dili, eu espero poder enchê-la com um monte de outras lembranças...Quero que essa seja a primeira de muitas recordações que vamos acumular juntos.

O que eu podia fazer? Ele era um fofo e a maneira com que ele realçava meus sentimentos chegava a dar medo.

—Isso foi lindo, e se eu tivesse que colocar numa caixa todos os bons momentos que passamos juntos, ela teria que ser muito maior do que essa, João.—Abracei-o com todas as forças, emocionada por tê-lo em minha vida.

—Dili...—ele murmurou em meu ouvido, e apenas pelo tom da sua voz eu sabia o que viria, no entanto, ao contrário das outras tentativas que foram frustradas por mim, naquela véspera de Natal eu não o interrompi, apenas forcei o meu corpo para trás e depois de um suspiro eu sorri, como se aquilo fosse um aval.—Eu te amo.



—Você fez o quê?—Chloe parecia ter acabado de ouvir que eu era uma serial killer.

Cruzei os meus braços, antes de me afundar no sofá da sala. Nossa ceia tinha terminado e aproveitei um momento a sós com a minha amiga para desabafar.

João se despedira de mim cerca de uma hora atrás e, minutos depois, enviou-me uma mensagem sucinta, apenas um “*cheguei bem*”. O texto frio foi justamente o motivo da minha preocupação.

— Eu fiquei perdida, sabia que ele iria dizer, achei que estava preparada para ouvir, no entanto...—Encolhi meus ombros.

—Por isso a carinha de cão abandonado.—Chloe moveu a cabeça de um lado para o outro, em reprovação.—O garoto faz a declaração mais bonita do mundo, depois, fala que te ama e você fica muda?

Cobri meu rosto com as minhas mãos, ela acabava de me fazer sentir ainda pior.

—Eu não sabia o que dizer. Ok?

— Algo bem simples como um, “*eu também*”, seria perfeito!

—Você é cruel,Chloe!—Apontei o dedo para ela.—Sabe que não lido bem com essas coisas de sentimentos.—Ajeitei-me no sofá e olhei para a porta que dava acesso ao corredor.— Sabe que tenho sérios traumas! Meu pai, o marido da Simone, o Pedro Paulo e todos os outros babacas que passaram pela minha vida e que acabaram minando as minhas perspectivas de amor.

—Dili, eu sei de tudo isso e a entendo...—Seu tom era mais compassivo.—Mas não pode deixar que as más experiências acabem atrapalhando algo bom de acontecer. Veja meu exemplo, a coisa mais bonita que um cara já tinha me dito, foi: “*eu me amarro em transar com você!*”

—Argh...Isso é horrível. Só pode ter sido o idiota do Ryan.

—O próprio!—Chloe revirou os olhos.—Só que quando o Diogo disse que me amava, eu não pensei duas vezes antes de retribuir a declaração.

—Espera aí, vocês já passaram por esse grau da relação?—Assustei-me com tamanha entrega.

Ela corou ao mesmo tempo em que mordeu o lábio inferior, as repetidas pestanejadas denunciavam seu alvoroço.

—Disse que não gosta que eu fale sobre a minha relação com o seu irmão.—Ela deu de ombros.— Em todo caso, minha querida cunhada, eu amo sim, o seu irmão.

Puxei o ar e fechei meus olhos por alguns instantes. Chloe sempre foi avoada e eu achava que sabia mais do que ela, só que naquele momento, ela acabava de mostrar que estava bem à minha frente.

—Quer saber? Você tem toda a razão.—Levantei-me decidida.

—Sobre o quê?

—Sobre tudo... Sobre eu ser uma amiga idiota, sobre eu estar pirada nessa coisa de diferença de idade, e também, por me mostrar que sou uma grande medrosa.

—Eu disse tudo isso?—Chloe também se levantou, e de frente para mim, seu rosto não poderia demonstrar mais confusão do que como estava.

Olhei para os lados sem ao menos saber o que procurava, mas quando vi em cima aparador as chaves do carro do Diogo, tomei-as nas mãos sem pensar.

—Obrigada,Chloe!—Beijei o seu rosto.

—Aonde você vai?—Ela ainda parecia atordoada.

—Vou até a casa dele...Vou tentar consertar as coisas.— Respirei fundo.—Diga ao Diogo que sou uma boa motorista.



Nervosa, errei por duas vezes a rua em que João morava e, enquanto ensaiava o que diria, reconheci o prédio da antiga padaria que ficava na esquina do seu quarteirão. Aliviada, deixei que um pouco de ar entrasse em meus pulmões e foi quando senti o perfume dele impregnado em mim.



Sorri, tomada por uma onda de calma, que foi por água abaixo quando avistei a movimentação em frente ao seu portão. Caio foi o primeiro rosto que reconheci.

A manhã da corrida fora última vez que nos vimos, por isso o meu constrangimento e falta de coragem em sair do carro.

*“Anda Diana! Deixe de ser patética!”*

—Boa noite e feliz Natal!—Acenei, com as mãos trêmulas e a voz falha.

—Dili! Que surpresa boa!—Marian apareceu e envolveu-me em um abraço tão espontâneo, que parecia se tratar de uma velha amiga.

—Feliz Natal.—Caio também me abraçou e foi estranho. No mínimo.

As outras pessoas que conversavam, apenas acenaram para mim e logo voltaram a tomar suas bebidas e discutir sobre como fazia calor naquele início de madrugada.

—Imagino que tenha vindo por causa da nossa sobremesa...Pavê trufado, da melhor doçaria da cidade.—Marian apontou para uma travessa de vidro sobre a mesa na garagem.—Já deve ter ouvido falar da Primeiro Pedaco...

Ainda que nervosa, não pude deixar de rir, Marian sabia como descontraí e eu agradei aos céus por João ter uma mãe como ela.

— O pavê parece irresistível, mas eu vim atrás de outra coisa.

—No fim do corredor, penúltima...—Ela balançou a cabeça e sorriu. —Que bobagem, você conhece o caminho.

Conhecia mesmo, mas até onde eu sabia, Marian não tinha conhecimento das minhas visitas noturnas à sua casa.

Parada de frente para a porta fechada, dei três batidas leves na madeira, e quando ouvi a autorização para entrar, girei a maçaneta depressa, não via a hora de colocar tudo no lugar.

Deitado na cama estreita, apenas de shorts, ele mexia no celular e deixou-o cair sobre as pernas logo que me viu cruzar o cômodo. Na penumbra, apenas a luz amarelada do abajur sobre o criado mudo, iluminava o lugar e, dessa forma, seus olhos castanhos pareciam faiscar.

—Eu ainda tenho dificuldades em lidar com meus próprios sentimentos, mas eu posso garantir... João, eu sou louca por você.

Ele sentou na beirada da cama e apertou o canto dos olhos com a ponta dos dedos. Ajoelhei-me entre as suas pernas e repousei as mãos sobre suas coxas.

—Desse jeito é você quem vai me deixar louco, Dili!—ele reclamou com os olhos estreitos.

João também me deixava louca, mas em outros sentidos, e sabendo exatamente como fazer para reestabelecer a minha sanidade, subi os dedos pelo tórax dele, até chegar em seu peito, ao mesmo tempo baixei a cabeça de um jeito que meus lábios alcançaram sua barriga malhada e lisa, foi ali que deposei beijos rápidos e delicadas mordidas.

Sua pele se eriçou instantaneamente, o corpo respondeu de imediato e depois de jogar a cabeça para trás, João me puxou pelos braços e se deitou sobre mim.

—Eu vou esperar... Até que você confesse que também me ama...

—Tenho tanto medo de te decepcionar. —Emoldurei seu rosto com minhas mãos.

—Não vai—ele afirmou, então, repousou a cabeça em meu peito, como se quisesse ouvir o som do meu coração.



Acordei com o barulho de panelas e de vozes animadas. Agarrado em mim, João me prensava contra a parede.

Essa foi a primeira vez que dormi em sua casa e perdida no tempo, tentei, sem sucesso, enxergar sobre quais números estavam os ponteiros do relógio na parede.

—João...Precisa acordar...—murmurei em seus ouvidos e ele estremeceu. Seus braços me apertaram ainda mais e confesso que meu desejo foi ignorar minhas responsabilidades e voltar a adormecer.

—Dili... Que horas são?— perguntou ele, com a voz rouca.

—Gostaria de saber, mas deve ser tarde. Ouço vozes e sua casa parece estar bem movimentada—avisei. Depois de um beijo rápido em sua mão, forcei o corpo para livrar-me dos seus braços.

—Aonde você pensa que vai?

—Ver as horas...Preciso dar notícias em casa, meu irmão deve estar pirando porque eu peguei seu carro sem permissão.—Caminhei até o relógio.—Deus! Passa das onze...Por que dormimos tanto?

João gargalhou alto e caminhou até mim.

—Talvez precisássemos repor as energias que gastamos durante a madrugada—afirmou com a voz carregada de malícia, enquanto voltava a me abraçar.

Senti uma fisgada na barriga quando as lembranças da nossa noite se fizeram vívidas e meus pensamentos.

—Ah...Jojo, foi um belo presente de Natal, só que agora, eu não sei com que cara vou sair deste quarto.

Antes que ele pudesse me dar qualquer resposta, duas batidas na porta me levaram a um sobressalto.

—O café da manhã está sendo servido!—Uma voz masculina chegou abafada até nós.

—Tudo bem,tio, nós já vamos!—João gritou de volta.

—Nós?—Dei um tapa em seu ombro.— Eu pretendia sair sem ser notada...

Ele apenas movimentou a cabeça de modo negativo e beijou o meu ombro.

—Vou pegar uma escova de dente e ver se minha mãe tem uma roupa para te emprestar.

—Ficou mesmo maluco! Acha que eu vou vestir uma roupa da Marian?

—Que foi?—questionou, já com a mão na maçaneta.— Ela tem bom gosto.—Saiu sem me dar chances para protestar.

Andando de um lado para o outro, apenas de lingerie, eu tentava me decidir sobre como estava me sentindo.

Plena seria uma definição muito aquém.



Enquanto João tomava seu banho, eu permanecia encarando o vestido de sua mãe sobre a cama. Florido, leve e cheirando a amaciante... Olhei-me no espelho e de fato, aquele não seria um modelo comprado por mim. Olhei para as minhas roupas jogadas no chão e desisti de usá-las. Tinham brilho, decote, enfim, não eram nada propícias para um visual matinal.

—Parece um jardim...—João voltou de cheirando a sabonete e vestindo shorts e camiseta. Desse jeito era quando ele parecia mesmo fazer jus aos seus dezenove anos.

—Estou mais para um arranjo de casamento...Daqueles que têm todo o tipo de flores...

Ele riu levando-me junto.

—Você é linda...Irritantemente linda... E eu te amo—declarou roçando seu rosto no meu. A pele lisa me agradou, outra vez, acariciei suas bochechas, boca e nariz.

*“Você é que é lindo...Perfeito em cada detalhe...”*

—Não tem barba ainda, João?

—Tenho pouca...O pelos são finos e espaçados.—Ele sorriu meio sem graça.—Gosta de barba?

Neguei com a cabeça sem perceber.

— Eu odeio, na verdade...—Mordisquei seu queixo.

—Hum...Então vou parar de me preocupar com isso— decretou ele, antes de me beijar.



De mãos dadas, caminhamos até a garagem, era de lá que as vozes e risadas vinham. A casa toda tinha cheiro de manteiga e café, meu estômago roncou.

—Bom dia, família!— João saudou a todos de maneira geral. Sentados em volta de uma mesa grande de madeira, havia ao menos uma dúzia de pessoas, entre elas, Caio e Marian.

Todos desejaram-nos um bom dia e sem me prolongar, sentei-me na ponta oposta à de onde meu ex-namorado ocupava.

—O vestido ficou ótimo para você! Muito melhor que em mim...— Marian se levantou e beijou meu rosto.

—Não me leve a mal, mãe, mas eu também achei.—João passou um dos braços sobre meus ombros.

—Imagine...Eu tenho certeza de que você fica linda nele—improvisei, tentando não deixar meu nervosismo transparecer. Sentia aquelas dezenas de pares de olhos sobre mim, fato que me fez enjoar.

— Você toma café com leite, ou prefere uma coisa mais levinha, tipo um chá?

—Pode ser café com leite—respondi.

Marian serviu a mim e ao filho, aos poucos as pessoas voltaram a papear, exceto Caio, que me olhava insistentemente.

—Prove a rabanada, Dili, veja se é tão boa quanto as americanas.—A mãe de João empurrou na minha direção um prato cheio de fatias douradas.

—Estão ótimas...—Elogiei depois de uma mordida.—Melhores que as de lá, eu posso garantir.—Fui sincera.

—Ah...Obrigada!—Ela sorriu e João deu um beijo sonoro em meu rosto.

—As suas também são deliciosas—comentou.—Quando eu durmo na casa dela, recebo café da manhã na cama, com direito a ovos, panquecas e rabanadas, às vezes.

“*João Victor! Pode por favor calar sua boca?*”

—Modéstia à parte, mas eu cozinho muito bem...Esse é o lado bom de deixar o ninho cedo, você aprende a se virar, ainda mais num lugar onde fast-foods são a culinária predominante. Ou você cozinha, ou tem uma dieta que deixaria qualquer nutricionista de cabelo em pé.

—Ficou dezesseis anos fora, não foi isso?— a avó de João interveio.

— Dezesseis anos.

—Soube que namorou meu filho, no passado...Mas eu não me lembro de você...— Foi a vez do pai de Caio, colocar-me em uma baita saia justa.

—Vô!—João ralhou com ele.—Isso foi há tanto tempo...

—Sim, foi antes da Dili se mudar, e o senhor até a ajudou com a coisa das passagens e do visto—Caio se pronunciou depois de limpar a boca com um guardanapo vermelho.—O João adorava quando ela trazia papéis e lápis de cor, sem contar no quanto me infernizava...Queria porque queria que eu o levasse até a “*casa nova da Dili*”, depois que ela partiu.

“*Isso está ficando estranho...*”

—Disso eu me lembro.—Marian riu, como se aquelas lembranças não fossem esquisitas.

—Viu só?—João puxou-me para perto dele.—Descobrimos que eu sempre fui apaixonado por você.

Sua declaração não foi ouvida apenas por mim, e sim, por todos que estavam à mesa. As reações foram as mais diversas, e de todas, a do Caio foi a mais surpreendente. Ele assentiu com a cabeça e voltou a tomar seu café como se nada tivesse acontecido.

Eu sentia que precisava falar com ele, e a chance apareceu logo em seguida, quando de um jeito bem providencial ficamos apenas nós dois na sala.

— Eu olho para você, e fico desejando poder ler seus pensamentos...

—Os meus?—Caio se surpreendeu.—Por que gostaria de ler meus pensamentos?

Virei o meu corpo no sofá e o encarei.

—Eu gostaria de saber o que pensa de tudo isso, sim, porque essa situação é bem estranha. O João e eu...Confesso que me custa acreditar que ele é o Jojo, aquele menininho que ficava com a gente para cima e para baixo.

—Não vou mentir que é mesmo bem esquisito, mas se espera a minha reprovação, está enganada...Eu amo esse menino como se fosse meu filho, por isso, a felicidade dele estará sempre em primeiro lugar.—Ele segurou a minha mão.—Você o faz feliz.

—Mas é um pouco assustador...Eu nunca vivi nada parecido—confessei e logo me arrependi, afinal, Caio foi meu primeiro namorado e isso devia ter significado algo para mim.— Ai meu Deus! Me desculpe por isso...

O tio de João balançou as mãos enquanto ria.

—Não se preocupe, Dili, quando você me trocou pelo Pedro Paulo, ficou bem claro que eu não tinha tanta importância para você, agora, se brincar com os sentimentos do Jojo, aí a coisa muda de figura.—Ele piscou para mim e se levantou deixando-me sozinha.

O aviso tinha um tom de brincadeira, no entanto, eu sabia bem que a ameaça era séria.



—Se o meu irmão não arrancar a minha cabeça, nos vemos mais tarde—avisei antes de dar partida no carro.— Pelo que a Chloe me disse ao telefone, esse meu “*empréstimo forçado*”, vai me custar uma tatuagem.

—Tenho certeza de que o Diogo não se incomodou tanto assim, na verdade ele quer mesmo é ganhar a tatuagem e a história do carro foi bem oportuna.

Rimos juntos e nesse momento João enfiou a cabeça pela janela.

—Você nem foi e minha casa já ficou vazia...Meu quarto parece deserto.

Respirei fundo e estalei a boca, sabia bem como ele se sentia porque comigo funcionava do mesmo jeito.

—Eu só preciso dar as caras, fazer uma social e depois sou toda sua.

—Toda minha? Parece bom.

Despedimo-nos com um longo beijo e seus efeitos sobre mim acabaram me acompanhando por todo o caminho de volta. Sentia-me feliz, tal qual quando vencia um concurso.

Com um sorriso grudado em meus lábios e uma animação que aprecia ter se tornado parte de mim, deparar-me com ele, depois de sentir o meu braço sendo puxado de forma brusca, acabou por me derrubar da nuvem.

—Você ficou maluco, Pedro Paulo?—Forcei meu corpo para trás, livrando-me assim de sua mão.

Ele manteve o semblante fechado em uma expressão severa, os olhos exibiam uma sombra e sua respiração entrecortada fez meu sangue gelar.

—Volta para o carro—ele ordenou.—Nós vamos ter uma conversinha.

Fingindo não me amedrontar, sorri de maneira irônica, arranquei as chaves penduradas na minha bolsa e girei meu corpo na direção do portão.

—Eu não tenho nada para conversar com você— neguei, impostando calma.

Pedro Paulo não disse mais nada, apenas voltou a segurar o meu braço e arrastou-me até o carro que eu acabava de estacionar. Pensei em gritar, mas a surpresa e confusão eram tão grandes, que do mesmo jeito como acontece nos pesadelos, minha voz parecia em falta.

—Acha mesmo que a humilhação que causou a mim, no meu trabalho, ficaria barata?

*“Deus! O envelope! Eu tinha me esquecido disso...”*

—Pedro Paulo... Eu...Eu...—Comecei a gaguejar.



—Sua mãe ficou sabendo do caso entre seu pai e a sua tia?—A frase era de fato uma ameaça.—Acho melhor fazer o que eu estou mandando, senão

—Senão, o quê?—rosnei enfurecida.— Pedro Paulo, no que foi que a vida o transformou? Isso é o que eu chamo de ser baixo...

Ele engoliu em seco.

— Como se o que você fez fosse algo muito honroso, não é? —Ele pôs o dedo em riste, em seguida, enfiou a mão no bolso traseiro da calça e voltou-a com o envelope dobrado. —Isto também foi baixo...Até mesmo pra alguém como você!

—Alguém como eu? O que sabe sobre mim? O que embasa este seu desdém?

Pedro Paulo correu os olhos dos meus pés até a minha cabeça e deixou os olhos fixos no meu rosto.

—Eis a questão, Dili. Eu não sei nada sobre essa sua versão, no entanto, ela pouco me agrada. Desde que colocou os pés em Arco Dourado, tudo o que fez foi bagunçar a vida das pessoas...Sua má influência sobre a minha filha, isto aqui. — Ele balançou o envelope. — Sem contar essa pouca vergonha. Uma mulher da sua idade se agarrando com um garotão que mal saiu da puberdade.

Fechei meus olhos em busca de autocontrole, era isso ou partir para cima do Pedro Paulo a fim de fazê-lo engolir cada um daqueles insultos.

—Entra.—Abri o portão e aponte para o lado de dentro.—Meus pais devem estar na cozinha. Vá até lá e cumpra com suas ameaças... Se esse é seu jeito de se vingar de mim ou de descontar tudo o que você acha que te fiz, não perca mais tempo.

Ele parou de respirar, arregalou os olhos e depois balançou a cabeça sutilmente, como se lutasse contra algum pensamento. Sem nada dizer, jogou o envelope no chão, perto dos meus pés e caminhou no sentido da casa de sua mãe.

Acompanhei-o com os olhos até quando virou a esquina e desapareceu. Abaixei-me para pegar o envelope e me surpreendi. Dentro havia dinheiro, a mesma quantia que deixei na urna da papelaria, no

entanto, o envelope era outro, ou melhor, o mesmo, só que liso, sem escritas.

—Talvez ele tenha ficado para usar como uma prova... É como ter uma arma na manga...

—Uma carta na manga... De fato...— corrigi a Chloe.—No fim ele conseguiu. Neste momento eu me sinto mal, muito mal pelo que fiz.

—Você sabia que era errado e até se arrependeu.

—Mas voltei atrás no arrependimento.

—De qualquer jeito, ele não podia usar a história do seu pai para te intimidar. Isso foi horrível.

Permaneci pensativa, e inconformada, e irritada. Pedro Paulo tinha mesmo muita raiva de mim, e não parecia ser superficial. Sorri com amargor ao pensar na minha conversa com o Caio, ele sim tinha mais de um motivo para não me engolir, no entanto, não poderia ter sido mais digno.

— Sabe o que mais me amedronta? Que ele tenha contado alguma coisa pra Shirley, ou sei lá, qualquer outra pessoa que possa um dia trazer esse assunto à tona.

— Eu também morro de medo de segredos compartilhados... Você sabe bem como eu sou, às vezes eu me empolgo e a minha língua parece ter vontade própria.—Ela deu de ombros.

— E por acaso essa sua língua nunca disse nada ao meu irmão, não é?

—Não!—respondeu ela de imediato.—Quando estamos juntos, minha língua fica ocupada de outro jeito.

—Você é mesmo uma grande vadia!— retruquei em tom de brincadeira e nós duas caímos na gargalhada. Segundos depois de relaxar, a sensação de alerta voltou com força total.

Maldito sexto sentido!



## 14 – Queimada

Enfim, o último dia do ano e nos despediríamos dele em uma badalada festa de Réveillon, no clube da cidade; nós e metade de Arco Dourado. Chloe e eu fomos ao supermercado, meu shampoo tinha acabado e minha mãe aproveitou para me dar uma lista de itens que faltavam em nossa casa.

Enquanto eu empurrava um carrinho de compras pequeno, passeávamos por entre as prateleiras e tagarelávamos sobre nossos vestidos e como faríamos nossas maquiagens.

Paramos no setor de cosméticos e eu perdi mais de um quarto de hora até me decidir sobre o que levaria. Aproveitei para pegar absorventes internos, se minhas contas não falhassem, eu entraria na zona vermelha em poucos dias, por isso meu humor não era dos melhores.

— Que cara é essa? Parece que está hipnotizada! —reclamei, depois que a Chloe se prostrou em frente aos absorventes, como uma estátua de pedra. Ela segurou um dos pacotes nas mãos e ficou o olhando por um bom tempo. —Anda sua doida, eu tenho um monte disso em casa...Com abas, sem abas, grosso, fino... Só o interno foi que acabou.

Ela não se moveu, nem respondeu nada, apenas começou com suas piscadelas frenéticas e aquilo me deixou confusa.

—Dili... — falou, depois que me coloquei em sua frente. Ela olhou para os lados e balançou o pacote colorido. —Eu não preciso de absorventes...Preciso da minha menstruação.

Cruzei os braços e juntei as sobrancelhas, algo me dizia que eu deveria me preocupar.

—Quando diz que precisa da sua menstruação, significa que ela já deveria ter dado as caras?

Chloe assentiu com a cabeça, seu estado era de choque, assim como o meu.

—Eu tinha de ter recebido sua encantadora visita, há pelo menos dez dias.

—Tem certeza? Está fazendo as contas certas? —Não disfarcei meu desespero.

—Dili, eu sei que sou meio bagunçada, mas cálculos sempre foram minha especialidade.

Ela tinha razão.

—Você e o meu irmão fizeram algo que possa ter...Bem, você sabe... Algo que possa ter colocado um bebezinho aí dentro da sua barriga?

Chloe ruborizou.

—Em teoria não, já que o Diogo me disse que não pode ter filhos...

—Que parte da história eu perdi? Eu não sabia isso sobre o meu irmão—minha voz soou baixa.

— Não? Essa foi a razão do divórcio dele. A esposa queria filhos e ele não podia, mesmo depois de ter feito tratamento —Chloe parecia dividir comigo um grande segredo.

Levei uma das mãos até a minha boca, estarrecida com aquela revelação.

— Isso quer dizer que vocês.... Se aproveitando desse fato...

— Exatamente isso que você está pensando. Nas primeiras vezes nós usávamos preservativo, mas depois deixamos de lado.

—Minha nossa! Chloe, você tem grandes chance de estar grávida!

Ela começou a tremer e o rosto perdeu a cor. Abandonamos nossas compras e fomos direto até a farmácia que ficava anexa ao supermercado.

Em casa, nos trançamos no meu quarto.

—Eu nem estou com vontade de fazer xixi—reclamou ela.

—Força...Tem só que encher este potinho. —Entreguei a ela um frasquinho transparente que tinha menos de dois centímetros de altura.

Chloe abaixou as calças e sentou no vaso.

—Vai ficar me olhando com essa cara? Desse jeito eu não consigo mesmo.

—Como se tivesse vergonha... Quando sua coluna travou, quem foi que depilou sua perereca?

—Tudo bem, eu vou... —Ela fez uma careta. —Toma, é tudo o que eu tenho dentro da minha bexiga.

Ela não conseguiu encher o frasco, mesmo assim, mal eu coloquei a tirinha de papel em contato com o líquido levemente amarelado, e dois riscos vermelhos apareceram quase que instantaneamente.

Meu coração acelerou, minhas pernas bambearam e antes de conseguir anunciar o resultado, lágrimas brotaram dos meus olhos como se fossem uma bica.

— Eu vou ser tia! —gritei, com uma empolgação desconhecida. Nem mesma eu sabia que aquilo me faria tão feliz.

Cética, Chloe se levantou e puxou a tirinha da minha mão, permaneceu olhando para ela por alguns minutos e depois me abraçou aos soluços.

—O que eu vou fazer? Eu não esperava por isso—ela murmurava com a voz entrecortada. Afastei-me dela e segurei seu rosto entre minhas mãos.

—Você vai ser uma ótima mãe...Meio doida, mas essa criança vai nascer com a maior sorte do mundo... Vai ter a melhor tia deste universo!

Ainda que nervosa, ela riu, então, esperou um tempo até se recompor e foi atrás do Diogo. Eu queria ter ido junto, mas a Chloe dispensou a minha companhia.

Enquanto esperava pelo seu retorno, ansiosa, como se fosse eu a estar esperando um bebê, joguei-me sobre minha cama e enviei uma mensagem para o João.

*“Alerta de cegonha...”*

Mal terminei de mandá-la e meu telefone esgoelou.

—Dili, o que quis dizer com isso?

—Que eu vou ser tia, João...A Chloe está esperando um bebê! — Externei minha animação.

—Ah... —Seu tom foi algo próximo de decepção. —Nossa, eu pensei que...Er...Deixa pra lá.

—Não! —Sentei-me na cama tomada de pânico. —João, você pensou que fosse eu?

—Poderia ser, afinal, nós dois temos praticando bastante a atividade que resulta num filho.

—Temos...Mas com todas as devidas precauções para não resultar num filho.

—É, só que

—Só que nada! —Interrompi-o. —Imagine eu, Diana Lima, grávida!

—Qual o problema? —João parecia mesmo ter gostado da ideia.

—Todos os que você pode imaginar! —Gargalhei. —Isso está totalmente fora de questão.

João suspirou como se estivesse cansado.

—Dili...Vai ser mãe, não agora, mas vai...A mãe dos meus filhos.

—Jura? —desdenhei. —Engraçado, não recebi nenhum aviso ou decreto sobre isso... Acho que esqueceram de me avisar... Ser mãe, definitivamente, não está nos meus planos.

—Namorar comigo também não estava, no entanto, cá estamos nós, discutindo sobre os nossos filhos. —Ele parecia disposto a me provocar.

—Desce da nuvem, João! O fato de estarmos juntos só confirma a minha falta total de prudência, e isso desabona a minha capacidade de cuidar de alguém, além de mim mesma.

Ele riu alto.

—Seremos bons pais, pode ter certeza.

Apenas neguei com a cabeça.

—Vou desligar, antes que esse papo fuja do controle...E compre charutos, vamos comemorar duplamente esta noite!

Curiosa quanto a saber como fora a reação do meu irmão, afinal, fazia mais de meia hora desde que a Chloe tinha deixado o meu quarto, e eu calculei que seria tempo o bastante para o Diogo assimilar sua nova condição, por isso decidi ir até eles.

Antes de sair, porém, vi-me refletida no espelho, no mesmo instante a conversa maluca que tivera com João voltou a cintilar nos meus pensamentos. De perfil, analisei-me e deixei minha mente viajar, imaginei uma barriga grande mudando o meu corpo, seios maiores e depois, em meu colo, um pequenino embrulhado, sorrindo com covinhas iguais às do pai.

*“Diana! Esse garoto ainda vai te enlouquecer!”*



Caminhei pelo corredor sorrateiramente, na ponta dos pés evitando produzir qualquer som. Parei em frente à porta do quarto do Diogo e aproximei a cabeça, colando os ouvidos na madeira. Depois de alguns minutos tentando ouvir alguma coisa, praguejei os arquitetos por terem colocado portas tão maciças.

—O que está fazendo, Diana?

—Mãe! —Levei as mãos até meu peito, constrangida e assustada por ter sido flagrada.

—Que coisa mais feia! —ela recriminou-me em voz alta, as mãos estavam na cintura do mesmo jeito que fazia quando eu era criança e aprontava alguma.

—Eu só queria saber se... —Antes que eu pudesse formular uma boa desculpa que justificasse a minha falta de educação, ouvi a maçaneta girar. —Chloe...Está tudo bem? — indaguei nervosa ao notar seu nariz tão vermelho quanto o de um palhaço.



Ela encarou a mim e depois a minha mãe, com a porta semiaberta eu não conseguia ver onde estava o meu irmão.

—O que houve? Você e o Diogo brigaram? —Foi a vez da minha mãe se intrometer.

—Brigamos? —Ele apareceu também com os olhos inchados, e eu sabia que tinha chorado. Com um sorriso bobo estampando seu rosto, Diogo envolveu a cintura da Chloe e pôs-se a acariciar sua barriga.

— Então...Ele já sabe? —perguntei, apenas para certificar-me.

—Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui? —Minha mãe arregalou olhos e eles foram direto para onde as mãos do meu irmão seguiam com as caricias.—Não vão me dizer que...?

—Mãe, a Chloe está grávida do Diogo! Você vai ser avó! — anunciei como se tivesse propriedade para fazê-lo. —Desculpem, mas eu estou tão empolgada... —Dei com os ombros tentando justificar meu atropelo.

—Mas como pode? Filho você não disse que...?

— Mãe, o médico falou que as chances eram remotas, e eu fiz o tratamento, então sei lá, acho que o universo sorriu pra mim. —Ele voltou a se emocionar enquanto Chloe desabava.

Os momentos seguintes foram marcados por lágrimas, risos soltos e abraços de braços que vinham de todas as direções.

—E eu que achava que não seria avó... —minha mãe murmurou abraçada ao meu pai que acabou se juntando a nós, minutos depois.

—É...No fim acho que Deus teve pena desta família, já que se dependesse da Dili... —resmungou meu pai.

—Nem vem! Por que será que sempre sobra pra mim?

— Eu me sinto no dever de defender minha amiga e cunhada. — Chloe sorriu enquanto me olhava. —Eu tenho certeza de que a Dili ainda vai ser mãe.

Bufei com desanimo, eu odiava quando uma conversa sofria uma reviravolta, colocando-me como protagonista da história.

—Não, se ficar perdendo tempo com um rapaz que... —Antes que meu pai pudesse terminar, recebeu um olhar fulminante da minha mãe e por

isso se interrompeu. —Bom, cada um sabe o que é melhor para si.

—É isso mesmo. — Mamãe passou a mão por meu rosto. — Cada um sabe o que é melhor para si, e hoje nós só temos que comemorar!

Voltei ao meu quarto, mas não sem antes deixar um olhar reprobatório a ele. Todas as vezes em meu pai tentava imprimir em suas opiniões sobre certo e errado, as cenas dele com a minha tia se faziam vívidas nas minhas memórias e aquilo voltava a doer como se acabasse de acontecer, por sorte, a notícia de que eu seria tia logo varreu tudo de ruim que veio à tona e eu só conseguia me imaginar entrando e saindo das lojas de bebê.



Não por falta de opção, afinal, eu trouxera dezenas de vestidos na minha mala, só que o modelo branco que eu tinha usado no baile do Havaí era um dos meus preferidos, além de ter sido com ele que acabei conquistado o João, isso era um motivo bem pertinente para que eu voltasse a usá-lo naquela noite.

Depois de ter chorado por causa do comentário infeliz do meu pai, tive de me dedicar com mais afinco ao meu ritual de maquiagem, e de qualquer maneira, um estilo mais marcante era exatamente o que eu queria.

Segui ao clube com o Diogo e a Chloe, fomos por todo o caminho imaginando como seria a reação dos seus pais quando soubessem da novidade. Ela tinha decidido contar só depois do teste oficial, ainda que o de farmácia, somado ao atraso da menstruação, não poderia estar errado.

—Eu acho que eles vão pegar um avião com voo direto para o Brasil!  
—Provoquei, dando dois tapas nas costas do meu irmão. —Pode comparar o anel de noivado, irmãozinho, você não imagina como o pai da Chloe é bravo.

—Não tente me aterrorizar, eu sei tudo sobre os meus sogros, inclusive, eu já falei com eles por telefone.

Olhei para a minha amiga e ela encolheu os ombros como uma garotinha.

—Quando eu disse a eles sobre as minhas pretensões de ficar por aqui, tive de apresentar o motivo.

Claro, ela já tinha se decidido e apenas esquecer de contar para mim. De qualquer maneira, não deveria ser nenhuma surpresa, ainda mais levando em conta sua gravidez, mesmo assim, a afirmativa me incomodou e eu tive de me esforçar para não deixar transparecer.

No fundo, minha perturbação se devia mais a minha própria indecisão e, minutos depois de amargar a ideia de voltar sozinha para a Flórida, entendi que na verdade eu também não queria partir.

*“Deixe pra pensar nisso depois...Agora, curta o último dia do ano da maneira que você merece!”*

Como já era de se esperar, havia muita gente no clube, mais, muito mais que na noite do baile. Os contrastes dos trajes eram interessantes, enquanto alguns se vestiram como se fossem indicados ao Oscar, outros pareciam estar comemorando o Réveillon em uma praia.

A decoração era outro item a ser destacado; balões metalizados nas cores dourado e prata, arranjos de flores nobres e garçons com gravatas borboleta, carregando bandejas com taças de espumante, cediam um tom requintado ao evento.

Enquanto Chloe e Diogo seguiram até a mesa onde meus pais já tinham se colocado, um lugar privilegiado, à beira do palco em que uma banda tocava ao vivo, eu preferi seguir para a área do bar, não por causa das bebidas, mas porque era ali que meu alvo estava.

João me mandara ao menos uma dúzia de mensagens durante a última hora e, a que eu acabava de ler, me dava sua exata localização.

Sobre meus saltos altos e sem me importar com os olhares que pareciam todos voltados a mim, caminhei, valendo-me de todo o charme e sensualidade que eu só usava em ocasiões especiais. Naquela noite eu queria estar com ele, por todo o tempo, e se fossem falar sobre a nossa diferença de idade, que ficassem claras as razões pelas quais um rapaz de dezenove anos se interessa por uma mulher balzaquiana.

Como se estivesse em uma passarela, deixei em meus lábios um meio sorriso e me aproximei da fila que se formava atrás do balcão espelhado. Tirando um detalhe ou outro, aquele parecia ser um replay danoite em que reencontrei João Victor.

Mesmo de costas eu o reconheci. Vestindo camisa e calça brancas, ele tinha os olhos presos no aparelho celular em suas mãos. Os dedos moviam-se frenéticos pela tela e a todo momento eu ouvia o meu telefone apitar.

De longe eu o observava e meu corpo todo fazia questão de reagir com frenesi.

*“Que homem é esse, Diana? Está explicado por que você tem pensado em jogar tudo pro alto!”*

Puxei o ar, aproveitando o buraco que ficou na fila, imitei minha ação passada e entrei em sua frente ; girei meu pescoço e encontrei os seus olhos, devorando-me, dos pés à cabeça.

—Espero que não se importe por eu ter passado na sua frente. —Virei todo o meu corpo para ele.

João engoliu seco, enfiou o telefone no bolso frontal da calça e passou os dedos pelos cabelos de um jeito sensual.

—Não sei... —Lançou-me um sorriso torto. —Da última vez que permiti que uma mulher cortasse minha fila, ela acabou entrando na minha vida, roubando minha paz e também meu coração.

Ergui as sobrancelhas enquanto uma bateria de escola de samba ocupava um lugar dentro do meu peito.

—Acho que isso é bem ruim... —Cerquei seu pescoço com meus braços. — Mas eu posso garantir que não sou tão má como essa outra “fura filas”.

—Será? —João estreitou os olhos e apertou a minha cintura, levando-me para mais perto. — A outra, me fez ficar por dias desejando saber o gosto que tinham seus lábios... Uma tortura...

As pessoas em nossa frente avançaram, e juntos, demos passos sincronizados, nossos olhos permaneceram um no outro, e eu não sei o que

João pretendia, mas eu desejava poder ler a sua mente, saber se ele também se sentia como eu.

—Não vou te torturar... —Acariciei o seu rosto e ignorando todos que nos observavam, inclinei a cabeça e forcei sua nuca contra mim. Assim que nossos lábios se tocaram e nossas línguas se encontraram, foi como flutuar, eu não sentia o chão sob os meus pés.

— Eu te amo, Diana Lima... — murmurou ele nos meus ouvidos.

—Também gosto muito de você, João Victor. —Repousei minha cabeça em seu ombro, desejando ser mais forte, amaldiçoando-me internamente por não conseguir dizer que eu também o amava.

Não sei se ele se decepcionou, se sim, disfarçou bem, porque o modo carinhoso e o fascínio que existiam em seus olhos quando estavam sobre mim, não mudaram nada.

Imitando os adolescentes, João e eu aproveitávamos cada canto vazio do clube para trocarmos beijos e carícias acaloradas. Por todo o tempo ele fazia declarações e frisava o quanto estava grato pelo ano de 2012.

Morta de fome e sentindo o álcool correndo em minhas veias de um jeito perigoso, achei melhor irmos até a mesa da minha família, precisava colocar algo sólido no meu estômago.

—Que ótimo! A Família Adms está a uma mesa de distância da nossa —reclamei em voz alta. —Olha lá a vagabunda da minha tia, sentada ao lado da minha mãe como se não fosse uma traidora desprezível.

—O que é isso, Dili? Por que está falando assim? —João surpreendeu-se, e com razão, afinal, ele nem imaginava a sujeira na qual ela estava envolvida.

Puxei o ar por algumas vezes e endireitei a coluna.

—Deixa pra lá João. —Entrelacei meus dedos nos seus e em linha reta, acelerei meus passos até nossa mesa. No mesmo momento, Débora chegou acompanhada de outras duas garotas.

Elas olharam primeiro para o João e seus rostos exprimiam a mesma reação de quando no passado eu conheci os garotos do grupo Backstreet Boys. Se eu estivesse em meu estado normal, as cumprimentaria, mesmo sabendo que seria ignorada, só que naquela noite a mistura de: bebida +

mágoas +mentiras + medo, acabou por resultar em uma combinação bombástica, e como se não bastasse tudo isso, a pirralha da filha da Sabrina, usava um vestido longo e prateado que mexeu direto com a minha emoção.

Perdida no tempo, em vez de ignorar a garota, eu preferia agir como uma criança idiota. Agarrei-me ao João, exibindo-o com o se ele fosse um troféu.

Débora, se pudesse teria saltado sobre mim, os olhares raivosos que vinham dela deveriam ter ao menos me incomodado, só que enquanto ela me fuzilava em pensamento, eu só conseguia pensar na roupa que ela estava usando.

*“Diana, aquele vestido é seu! O seu vestido de formatura que desapareceu como fumaça, dezesseis anos atrás.”*

Apoiada por esse pensamento, soltei a mão do João e avancei na direção da Débora que pareceu assustar-se com a minha aproximação. Tudo bem, eu estava um pouco alta, mas eu não me esqueceria daquela roupa, jamais. O tecido, os recortes, o modelo desenhado por mim e, ou a dona Sonia tinha feito uma réplica, ou a Sabrina finalmente me daria explicações sobre o dia da formatura.

—Onde conseguiu este vestido? —indaguei-a, tentando manter a minha calma.

—Não é da sua conta! — A resposta atravessada, em muito me lembrou a maneira arrogante que minha prima tivera, quando fui cobrar o paradeiro do bendito vestido no passado.

—Claro! São farinha do mesmo saco... —resmunguei, passando por ela e indo direto até a verdadeira percussora daquela situação.

Em sua mesa estavam Sabrina, seu pai, seu marido, um casal de meia idade que eu não conhecia, e na ponta, como as cerejas daquele bolo, Pedro Paulo e Shirley.

—Enfim, após dezesseis anos descobrimos o que houve com a roupa que eu deveria ter usado na minha formatura!—Parei de frente para ela e tentei manter o meu controle quando coloquei os olhos no seu barrigão.

— Do que você está falando? —Ela inclinou a cabeça e fez uma careta.

Cerrei os pulsos e encarei-a.

—Meu vestido, Sabrina...Aquele que desapareceu no dia da nossa formatura de oitava série, e que agora está no corpo da sua filha —disse com calma, como se explicasse matemática a uma criança.

Todos na mesa mantiveram os olhos em mim, em seus rostos expressões que variavam de ceticismo a pavor. De todas, a mais interessante era a de Shirley; a mulher empalideceu, os olhos giravam na própria órbita, e a impressão que eu tinha era de que se pudesse, teria cavado um buraco e se enterrado viva.

—Dili, o que está acontecendo? —João se juntou a mim, também perdido diante das minhas atitudes.

—Nada, além de eu estar tirando uma sujeira muito velha que foi varrida pra debaixo do tapete.

—A minha filha está usando aquele vestido? —Pedro Paulo surpreendeu-se, seu tom de voz era ameno e desarmado.

—Eu juro, Dili, eu não sumi com seu vestido. Quando a Dona Sonia entregou a sacola pra mim, eu joguei na garagem da sua casa. —Sabrina foi outra que deixou a acidez de lado.

—Claro, e depois de dezesseis anos a bendita sacola aparece no guarda-roupa da sua Débora —afirmei em tom de escárnio.

—Dili...Deixa isso pra lá. —João colocou um dos braços sobre os meus ombros.

—Fui eu. —Shirley se levantou, fazendo com que todos olhássemos para ela. — Eu vi quando a Sabrina jogou a sacola e eu peguei.

—Você? —indaguei perplexa.

Ela passou as mãos pelos cabelos, encarou o marido, que parecia ter se transformado em uma estátua, e caminhou até ficar mais perto de mim.

—Eu gostava do Pedro e achava que se você não fosse à formatura, talvez eu tivesse alguma chance... Só que não adiantou, porque além de não ter deixado de ir, seu vestido vermelho só a colocou em maior evidência, no fim, você conseguiu. —Ela cruzou os braços e fechou os olhos por alguns instantes. —Você ganhou Dili, no passado e agora.

—Shirley! — Pedro Paulo rosnou para ela enquanto eu tentava digerir a revelação.

—Sua filha viu aquela droga de vestido nas minhas coisas, um tempo atrás. Eu achava que a Diana nunca mais voltaria e então deixei que ela ficasse com ele.

—Esse é o menor dos problemas. — Ele caminhou até ela.— O que você fez foi ridículo.

—Exato! —Dei um passo à frente com o dedo em riste. —Por todos esses anos eu culpei a Sabrina...Não que isso desabone todas as outras maldades que ela fez contra mim, mas de qualquer forma, eu fui injusta. — Emocionei-me como se tudo acabasse de acontecer.

—Dili, eu sei que não fui uma pessoa legal, mas éramos crianças, e no fundo eu sentia ciúmes de você —minha prima admitiu com a voz embriagada.

— Quanto a mim...Nunca foi ciúmes, eu sempre senti raiva de você, Diana...Lá atrás e agora, porque desde que voltou a minha vida se fez um inferno. Eu sei que o Pedro a procurou, que vocês se encontram... —ela discursou oscilando olhares entre mim e o marido.

—Espera aí! —João afastou-se. —Que história é essa?

— Não tem história alguma.! O Pepa até foi me procurar, mas para despejar sua raiva sobre mim—argumentei, tentando evitar que o fogo se alastrasse.

João não me ouviu, ou fingiu não o fazer, como um cão furioso investiu na direção de Pedro Paulo e com o peito estufado cobrava explicações.

—Independente do motivo, eu não quero você procurando a minha namorada, entendeu? —ele avisou entre os dentes e isso foi o bastante para alarmar aos mais próximos daquela mesa.

—Pelo amor de Deus! Digam-me que isto não é uma briga.—Minha mãe apareceu espavorida.

—Só pode ser, afinal, sua filha é expert em criar desavenças. — Tia Eliana deu seu parecer.

Não olhei para ela, do contrário eu não seguraria a minha língua.



—Mãe...A Débora está usando o vestido da Dili. Aquele que sumiu no dia da formatura.

—Como pode? Ela disse que ganhou o vestido da Shirley...

— Chega...Pra mim já deu. —Segurei o braço do João que ainda trocava farpas com o Pedro Paulo e o puxei, a fim de tirá-lo dali.

—Fica avisado... Não procure mais a minha namorada!

—Namorada! — Pedro Paulo desdenhou com uma gargalhada. — Acha mesmo que ela vai ficar com você? Um pirralho que mal saiu das fraldas!

— Claro que não, afinal, ela vai ficar com você... Não é, otário? Acha que porque tiveram um namorico no passado, vão voltar a se entender? Larga o osso, cara! Tente superar!

—Engraçado... No passado, ela largou o seu tio para ficar comigo... Pergunta pro Caio como foi ser trocado por mim. —Pedro Paulo usou de todo o seu sarcasmo.

—Não deveria falar do meu tio... —João soltou a minha mão e no mesmo instante ela estava fechada, colada no rosto do Pepa.

Tudo aconteceu muito rápido, mesas e cadeiras voando, os dois rolando no chão como selvagens, uma gritaria ensurdecadora e a minha prima aos prantos. No meio de tudo isso, frases avulsas chegavam aos meus ouvidos, em sua maioria, a culpa por aquilo estar acontecendo era atribuída a mim.

— Alguém separa esses dois! — berrei.

— Essa vagabunda nunca deveria ter voltado... — Ouvi quando minha tia disse à Shirley.

Eu tinha de ter ignorado, só que eram muitos sapos para serem engolidos e eles saltavam dentro do meu estômago, loucos para saírem. Esse é um dos maiores problemas de se guardar mágoas, elas costumam tomar proporção tão grandes quando ficam presas, e costumam vir à tona nos momentos mais inconvenientes.

— Quem é você pra me chamar de vagabunda, tia Eliana? — Segurei-a pelo braço, fazendo com que sua atenção se voltasse para mim.

— Olhe para isso! — Ela gesticulou com as mãos. — Você é como uma erva daninha, por onde passa faz estragos e nós estávamos, de fato, muito melhores sem você aqui...

— Claro... Eu devo mesmo me preocupar com a opinião de uma sem-vergonha que transava com o marido da própria irmã... — Cuspi as palavras expondo toda a raiva e a magoa guardadas por anos e anos.

Eu não pensei em quem mais ouviria, eu não calculei quais estragos o meu desabafo causaria e tudo o que sei é que minha tia emudeceu, assim como a Shirley e a minha mãe, que também estava ali, bem perto de nós, tanto que pôde escutar o que eu tinha dito.

Sentindo o sangue correr gelado nas minhas veias, coloquei as mãos sobre a minha boca, desejando poder retroceder o tempo em alguns segundos, mas foi impossível. Como balas de revolver, minhas palavras atingiram várias pessoas, machucando-as como se fossem mesmo munição.

— Do que ela está falando? — Shirley foi a primeira a se pronunciar.

Olhei a minha volta e o cenário não tinha mudado muito, algumas poucas pessoas, entre elas o Diogo, tentavam segurar o João e o Pedro Paulo, já a maioria, assistia a pancadaria, como quem assiste a uma luta de boxe na tevê. Voltei meus olhos para ela, a minha mãe, e naquele instante eu não saberia definir como estava a sua expressão.

Decepção? Mágoa? Tristeza? Enquanto ela e a minha tia se entreolhavam, a Shirley, a Sabrina e eu, encarávamos as duas com medo do que viria a seguir.

— Mãe...A Dili...O que ela acabou de dizer, não é verdade...Certo?

— Sabrina, você precisa se acalmar. — Ela caminhou até a filha. — Pense no seu bebê.

Minha prima fechou os olhos e teve o rosto banhado por lágrimas. Ela de fato parecia calma, só não conseguia parar de chorar. Voltei a olhar para a minha mãe e ela também estava aos prantos.

Sabendo que eu tinha, de algum jeito, acabado com a noite de Réveillon de quase toda a cidade, e provavelmente, acabado com a minha família, eu saí sem dizer nada.

Como uma covarde, corri para fora do clube, descalcei minhas sandálias e pus-me a vagar pelas ruas como uma desvairada. Quando os fogos de artifício coloriam o céu anunciando a chegada de 2013, eu estava dentro de um táxi, seguindo para o meu estúdio de tatuagem.

— Não sei se devo, mas...Feliz ano novo, moça... — resabiado, o motorista saudou-me depois que paguei a corrida para ele e mandei que ficasse com o troco.

— Que seja para o senhor, já que o meu, começou bem mal... — reclamei antes de despedir-me.

Sentada no chão, eu chorava copiosamente, enquanto amaldiçoava a minha vida. Com ironia eu ri, assim que meus olhos pararam na tatuagem do número treze, que estampava o meu pulso.

— Claro...2013...Como é que um dia eu pude achar que o treze era meu número de sorte? Maldito seja! Eu vou acabar com isso agora...

Levantei-me determinada a pôr um fim naquele carma, arrumei todo o material que eu precisava para fazer uma tatuagem, e quando ouvi o motor da máquina, eu só conseguia pensar que tinha de me livrar daquele símbolo.

Esperei as minhas mãos pararem de tremer e quando dei a primeira picada na minha pele, foi como apertar a tecla play do meu cérebro.

Toda a minha vida resumida em flashes dos momentos mais eminentes, e no fim, cheguei à conclusão de que tinha sido mesmo uma grande besteira ter voltado a Arco Dourado.



## 15 – Cabo de guerra

— Imaginamos que você estaria aqui. — A Chloe me abraçou, assim que eu abri a porta para ela. Diogo apareceu logo em seguida e eu tive medo de que ele estivesse me odiando.

— Di...Eu sou uma idiota! —Voltei a chorar.

— Não é... — Ele puxou-me de encontro ao seu peito e eu desabei. — Você não merecia ter guardado isso sozinha...

Chloe se aproximou de nós, fungando sem intervalos.

— Eu só consigo pensar na mamãe, ela deve estar arrasada. — Afastei-me do Diogo e notei uma troca de olhares entre a Chloe e ele. — Já sei... Ela deve ter colocado as minhas malas na rua. — Cobri o meu rosto com as mãos.

—Na verdade...A mãe já sabia do caso do nosso pai com a tia Eliana.

— E o Di também sabia... Essa história veio à tona logo depois que você foi embora.

Eu fiquei alguns minutos em choque, então, o Diogo contou-me que meu pai abriu o jogo com a minha mãe, e que eles ficaram separados por alguns meses, fato que eu sequer imaginava.

Eles optaram por não contar para mim, uma vez que eu podia desistir do intercambio, e enquanto eu ouvia relatos de como minha mãe sofreu com toda essa história, e também, como ela resolveu perdoar tanto o meu pai como a minha tia, fui invadida por uma tristeza sem tamanho.

— Se foi assim, por que a Sabrina fingiu surpresa? — perguntei, tentando parar de chorar.

—A família da tia Eliana nem sonha, ou melhor, nem sonhava, que isso aconteceu. A mãe e o pai foram muito discretos, tanto, que muitas pessoas nem imaginam que eles chegaram a se separar e os que sabem, desconhecem a razão.

Meu irmão estava sentado no chão, de frente para mim, a Chloe do seu lado, acariciando instintivamente o braço dele.

— E você, Di...Como foi pra você? —Juntei as sobrancelhas com consternação.

— Foi ruim. Por mais que eu soubesse que o pai tinha feito uma coisa muito errada, eu sentia a falta dele, afinal, já estava sem você...

— É nesses momentos que eu me pergunto se fiz certo em ter viajado, e ter ficado tanto tempo fora.

Diogo estendeu o braço e segurou uma das minhas mãos.

—Temos uma vida boa graças a você, a mãe realizou o grande sonho dela, graças ao dinheiro que você sempre mandou, e eu tenho do meu lado a melhor mulher do mundo, porque você foi à Tampa e trouxe a Chloe pra mim.

— Aiiii— minha amiga sibilou manhosa, depois beijou rapidamente os lábios do Diogo.

Revirei meus olhos fingindo incomodo.

— E quantas vezes eu o convidei para ir até lá, não é?

— Sabe bem que eu não coloco os meus pés dentro de um avião.

— Que bobagem! —empurrei o seu ombro.

—Dili, o medo que o seu irmão tem de voar é sério... Eu acho que é caso de psicólogo.

— Ele te contou qual é o cerne desse trauma?

Chloe piscou algumas vezes e encarou o namorado.

— Não.

— Dili...Nem vem... —Ele apontou o dedo para mim.

— Quando éramos pequenos, ele despencou de uma escada rolante...Sabe essa coisa de criança brincando no corrimão? Então, ele

tentou subir e pum, caiu como uma jaca!

— Que engraçado, não é Dili? — meu irmão recriminou-me, depois de uma careta.

—Pobrezinho... — Chloe abraçou-o como se o fato tivesse acabado de acontecer. —Mas Dili, agora você tem outro problema para resolver... O João e o Pepo.

—Nem toque no nome desses dois...Aliás...Tem a Shirley também. Deus! Nunca me passou pela cabeça que pudesse ter sido ela quem roubou o meu vestido.

— Ela te odeia mesmo, e agora, acho que tudo vai ficar pior...

— O que foi? — Ressabiei-me. —Não me diga que tem mais alguma coisa com que eu deva me preocupar.

— Ontem, fomos nós que levamos o João ao pronto socorro e...

—O João!? — interrompi meu irmão, ao mesmo tempo em que me colocava de pé com a rapidez de um raio. — O que aconteceu com o João? Chloe levantou-se também e seu rosto parecia calmo.

— Não tem com que se preocupar, Dili...A única coisa ruim, é que você e seu namorado vão ter de ficar alguns dias sem trocarem beijos. Jojo levou alguns pontos na boca. — Ela soltou um riso jocosos ao fim da frase.

— É isso mesmo. O João cortou a boca, e o Pepa, além do olho roxo, torceu feio uma das mãos e teve de imobilizá-la.

— Aposto que isso tudo vem para minha conta — retruquei.

— Isso eu não sei, mas o provável fim do casamento do Pepo, com certeza.

— Fim do casamento?

— Exatamente...Lá mesmo no pronto socorro, ele me disse que saber sobre a história do vestido, tinha sido a gota d'água, sem contar que ele nunca te esqueceu.

Fechei os olhos e bufei diante daquilo que para mim, parecia ser uma grande sandice.

— Quer saber? Eu vou para casa, vou tentar arrumar todo o estrago que causei. Preciso conversar com nossos pais e tem a Sabrina, eu a devo desculpas...Passei todos esses anos acusando-a de algo que ela não tinha feito.

— Dili, eu não acho que você deva procurá-la. Você sabe que na reta final da gravidez, as pessoas costumam ficar mais sensíveis e se algo acontecer ao bebê, aí sim você será crucificada.

O Diogo tinha razão, a Sabrina eu teria de deixar para depois, agora meus pais, esses seriam questões imediatas.

Sofrendo de uma ressaca moral sem precedentes e sentindo cada articulação do meu corpo reclamar, dado ao fato de ter dormido naquela maca desconfortável, segui por todo o trajeto até a minha casa, de olhos fechados, refletindo sobre as últimas horas.

— Retocou sua tatuagem, Dili? — Chloe inclinou o corpo e apontou para o meu braço.

—Huhum... — murmurei. — Eu estava pronta para cobrir a droga deste número treze, mas me dei conta de que estaria enganando a mim mesma.

Chloe ergueu as sobrancelhas e se endireitou no banco, ela demonstrou não ter entendido e para mim tudo bem, afinal, eu também não me entendia.

—A mãe está meio envergonhada, então, se ela não tocar no assunto, procure não... Ah! Que droga! — Diogo mudou o foco do assunto assim que virou a esquina da nossa casa.

— O que foi? Furou um pneu? — Chloe adiantou-se.

— Furou? — indaguei confusa.

Diogo suspirou, e quando olhei através da janela, entendi a razão do seu desconcerto. Parados na calçada, encostados cada em seus carros, estavam João e Pedro Paulo.

— Posso passar reto se preferir.

— A sugestão é ótima, mas eu confesso que a ideia de estapear esses dois, me atrai mais do que a de fugir deles.



— E o que será que o Pepo quer com você? — Choe perguntou sem mexer os lábios.

—Vamos saber, agora! —Abri a porta e desci. Encarei os dois e ambos exibiam sinais da selvageria anterior.

O Pedro Paulo tinha no rosto vários hematomas e inchaços, a mão esquerda fora coberta por uma tala clara que alcançava o antebraço, já João Victor exibia no canto direito do lábio inferior, pontos feitos com uma linha preta e também um dos olhos meio arroxeados.

Assim que me viram, eles endireitaram a postura, se entreolharam e depois voltaram a atenção para mim.

— Quanta evolução! Os cavalheiros ocupam o mesmo metro quadrado e não estão se digladiando...

— Eu...Eu... —João se aproximou de mim. — Precisamos conversar.

—Também vim para isso — Pedro Paulo disse de onde estava.

— Dili, estaremos lá dentro se precisar — Diogo avisou, antes de entrar junto da Chloe.

Apenas assenti com a cabeça e continuei com os olhos nos dois rapazes.

— Em primeiro lugar, eu só quero que saibam o quanto eu repudio a atitude de vocês. —Apontei-os com o dedo. —Pareciam dois moleques brigando por uma figurinha!

Pedro Paulo jogou a cabeça para trás e riu como se eu tivesse dito algo muito engraçado.

—Está certa Dili, o garotão aí é mesmo um moleque...Espero que agora você tenha percebido!

João trincou o maxilar, cerrou os punhos e estufou o peito como um galo de briga pronto para o embate.

— Nem ouse, João. — Coloquei-me entre os dois. —Encoste um dedo no Pedro Paulo e eu nunca mais vou olhar pra você.

Ao fim da minha frase, o rosto do João tinha mudado, as sobrancelhas juntas e uma expressão de dor, davam demonstrações do quanto minha ameaça o decepcionara.

— Agora vai defender esse cara?

— Não. Eu só não quero outro show de selvageria...

— Foi esse idiota quem começou. Mas o que esperar de uma criança?

— Pedro Paulo ironizou nas minhas costas.

Virei-me para ele ainda mais irritada.

— Olha quem fala! Parece mesmo um pirralho dizendo: Foi ele quem começou! — Impostei a voz. — Você dois empatam na idade mental.

— Ele me provoca falando mal do meu tio e eu tenho que ficar quieto? Sem contar essa história de estar atrás de você...

— Então acha que vai partir para cima de todo e qualquer homem que vier conversar comigo?

— Não — João respondeu firme. — Apenas dos que queiram tirar você de mim.

*“Que droga! Você precisa mesmo ser tão fofo?”*

— Você não se garante, rapaz? — Pedro Paulo continuou provocando.

Dei dois passos para trás, deixando-os livres para se pegarem.

— Está com um braço imobilizado, sem contar que o João é bem mais forte que você... Quer ter o outra parte do seu corpo quebrada? Eu não vou impedir. — Levantei minhas mãos.

— Eu não vim para brigar. — Ele se desarmou. — Só quero ter uma conversa com você.

— Eu também, Dili. — João aproximou-se de mim e minhas pernas bambearam quando seu cheiro invadiu meu ar. — Eu perdi a cabeça e queria me desculpar.

Outra vez os dois olhavam para mim como cães sem dono. Eu sabia que tinha mesmo de conversar com eles, só teria que decidir-me como faria aquilo sem causar ainda mais confusão.

— João.... — disse, depois de respirar fundo. — Eu preciso ter essa conversa com o Pedro Paulo, mais tarde eu vou até a sua casa.

Ele arregalou os olhos e bufou.

—Está me dispensando, para falar com esse...Dili, acha mesmo que eu vou aceitar isso?

—Não sei. —Encolhi meus ombros. —Você tem opção, se não quiser falar comigo depois, eu não vou obrigá-lo.

— Isso só pode ser uma brincadeira de mau gosto! — Ele passou as mãos pelo rosto e cabelos, em um visível desespero. — Esse cara é casado, Dili. Eu não acho que vocês tenham nada para conversar.

— Não que seja da sua conta — Pedro Paulo interveio —, mas a Shirley e eu, bem, ontem mesmo nós chegamos à conclusão de que nosso casamento não tinha como continuar.

João fechou os olhos como se tivesse sido atingido, e eu senti meu coração parar de bater por alguns instantes.

*“Que ótimo! Era tudo o que você precisava...Ser conhecida como a mais nova destruidora de lares de Arco Dourado!”*

— Por favor , João, eu de fato preciso ter essa conversa com o Pedro Paulo, tenho também que resolver as coisas com os meus pais e eu prefiro que você me espere te procurar.

Ele colocou as mãos dentro do bolso da calça, com a cabeça baixa permaneceu olhando para os pés.

— Eu não sou como o meu tio... Se a história for se repetir, me esqueça, Dili...Se optar por falar com ele, então nem precisa me procurar depois.

Ele estava mordido de ciúmes e até aí, era compreensível, mas a intensidade de suas palavras e o extremo de sua insegurança chegaram a me incomodar. No fundo eu sabia que não podia cobrar mais dele, no entanto, como se eu quisesse provar para mim mesma a teoria sobre sua falta de maturidade naquele caso, acabei por desafiá-lo.

—A decisão final é sua... Se não pode respeitar as minhas escolhas, então que seja assim. Eu não o procuro mais. — Virei-me de costas, antes que pudesse me arrepender. —Anda Pedro Paulo, entra, eu estou evitando plateias.

Ele caminhou rapidamente e um sorriso maroto curvava seus lábios.

—Vai colocar esse cara para dentro da sua casa, e quer que eu encare numa boa?

—Você me ofende quando faz esse tipo de insinuação. —Apontei o dedo para ele. — Eu espero que esse tempo que passamos juntos tenha sido o bastante para que conheça a minha conduta.

— Não é questão do tempo, Dili. É questão do quanto você se mostra, do quanto você se entrega, e infelizmente, eu não pude ver e nem ter tudo de você.

Mordi meu lábio inferior, ele tinha tocado na minha ferida.

— Eu nunca prometi nada além do que eu te dei... Se pra você não basta...—Encolhi meus ombros.

João torceu o queixo, os olhos se avermelharam e eu rezei internamente para que ele não começasse a chorar. Com a boca machucada e aquele ar de garoto indefeso, eu não resistiria.

— Vinha bastando, até porque eu adoro desafios. Só que eu não posso disputar com algo que eu desconheço, com um oponente surpresa e esse cara parece ser exatamente isso...Alguém que já entra numa corrida com vantagem.

Balancei a cabeça de um lado para o outro.

— Não tem disputa, João. —Virei-me de costas. —Só que eu tenho um passado e eu preciso colocá-lo em ordem para poder viver o meu presente de um jeito mais inteiro.

Ele não me respondeu nada, lançou-me um olhar triste, e derrotado, voltou para seu carro. Fiquei parada no portão, apenas observando enquanto ele partia e doeu saber que de alguma forma eu o tinha magoado.

*“Espero que consiga dar um jeito nisso depois, Diana Lima.”*



— Seu estúdio é bonito...Está mesmo muito bem instalada — Pedro Paulo elogiou enquanto caminhava pelo espaço.

Depois que João partiu, eu achei melhor ir para outro lugar com o Pepa, por algum motivo eu não queria nenhuma lembrança de outro homem na minha casa, que não ele.

— Menos, Pedro Paulo, e pode tirar esse sorriso do rosto, eu não estou nem um pouco contente com esta situação.

Ele parou de frente para o balcão e cruzou os braços, enquanto seus olhos pareciam me analisar outra vez.

— Se tornou uma bela mulher, Dili...— disse, com certo constrangimento.

— Você é tão estranho...— reclamei.— Desde que eu voltei, só o que recebo são patadas suas, você chegou ao ponto de jogar na minha cara que me deixou ganhar aquele concurso de desenho, e agora está assim, manso. O que mudou? — Resolvi ir direto ao ponto.

Pedro Paulo passou as mãos pelo rosto, demonstrando cansaço. Os olhos naturalmente pequenos, pareciam apenas dois riscos pretos.

— Quer saber? Você acabou com a minha vida Dili... Acabou... — A voz abafada denunciava o choro iminente. — Desde o dia em que saiu desta cidade e me esqueceu, desde então, eu só desço...Cada vez mais fundo...

— Pedro Paulo, éramos crianças — argumentei ainda na defensiva. — Acho no mínimo injusto atribuir seus erros à mim.

—Eu gostava tanto de você Dili, tanto, que quando você partiu foi como se o meu mundo tivesse perdido a cor. Nada mais fez sentido e eu me agarrava à esperança de um telefonema seu... Os meses passaram e você nunca me mandou uma carta sequer...Eu fui seu passaporte e você me apagou assim...—Ele estalou os dedos, enquanto lágrimas molhavam seu rosto. — Como seu eu nunca tivesse significado nada.

—Não foi desse jeito. — Suspirei, afundada em todo aquele lixo emocional. — Eu era uma menina, vivendo em um país diferente, longe da minha família e amigos. Manter vínculos desnecessários só pioraria tudo.

— Vínculos desnecessários... Poxa... —Ele franziu a testa demonstrando sua insatisfação.

—Sim, porque por mais que ache o contrário, eu também gostava de você Pedro Paulo, só que precisava ser forte, eu tive que manter o foco, do contrário...

— Deve me achar mesmo um idiota! — ele me interrompeu. — Imagino o quanto foi difícil sua vida na Flórida, tanto, que demorou dezesseis anos para voltar.

— Claro! Por certo tiraram essas conclusões ao verem a reforma da minha casa, a loja de bolos da minha mãe...Acho que assim como você, boa parte desta cidade só pensou no lado bom das coisas. O que ninguém sabe, é que desde que coloquei os meus pés em Tampa, aqueles que saíram daqui prometendo aos meus pais que cuidariam de mim como se eu fosse sua própria filha, fizeram da minha vida um inferno. —Escorreguei minhas costas pela parede e me sentei no chão, derrotada por ter que visitar aquela parte do meu passado.

Pepa pestanejou algumas vezes seguidas e arfou.

— A Simone? — indagou com interesse.

Assenti com a cabeça instintivamente.

—Ela e seu marido. Aquele homem, que por vezes me abraçou enquanto eu chorava de saudades dos meus pais, desta cidade... e de você... Enquanto eu via nele uma figura paterna, seus toques, seus olhares, tudo tinha segundas intenções — relatei emocionada. — Tem ideia de como é viver numa casa onde você tem medo de ir ao banheiro de madrugada? Sem contar a Simone que sabia de tudo e parecia me culpar. Ela nunca falou sobre isso comigo, mas passou a me tratar como se eu fosse uma vagabunda qualquer.

Ele sentou-se do meu lado.

— Está me dizendo que ele...? Você foi...?

—Não posso dizer que fui abusada, ao menos, não fisicamente, mas moralmente sim.— Mordi meus lábios antes de prosseguir. — Aquele homem me cercou, me fez propostas tão nojentas que eu nem gosto de lembrar...No fim ele, só não foi além, graças ao meu instinto de sobrevivência, e também, à família da Chloe, que me ajudou quando eu mais precisei.

— E por que não voltou, Dili? Por que passou por tudo isso e continuou lá? — Pedro Paulo finalmente se desarmou, tanto, que pela primeira vez consegui enxergar nuances do Pepa de antigamente.

— Sabe Pedro Paulo, eu tive mesmo vontade de largar tudo e voltar, mas então eu pensava na minha mãe, nas queimaduras em seus braços, e eu tinha feito essa promessa. Para ela e para mim mesma... Lembra daquela brincadeira? Amarelinha?

— Sei... — ele respondeu depois de uma careta.

— Eu projetei a minha vida nela... Por vezes me via naquele primeiro quadrado, perto do inferno, e o céu... bem, esse estava a nove espaços de distância, e eu jurei, jurei que só voltaria para Arco dourado quando pisasse sobre o número dez.

— Engraçado que eu achava que você voltaria muito antes. Alimentei essa esperança o quanto pude e só me envolvi com a sua prima, porque achei que essa seria a única maneira de trazê-la de volta.

— Claro! — Olhei para ele. — Engravidada uma das pessoas que mais me odiava e eu voltaria... Faz todo o sentido. — Bufei, deixando escapar um riso de sarcasmo.

— Eu posso dizer que conheci um pouco da Sabrina, e garanto, de todos os sentimentos que ela nutria por você, ódio não era um deles... Talvez inveja, ou algo além disso. O fato é que ela tinha tanta admiração que beirava ao fanatismo, ela queria tudo o que era seu... Por isso veio atrás de mim logo depois da sua viagem.

— Não faz o mínimo sentido. A Sabrina sempre teve tudo, enquanto eu...

— Coisas materiais, mas no resto, você sempre foi muito melhor, Dili. Eu posso garantir, e não pense que eu entrei nisso enganado. Eu sabia como ela era e eu só queria chamar a sua atenção de alguma maneira, só que ela engravidou e então hoje temos um vínculo eterno.

— Não tem ideia de como essa gravidez me afetou — murmurei, lembrando o dia exato em que recebi a notícia. — No fim, esse foi mais um dos motivos que me reforçaram a minha decisão de postergar essa volta. Eu imaginava como seria a Sabrina esperando um filho seu. Isso, somado a

história que acabei de te contar, além daquilo que houve entre o meu pai e a minha tia e mais algumas decepções ao longo dos anos... Bem, eu criei uma espécie de casca, de armadura. A vida faz isso com a gente, vai nos endurecendo.

Pedro Paulo levou as mãos até a cabeça e permaneceu desse jeito por alguns minutos.

— Me sinto da mesma forma. Em algum momento lá atrás eu endureci, deixei de fazer as coisas de que gostava e aceitei o pouco que a vida tinha a me oferecer.

— Por isso a Shirley? — perguntei, temendo sua resposta.

—É... Ela sabia de toda a minha história, e de alguma maneira eu tinha alguém com quem falar sobre você. — Pedro Paulo encarou-me, sério. — Eu fiquei com ela pensando: Bem, se a Dili voltar, não terei de ficar dando explicações, mas o tempo passou e você não voltou, ou melhor, demorou muito para retornar.

— Demorei, e quantas coisas mudaram... — Olhei a minha volta e depois me ative nele. — Eu evitei tanto esse retorno, tinha receio de como a minha volta traria meu passado à tona e no fim, não tive como fugir, parece que algo nesta cidade me prende, me domina ao ponto de eu não querer mais sair daqui, e acho que esse era o meu maior medo, voltar e não ter forças para partir outra vez.

— O fato de querer ficar, tem a ver com o atleta? — A pergunta veio acompanhada de uma carranca.

Fechei os meus olhos e instintivamente mexi a cabeça subindo e descendo em um sinal positivo.

— O João Victor é sem dúvida a minha melhor surpresa... Em tão pouco tempo ele conseguiu enxergar quem eu sou por debaixo dessa casca, e isso foi assustador, porque eu acreditava que nunca ninguém me faria sentir como eu me sinto agora.

— Eu sempre enxerguei você, Dili. — Pedro Paulo sorriu, e, temendo o rumo daquela conversa, me levantei, seguida por ele.

— Sim, e saiba que mesmo com esse nosso recomeço desastroso, você é dono de um pedaço do meu coração.



— Começos desastrosos parecem nos acompanhar. —Ele riu, arrancando de mim também uma gargalhada.

—Talvez. — Fiz uma careta.

— Eu olho para você é parece que o tempo não passou, você continua igual, tirando as tatuagens, claro. —Pedro Paulo se aproximou de mim. — Ah, Dili, as coisas poderiam ter sido tão diferentes.

Balancei a cabeça de um lado para o outro.

— Mesmo que eu tivesse continuado aqui em Arco dourado, nossa história não seria para sempre. Éramos muito jovens, e tanto eu quanto você acabaríamos querendo viver novas experiências.

Ele franziu o cenho e me encarou com cobrança.

— Como é que pode ter tanta certeza? — Deu um passo à frente, encurtando ainda mais nossa distância. — Sabe de uma coisa Dili, agora, assim, tão perto de você, eu vejo que toda a minha raiva, aquelas reações rudes, foram apenas barreiras que tentei colocar para não sucumbir... Dili, eu ainda

—Não! — interrompi-o, com o dedo em riste. — Não termine.

Outra vez seus olhos se estreitaram e ele mordeu o lábio inferior, como se tentasse se policiar, ainda assim ele avançou na minha direção enquanto eu dava um passo para trás.

— Dili, eu acho que a vida pode estar nos dando outra chance — murmurou ao inclinar o corpo na minha direção.

— Pepa, se quisesse que isso acontecesse, pode ter certeza de que eu mesma tomaria a iniciativa, portanto, nem tente. Eu estou com uma pessoa e respeito isso.

Ele bufou e me deu as costas.

— Aquele cara é um moleque, Dili! Acha mesmo que isso vai dar certo? —Está se envolvendo com um pirralho, Diana, um garoto que

— Que o quê!? — gritei tão alto, que eu mesma me assustei com o somido. —Vai dizer que ele tem idade para ser o meu filho? Detesto decepcioná-lo, mas eu já ouvi isso e até mesmo coisas piores, mas quer saber? Não é da sua conta.

— Não é mesmo. — Pepa voltou a me encarar. — Só que sua volta não impactou apenas a sua vida, ela impactou a minha também, reacendeu e revitalizou um monte de coisas que eu nem sabia que existiam dentro de mim, e Dili, estou disposto a lutar por isso. Eu esperei dezesseis anos, não vejo problema em aguardar um pouco mais. — Ele caminhou até a porta e abriu-a.

—Pepa, não crie expectativas, porque não vai acontecer.

—Não tente controlar meus sentimentos... Nem os seus... —Ele saiu levando consigo o ar de quem sabia o que estava dizendo.

Ainda naquela tarde eu tive uma conversa difícil com a minha mãe. Ela nunca teve conhecimento sobre o flagra que dei no meu pai com a minha tia e esse fato a deixou destruída.

Para ser sincera, falar sobre a vida pessoal dos meus pais era tão constrangedor quanto quando eu era criança, estávamos reunidos na sala assistindo a uma novela e de repente aparecia uma cena mais picante.

De qualquer maneira, nós não podíamos fugir ou apenas fingir que nada tinha acontecido. Ela explicou-me suas razões de ter perdoado, tanto meu pai quanto sua irmã e eu respeitei.

Se fosse comigo, o desfecho seria bem diferente e talvez, eu tivesse uma foto minha estampando as páginas policiais de um jornal, já que eu não puxara seu jeito passivo.

Com meu pai a conversa foi mais intensa, ou tensa. Ele sabia que tinha errado, não exatamente pelo caso extraconjugal com a cunhada, mas comigo, com sua família que poderia ter sido destruída, e também, por ter me deixado com o peso de guardar um segredo tão sério.

— Quero te pedir perdão. —Ele segurou as minhas mãos dentro das dele. —Eu sei que é tarde, mas eu me martirizei em cada um desses dias, por todos esses dezesseis anos e eu sempre achei que a culpa de você não querer voltar era minha.

Não era. Ou não era apenas por isso.

—Também tenho minha parcela de culpa, e, se a mamãe o perdoou, só me resta pedir que o senhor se perdoe. — Respirei fundo. —Pra mim é página virada.

Ele me abraçou, visivelmente emocionado. Eu também deixei que algumas lágrimas rolassem e tendo um dos meus fantasmas exorcizados, a tristeza que me assolava naquele momento tinha nome, sobrenome, e vários apelidos.

Tive de me segurar para não ir atrás do João, só que depois de uma longa conversa com a Chloe e sabendo que meu futuro dependia apenas das minhas escolhas eu preferi esperar.



Minha amiga tinha tomado sua decisão, ficaria no Brasil e seus pais foram avisados naquela manhã. Era estranho pensar em tocar a minha vida sem ela por perto. Desde a minha mudança para a Florida, ela sempre esteve ao meu lado e por mais avoada que fosse, Chloe era meu norte.

Por outro lado, eu tinha muitos motivos para ficar também. Um deles era o João. Ele passaria por um período complicado, estava a dois anos das olimpíadas e por isso tinha que dar o máximo de si por esse sonho.

O quanto eu poderia atrapalhá-lo? Quais as chances reais da nossa relação dar certo, levando em conta todos os contras que enfrentaríamos juntos?

De repente, Pedro Paulo invadiu meus pensamentos sem avisar. Seu jeito de me olhar e as declarações tão incisivas, pareciam neons piscando sob meus olhos.

Não que eu tivesse ficado balançada, mas não dava para apenas ignorar seus argumentos, só que aquilo ajudou a piorar inda mais a minha confusão.

De qualquer maneira, ainda que ele tivesse me pedido para não procurá-lo, eu, que nunca fui de obedecer ninguém, optei por não naquele dia.

Era feriado e a cidade parecia um deserto. Outra vez com o carro do Diogo, só que agora com a sua permissão, me decidi por ir até a casa do

João, mas antes eu precisava passar no estúdio.

A conversa de mais cedo com o Pepa tinha sido tão perturbadora, que eu saí de lá sem pegar minha bolsa, além de estar certa de que todas as luzes foram deixadas acesas.

Dito e feito, estacionei o carro e através da porta de vidro eu notei a claridade que vinha de dentro. Preparava-me para descer quando vi uma movimentação estranha em frente a Glowing.

Dois homens pareciam exaltados, discutiam e gesticulavam muito, cerca de um minuto depois saíram com o carro em alta velocidade, e o cantar os pneus chegou a me incomodar.

A fim de sair dali o mais rápido possível, acelerei os passos e entrei praticamente correndo no estúdio e, em segundos já estava com a minha bolsa nas mãos, pronta para ir embora, mas quando me preparei para desligar a última luz, o barulho de metal em atrito fez meu coração saltar descompassado.

O som vinha da fechadura e embora eu tivesse convicta de que tinha a trancado, Evandro entrou e parado de frente para mim, seu olhar me causou arrepios.

— O que faz aqui? — indaguei, tomada de pânico e perplexidade.

— Este salão é meu — respondeu-me com um sorriso cínico curvando seus lábios.

— Estou pagando o aluguel, portanto, você não tem o direito de...— Tive que me interromper, minha boca secou, a voz falhou e todo o meu corpo começou a tremer quando ele deu dois passos na minha direção.

—Vamos parar com esse joguinho? Sabe bem a razão pela qual eu ofereci este espaço para você, e mais, acha que aquela mixaria que eu cobrei paga mesmo o aluguel de um lugar como este?

— Foi você quem colocou o valor — forcei-me a responder, porque eu sabia bem que rumos tomaria aquela situação. Eu via nos olhos de Evandro, os mesmos reflexos que vi nos de Robert, marido da Simone.

Atordoada, ao mesmo tempo em que o estado de alerta energizava meu corpo, olhei ao redor sem me mexer nem um milímetro, a impressão que tinha, era de que a qualquer instante e ele me atacaria.

— Eu não sei o que está pretendendo, mas se estivermos falando sobre dinheiro, basta dizer quanto quer a mais e eu pago, sem problemas — falei, tentando ganhar tempo, sabia perfeitamente que não se tratava daquilo.

Ele balançou a cabeça sutilmente, mordeu o lábio inferior e seus olhos foram diretamente para os meus seios.

— Sabe o que eu quero...— Outro passo que nos aproximou.— E vamos ser sinceros, você também quer, afinal, uma mulher safada como você, deve estar precisando de um homem de verdade para apagar o seu fogo, e não um frangote como o Tor.

Engoli seco, meus lábios tremiam e meu estômago revirou.

— Se entende tanto de mulheres, deveria saber quando uma não está querendo nada com você. — Eu ainda fingia não temê-lo, mas não sabia por quanto tempo manteria a encenação.

— Olha para mim Diana! Eu sou um cara experiente, vivido...Essas tatuagens, o jeito como se veste, que pinta seu rosto...Faz isso para chamar a atenção dos homens, quer que todos a desejem, e você consegue, porque eu fiquei louco por você desde o primeiro momento em que a vi na minha boate.

— Não sabe o que está dizendo! — rosnei para ele com muito ódio.— Homens como você, precisam aprender que na maioria das vezes, as mulheres se arrumam, querem ficar bonitas apenas para sentirem-se bem, e isso, em nada tem a ver com seduzir alguém.

Evandro segurou-me pelo braço e com muita facilidade me arrastou até o biombo que ficava antes da maca.

—Está vendo aquilo ali.— Ele apontou para o teto, na direção da moldura de gesso. — Aquele pontinho escuro é uma câmera...Não imagina as cenas que eu tive acesso com exclusividade — falou direto em meus ouvidos.—Ah...Dili...Você é uma delícia de mulher, e eu acho que o Thor não vai se importar em dividi-la um pouquinho comigo...

— Seu desgraçado! — gritei enquanto livrava meu braço dele.—Você é um doente! Um tarado!

Ele riu alto e começou a desabotoar sua camisa, os olhos permaneciam grudados nos meus.

—Você também é...Pelo jeito tem fetiche por esta maca, já que aqui, você e seu namoradinho protagonizaram algumas cenas bem quentes.

Senti meu estômago enjoar, ele era sádico, exatamente como Robert, e, por conta das semelhanças, acompanhadas do meu medo, meus pensamentos se confundiram e por momentos, enquanto eu olhava para Evandro, cenas dos dias tensos que passei em Tampa se manifestavam como flashes.

Então, exatamente como há anos, meu extinto de sobrevivência falou mais alto. Com o marido da Simone, foi uma panela de água fervendo que me salvou do último dos seus ataques, já Evandro, foi atacado por um pedaço de madeira das prateleiras que haviam sobrado.

Eu o golpeei tão fortemente na cabeça que ele caiu ao chão, sem resistência. Enquanto urrava de dor, dei um chute em suas costelas, outro nas costas, na altura dos pulmões e foi esse que levou seus sentidos.

— Eu estou no meu estúdio...O Evandro tentou me atacar...Pode, por favor, chamar a polícia e vir até aqui? —implorei, aos prantos.



*Polícia e  
ladrão*



## 16 – Polícia e ladrão

— Deveria ter ligado para mim! — João Victor rosnou antes de me abraçar.

Ainda em estado de choque, afundei-me em seu peito e finalmente consegui chorar. Eu também não sabia a razão de ter ligado para o Pepa e não para ele, ou talvez soubesse. Em Tampa, no dia em que Robert invadiu o meu quarto e se declarou apaixonado por mim, foi para ele, meu amigo, que desejei poder pedir socorro. E, enquanto eu corria pela casa, gritando em desespero, por ter aquele homem atrás de mim, eu imaginava que Pedro Paulo aparecia para me ajudar. A mistura de histórias acabou trazendo o passado à tona e diante do teclado o meu telefone, foi o número da casa da dona Sonia o primeiro que me veio em mente.

— Eu só quero ir para a minha casa...— murmurei, sem forças para nada além disso.

Estávamos na delegacia e, respeitando meu pedido, ninguém da minha família foi avisado, eu temia como a Chloe poderia receber a notícia e temia por seu bebê. Ironicamente, as duas únicas pessoas que me acompanhavam era Pepa e João Victor.

— Eles pegaram a câmera e isso será o bastante para provar que você agiu em legítima defesa. — Pedro Paulo se aproximou de nós.

— Quando eu colocar as mãos em cima desse cara, ele vai desejar nunca ter me conhecido...—João ameaçou. As mãos estavam geladas, trêmulas e a respiração curta.

— Parece que além de tarado, ele estava envolvido em alguma coisa sobre roubo de carga...— Pepa deu com os ombros.—Ao menos foi o que ouvi os policiais comentando.



—Eu sempre desconfiei dele... Mas isso o que ele fez comigo...Deus! Isso nem tem classificação.— Eu ainda chorava.

João apertou-me com mais força e Pepa fez um carinho discreto em meu braço.

— Então vamos, se quiser eu posso dormir com você — disse, com um tom mais baixo, mas ainda assim, audível para qualquer um que estivesse perto de nós dois.

Apenas assenti com a cabeça e, diante do olhar de chateação do Pepa, soltei-me de João e dei um abraço rápido nele.

— Obrigada por tem me ajudado...Eu nunca vou poder te agradecer o bastante.

— Fique em paz, Dili.— Juntou as sobrancelhas e acenou com a cabeça, antes de partir.



Não tive como evitar contar sobre toda aquela confusão. Assim que cheguei em casa, reunidos na sala, estavam meus pais a Chloe e o Diogo, eles assistiam ao especial de Natal do Roberto Carlos que eu tinha gravado dias antes, e quando eu os vi, outra vez desabei a chorar.

Como já era de se esperar, a primeira reação de todos, foi me indagar sobre não tê-los avisado, depois, meu pai e o meu irmão queriam ir até a delegacia, cada um com uma ideia de como torturar o Evandro.

— Eu vou arrancar todos os dentes dele com um alicate!

—Eu te ajudo pai, mas vou aproveitar e cortar todas as pontas dos dedos dele. Não! Na verdade, vou amarrar esse desgraçado no para-choque do meu carro e

— Chega!— gritei, assuntando a todos. — Eu só quero tomar um banho, deitar na minha cama e tentar apagar esta droga de dia da minha memória.

Chloe se levantou e deu um abraço apertado em mim, emocionada, só para não variar.

— Cuide dela, João... Eu sei que com você, a Dili vai ficar bem — concluiu minha amiga.

Ele apenas suspirou e passou o braço por cima dos meus ombros.

Sem trocarmos uma palavra, entramos os dois no chuveiro. Ele sentou-se encostado na parede e eu me ajeitei entre as suas pernas. Permanecemos em silêncio enquanto ele ensaboava as minhas costas e também os meus cabelos.

Não houve erotismo, apenas cuidado, depois, deitamos frente a frente, olhos nos olhos e cada um de nós dançava com seus próprios fantasmas.

Pela manhã, quando acordei, ele já não estava mais na minha cama, de alguma maneira eu já esperava. Em tão pouco tempo um abismo se instaurou entre nós e eu senti isso em cada abraço, cada toque e até mesmo no jeito que ele me olhou na noite anterior.



— Dili! — Chloe correu até o portão assim que me ouviu chegando.— Saiu sem avisar...Ficamos preocupados. — Ela me abraçou.

—Eu fui até uma agência de viagens. —Abri a minha bolsa e tirei de lá uma passagem. — Vou voltar a Tampa.

O rosto de Chloe mudou, estava claro que ela se surpreendera com a notícia, uma vez que a previsão para meu retorno seria para dentro de um mês.

— Dili...Eu sei que vem passando por situações terríveis, mas

— Chloe.— Segurei-a pelos ombros, impedindo que continuasse com suas conclusões. — Eu pensei bastante e não tomei essa decisão de cabeça quente. A verdade é eu me perdi, desde que coloquei meus pés aqui em Arco Dourado eu não sei quem sou, quais são minhas verdadeiras vontades e isso é péssimo quando se tem quase trinta e três.

— E acha que fugindo vai resolver?

Puxei o ar e sorri.

— Não é uma fuga, eu só preciso de um tempo, um momento só meu, onde eu possa encarar as mudanças da minha vida sem influências. Desde que eu voltei, a história com o João tomou todo o meu tempo, mudou o meu foco...Tudo pelo que passei ontem me provou que eu não sei de mais nada. Estou no meio de um oceano, à deriva, só esperando pela próxima onda que vai me arrastar.

Chloe me abraçou.

— Espero que essa onda traga você de volta...

—Eu também espero...



Eu viajaria em quinze dias, esse seria o tempo necessário para terminar as tatuagens que eu tinha começado. Ainda naquele dia, Chloe e eu ligamos para todos os meus clientes e reorganizamos os horários.

Por mim, eu nem pisaria mais naquele estúdio, mas não dava tempo de encontrar outro espaço e eu precisava ser profissional com meus clientes.

Jeferson, um dos donos da Glowing, conversou comigo e disse que não tinha ideia das atitudes escusas do sócio, ou melhor, ex-sócio, já que a boate não funcionaria mais.

Então, segura por saber que Evandro permaneceria atrás das grades, aceitei atender por mais uns dias ali.

No fim daquele dia, depois de terminar duas tatuagens grandes, eu me sentia exausta, mesmo assim, decidi procurar por João e colocá-lo à par da minha viagem.

Fui direto para o clube, sabia que ele estaria lá, e na portaria descobri que ele treinava corrida. Quando cheguei na pista, deparei-me com um

grupo de jovens se alongando, enquanto o outro grupo corria em uma velocidade que eu nem achava ser possível para meros mortais.

João me viu antes que eu o encontrasse, ele conversava com o seu treinador enquanto seus olhos estavam em mim. Um minuto depois e ele caminhava sobre o gramado, de cabeça baixa, veio na minha direção.

— Não posso falar agora...Tenho que cumprir mais meia hora de treino — disse seco, com as mãos na cintura.

— Eu posso esperar.

João arfou e me encarou.

— Tudo bem, em quarenta minutos a encontro na lanchonete.

— Ok. — murmurei impactada com a sua frieza.

Com uma pontualidade britânica, quarenta minutos depois João Victor transpunha a lanchonete. De banho tomado e cabelos penteados para trás, carregava em uma das mãos uma mochila, enquanto a outra segurava seu aparelho celular.

Acenei para ele, que manteve a expressão dura enquanto se aproximava.

— Quer sair daqui?

Olhei em minha volta, e espalhadas pelas dezenas de mesas haviam poucas pessoas, todas concentradas em seus telefones e tablets, mesmo assim, achei melhor irmos a um lugar onde pudéssemos ficar a sós.

Depois de levantar-me, João e eu caminhamos lado a lado sem trocarmos uma palavra. No estacionamento ele abriu a porta do seu carro para eu entrar e quando ocupou seu lugar no banco do motorista, manteve os olhos fixos no volante e as mãos sobre o colo.

— O que devo esperar desta conversa? — perguntou ele.

— Da minha parte, uma trégua. Não quero partir deixando nossa história mal resolvida.

João virou o corpo todo para mim e pareceu desarmar-se.

— O que quer dizer com isso?

— João, eu estou voltando para Tampa dentro de alguns dias... — Encolhi os ombros.

Ele franziu o cenho.

— Não. Você não ficaria até o fim do Carnaval?

— Ficaria, mas muita coisa mudou e eu preciso me afastar para poder colocar minha cabeça em ordem, e me decidir, de uma vez por todas, quais rumos eu vou dar ao meu futuro.

— Escuta, Dili, eu nem gosto de imaginar como foi ontem para você...Juro que ainda vou acertar as minhas contas com o Evandro, mas ele não vai sair da cadeia tão cedo, eu me certifiquei disso.

—Não tem a ver com o Evandro, ou melhor, até tem, mas não é só isso...  
—Não conseguia me expressar.

— Então, existe o risco de você não voltar? — Ele cruzou os braços depois de um tempo calado.

— Eu já disse que não tenho nada definido — argumentei com honestidade.

— Aquele cara...Ele também é uma das razões dessa sua fuga? Tem medo de admitir que gosta dele? — questionou, sem me encarar.

— Eu não julgo você por pensar isso...O fato de eu ter ligado para ele na hora do desespero... Mas eu juro, eu não sinto nada pelo Pepa, nada além de um carinho pelo que vivemos no passado e

— Ele se separou para poder correr atrás de você. —João me interrompeu. Sua voz ganhou um tom mais alto e sua respiração ficou mais curta. — Ele se declarou para você, não foi?

— E se for? —Também aumentei a minha voz. —Acha que isso interferiria em nossa história?

—Temos uma história, Dili? Às vezes eu penso que esse mês não passou de uma brincadeira para você. O tempo todo foi cheio de oscilações, de querer e não querer, de estar e não estar e isso partiu de você, alguém que vive me cobrando maturidade.

— Tem razão, e mais uma vez eu vou pedir algo que talvez eu necessite trabalhar em mim. Eu preciso que você me entenda, me perdoe e se for possível, me espere.

— Te esperar? E como eu vou saber que depois que você organizar toda essa bagunça dentro de você, vai sobrar espaço para mim?

— E não estou te prometendo nada, como eu disse, eu preciso me encontrar e me entender, mas uma coisa eu posso garantir, você tem um lugar aqui — aponte para o centro do meu peito. — Eu só preciso saber qual é o tamanho dele.

— Não sabe o que significa para você? — Ele me encarou com decepção.

Olhei para fora da janela, o sol começava a se pôr e a paisagem alaranjada, junto da pergunta feita há segundos por João, trouxeram-me lembranças que eu pouco acessava.

— A primeira vez que eu fui à uma praia, foi na Florida, com a Chloe e seus pais. Quando souberam que eu nunca tinha visto o mar, eles fizeram questão de mudar isso. Partimos de carro ainda na madrugada rumo a Miami e eu me lembro de ter cochilado. Assim que eles anunciaram que estávamos chegando, meu coração acelerou, batia tão rápido que me preocupei. O sol nascia, eu desci do carro hipnotizada por aquela imensidão de água que mais parecia um espelho gigante, refletindo os poucos raios de sol. Caminhamos descalços pela areia clara e para mim, todas as sensações eram inéditas. Paramos bem onde as ondas quebravam e enquanto a família Silva corria para dentro da água, eu travei... Tudo era incrível e imaginar o quanto de vida existia naquelas profundezas me fez sorrir. O mar era lindo, intenso, vivo e eu podia fazer parte de tudo aquilo, mas dava medo... Por isso me limitei a ficar contemplando a paisagem e desejando que tal sensação fosse infinita — discursi sem ser interrompida por João, que ouvia tudo com atenção, seus olhos brilhavam, pareciam úmidos. — Com você vem sendo exatamente assim.

Ele puxou o ar, ensaiou um sorriso e desistiu no meio do caminho.

— Eu preciso pensar um pouco em tudo isso, porque para mim, Dili, as coisas são bem mais simples. É sim ou não, dois caminhos, duas escolhas e eu não entendo a razão de complicar.

— Seria mesmo muito mais fácil se na vida tivéssemos apenas duas opções para tudo, só que o tempo vai te mostrar que não é assim. Durante a caminhada as coisas ficam mais complicadas e temos que nos acostumar

que existe muito além de certo e errado, e, é nesse momento que uma pessoa pode ficar como eu estou...Um caos ambulante.

João manteve-se sério, ligou o carro e levou-me direto à minha casa. Despedimo-nos com frieza, e isso partiu dele. Eu sabia que vinha pedindo muito de alguém tão jovem e que seria bem provável que tanta complexidade, acabasse por desencantá-lo.

Meus pais já dormiam e a Chloe, como de costume, permanecia trancada no quarto do Diogo.

Inquieta e voltei à calçada, a rua vazia fazia minha solidão parecer maior. Sentei-me encostada no portão aproveitando do silêncio que parecia abrandar as vozes que gritavam dentro da minha cabeça.

Um tempo depois, e eu nem sei contar quanto, o som de passos mudou o meu foco. Virei a cabeça devagar e por cima dos meus ombros eu vi alguém se aproximando.

— Boa noite, Dili. — Pedro Paulo parou na minha frente. Ele segurava nas mãos uma pasta escura e sorria de um jeito desarmado.

— Boa noite — respondi sucinta e esgotada. Tudo o que eu não precisava era de mais confusão.

Ele se abaixou e não desgrudou os olhos estreitos dos meus.

— Eu só queria saber se você está bem.

— Vou ficar...

— Eu voltei em definitivo para a casa da minha mãe...Enquanto arrumava as minhas coisas, encontrei isto. —Ele estendeu a pasta para mim.

Segurando-a, ative-me a etiqueta que anunciava com letras rabiscadas: Pedro Paulo Riggo – 8°C. Não pude deixar de sorrir. Emoção e nostalgia me contagiavam enquanto eu folheava as páginas plásticas que guardavam os desenhos do Pepa e alguns meus também.

Eram personagens do *Street Fighter*, Cavaleiros dos Zodíaco e modelos de roupas que eu adorava criar.

— Deus! Eles estão em perfeitas condições...— exclamei depois de uma fungada.

— Sim, e eu nem sabia que os tinha.

—Você é bom nisso, Pedro Paulo. Nunca deveria ter parado de desenhar.

—Eu sei. — A voz parecia uma lamuria. — Mas para mim tinha perdido a graça.— Levantei meus olhos para ele e flagrei-o me encarando. — Hoje eu fiz uns rabiscos...Me sinto um tanto enferrujado, só que ainda assim saiu alguma coisa.

—Está aqui? —Aponte para a pasta.

Ele negou com a cabeça.

—Não. Eu tenho que trabalhar mais nele, então...

— Quando estiver pronto eu quero ver. Aposto que é algo relacionado a jogos de vídeo game. Acertei?

Ele jogou a cabeça para trás e riu deliberadamente.

— Errou. Mas fique tranquila...Quando eu terminar, faço questão da sua avaliação. — O rapaz esbarrou seu ombro no meu, e naquele momento parecia que havíamos, de fato, voltado no tempo.

Ele era o Pepa de antes e eu me senti a Dili, de dezesseis anos atrás.

— Nós vivemos bons momentos, não acha?

Olhei a minha volta e suspirei.

— Muitos...Os anos 90 foram fantásticos e eu sinto pena dessas gerações que nunca vão saber como era torturante esperar dias para ter um rolo de fotos reveladas, abrir o envelope e se dar conta de que das trinta e seis, apenas duas ficaram boas — disse em tom de escárnio e minha lembrança arrancou uma gargalhada genuína dele. —Agora falando sério...As músicas, os bailinhos de garagem, programas de tevê...Nada vai superar aquela época.

—Eu concordo! Raspar as panelas de doce com você, enquanto esperávamos para assistir aquele programa onde as pessoas tinham que encher carrinhos de compras num supermercado era muito bom.

—Você odiava o *Supermarket*! — ralhei com ele. —Só assistia, porque depois dele começavam aqueles programas de super-heróis japoneses, e eu era obrigada a vê-los com você.



—Nossa! Como eu gostaria de poder voltar no tempo. Se eu soubesse como seria o meu futuro eu teria feito tudo diferente — afirmou com pesar.

Virei meu corpo todo para o Pepa e abracei as minhas pernas.

— Acho que a graça da vida é exatamente essa...Fazer as coisas sem ter certeza dos resultados, viver sem ter ideia do que encontraremos lá na frente. Isso é desafiador e mesmo quando pensamos estar no controle, a vida dá um jeito de mostrar que não. —Olhei para o céu e depois para o Pepa. —Eu não mudaria nada.

—Já eu, sim. Se pudesse voltar no tempo eu não deixaria você ganhar o concurso de desenho, assim você não teria partido. —Ele fixou os olhos nos meus como se quisesse ler meus pensamentos.

—Eu partiria de qualquer jeito. Precisava ir embora, se continuasse aqui, seria infeliz; por mais que eu tenha vivido bons momentos, eu odiava a minha vida e as perspectivas do que ela parecia me reservar aqui em Arco Dourado.

— Nossa, eu achei que...Ainda pensa assim, Dili? Acha que os dezesseis anos que passou aqui foram tão ruins?

Neguei com a cabeça automaticamente.

—Não é isso. Hoje eu consigo ver que, apesar de ter sido atormentada pela minha prima, todo o resto valeu a pena, só que não bastava, eu precisava das experiências que vivi, e que aqui eu não as teria. O fato é que essas recordações me serviram de pilares, foram elas que me deram forças para ficar lá.

— Espero estar incluso nessas recordações de um jeito bom. —Ele lançou-me um sorriso torto e outra vez deu um jeito de esbarrar em mim.

— Se lembra de quando aquela empresa de cosméticos desovou uma carga de maquiagens vencidas no terreno baldio?

— Claro que me lembro. Você pegou um punhado de coisas e me fez dar de presente para a Sabrina.

Joguei a cabeça para trás enquanto gargalhava.

—Foi no aniversário de quinze anos da peste! Eu nunca vou me esquecer de como os olhos e os lábios dela ficaram inchados por causa dos cosméticos estragados.

— Ela quis nos matar.

— Eu não me lembro a razão, mas sei que ela mereceu.—Levantei-me.  
—Eu vou entrar. Amanhã acordo cedo...Tenho peles para tatuar o dia todo.

Ele não escondeu a decepção, recolheu a pasta e segurando-a em uma das mãos parou de frente para mim.

— Nos vemos, então...Somos vizinhos de novo.

— É, somos.

Muito sem jeito ele se inclinou para um beijo de despedida, e ainda que eu achasse melhor repeli-lo, permiti que beijasse meu rosto.



*Adoletá*



## 17 –Adoletá

Uma manhã agitada, onde o motor das minhas máquinas, bem como as minhas mãos pouco pararam, era tudo o que eu precisava para manter minha mente ocupada.

—Vou te fazer uma pergunta e quero que seja sincera. —  
Chloe debruçou no balcão e estreitou os olhos de um jeito desafiador.

Terminei de limpar a mesa onde eu derrubara um pouco de tinta preta e encarei-a, pronta para o golpe.

— Anda! Pergunta logo.

— Ficou mexida pelo Pepo?

Eu já imaginava que esse seria teor da sua pergunta, por isso não hesitei em respondê-la.

—Não. Eu não fiquei nem um pouco mexida pelo PEPA. —  
Continuei arrumando a mesa. — O Pedro Paulo fez parte do meu passado e é bom mantermos esse contato.

—Hum... — ela gemeu sem parecer muito convencida.

— Aproveita a sua desocupação e verifique pra mim, daqui a quanto tempo é a minha próxima pele.

Chloe folheou a agenda de imediato.

—Daqui a uma hora e meia você tem a Carla, aquela amiga da garota que tatuou a sereia. É sua última cliente de hoje.

— Então vou comprar alguma porcaria para eu mastigar, e algo bem saudável pra você comer — avisei, caminhando até o banheiro onde estava a minha bolsa, peguei a carteira e enfiei-a no bolso da minha calça.

— Já basta o seu irmão pensando que eu sou um macaco...Por ele, eu só me alimento de frutas e verduras.

— Tem um bebê dentro da sua barriga. — Debrucei no balcão e apertei suas bochechas. — E não é qualquer bebê, é o meu sobrinho, portanto, precisa mesmo se cuidar.

Ela me mostrou a língua como uma garotinha birrenta, depois, nós duas rimos.

— Quer que eu vá junto?

—Não. Eu só vou até a padaria...Volto em dez minutos — gritei da porta.

O sol do meio dia queimava com toda a sua potência. Cogitei, depois de alguns passos, voltar ao estúdio e pegar meus óculos escuros, uma vez que a claridade excessiva incomodava meus olhos.

Antes que eu pudesse me decidir, um carro parou bem na posição de onde eu estava, o motorista desligou o motor e abriu a porta, tudo isso em uma fração de segundos.

— João Victor... — Deixei seu nome escapar dos meus lábios como uma prece.

— Diana Lima... —Ele caminhou até mim com um charme totalmente dispensável.

De calça jeans escura e camisa social xadrez, parecia estar vestido para uma ocasião mais formal

— Depois de ontem, daquela despedida vinda direto do Polo Norte, achei que não fôssemos nos ver tão cedo. — Fingi desdém.

Ele parou bem perto de mim, tirou os óculos de sol e segurou-os em uma das mãos. Os olhos *cor deavelã* pareciam mais claros e irresistíveis.

*“Filho da mãe! Precisa ser tão sexy?”*

— Eu também achei, mas agora, com o desgraçado do Evandro fora de cena, precisamos rever a questão dos patrocínios e o Jeferson parece que vai continuar colaborando, então eu precisei vir até aqui...

—Ah... — Murchei com a revelação. — Então não veio por minha causa? —Sequer tentei esconder minha frustração.

João coçou o queixo desviando seu olhar do meu. Cruzou os braços e voltou a encarar-me com a testa franzida.

— Essa reunião era para acontecer num restaurante no centro, só que eu sugeri que fosse na boate, assim eu teria um pretexto para te ver.

— Eu... A...Não... — Comecei a abrir e fechar a boca sem conseguir formular uma frase.

— Dili, eu vim até aqui para te dizer duas coisas: A primeira, é que eu vou te esperar. Eu pensei e repensei tudo o que conversamos e cheguei à conclusão de que prefiro que viaje me deixando um fio de esperança aonde eu possa me agarrar, do que ficar aqui sem nada. — Ele encurtou nossa distância com dois passos e seus braços alcançaram minha cintura. João puxou-me contra seu corpo e eu gostei.

— Sei que... —Ele tocou meus lábios, impedindo que eu continuasse falando.

—Vá pra Tampa, tenha seu tempo e quando estiver pronta, volte pra mim. Eu vou estar aqui, não esse mar agitado como você me classificou, e sim, um lago calmo, onde você pode mergulhar sem medo.

Puxei o ar e respirei seu perfume, embriagando-me com seu cheiro.

—Você nunca será água calma...você é um maremoto e por isso me encanta. —Acaricieei seu rosto, e Deus! Como eu gostava dele.

—Eu te amo, Dili. —Sua voz rouca chegou aos meus ouvidos, antes que seus lábios tocassem os meus.

Nós nos beijamos e ainda que fizesse apenas dois dias desde a última vez que sentira seu gosto, meu corpo reagiu como se fosse muito mais.

—Você é encrenca, João. Eu soube disso na primeira vez que o vi — retruquei, perdida em seu abraço.

— Que maldade! Como pôde pensar isso de um garotinho de três anos de idade?

—Bobo! Refiro-me ao presente, quando me seduziu na fila do clube.

—Ah, agora eu entendi. Já comigo foi diferente; naquela noite, quando você entrou na minha frente e depois se virou pra mim... Assim que me deparei com seus olhos coloridos...Eu soube que você seria a solução. Ali eu consegui imaginar como seria nossa vida juntos. Namoro, casamento, filhos...E não necessariamente nessa ordem.

— Sabe que eu não estou te prometendo nada, não sabe? — Emoldurei seu rosto com as minhas mãos e achei necessária a ressalva.

Ele ergueu uma das sobrancelhas e deu um sorriso torto.

— Não conhece bem a dona Marian. Ela nunca me deixou a creditar em Papai Noel, Coelho da Páscoa, Fada do Dente, portanto, sou bom nessa coisa de não criar falsas expectativas. Eu costumo trabalhar com oportunidades reais e quando eu as tenho assim, nos meus braços, eu sei quais são as minhas chances. Neste momento estou bem satisfeito com elas.

— Convencido!

—Tenho que ser. Essa é uma das principais características de um bom atleta...Confiança, acreditar em si mesmo.

— E essa reunião? Parece ser importante, já que você está todo bem-vestido.

João roubou um beijo rápido e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Pode resultar num patrocínio dos grandes! —Ele arregalou os olhos.

— Hum...Eu quase tinha me esquecido que estou flertando com um atleta olímpico.

— Pois é... — João sorriu, daquele jeito que formava covinhas nas bochechas. — E por falar em patrocínio, o que acha de assumir uma cota? No pacote inclui a sua logomarca na minha camiseta, boné e também em todo o material publicitário que será veiculado durante a campanha das olimpíadas.

— *Ink Sky Tattoo*, patrocinando João Victor Dellawin? Parece bom. Qual seria o meu investimento?

Ele olhou para cima como se analisasse a pergunta.

— Seria um contrato vitalício...Beijos e abraços ilimitados por todos os dias, além de... — ele lançou-me um olhar lascivo e eu entendi qual seria a próxima exigência.

— Safado! — Dei um tapa em seu braço. — Confesso que a proposta, embora indecente, me parece atrativa. Prometo que vou pensar, mas por hora, desejo que a sua reunião renda bons frutos.

João olhou para o relógio em seu pulso e fez uma careta.

— Já estou atrasado! — Outro beijo e ele se afastou. — Torça mesmo por mim, esses patrocínios serão essenciais para o nosso futuro e para o futuro dos nossos filhos — gritou ele, enquanto recolocava os óculos escuros.

Permaneci parada, apenas olhando-o caminhar. João era mesmo irresistível. Em todos os sentidos.



Eu sei que demorei, mas é porque eu encontrei o João Victor quando eu saía daqui, e você já sabe... — Comecei a falar enquanto colocava as sacolas com as compras sobre a minha mesa.

—Pelo jeito se acertaram.Você está radiante!

Cobri meu rosto com as mãos e me joguei em uma das poltronas.

— Sim, ou melhor, não. Eu sei lá Chloe, ele disse que vai me esperar, que não importa o quando eu demore. Ele tem tanta convicção de que eu...Bem, de que eu

— De que você o ama — ela interveio irritada. — Amor. Essa palavrinha simples é tão linda, que basta começar a usá-la e quando se der



conta, ela sai com naturalidade.

— Comigo não funciona assim...Ao contrário do que disse, tudo na minha vida parece piorar. É como se eu estivesse submersa em areia movediça...Quanto mais eu me mexo, mais afundo.

— Então deixa eu te dar um empurrãozinho. — Chloe foi para trás do balcão e voltou com um papel nas mãos. — Deixaram isto para você, e não é uma possível tatuagem...A menos que você queira colocá-lo na sua pele.

Tomei a folha para mim e reconheci a imagem. Aquele era o desenho que o Pedro Paulo fizera para concorrer ao concurso de artes.

—Deus! Eu não me lembrava que era tão bonito. Não me diga que...

— O Pepa esteve aqui, logo depois que você saiu, e agora, sabendo que o João também, consigo entender a razão da carinha de cachorro abandonado que vi no seu amigo.

Fechei meus olhos, minha cabeça girava e a impressão que eu tinha era a de estar em uma montanha russa cheia de loopings.

— Ele deve ter me visto aos beijos com o João, e talvez tenha sido bom, eu não quero, em hipótese alguma, que o Pedro Paulo alimente ideias de que...

— Confesso que agora eu fiquei com peninha dele. O cara parecia outra pessoa, ele em nada lembrava aquele PEPA, amargurado que conheci.

— Realmente o Pep...Espera aí, reparou que você finalmente o chamou pelo apelido certo?

Chloe riu com a cara dentro das sacolas trazidas por mim.

— Ele me corrigiu umas dez vezes, me sinto na obrigação de chamá-lo de Pepa, agora.

— Engraçado que eu passei uma vida corrigindo você, e nada!  
— Ela deu com os ombros e pôs-se a devorar a salada de frutas que eu comprara.

Mais tarde, depois de um longo banho, resolvi me deitar mais cedo. Meu maior desejo era fechar os olhos e dormir de imediato, desligar um pouco a minha mente que parecia estar entrando em curto circuito, no entanto, como se o destino quisesse me dar o golpe final, João me ligou para avisar sobre uma viagem que ele faria ao Rio de Janeiro, e que o tiraria da cidade por cinco dias, portanto, eu podia considerar a experiência como uma amostra grátis de como eu me sentiria longe dele.



*Dança das  
Ladeiras*

## 18 – Dança das cadeiras

—Você tem consciência de que só vai fazer essa viagem porque é uma controladora compulsiva? Essa sua teimosia serve apenas para provar a si mesma que você está no comando da sua vida.

Eu terminava de arrumar as minhas malas e revirava os olhos a cada opinião dada por Chloe.

— Não se trata de teimosia, eu realmente preciso respirar longe desse iceberg de emoções. Arco Dourado parece um campo minado, um lugar onde eu tenho que calcular cada passo e estudar para não pisar sobre uma bomba.

Chloe levantou-se da cama com um dedo apontado para mim.

— Viu só? Acabou de admitir que isso é uma fuga!

— Claro que não — retruquei.

— Dili, você não pode fugir todas as vezes que sua vida se complica, às vezes é preciso encarar seus problemas de frente e aceitar o que o destino te reserva.

— E o que o destino me reserva? — Cruzei meus braços, contrariada com tantas acusações.

—Eu não sei, você não sabe, aliás, ninguém controla isso. A vida não é um filme que segue um script, e hoje, depois do que houve comigo, eu posso garantir que é mais fácil relaxar e viver, aproveitando cada segundo do que te é oferecido — ela discursou com uma seriedade que não parecia ser dela.

Dei um passo à frente e com meus polegares puxei suas pálpebras inferiores, depois, fingi verificar se ela estava febril, encostando as costas da minha mão em sua testa.

— Ok! Eu sei de tudo...Um extraterrestre habitou o corpo da minha amiga, igual naquele filme dos homens de preto. — Segurei-a pelos ombros.

— Idiota! — ela ralhou comigo e fez uma careta.

—Deus! Devolva a minha amiga...Eu quero ter de volta aquela Chloe que invertia todos os ditados populares e que tinha tiques nervosos. Essa não é a minha melhor amiga! — choraminguei, ao mesmo tempo em que andava de um lado para o outro do meu quarto.

— Deveria começar a levar a sério os meus conselhos. Eu vou ser mãe, me sinto mais madura e mais observadora. Faz três dias que o garotão viajou e você é a cara da depressão, você murchou como uma planta sem água.

Puxei o ar e mesmo fingindo levar na brincadeira, no fundo eu sabia que a Chloe tinha razão em quase tudo o que tinha me dito.

— Será que pode deixar essa coisa de conselheira amorosa de lado e ir atender o portão? — pedi ao ouvir a campainha.

— Se for o Pepa, eu deixo entrar?

—Por que ele viria?

Chloe ergueu as sobrancelhas e antes de uma conclusão girou nos calcanhares e rumou à garagem. Menos de um minuto depois ela estava de volta, no rosto a expressão de quem encontrou o boneco Chuck caminhando pela casa.

— O que foi? Parece que viu assombração.

— Quase isso...A sua prima Sabrina quer falar com você — ela sussurrou.

Soltei o casaco que eu tentava dobrar de um jeito que ocupasse menos espaço na bagagem e senti meu sangue gelar.

—Que droga! O que ela pode estar querendo comigo?

Chloe deu com os ombros.

—Deixo entrar?

—Deixa — decidi-me em um rompante e permaneci petrificada, oca, livre de qualquer sensação. Então, quando a vi cruzando a porta e se colocando de frente para mim, tive medo de não conseguir segurar todos aqueles anos de mágoas guardadas. Por isso, tudo o que eu precisava pensar era que Sabrina estava grávida, e eu teria de ser cuidadosa.

De jardineira jeans e chinelos que exibiam seus pés bastante inchados, a mulher diante de mim sequer possuía nuances da Sabrina ácida que habitava as minhas memórias.

— A casa ficou muito bonita, e este quarto — ela olhou ao seu redor —, parece aqueles dos filmes que assistíamos.

Franzi a testa, alarmada.

— É a primeira vez que entra aqui? — indaguei confusa.

Ela juntou as mãos na frente do corpo e sorriu muito sem graça.

— Eu nunca quis vir...O máximo que cheguei foi até a garagem.

— Hum... — Ergui as sobrancelhas. Eu entedia o seu desdém, era mesmo a cara da Sabrina evitar o que podia incomodá-la.

— Eu soube que você está de partida e por isso resolvi vir até aqui. Da primeira vez que você viajou nós nem nos despedimos e ficaram tantos assuntos pendentes.

— É, eu acho que estávamos magoadas uma com a outra, então... — Limitei-me em dizer. Eu realmente escolhia as palavras antes de soltá-las e isso era novo para mim.

— Posso me sentar? — Ela apontou para a poltrona.

—Claro. — Tirei uma almofada que ocupava o lugar e sinalizei para que ela se acomodasse.

— A história do vestido...E da agenda que eu roubei...— Ela fez uma careta.

— Quanto ao vestido, eu te devo um pedido de desculpas. Confesso que passei esses dezesseis anos acreditando que tinha sido você quem desapareceu com ele.

Sabrina moveu a cabeça de um lado para o outro.

— Se formos levar em conta o meu histórico de maldades, você teve toda a razão por atribuir essa culpa a mim.

— Sim, mas agora zerou...Desta vez eu vou partir mais leve, pode ter certeza.

— Que bom, mas o que mais me incomoda é pensar que poderia ter sido tão diferente. Deveríamos ter sido amigas, no entanto, eu só conseguia te enxergar como uma rival.

— Isso eu não entendo...Você sempre teve tudo melhor do que eu. As roupas da moda, uma coleção de melissas, os brinquedos mais caros...

— E ainda assim você sempre se destacou. Sempre chamou mais a atenção, por sua inteligência, por seu talento com os desenhos. —Ela estalou a boca. —Sabia que meus pais chegaram a me matricular uma escola de artes e também em um curso de inglês, logo depois que você partiu?

Neguei com a cabeça.

— Confesso que eu não perguntava sobre você. Eu não me interessava. — Fui honesta.

—Já eu, sempre quis saber como estava sendo sua vida lá fora. Eu enchia ao saco do seu irmão e também do Pedro Paulo.

— Por isso se aproximaram? — perguntei, sem saber que eu era dona dessa curiosidade.

— Mais ou menos. Acaba que você deixou um buraco aqui em Arco Dourado. Sem você, eu não tinha mais com quem competir e de repente as roupas novas e tudo mais o que eu comprava para me exibir, acabou perdendo a graça; já o Pedro Paulo parecia uma barata tonta sem você. Eu cavei essa aproximação, era como se eu quisesse te provocar, mesmo de longe... E deu no que deu.

— Eu sempre achei que você me odiava e que tinha ficado feliz com a minha partida.

— Nunca foi ódio... No fundo eu tinha uma admiração tão grande que sei lá... O fato foi que de todo o mal que eu te fiz, o pior deles foi ter me metido entre você e o Pedro Paulo.

— O dia que manchou de meu vestido de primeira comunhão também foi bem cruel. Eu olho para aquelas fotos e me vejo de jeans e camiseta por

sua culpa. — Tentei diluir o clima de conversa séria.

— Foi. Mas engravidar do cara que sempre foi perdidamente apaixonado por você, consegue superar isso e todas as outras coisas.

Deixei meus olhos se perderem em algum ponto atrás da poltrona.

— O Pepa e eu...Nunca teria sido como o Jhonny e a Baby. Não seríamos “*o casal*”.

— Quem é que sabe? Esses dias, sem querer, eu os vi na calçada. Foi como voltar no tempo e vê-los juntos me causou uma espécie de remorso.

—Não fique. —Balancei as mãos. —Eu juro que isso ficou bem resolvido dentro de mim... Eu não sou o tipo de garota que teria um amor por toda a vida. Sou inquieta e já me conformei com a minha vida amorosa desastrosa.

— Já pensou que pode ser exatamente assim, porque você não está com a pessoa certa? Dili, eu sei que ouvir conselhos meus é a última coisa que você pode querer na vida, mas eu me sinto na obrigação de dizer isso: O Pedro Paulo nunca te esqueceu, e se o que os impede de tentar tem algo a ver comigo, com o fato de termos uma filha, eu posso garantir que não, eu nunca veria isso como uma afronta ou ainda como provocação.

—Não se trata disso... Só que eu... — interrompi-me caindo em mim. Era mesmo muito estranho os rumos que aquela conversa estava tomando e se continuássemos, em pouco tempo eu estaria me abrindo com ela, como se fossemos grandes amigas.

— Esse é outro assunto que eu preciso abordar. —Ela crispou os lábios como quem está prestes a revelar um segredo. — Seu envolvimento, ou namoro, sei lá, com o Tor, só diz respeito a vocês, e eu agi como uma idiota naquele dia em que discutimos, mas eu vi a minha filha aos prantos e meu extinto materno falou mais alto.

— Tudo bem, o que me disse naquele dia, sobre diferença de idade, é algo que eu preciso me acostumar caso...— pigarreei.

— Pra ser honesta, eu não penso nada daquilo... Meu marido é cinco anos mais novo do que eu.

— Cinco? Não é tão ruim.



Ela inclinou a cabeça para o lado e se levantou fazendo uma careta, a impressão que eu tinha era a de que aquela barriga pesava uma tonelada.

— A Débora, e acho que noventa por cento das garotas desta cidade, veem no Tor um ídolo, tipo as garotas da nossa época com o Bon Jovi; a diferença é que ele convive conosco, passeia por essas ruas, frequenta o mesmo clube e isso dá a essas meninas a ilusão de que ele pode mesmo se interessar por uma delas.

— Eu entendo. — Ensaiei um sorriso.

Ficamos nos entreolhando por alguns segundos. Deveríamos ter nos abraçado e aos prantos selado a paz? Seria bonito, perfeito para uma cena de novela, mas na vida real é bem mais difícil.

— Eu estou de mudança...Depois do que eu soube da minha mãe, eu não vejo como podemos continuar convivendo na mesma casa.

— Eu...Eu nem sei o que dizer quanto a isso — justifiquei, expondo todo o desconforto que aquele assunto me causava.

— Não vou para muito longe, eu consegui alugar uma casa no bairro vizinho, e acho que vai ser bom eu viver essa experiência. Um canto só meu, a chegada do bebê...

— Vai sim.

— Bom, então, boa viagem e espero que não demore mais dezesseis anos pra voltar... — ela disse já na porta.

— Não vou. — Eu sorri, e foi o máximo que consegui fazer.



Claro que a conversa com a Sabrina havia mexido comigo. Arrisquei em dizer que de todos as arestas aparadas no meu retorno, saber como ela se sentia sobre mim, ouvir suas desculpas e confissões, acabou sendo o mais impactante.

Eu viajaria no dia seguinte, me sentia estranha e quando João ligou avisando que estava de volta e que queria me ver, eu deixei minha armadura de lado e praticamente implorei para que ele não demorasse.

Assim que ele parou o carro em frente à minha casa, eu corri ao seu encontro e me afundei em seu abraço.

— Eu senti a sua falta — murmurei em seus lábios, meus olhos ainda fechados depois de um beijo longo, e eu apenas queria tê-lo perto de mim.

— Também senti. — João apertou-me com força. Contra seu peito, era possível ouvir os batimentos acelerados e ele parecia mais sério do que de costume. — Posso te fazer um pedido?

Relutante, afastei-me um pouco, acreditando saber o que ele diria.

— João... Eu já te expliquei, e

— Hey! — Ele tocou meus lábios com a ponta dos dedos. — Não é nada do que você está pensando. Eu só quero pedir que quando entrarmos dentro daquele carro, a sua viagem, a nossa distância e todo esse clima de despedida sejam deixados do lado de fora. Eu quero ter uma noite normal, algo que eu possa guardar como um retrato. Acha que pode fazer isso?

*“Não posso, afinal, eu olho pra você e só consigo me sentir uma idiota por ter tanto medo.”*

— Acho que podemos tentar. — Disfarcei meu verdadeiro estado.

João abraçou-me outra vez, foi até o lado do passageiro e abriu a porta para que eu entrasse. Quando ambos estávamos acomodados, ele puxou a minha mão e colocou-a sobre a sua perna, acariciando meus dedos com os seus.

— Durante esses cinco dias que estive fora, eu pensei muito em como eu poderia surpreendê-la, no que eu podia fazer para te dar uma noite inesquecível e diferente. Mas uma mulher como você, que já viveu tantas experiências, acaba tornado isso numa missão quase impossível.

— Bobo... De qualquer maneira, pode me dizer algumas das coisas que cogitou? — Ri, enquanto aflagava seus cabelos.

— Pensei em uma serenata e também em um daqueles carros de loucuras. — Ele fez uma careta. — Cogitei um daqueles pequenos aviões

que puxam uma faixa e depois de achar tudo isso uma grande porcaria, eu liguei pra sua amiga e pedi uns conselhos.

— Ligou pra Chloe?

Ele assentiu com a cabeça.

— Ela me disse que se eu conseguisse contratar o Bon Jovi para fazer um show particular para você, talvez eu ganhasse uns pontos.

Cobri meu rosto com as mãos, sem acreditar que João tinha de fato conversado sobre aquilo com a Chloe.

— Essa garota deveria ser minha amiga, mas dia após dia ela se mostra uma grande traidora.

—Não, muito pelo contrário... —João arrancou com o carro. — Ela me ajudou muito com as dicas que me deu.

—Imagino! Eu morro de medo de quando ela abre a boca...A Chloe é a falta de noção em pessoa.

João balançou a cabeça em uma negativa.

— É verdade que você desmaiou quando conheceu o cara?

— Eu não acredito que ela te contou isso! Desgraçada! — Senti meu rosto ferver.

João olhou para mim, nos lábios um sorriso maroto, como alguém que está prestes a fazer uma piada.

— Dili...Eu não imaginava que

—Cala a boca João! —Tive que interrompê-lo. — Você tem ideia do que é ficar cara a cara com uma pessoa que você só vê pela tevê e revistas? Sem contar que eu passei a minha adolescência inteira nutrindo uma paixão platônica por ele.

— E quando finalmente o conhece... Pá! Desaba nos pés dele... — João riu alto.

— Quer saber? Foi isso mesmo, eu tinha um minuto para ficar no camarim e eu apaguei!— Choringuei revivendo aquela lembrança. —Eu deixei com os seguranças um vale-tattoo pra ele com um bilhete... O Bon

Jovi nunca apareceu no meu estúdio, portanto, eu não sei se ele chegou a receber ou se me ignorou mesmo.

— E continua sendo fã dele?

— Claro! — respondi, sem titubear.

— Que bom...Porque eu passei esse últimos dias tendo uma overdose desse cara. —Ele ligou o rádio. — Gravei este CD. Eu até tentei negociar uma vinda dele até Arco Dourado, mas ele é bastante ocupado.

Enquanto a introdução de bateria tocava, e a voz rouca cantarolava Always, eu olhei para o João com encantamento.

— Conseguiu...Se queria fazer algo inédito, conseguiu. Nunca gravaram um CD com as minhas músicas preferidas.

João esticou o braço, segurou a minha mão e levou até seus lábios, beijando-a com delicadeza e carinho.

— Não acabou. Eu vou te levar a um lugar que eu tenho certeza que você não deve conhecer. Ao menos não como ele é hoje.

Nesse momento, passávamos em frete ao clube, João entrou na rua paralela que dava acesso a uma estrada estreita de pedregulhos, era íngreme e de fato eu não conseguia me lembrar de ter estado ali nenhuma outra vez.

— E então? — perguntou ele, ao estacionar o carro em uma área grande e descampada.

Desfilei o cinto de segurança e coloquei a minha cabeça para fora da janela.

— Faz fundo com o clube —disse, notando o grande prédio atrás de mim.

João não me respondeu nada, apenas abriu a porta e desceu, passou pela frente do carro e parou do meu lado.

—Vem. —Ele segurou a minha mão para que eu descesse também. — Aposto que você nunca parou para pensar porque esta cidade tem o nome de Arco Dourado, acertei?

Olhei para o céu e uma lua enorme clareava a noite, a temperatura alta era abrandada pela brisa que soprava gentil e discreta, no entanto, era o bastante para chacoalhar os meus cabelos.

— Eu não sei... —Encolhi os meus ombros depois de responder.

João entrelaçou seus dedos nos meus e pôs-se a caminhar pelo gramado. Toras grossas de madeira enfiadas na terra e unidas por correntes, formavam uma barreira de proteção no entorno de toda a área.

Ao chegar na beirada, pude contemplar uma vista incrível. Bem a nossa frente, um lago assimétrico, parecia ser feito de prata líquida. Ladeado por uma mata alta, de cima, onde estávamos, a visão era panorâmica.

— Eu nunca imaginei que tínhamos isso tão perto de casa...Nem este espaço, nem aquele lago...

João colocou seus braços sobre os meus ombros e me puxou para mais perto.

— Este terreno é uma espécie de estacionamento do clube, pra quando eles têm eventos maiores. Antes isso era um matagal, o lago só pôde ser visto, justamente porque eles mexeram . De manhã, quando o sol começa a nascer, o reflexo nas águas forma uma espécie de arco-íris amarelado...Por isso, Arco Dourado.

— Parabéns, João Victor Dellawin, você conseguiu mesmo me surpreender, tanto pela aula de história, quanto por todo o resto. —Virei-me de frente para ele, meus braços contornaram seu pescoço e nossos olhos se alinharam.

— Só que o CD e este lugar, são apenas parte de um todo...Minha intenção é ter o máximo destes últimos momentos com você. —Ele olhou para cima depois de me roubar um beijo rápido. —Eu quero deitar você em uma cama de rosas, porque mais tarde eu vou dormir sobre uma cama de pregos...

Juntei as sobrancelhas sem acreditar no que acabava de ouvir.

— *Bed of roses...*Uma das minhas preferidas — sussurrei entorpecida.

— Eu sei. E achei esse trecho bem providencial... ou adequado. —Ele soltou-se de mim e enfiou a mão no bolso da calça. —Mas essa aqui. — Ele apontou um pequeno controle remoto na direção do carro — *Never say goodbye*, essa sim parece a trilha perfeita para nós dois.

— Não faz isso comigo. — Afundei meu rosto em seu peito. — Não torne mais difícil algo que já é bem complicado.

— Dili, eu sei...E ainda que esteja partindo amanhã, independente de quanto seja o tempo que leve pra voltar, esses momentos vão nos manter ligados...Por isso eu quero uma dança sob o luar, ao som de uma canção que eu jamais imaginei que ouviria, e pior, que gostaria, tendo em meus abraços a mulher que eu amo, a mulher que eu quero pra mim, pelo resto da minha vida.

— Você faz tudo parecer tão fácil — reclamei ao mesmo tempo em que lágrimas insistentes se formavam nos cantos dos meus olhos. — Tem ideia de que se o contexto dessa história fosse outro, eu estaria me ajoelhando aqui e o pedindo em casamento?

Ele colou sua testa na minha.

— Que contexto, Dili? E não vem me dizer que são os treze anos de diferença, porque essa desculpa eu não vou aceitar.

— Treze anos...Parece vazio quando é dito assim, mas o fato de eu estar dando o meu primeiro beijo de língua enquanto você acabava de vir ao mundo, coloca muita coisa entre nós.

— Eu não me importo.

— Agora não se importa, mas se eu abandonar a vida que eu construí em Tampa e voltar a viver aqui, vou estar, de um jeito ou de outro, colocando uma grande carga nas suas costas e pode acreditar, lá na frente ela pode se tornar muito pesado.

— Nenhum relacionamento vem com garantias. Pense nisso Diana Lima. — Sua voz saiu embriagada, ele fechou os olhos, envolveu minha cintura e sugou meus lábios.

Não consegui sufocar o meu choro, era estranho, mas eu me sentia à vontade para mostrar-me fragilizada. Quando me acalmei, ou tentei, nós dançamos, exatamente como ele me sugeriu, depois, nos amamos no banco de trás do seu carro e eu quis esperar o nascer do sol para ver se o que ele tinha me dito antes era mesmo verdade.

Era.

— Muito obrigada... — agradei antes de sairmos dali.



*Jogo da  
Vida*



## 19 – Jogo da Vida

Eu odiava despedidas, e tudo bem que a maioria das pessoas diz isso, só que no meu caso não era apenas uma força de expressão. Era físico, patológico até.

Falta de ar, estômago enjoado e meu coração batendo como se eu participasse de uma maratona.

Na sala, duas, das três malas que eu trouxera, pareciam símbolos de tortura. A Chloe, assim como o meu irmão e os meus pais, olhavam para elas como se fossem as culpadas pela minha partida.

João me esperava do lado de fora da minha casa, ele fez questão de me levar até o aeroporto que ficava na cidade vizinha, a cerca de uma hora de distância.

Dezesseis anos antes, quando eu ainda era uma menina cheia de sonhos, quando eu sequer imaginava o que me esperava quando o avião pousasse em um país desconhecido por mim, por mais desafiador e até assustador que parecesse, e ainda assim eu não me recordava de sentir nem um terço do pânico e da tristeza que me assolavam naquele início de tarde.

Deveria ser mais fácil dizer adeus na segunda vez, afinal, eu poderia voltar quando quisesse, eu tinha total autonomia, diferente de quando fiz a viagem com a Simone. Era para ter sido menos doloroso abraçar a minha mãe e ouvi-la pedir para que eu não demorasse, e também, despedir-me do meu pai sem o peso de um segredo sórdido. E o Diogo? Era quase que incompreensível a conexão que aquele pouco mais de um mês tinha criado em nós, então, vê-lo enxugando as lágrimas sem nenhuma descrição, depois de me desejar uma boa viagem, foi como ter uma faca atravessando meu peito.



—Chloe... — Afundei a cabeça em seus ombros e enquanto seu corpo balançava por culpa do seu choro copioso, eu tentava não fazer igual.

—Não precisa ser desse jeito, Dili... — murmurou ela, com a voz entrecortada.

— Não fique assim. —Coloquei a mão sobre a sua barriga. —Precisa segurar a emoção, pense nesse bebê. Não quero que ele seja uma manteiga derretida.

Chloe não respondeu, depois de algumas fungadas seguidas ela me abraçou outra vez, fazendo um esforço muito grande para interromper suas lágrimas.

— Diga aos pais dela que eu sou um bom rapaz. — Diogo tentou descontraír.

— É meu irmão. Isso já credita a você uma boa impressão.

Meu pai pegou uma das malas e Diogo outra, João ajudou-os a colocá-las dentro do porta-malas. Abracei outra vez cada um deles e meu coração parecia perder pedaços a cada adeus.

Quando o carro partiu, eu mantive meus olhos fixos nos meus pés. Eu não quis olhar pelo retrovisor, muito menos encarar o rapaz do meu lado; ainda que de soslaio eu podia ver seu rosto sério, o queixo trincado e a impaciência impressa em cada gesto seu.

— Se quiser ligar o rádio...Seu CD ainda está aí — ele avisou, assim que paramos no primeiro pedágio.

— Prefiro não ter uma trilha sonora para isso, mas se deixar, vou levar o CD comigo.

— Claro, ele é seu. —João apertou um botão no painel e ejetou o disquinho prateado, colocou-o em um envelope e me entregou.

Abri minha bolsa e o guardei dentro dela.

— Sempre quis fazer uma seleção dessas.

— Hum — murmurou sem vontade.

Outra vez ficamos quietos e eu morria de medo de dizer alguma coisa que piorasse o clima tenso que parecia crescente e dominante dentro daquele carro.

— Não vou poder ficar com você até a hora do embarque. Eu preciso estar de volta antes das cinco horas.

— Tudo bem, eu disse que não precisava me trazer, eu poderia perfeitamente ter vindo de táxi.

— Imagina, eu não perderia a chance de ficar mais esse tempo com você. — João tocou a minha mão e tão simples ato, serviu como um bálsamo para minha tormenta.

A impressão que eu tinha era a de que ele traçava uma luta interna, de que se dividia entre fingir que me entendia e sentir raiva da minha decisão.

Já no aeroporto, depois de nos valermos daquelas conversas banais sobre o tempo e como eram absurdos os preços da comida vendida ali, o momento inevitável havia chegado.

— Eu queria te dizer tanta coisa, e até tinha ensaiado, mas agora, tudo o que eu sinto é uma vontade enorme de te sequestrar...Agir como uma delinquente, sabe? — João colocou as mãos dentro dos bolsos da calça e fixou seus olhos nos meus.

O nó que habitava a minha garganta se fez maior, ao mesmo tempo em que meu coração parecia reduzir de tamanho.

— Não pense que está sendo fácil para mim. Honestamente, eu mesma me surpreendo em como isso dói, e, algo me diz que você é um dos culpados.

— É tão simples de resolvermos. Basta darmos meia volta. — Ele fez uma careta ao fim da frase.

— Não faz isso. — Segurei suas mãos.

João suspirou e seus olhos ficaram marejados.

— Desculpa...Eu sei que prometi te apoiar, mas é tão doloroso saber que vou ficar longe de você.

Assenti com a cabeça e emocionada abracei o abracei. Ele me apertava com tanta força, que minhas costelas doíam, mesmo assim, eu não quis me afastar.

— Pode ir — disse ao vê-lo olhar para o relógio pela terceira vez em menos de um minuto.

Ele apertou os olhos com o canto dos dedos e fungou.

—Você foi a melhor coisa que me aconteceu...Esses dias com você foram os mais perturbadores, e isso, no bom sentido. —Ele segurou o meu queixo. — Eu te amo Diana, e é forte, grande, tanto, que me dá a certeza de que terei você de volta.

Nós nos beijamos, um beijo longo e com sabor agridoce. Eu não pude me conter e minhas lágrimas rolaram enquanto ainda nossos lábios mantinham-se unidos.

— Você é muito especial, João Victor.. — Abracei-o outra vez e caminhei em direção ao portão de embarque.

—Dili! — ele gritou e eu parei. — Isto não chega a ser uma carta... e eu pensei e repensei se deveria ou não te entregar...— Ele me estendeu uma folha de caderno dobrada. —É a letra de uma música que eu gosto muito, tocava no meu rádio na primeira vez que você foi até a minha casa, e como você mesma disse tempos atrás, algumas canções falam tudo o que não conseguimos.

— Obrigada por você ser tão transparente. Nunca perca isso.— Afaguei seu rosto e ele tentou sorrir, mas seus lábios trêmulos o impediram. Então, João apenas puxou o ar e piscou para mim, partindo em seguida.

Antes de desaparecer, acenou e não esperou para ver se eu retribuiria.

*“Deve ser normal doer assim.”*

*“Quando terminou de ler Um amor para recordar, ficou da mesma maneira”*

*“Assim que colocar os pés em Tampa, no seu apartamento, tudo vai voltar ao normal.”*

*“É melhor cortar o mal pela raiz, sabe bem que não tem como um relacionamento desses dar certo...São treze anos de diferença, já imaginou quando você tiver com 50? Ele vai ter 37, vai estar lindo e você vai parecer ser a mãe dele...”*

Sentada em um daqueles bancos desconfortáveis do aeroporto, os meus pensamentos gritavam dentro da minha cabeça e era como se eu fosse um dispositivo de desculpas para embasar a decisão daquela viagem, estivesse ativado. Cansada daqueles joguinhos de encaixar quadradinhos no celular, e

com medo de ler a letra da tal música, olhei para os lados, como se alguém pudesse estar interessado na pesquisa que eu fazia no Google.

Digitei no campo de busca: Relacionamento entre mulher mais velha e homem mais jovem.

Pronto. Um milhão de sites de revistas, jornais e blogs exibiam reportagens com esse título.

Ainda sentindo o meu rosto queimar, passei a ler depoimentos de mulheres que tinham embarcado de corpo e alma naquela aventura. As opiniões eram as mais diversas, havia quem lidasse muito bem com a situação, bem como algumas mulheres que acabaram traumatizadas depois de se envolverem com um rapaz mais jovem.

*“Não adianta, eles sempre vão atrás das novinhas, depois que aprendem como serem bons amantes com as mais velhas.”* — Uma delas declarou em seu depoimento para a revista *Cosmopolitan*.

*“Nenhuma mulher da minha idade me despertou tanto interesse, quanto ela.”* — Foi o que pareceu escrito sob a fotografia de um jovem rapaz, abraçado a uma mulher visivelmente mais velha. Douglas tinha 28 anos, e a esposa 42. Eles estavam casados há cinco anos.

Entre histórias fracassadas e também as muito bem-sucedidas, o que mais me chamou a atenção depois de ler algumas dezenas de artigos, foi o fato de que ao fim deles, praticamente todos passavam a mesma mensagem: a de que no amor não existem regras a serem seguidas, muito menos uma receita que leve ao sucesso. As pessoas podem ter a mesma idade, os mesmos sonhos e ideais, ainda assim, as chances de um relacionamento entre elas dar certo, são as mesmas de duas pessoas com objetivos opostos, diferença de idade e opiniões opostas sobre o café ser mais gostoso que o chá.

Enquanto eu ainda digeriria tantas informações, meu embarque foi anunciado. Enfiei o celular dentro da bolsa e segui como um boi rumo ao abatedouro.

*“Então se trata mesmo de idade? Está fugindo porque se apaixonou por um rapaz mais jovem...Ao menos tenha a dignidade de assumir isso!”*

Saí do meio da fila e voltei para o fim dela, com o papel em uma das mãos e o bilhete de embarque na outra.

*“O que você está fazendo, Diana? Vai começar a agir como uma louca?”* , insultei-me mentalmente, enquanto via, uma a uma as pessoas que estavam atrás de mim embarcarem, coisa que eu também deveria estar fazendo.

Num impulso, desdobrei a carta- não- carta do João e reconheci a sua letra. Era bonita para um homem, e ali, ele parecia ter caprichado mais.

**Voe por todo mar e volte aqui... Voe por todo mar e volte aqui pro meu peito... Se você for, vou te esperar...**

Era a letra da música O vento e João tinha toda a razão, a canção era mesmo perfeita, cada linha dela resumia o que vivíamos naquele momento.

Talvez levada pela emoção que aquelas palavras tinham me causado, ou simplesmente, pelo fato de que eu queria estar junto do João naquele momento, e minhas pernas decidiram travar; o ar não chegava aos meus pulmões e quando um homem uniformizado passou por mim, puxei o seu braço.

—Será que pode me ajudar? — pedi, com uma dificuldade enorme de mover a minha boca que tremia descontroladamente. —Eu não estou me sentindo bem.

—É uma crise de pânico? Tem medo de voar? —Ele me segurou pelos ombros.

Olhei para o lado e percebi que a fila do embarque tinha acabado, fato que me levou para outro estágio de perturbação.

—Meu voo...Eu tinha que...Mas acho que eu não vou...

— Moça, precisa se acalmar. Deixa eu dar uma olhada nisto. —Ele retirou o papel das minhas mãos e pôs-se a ler as letras miúdas. —Já foi feita a última chamada para o seu voo, portanto, precisa se reestabelecer e embarcar.

Sentindo a minha cabeça girar, me escorei na parede e escorreguei minhas costas até dar com a minha bunda no chão. As imagens pareciam fora de foco e eu não conseguia respirar.

Eu ouvia com a voz ecoada, o homem pedindo ajuda pelo rádio, nesse mesmo instante ouvi meu nome sendo anunciado pelos auto -falantes.

— O avião pode partir! Eu não vou fazer esta viagem! — gritei, como se quisesse avisar a mim mesma, depois, explodi em um choro compulsivo

e foi como ter saído do meu corpo por um tempo.

Não que eu tenha desmaiado, mas muitas das coisas que aconteceram depois do meu show, foram esquecidas, apagadas da minha memória e eu só me lembro de estar dentro de uma sala clara e monocromática, de responder as perguntas que eram feitas por outro homem uniformizado e de algum tempo depois ver a Chloe transpor a porta com o rosto mais vermelho do que sangue.

— Eu tive tanto medo de que algo de ruim tivesse acontecido a você — Ela soluçava e suas lágrimas molhavam o tecido da minha blusa, enquanto ela me apertava dentro dos seus braços.

— O Diogo...Onde eles está? — Consegui perguntar, aos poucos voltava a mim.

— Dili, que susto! Quando soubemos do acidente eu só pensava em você, e quando o telefone da sua casa tocou, Deus do céu, eu achei que...— ela segurou o meu rosto entre as suas mãos e fechou os olhos como se algo estivesse doendo demais. — Eu tive tanto medo, tanto medo...

—Calma! —Ironicamente as posições tinham se invertido, agora era a Chloe que beirava o descontrole. — Eu não estou entendendo nada...Disse que ficou sabendo do acidente...Que acidente?

Chloe arregalou os olhos, o verde, destacado pela vermelhidão de seu entorno, os fazia assustadores e, quando ela abriu e fechou os lábios sem conseguir formular uma palavra, eu que a conhecia tão bem quanto a palma da minha mão, acabei entendendo que havia acontecido algo além da minha desistência daquela viagem.

Ainda, antes que eu pudesse voltar às perguntas, Diogo se materializou na minha frente, sua expressão sombria era parecida com a da Chloe, e essa foi a primeira vez que eu tive vontade de sair correndo e fugir. Eu não tinha ideia do que me esperava, só sabia que não era algo bom.

— A minha bolsa? Cadê a minha bolsa? —indaguei, sem tirar os olhos do meu irmão. Ele, que tinha me abraçado de um jeito diferente, permaneceu parado sem dizer uma só palavra.

O primeiro homem que me ajudou, e que conversava na porta com o segundo funcionário uniformizado, acelerou os passos e pegou a bolsa sobre a mesa.

— Está tudo aí, inclusive seus documentos. Eles já fizeram toda a parte burocrática para que recupere a sua bagagem e também, para o caso de querer remarcar a viagem.

Ignorando o que ele me dissera, eu só me importava com uma coisa: O meu celular. Eu precisava falar com o João, a mim, era como se ao ouvir a sua voz eu pudesse ser resgatada daquele lugar frio e escuro onde minha alma parecia estar.

— Graças a Deus! Ainda tem bateria... — Ensaiei um sorriso.

— Para quem vai ligar? — Diogo se agachou na minha frente.

— Para o João... Eu preciso avisá-lo que não viajei... Eu preciso dizer que... — interrompi a minha fala diante do olhar penoso do Diogo. — Ele já sabe? Contaram para ele que eu...? Nossa! Ele deve estar me achando uma louca! — Ri, nervosa.

— Dili... — Foi a vez da Chloe me encarar com as sobrancelhas juntas. Suas mãos subiam e desciam pelo meu ombro esquerdo e elas estavam frias. — Nossa, eu nem sei por onde começar.

Diogo engoliu em seco e suspirou com torpor.

— Nós recebemos o telefonema do aeroporto relatando a sua crise... Eles não souberam explicar direito o que tinha acontecido com você, só disseram que alguém da família precisava vir até aqui, e

— E... ? — Levantei a minha mão em protesto e acabei interrompendo-o. — Vocês comunicaram o João, impulsivo como só ele é, deve ter vindo pra cá, sem se informar de nada, certo?

Diogo e Chloe se entreolharam e deixaram escapar a tensão, algo que fez um frio percorrer a minha espinha e que me causou arrepios.

— É melhor levarmos ela pra casa... Lá, junto com seus pais nós conversamos — Chloe interveio.

Nesse momento um alarme soou dentro de mim. Alto, contínuo e que fez meu coração acelerar.

— Onde. Está. O. João? — perguntei, pausadamente.

— Dili, você precisa ser forte e

—Não! — gritei, enquanto colocava-me em pé com as mãos tapando os meus ouvidos. Tudo o que vem depois da frase “*você precisa ser forte*”, costuma ser devastador e cruel, por isso eu me recusava a ouvir, eu só queria o João Victor. —Eu vou ligar para ele...Ele deve estar me procurando neste aeroporto, e nossa! Que maluquice!

— Dili, o João não vai atender. —Diogo segurou os meus braços e me fez parar.

Olhei para a Chloe e ela chorava muito.

— Ele vai atender — murmurei. —Ele vai atender, não vai Chloe? — Desviei minha cabeça para poder vê-la por completo.

Ela não me encarou, apenas enfiou o rosto dentro das mãos enquanto seu corpo balançava graças ao choro compulsivo.

— Soubemos há pouco que o João sofreu um acidente quando voltava para Arco Dourado — Diogo disse de uma vez. Na lata, como dizia a minha mãe, e ao fim da sua frase, um zunido me ensurdeceu. Ele continuou falando, mas tudo o que eu via eram seus lábios se mexendo, não havia som.

Pisquei algumas vezes considerando que aquilo só podia ser um pesadelo. Claro, por certo eu tinha tomado um daqueles comprimidinhos relaxantes que eu costumava colocar debaixo da língua antes de voar, eles me ajudavam e ficar mais tranquila dentro de um avião, e seus efeitos colaterais eram adversos.

Maldita mente fértil a que eu tinha...Algoz, lá estava ela, criando o enredo para um filme de terror, ou melhor, de drama, bem ao estilo dos longa metragens baseados nas obras do *Nicholas Sparks*.

Convicta dessa ideia, olhei para a Chloe, ela permanecia sentada, aos prantos, o Diogo era outro, continuava mexendo os lábios e balançando a cabeça de um lado para o outro, enquanto os dois funcionários do aeroporto apenas observavam toda a cena. Seus rostos estavam lisos, livres de qualquer expressão.

— Nada disso é real... Eu vou acordar a qualquer momento, não é? — Minha voz saiu estranha, ecoada e metálica. Outra prova de que se tratava de um terrível pesadelo.



*“Acalme-se, Diana! Logo você vai despertar...É sempre assim, não é?”*

Estava demorando demais, a dor e o medo pareciam muito reais e quando uma jovem, toda vestida de branco se aproximou de mim com um copo plástico nas mãos, eu não hesitei em pegá-lo. Derramei toda a água dentro da minha boca, sua temperatura baixa fez minha cabeça doer.

Tornei a olhar em minha volta, um a um, rosto a rosto das pessoas que ali estavam e me ative à Chloe.

— Então é verdade? O João...Ele sofreu mesmo um acidente? — As palavras saíram com dificuldade, mas ver a minha amiga assentindo com a cabeça antes de me envolver em seus braços foi ainda pior.



*Pipa*



## 20 – Pipa

As informações chegavam aos pedaços, aquela viagem de uma hora que levava do aeroporto para Arco Dourado, parecia estar durando muito mais. Ainda que fosse imprudência, Diogo dirigia ao mesmo tempo em que mantinha o celular preso entre a cabeça e seus ombros.

Junto de mim, no banco traseiro, Chloe tentava – em vão – me acalmar.

— Foi minha culpa...Minha culpa... — eu balbuciava em meio aos soluços.

— Precisa parar de dizer isso...Ninguém tem culpa quando uma coisa dessas acontece.

— Se eu não tivesse inventado essa droga de viagem. Se ele não tivesse vindo me trazer nessa porcaria de aeroporto. — Respirei fundo. — Se eu não fosse tão covarde e tivesse admitido antes que eu amava o João... — Agarrei-me a minha amiga, desejando poder parar de sentir aquela dor.

Ainda perdida em meu sofrimento, caminhando rumo a um abismo sem ideia do que me esperava lá em baixo, notei que meu irmão reduziu a velocidade e parou no acostamento da rodovia.

— Caio, graças a Deus! — Sua voz saiu como uma súplica. — Eu preciso saber o que houve com o João... — ele disse, com os olhos direto em mim.

Desesperada enfiei o meu corpo por entre os bancos dianteiros e o meu desejo era arrancar o telefone das mãos do meu irmão, enquanto ele, apenas murmurava palavras monossilábicas; só não o fiz porque me faltou coragem, eu temia quais seriam as notícias vindas do tio de João, já que as expressões involuntárias do Diogo denunciavam uma tempestade.

— E então? — Desafiei o meu medo quando fiz a pergunta que rutilava na ponta da minha língua.

— Dili, o João está no hospital São Rafael e passa por uma cirurgia neste momento.



Quando algumas palavras se juntam, seu resultado pode ser catastrófico. Nesse caso em específico, acidente, hospital e cirurgia, acabaram por me arrastar para um limbo emocional onde eu só conseguia sentir culpa, medo e dor.

Ainda assim, seguimos direto para o hospital, eu imaginava que também como eu, a família do João deveria estar atribuindo a mim, a culpa pelo acidente. De qualquer maneira eu precisava estar lá.

Sentia minhas pernas falhando, mas insisti em caminhar o mais rápido que podia. Quando cruzamos a entrada do São Rafael, fomos surpreendidos pela quantidade de pessoas reunidas no grande jardim que ficava no entorno do prédio.

A maioria dos rostos eram desconhecidos, já eles, me encaravam como se soubessem quem eu era. Os sorrisos tímidos e olhares que pareciam dizer: “*Vai ficar tudo bem*”, chegavam a mim sem cessar.

— Toda essa gente...Tudo isso é pelo João? — indaguei, evitando mexer os lábios.

—Dili, o João Victor é o grande atleta da cidade e a maioria das pessoas o viu crescer...Tem ideia do quanto ele é querido por toda Arco Dourado?

Sem nada responder, dei uma boa olhada ao meu redor e aflição estampada nos rostos das pessoas, de diferentes maneiras, dava a uma noção de que de fato ele era adorador.

— Boa noite, buscamos informações do paciente João Victor Dellawin. — Outra vez foi Diogo a tomar a frente da situação. Havíamos

conseguido passar pelo amontoado de gente que ocupava a sala de espera e alcançamos o balcão de atendimento.

— São da família? — Uma mulher de meia idade fez a pergunta com os olhos grudados no computador a sua frente.

— Não. Apenas amigos.

— Eu sou a namorada dele — argumentei por impulso, ao mesmo tempo que ficava ao lado meu irmão.

A mulher empinou o queixo, parecia me analisar.

— É... Eu vi você e o Thor juntos numa reportagem do jornal. — Tive a impressão de que ela pensara alto. — Vou deixar que você entre. A família está numa sala reservada.

— Muito obrigada — agradei, quando ela me entregou um crachá, depois de perguntar o meu nome completo.

— Não vou ter problemas por isso, certo? — ela perguntou com uma ponta de desconfiança.

— Claro que não! — menti, acreditando que de fato Marian, Caio e companhia, poderiam me colocar para fora daquele lugar.

A mulher sorriu e apontou a porta onde ficava um segurança a frente.

— Vamos esperar aqui pelas notícias. — Chloe me abraçou com força.

Enchi meus pulmões com todo o ar que fui capaz e passei pela porta, logo que o segurança a abriu para mim.

— Ao fim do corredor você vire à direita. — Ele indicou com a mão.

Mal terminei de ouvi-lo e lá estava eu, acelerando meus passos pelo chão de mármore claro. Virei à direita e dei de cara com o Caio. Do lado de fora da sala, ele falava ao telefone.

No rosto exibia todo o seu abatimento e quando seus olhos me alcançaram, eu notei, além do espanto, um tom vermelho vivo que fez meu coração parar por alguns instantes.

— Dili...Eu achei que você não estivesse mais no Brasil. — Sua voz baixa, ecoou pelos corredores.

— Pois é, eu acabei desistindo da viagem, e... — Fechei os meus olhos, minha cabeça voltou a girar. — O João... Como ele está?

Caio enfiou o telefone no bolso da calça e crispou os lábios, as lágrimas brotaram instantaneamente.

— A cirurgia já dura mais de duas horas e por enquanto é tudo o que sabemos.

Dei um passo à frente, outro nó começava a se formar dentro da minha garganta.

— Caio, ele corre risco de...?

— Não. — Caio foi sucinto. — O João entrou acordado na sala de cirurgia, no entanto...— Ele fez uma pausa e o meu sangue gelou. — A perna esquerda...Dili, eles não sabem se vão conseguir mantê-la.

Meu rosto se modificou com uma careta, eu tinha ouvido, mas não entendi.

— Como assim? O que você quer dizer com — Caio segurou-me pelo braço, trazendo-me para mais perto dele, sem deixar que eu terminasse a minha pergunta.

— O João pode ter a perna esquerda amputada. — Ele foi direto.

Outra vez, tal como acontecera no aeroporto, onde algumas das minhas lembranças simplesmente haviam desaparecido, as minhas primeiras horas dentro daquele hospital se resumiram em meia dúzia de sensações.

O frio que vinha do piso de mármore, a dor estampada no rosto do Caio, a irritante falta de informações que não chegavam de parte alguma e o principal e mais impactante, o abraço que recebi de Marian, assim que entrei na sala reservada.

Ela me olhou como se eu fosse uma luz no fim do túnel e se agarrou a mim, como quem se agarra a um galho ao ser arrastado pela correnteza de um rio.

—Eu nem acredito que você está aqui, Dili... Eu nem acredito...  
— ela murmurava e molhava meus cabelos com suas lágrimas.

Também explodi em um choro que parecia vir do lugar mais profundo da minha alma. Há tempos eu não me entregava daquela forma, há tempos, ou talvez nunca antes, algo doeu tanto em mim.

Caio se aproximou de nós duas e colocou uma das mãos nas minhas costas.

—Eu trouxe água com açúcar. Precisa se acalmar.

Com as mãos trêmulas segurei o copo plástico e forcei-me a engolir um pouco do líquido adoçado. Fui conduzida por ele até uma das poltronas e foi ali que eu soube como tudo acontecera.

Assim que partiu do aeroporto, João parou no primeiro posto que encontrou na rodovia, precisava abastecer e aproveitou para ligar para a mãe. Como estava sem dinheiro na carteira, teve de entrar na loja de conveniência para fazer o pagamento com o cartão e quando estava prestes a retornar ao seu lugar, foi atingido por uma motorista que perdeu o controle do seu carro.

—A perna dele foi prensada, esmagada — Marian anunciou com pesar.

— Como alguém perde o controle dentro de um posto de combustível? —indaguei, inconformada.

— Parece que o salto do sapato dela enroscou no acelerador...De qualquer maneira, isso é o de menos, agora, tudo com que me preocupo é o meu sobrinho.

Enfiei meu rosto dentro das minhas mãos e meus ombros pareciam pesar toneladas.

— Sinto que a culpa é minha. Ele foi até esse maldito posto porque me levou ao aeroporto. —Voltei a chorar.

— Não diga isso, Dili! —Marian ralhou comigo. —Eu tinha falado com ele há minutos e você não tem ideia de como ele estava feliz.

Funguei uma vez e afastei minhas lágrimas com as mãos.

— Feliz? — estranhei. — Eu achei que ele...

— O Jojo tinha convicção do seu amor por ele. Ele me disse que estava certo de que você voltaria em breve, de que não conseguiria ficar longe dele e, para o meu filho, essa viagem serviria como um exorcismo para os seus fantasmas.

— Eu me sinto uma idiota... Eu não sei como me deixei levar por medos tão bobos.

— Ainda há tempo, Dili... — Marian murmurou enquanto voltava a me abraçar.



Preocupada também com a Chloe e com meu irmão, voltei ao hall de entrada do hospital e nem cheguei a me surpreender que a quantidade de pessoas ali, assim como do lado de fora.

No canto do salão, com a cabeça apoiada no ombro do Diogo, Chloe cochilava, mesmo assim seu semblante não parecia relaxado.

— E então? Como vão as coisas? — ele sussurrou, e eu sabia que ele não queria acordá-la.

— Sem notícias mais concretas, mas graças a Deus o João não corre risco de morte, embora seu quadro seja muito grave.

— Nessa sala nós já ouvimos ao menos uma centena de histórias diferentes, e Dili, eu agradei aos céus por você estar longe disso tudo...Algumas pessoas conseguem ser bem cruéis.

Assenti com a cabeça, imaginando mesmo que uma parcela dos que estavam ali, buscava apenas por informações, sem se importar com a família e menos ainda com o João.

— A perna esquerda dele foi muito comprometida, e se não houver outra maneira, eles deixaram a família consciente de que podem...  
—Não consegui terminar.

— Eu entendi. —Ele passou a mão pelo meu rosto. Um carinho fraterno que me doou um pouco de alento.



— Já imaginou como ele vai reagir caso isso venha a acontecer? Di, o esporte é tudo na vida do João —expus ao meu irmão aquilo que vinha me afligindo desde que eu soube das consequências do acidente.

— Uma coisa de cada vez, Dili...Agora, ele precisa passar por isso e é muito importante que você esteja ao lado dele, independente do resultado dessa cirurgia.

—Tenho medo que ele me culpe, que João não me queira mais — confessei.

— Eu não acho que ele seja esse tipo de pessoa. — Sua voz estava quase inaudível.

Apenas tentei respirar.

— Por que não vai para casa? Ela está morta de cansaço. — Apontei com a cabeça para a Chloe.

— Acha que já não tentei? Ela não sai daqui até que você saia, e eu, nem me atrevo a discutir. — Diogo depositou um beijo delicado na testa da minha amiga.

Sorri com admiração e antes de voltar a me reunir com a família do João, imitando o meu irmão, também beijei a testa dela.

Consumidos pela exaustão, cada um dentro daquela sala que tinha tudo para ser aconchegante, encontrava uma maneira de se manter acordado e de suportar a ânsia por notícias.

Em um lugar como aquele, minutos são horas e horas parecem intermináveis dias e, ainda que as poltronas fossem muito confortáveis, e que a tevê estivesse à disposição para ser ligada, o ar frio e impessoal não conseguia ser camuflado pela iluminação amarelada que imitava a luz do sol, muito menos pelos vasos de flores coloridas que deveriam alegrar o ambiente.

Nada ali era agradável, e não, não era culpa do lugar, mas sim dos sentimentos que ficaram registrados nele, chancelados em cada centímetro daquele espaço onde centenas, ou milhares de pessoas já haviam derramado suas lágrimas, externado sua revolta ou se perdido no silêncio de suas orações.

Por melhor decorado que fosse, um hospital é sempre um hospital, o som das rodinhas das macas que desciam e subiam pela rampa, seguidas de choros sonoros que vinham do andar de baixo, e por trás do aroma agradável de lavandas francesas trazidas das varetas dos aromatizantes sobre a mesa de centro, o cheiro de sofrimento sobressaía, se destacava a cada lufada de ar que entrava pela janela.

À certa altura da madrugada, ouvimos a porta ranger. Vestido em um conjunto verde água, um jovem senhor transpôs a sala e com as mãos na cintura encarou cada um de nós. Todos de uma só vez, e como se tivéssemos ensaiado, nos levantamos em sobressalto, fazendo em torno dele um círculo humano.

Os olhos castanhos eram inexpressivos e a medida em que nos encarava, as rugas que vincavam sua testa ficavam mais profundas.

— Foram pouco mais de oito horas de cirurgia e tudo correu bem, dentro do esperado — ele começou sem rodeios.

— E o que seria esse “dentro do esperado”? —Caio fez a pergunta que seria feita por mim.

— Como devem saber, o membro inferior esquerdo do paciente João Victor, foi bastante comprometido. Tivemos fraturas expostas da tíbia e fíbula, além da rotula do joelho que foi totalmente deslocada, no entanto, o estrago maior ocorreu nos tecidos, as artérias, pele e músculos não puderam ser conservados, nós fizemos todo o necessário, mas, infelizmente, acabamos tendo que optar pela amputação parcial do membro.

— O Senhor está querendo me dizer que...? —Marian deu um passo à frente, nos olhos o desespero de uma mãe que acaba de receber uma notícia terrível.

—Mari, nós sabíamos dessa possibilidade. — Caio se aproximou dela e passou os braços sobre seus ombros.

— Santo Deus! — ela sussurrou agarrando-se ao irmão. —Meu filho não vai suportar isso...O Jojo não vai aceitar essa nova realidade! Ele tinha sonhos, planos, as olimpíadas... — Marian elucidava as perdas e danos que o filho sofrera e as que ainda estavam por vir. Tudo era muito doloroso mesmo.

—Terão de ser fortes, o apoio da família nesses casos é imprescindível para uma boa recuperação e reabilitação do paciente. Perder uma parte do corpo, uma parte de um membro, ainda mais se tratando de um atleta, é sim um golpe muito duro, no entanto, hoje o mercado dispõe de próteses fantásticas que fazem a vida de um amputado beirar a normalidade.

— Talvez fisicamente, mas, e o psicológico? — Foi a vez do padraço do João indagar, depois do discurso otimista do médico.

— Cada paciente reage de uma maneira, mas em todos os casos, o tempo é sempre o melhor aliado.

— Quando... — Pigarreei. — Quando vamos poder vê-lo?

—Antes de eu vir falar com vocês, acompanhei-o até a UTI, o João não acordou por completo, mas a sedação está passando e nesse período ele pode se encontrar confuso.

— Tudo bem, mas, e quanto a vê-lo? — insisti, notando que todos partilhavam da mesma curiosidade que eu.

— Duas pessoas, por cinco minutos. —Ele ergueu o dedo. —É isso e nada mais.

Todos se entreolharam, a expectativa era visível e crescente nos olhos de cada um deles.

— Eu vou com você, Mari.— Caio se ofereceu.

Ela olhou para seus pais, que estiveram em silêncio por todo o tempo, depois se ateu em mim.

— Caio, não acha que o fato doJojo saber que a Dili está aqui, vai ser bom?

Senti minhas bochechas queimarem, eu jamais imaginaria que ela escolheria a mim para acompanhá-la.

— Imagine! —Balancei minhas mãos, muito sem graça. —Eu não acho que

—A Marian tem toda a razão. —Caio tocou meu braço. — Meu sobrinho vai ficar feliz em tê-la por perto. Vai ser bom que ele saiba que você não viajou.

Não vou negar que eu estava mesmo louca para vê-lo, ansiosa para tocá-lo, sentir que ele estava vivo e por mais que uma voz interna sinalizasse que eu seria egoísta caso aceitasse ir, meu coração me impulsionava dizer sim.

—Eu vou.



Uma porta. Apenas isso era o que nos separava, mas antes de entrarmos no quarto da UTI, o médico fez questão de frisar – pela milésima vez– que seria uma visita rápida, que não era para falarmos sobre a amputação e mais um monte de outras objeções.

Confesso que enquanto ele falava eu não prestava a atenção em nenhuma palavra sua. Tudo o que eu queria era estar do outro lado da parede, eu precisava ver o João mais do que meus pulmões precisavam de ar, e por isso, quando recebemos o aval para entrar, eu fui a primeira; antes mesmo de Marian cruzar a porta eu já estava ao lado da cama.

Eu não pensava em como o encontraria, mesmo assim fui surpreendida por sua boa aparência. No rosto a expressão serena, dava a impressão de que João dormia tranquilamente.

Não havia um esfolado sequer em sua face, e se não fosse pelos aparelhos que monitoravam suas funções vitais, a visão era a mesma de quando ele adormecia na minha ou em sua casa, no entanto, isso não foi o bastante para meu coração se acalmar, embora, aparentemente, ele estivesse bem, foi inevitável, descí os meus olhos e alcancei com eles suas pernas que mantinham-se cobertas por um lençol claro, então, pude notar a parte que faltava.

Marian também manteve sua atenção ali e não conteve as lágrimas.

— Filho, vai ficar tudo bem, a mamãe está com você.

Enjoada, como se acabasse de ser golpeada no estômago, tentei me agarrar na ideia de que precisava ser forte por ele. Ainda mais próxima da cama, estiquei a minha mão direita e acariciei o seu rosto, inconformada por pensar que há horas estávamos juntos, e que uma fração de segundos mudara o curso de sua vida.

— João...Eu estou aqui — murmurei em seu ouvido enquanto segurava sua mão. —No fim eu desisti daquela idiotice de viagem. E quer saber? Foi a melhor decisão que tomei...Você tinha razão, eu estava mesmo tentando fugir de você, de mim e principalmente de algo novo e assustador...Esse amor que eu sinto por você. — Marian se afastou, como se quisesse nos dar alguma privacidade, embora para mim não fizesse diferença, me sentia tão à vontade com ela, e mais, à vontade com as minhas palavras. — Para variar, você estava certo e eu errada, mas isso nem deveria ser uma novidade, a questão é que eu te amo. Eu te amo, João Victor e preciso que você acorde logo, porque eu quero dizer isso, olhando nos seus olhos. — Curvei-me para deixar um beijo delicado no seu rosto e nesse momento tive a impressão de que ele apertou a minha mão.

—Isso foi lindo, Dili... —Marian colocou-se ao meu lado e afagou o meu braço.

—Só espero ter coragem de repetir tudo isso quando ele puder de fato me ouvir. —Soltei um riso nervoso e outra vez pensei ter sentido sua mão se movimentar dentro da minha.

— Algo me diz que ele te ouve. — Ela apontou para a tela que monitorava os batimentos cardíacos e os números digitais oscilavam entre 110 e 120 enquanto no canto dela, em LED, um coração pulsava frenético.

— Precisa se acalmar, meu amor. Descanse e daqui a pouco estaremos de volta. — Marian segurou o rosto do filho, antes de beijá-lo por vezes seguidas.

— Eu vou estar aqui...Não vou te deixar por nem um segundo — afirmei, relutante quanto a sair daquele quarto. Eu sabia que haviam passado muito mais dos cinco minutos impostos pelo médico, mesmo assim, não queria me afastar.

Tivemos partir, uma enfermeira carrancuda apareceu minutos depois e fez com que desocupássemos o lugar, sem precisar nos dizer uma só

palavra. De volta à sala onde estávamos reunidos antes e fomos recebidas por alguns pares de olhos ansiosos.

— Ele parece bem. — Marian afundou-se no peito do marido e ali permitiu-se chorar outra vez.

—O rosto dele exprime uma serenidade, uma paz... —Abracei-me ao Caio que parecia esperar por aquilo. — Vai ficar tudo bem, eu tenho certeza de que vai.

O médico ainda voltou para uma última conversa conosco e fomos avisados de que as visitas da manhã tinham início às nove horas e terminavam às dez. Sentindo meu corpo cobrando um descanso, olhei para o relógio na parede e eram quase duas da madrugada.

Retornei à sala de espera e encontrei o lugar praticamente vazio, muito diferente da última vez em que estivera lá.

—Eu não acredito que não foram para casa — ralhei com os dois que permaneciam no mesmo lugar.

— Acabamos de voltar da cafeteria, é vinte e quatro horas — Diogo comentou.

— Soubemos que você entrou para ver o João, o Caio veio até aqui e nos contou.

Assenti com a cabeça e Chloe me puxou para um abraço.

—Ele é tão lindo, e nem parece que sofreu um acidente, que passou por uma cirurgia tão séria... Chloe, eu amo o João Victor — choraminguei em seu peito e pude sentir quando ela riu. — O que foi? — indaguei, encarando-a.

— Disse que o ama. Você falou com todas as letras.

— Eu disse pra ele, e nem foi difícil. Isso me faz perceber o quanto eu fui uma idiota.

—Eu sempre soube. — Diogo deixou escapar.

Olhei para ele e encolhi os meus ombros.

—Todos sabiam, inclusive sua irmã, ela só estava sendo a Dili...Teimosa e vaidosa demais para admitir que um garotão de dezenove anos, fez o que nenhum outro homem jamais conseguiu.

Eu até pensei em discutir, mas a minha amiga estava coberta de razão.



Sob protesto eu fui embora, e no fundo foi bom. Eu precisava mesmo de um banho e roupas limpas. O clima de um hospital não era dos melhores e tomada por todo o meu cansaço, entrei debaixo do chuveiro e me sentei no chão, abracei minhas pernas e deixei que a água morna caísse pelas minhas costas por longos minutos.

A Clhoe insistiu em ficar comigo, mas eu sentia que aquele momento era só meu. Em horas a minha vida sofrera um giro de 360 graus e eu precisava organizar tudo dentro de mim.

Deitei sobre minha cama, naquele lugar onde eu dividi tantos bons momentos com o João e não apenas os sexuais. No fim, as lembranças mais vívidas eram as de coisas bobas, como ele tentando pintar as unhas dos meus pés, ou quando eu rabiscava seu corpo com as minhas canetas coloridas, simulando tatuagens enormes.

Dentro daquele quarto nunca houveram diferenças, em nosso oásis particular, os benditos treze anos que pareciam ter se materializado como fantasmas, não conseguiam nos atingir, ficavam do lado de fora, e por isso eu me sentia tão leve.

Levantei-me da cama e fui até o meu guarda-roupa. A caixa das nossas lembranças tinha ficado na prateleira dos meus sapatos, eu decidira não levá-la na viagem e antes eu não entendia a razão. Com ela nas mãos, descobri que no fundo eu sabia que seria preenchida, dei meu primeiro passo, colocando sobre o convite do baile do Havaí, o CD que ganhara do João e que significava muito mais do que uma seleção das minhas músicas preferidas. Ele era a prova mais concreta de um dos momentos mais bonitos que eu já tinha vivido, coloquei também a carta que ganhara no aeroporto.

Agarrei-me a ela e me permiti adormecer por poucas horas. Despertei assustada com a Chloe deitada do meu lado.

— Bom dia. — Ela sorriu. — São quase oito da manhã, sua mãe preparou o café e assim que comermos, seguimos para o hospital.

— Eu te amo, Chloe. — Afaguei o seu rosto.

— Agora que começou, vai sair distribuindo “*eu te amo*”, a qualquer um que cumprimentar você? — zombou ela, enquanto ria.

— Sua chata! Essa não a primeira vez que eu te digo isso.

— Eu sei... Só estou brincando e achando uma maneira de dizer o quanto você é importante pra mim. Ontem, quando soubemos do acidente e as informações eram desconstruídas, eu só conseguia pensar que algo tinha acontecido a você também e foi tão terrível.

— Por isso seu desespero no aeroporto?

— Sim. Vê-la sã e salva foi o um alívio sem tamanho.

— Nem tão sã, assim...

— É, você tem razão. — Ela me abraçou.

— Vamos nos apressar, a Marian me pediu para estar com ela durante a visita, ela acha que a minha presença vai fazer com que o João se sinta amparado, afinal, ele vai receber a notícia...

— Eu concordo com ela.

Senti um calafrio ao pensar no tamanho da expectativa que as pessoas depositavam em mim.





*Quebra-cabeças*

## 21 – Quebra cabeça

Enquanto Diogo passeava pelo estacionamento em busca de uma vaga, eu tentava imaginar se àquela altura João já sabia sobre sua atual situação.

— Está tudo bem, Dili? — Chloe perguntou enquanto caminhávamos rumo ao prédio do hospital.

— Na medida do possível.

Outra vez, assim como na noite anterior, vários grupos de pessoas ocupavam a entrada principal do São Rafael.

— Achei que todo esse interesse não se repetiria.

— Como eu já disse antes, seu namorado é muito querido por toda a cidade, e se prepare, têm até jornalistas aqui. — Diogo apontou com o queixo, para o carro de reportagem, estacionado bem em nossa frente. — Não duvido que queiram entrevistar você.

Revirei os meus olhos, peguei meus óculos escuros e levei-os até o meu rosto. Aprendera com uma amiga minha que a falta de contato visual acaba evitando certas abordagens.

Havia todo o tipo de pessoas ali, homens, mulheres, idosos e jovens vestindo, assim como no dia da corrida, camisetas com fotos dele. Isso fez meu coração reduzir de tamanho, foi como entender que, de alguma maneira, da mesma forma que a felicidade do João era espalhada quando ele vencida uma prova, a dor e a tristeza ganhavam a mesma proporção.

Perdida em meus devaneios, não notei quando Marian se aproximou.

— Graças a Deus, Dili...Tive medo de que você não viesse. — Ela me abraçou com muita força.

— A...Aconteceu alguma coisa? O João, ele

— Calma. —Ela sorriu. —Desculpe o meu mal jeito, mas é que o médico esteve conversando comigo há pouco e ele quer que seja eu, ou alguém da família a dar a notícia sobre...sobre a perna dele.

Suspirando aliviada, ou algo próximo disso, enruguei a minha testa sem entender a dinâmica dos fatos.

— Ele não acordou ainda?

— Acordou, mas o médico não contou a ele, e como está ainda sob efeito dos medicamentos e com os curativos, eu sei lá, é bem provável que ele nem faça ideia do que houve de fato.

Levei as mãos até a minha cabeça, o desespero voltou a dominar-me e eu não conseguia pensar em como seria quando João soubesse.

—Então você quer que eu...?

— Quero que seja você a pessoa ao meu lado, mas sinta-se à vontade para me dizer não.

Sem precisar pensar, eu assenti com a cabeça, instintivamente.

— Eu faço qualquer coisa para que esse impacto seja menor, e se você acha que a minha companhia pode contribuir para isso, pode contar comigo.

— Eu...Eu nem sei como agradecê-la, Dili...Agora eu entendo a razão do João ter se apaixonado por você com tamanha intensidade — ela apertou minhas mãos dentro das suas, e eu não soube o que responder. — Só vou assinar uns documentos do plano de saúde e depois nós entramos.

— Vou estar lá fora. — Apontei para o jardim. Precisava de ar e aquele era o espaço com menos concentração de pessoas.

Cambaleei até um dos bancos de ferro fundido que ficavam de frente para uma plantação de margaridas. Os tons de branco, verde e amarelo chamaram a minha atenção e cederam paz ao meu coração.

As cores e formas sempre me encantaram e aquele pequeno pedaço de natureza deu um alento aos meus pensamentos.

— Acha que toda essa gente vai poder entrar para ver o João? — Chloe sentou-se do meu lado, e eu mantive meus olhos onde estavam. Uma plaquinha de madeira afundada na terra dizia: Proibido pisar na grama.

— Acredita que alguém que está neste hospital, lê aquele aviso? — Apontei com o dedo.

— Você leu, e acabou de me fazer ler também, portanto, acho que sim.

— Eu, não conta. Sabe muito bem que sou a louca que lê desde rótulos de shampoo, até o que vem escrito com letras miúdas no pacote de papel higiênico.

Chloe colocou a mão na boca para abafar o seu riso.

— Fico mais tranquila vendo que não perdeu seu senso de humor.

— Isso não é humor, é desespero mesmo. — Encarei-a. — A Marian acaba de me escalar pra ajudá-la a contar pro João sobre sua perna.

— Que grande droga... — ela lamentou.

— Dili, o Caio está procurando por você. — Diogo juntou-se a nós.

Meu coração deu um sobressalto dentro do peito e eu me levantei em imediato, o relógio no meu pulso marcava nove horas em ponto, portanto, aquele era o momento.

— Força, minha amiga. — Recebi um abraço terno da Chloe e outro do meu irmão.

Caminhei para fora do jardim, evitando pisar na grama. Passei por vários grupos de pessoas e de soslaio notei que algumas falavam sobre mim.

*“Evite o contato visual.”*

— Bom dia, Dili, a minha irmã já entrou. — Caio entregou-me um crachá. — Se lembra do caminho até a UTI?

Enquanto prendia o cartão plastificado na gola da minha blusa, balancei a minha cabeça em um movimento positivo.

— Nossa, eu estou mesmo nervosa — comentei, notando os meus dedos duros e trêmulos.

— Obrigado por estar aqui. — Caio me ajudou com o crachá. Ensaiei um sorriso e parti, eu não queria perder tempo.

Outra vez, caminhar por aqueles corredores frios, piorava a minha aflição. Assim que cheguei à porta do seu quarto, todos os níveis de nervosismo atingiram a sua marca recorde e, temendo sucumbir aos meus impulsos de sair correndo dali —o que era no mínimo contraditório, já que me sentia morta de saúdes dele —eu puxei a maçaneta e entrei de uma vez.

Os mesmos olhos cor deavelã, os fartos cabelos bagunçados, as covinhas que se formaram quando seus lábios se curvaram e todo o medo que gritava dentro de mim se emudeceu.

Eu o amava.

— E não é que ela veio mesmo...

Balancei a minha cabeça e enquanto lágrimas férvidas molhavam meu rosto, eu praticamente me atirei sobre o João e o apertei dentro dos meus braços, sentindo a recíproca me fazer ainda mais feliz.

— Eu nunca senti tanto medo... — murmurei sem encontrar nada melhor que pudesse expressar meus sentimentos.

— Ei, está tudo bem. —Ele segurou o meu rosto com as duas mãos. — Foram só uns cortezinhos, eu nem sei porque continuo neste hospital.

Olhei para Marian e ela chorava muito discretamente.

—Você é mesmo um convencido! —Tentei descontraír entre uma fungada e outra.

— Sabe que essa foi uma estratégia pra impedir a sua viagem, não sabe?

— Marian, parece que o seu filho acordou ainda mais impossível.

— Eu dizia a mesma coisa momentos antes de você chegar. Acredita que ele reparou nos meus cabelos? Disse que estou precisando

retocar as raízes, porque os brancos estão aparecendo.

— Nossa, quanta doçura... — Sorri com sarcasmo. — Mas agora é sério, João, você se lembra do acidente? Tem ideia da sorte que tem em poder estar aqui, vivo e fazendo piadas sobre os cabelos da sua mãe?

Notei que Marian aprovara a minha introdução, ela sorriu involuntariamente e suspirou como se estivesse se preparando.

— Na verdade acho que nunca vou me esquecer. Primeiro o susto, depois o impacto e então a dor, seguida do medo. Tudo isso numa fração de segundos. — Ele segurava seu queixo com uma das mãos, enquanto a outra se prendia a minha.

— Soubemos que você ficou acordado por todo o tempo. Fico imaginando no tamanho da dor que sentiu, no seu sofrimento e isso me fere, meu filho...Isso acaba comigo. — Marian voltou a chorar.

— Eu de fato permaneci acordado, mas isso não significa que estava consciente. Eu senti quando a minha perna esquerda foi prensada e a dor de fato foi intensa, diferente de tudo o que eu já senti. Mas não durou nem um segundo, talvez meu cérebro esteja condicionado a desligar...Eu faço isso quando preciso dar o máximo de mim em uma prova; Eu desligo a dor, quando os meus músculos começam a queimar e acho que esse é o segredo.

— Uau! Meus clientes precisam ter algumas aulas com você...Isso facilitaria o meu trabalho e economizaria as minhas pomadas anestésicas. — Outra vez tentei “preparar o campo”.

— Na verdade, eu acho que a maioria dos seus clientes, faz um pouco de charme...Sua mão é tão leve, que daria para passar o dia sendo tatuado por você. — Ele beijou com delicadeza a ponta dos meus dedos.

— Filho, você sabe o quão grave foi a lesão na sua perna? — A voz de Marian saiu falhada. Ela pigarreou.

— Eu imagino que vou passar um bom tempo sem poder colocá-la no chão. Eu sei que passei por uma cirurgia e imagino que devo ter gastado todo o estoque de pinos deste hospital. — Sua postura foi mais séria.

— João, a verdade é que sua perna foi...Ela foi esmagada, e outra vez eu reforço, você teve muita sorte, porque se aquele impacto tivesse sido em qualquer outra parte do seu corpo, você não... — Interrompi-me, eu não tinha forças para concluir a minha explicação, sem contar que minha voz se embriagou e isso o alertou.

— Mãe...O quê...? — Ele voltou o rosto para Marian e foi naquele momento que ele percebeu não se tratar de apenas uma fratura, ainda que grave.

— Filho, os médicos tentaram tudo o que puderam, mas os tecidos, os ossos... —Ela puxou o ar e eu também me lembrei de respirar. — Eles não tiveram outra opção...

João puxou a sua mão da minha e cruzou os braços contra o peito. Olhei para as suas pernas e notei que ele as movia com certa letargia.

— Estão tentando me dizer que...? —Ele fechou os olhos. —Eu perdi uma parte da minha perna?

Um tiro direto no meu peito.

Marian apenas subiu e desceu a cabeça.

João olhou diretamente para os pés, e claro, notou a parte que faltava.

O silêncio imperou naquele quarto, nada mais podia ser dito, não havia espaço para mais nenhuma explicação.

Um tempo depois ele levou as mãos até o rosto, cobrindo-o e, enquanto Marian chorava copiosamente, eu não tirava os olhos do João. Em algum momento, ele deixou os braços caírem ao lado seu corpo, e ao contrário do que eu imaginava, não havia desespero em seu olhar, nem revolta. Se eu tivesse de descrevê-lo, definiria como emoção.

João encarou a mãe e depois a mim, em seguida puxou o ar com tanta força que chegou a afundar o tórax e então expirou calmamente, como se estivesse respirando pela primeira vez.

— É estanho, eu sinto como se a minha perna estivesse aqui, inteira.

Marian afastou as lágrimas com as mãos e fungou.

— Os médicos disseram que é normal, que o cérebro leva um tempo para entender quando uma parte do corpo é... — Ela fez uma pausa.

— Amputada — completou ele. Sua mãe apenas concordou com a cabeça. — Sabem me dizer se foi acima ou abaixo do joelho?

— Logo acima — respondi, porque me sentia uma inútil ali.

Outra vez o silêncio.

— Bom, o que é perder uma parte da perna, para alguém que já experimentou a dor de perder uma parte do coração? — disse sério enquanto olhava para mim.

— Eu não acredito que consegue ter senso de humor, diante de uma situação tão séria! — Tive que chamar sua atenção.

Marian parecia cética, oscilava olhares entre mim e o João, como se não entendesse a curva daquela conversa.

— Eu acho que vou sair para que mais alguém possa entrar. Seus avós, o Caio, sem contar que metade de Arco dourado está na frente deste hospital. Todos querem notícias suas.

— Imagina! — Afastei-me da cama. — Eu saio, você tem razão Marian, todos devem estar mortos de preocupação.

João forçou o corpo para frente e alcançou o meu braço segurando-o, sua mãe deixou os olhos bem ali.

— Eu vou. Não sei se essa é a melhor hora, mas penso que vocês dois têm alguns assuntos pendentes. — Ela se curvou e beijou o rosto do filho por repetidas vezes. — Eu te amo e prometo que tudo vai ficar bem, mais tarde estarei de volta.

— Essa mulher parece que lê meus pensamentos. — Ele apontou com o dedo. — Obrigado por entender.

Um tanto atordoada, eu permaneci prostrada onde estava e só saí daquela espécie de transe, quando a porta se fechou e naquele quarto ficamos só nós dois.

— Mesmo estando um moribundo, não deixa de me fazer passar vergonha... Imagine, num momento tão delicado como este, querer ter essa conversa. Eu imagino que esteja sob o efeito de...



— Sabia que eu só pensei em você enquanto aquele carro vinha para cima de mim? — ele me interrompeu, ainda segurando o meu braço e obrigando minha aproximação. — Sério, eu vi o clarão dos faróis e ouvi as pessoas gritando, no entanto, tudo o que vinha em minha mente era se eu teria a chance de te ver outra vez.

— Que droga, João! Você e essa sua mania insuportável de fazer as melhores declarações. De verdade, você precisa ter algum defeito, senão, essa nossa relação fica muito desequilibrada — falei e antes de terminar já tinha me arrependido. Não sabia se a minha frase poderia ser interpretada de maneira errônea.

— Quando me disse aquelas coisas ontem, já sabia sobre a minha perna?

— Então escutou mesmo? Eu achei que...

— Não fala que foi o calor do momento, porque eu juro, quando acordei hoje pela manhã e o médico veio me ver, eu ainda me sentia um pouco atordoado, quase que como se estivesse embriagado, mas a primeira coisa que perguntei a ele, foi se uma linda mulher tatuada, dos olhos coloridos havia estado aqui... Dili, quando ele confirmou, aquele aparelhinho ali quase chegou à mil. — Ele apontou para o monitor cardíaco.

Virei-me de costas, naquele instante, se estivesse conectada também a uma daquelas máquinas, seriam meus batimentos que preocupariam os médicos.

— Tudo o que falei foi verdade, e por favor, não me faça repetir porque honestamente, eu ainda estou em processo de aceitação. — Voltei a encará-lo. — Você me transformou numa pessoa estranha, alguém que eu não reconheço e que faz coisas que a Diana Lima não faria. A verdade é que eu criei uma espécie de dependência de você e ontem, quando eu estava prestes a embarcar, pensar em ficar longe do meu vício me causou um desespero e um medo tão grandes, que eu surtei...

— Nossa! — Ele arregalou os olhos. — Para quem diz que não faz o tipo romântica, até que você sabe fazer uma bela declaração de amor...Eu juro que não esperava.

Encarei-o, antes de ameaçar dar uma tapa em seu braço. Ágil, mesmo quando não deveria, João conseguiu alcançar os meus ombros e me

puxar para perto dele. Nossos olhos se encontraram e as minhas pernas decidiram que era uma boa hora para falharem.

— Não precisa repetir tudo o que disse antes, mas fala de novo aquilo que por tantas vezes eu sonhei ouvir. — Suas palavras sussurradas chegaram a mim como uma prece e envolvida por toda aquela atmosfera de emoção, acariciei o seu rosto com paixão.

— Eu amo você, João Victor Dellawin... Por mais que isso tenha grandes chances de ser um problemão pra mim, eu não posso negar que te amo.

— Se eu não estivesse com esse gosto de cabo de guarda-chuva na boca, eu juro que a beijaria agora — disse ele, com os olhos úmidos, enquanto emoldurava meu rosto com as mãos.

— Idiota! — rosnei antes de grudar meus lábios nos seus, atendendo a súplica que meu corpo vinha fazendo ao longo daquela conversa.

Não havia gosto ruim algum, e se eu precisasse criar um ranking para os melhores beijos da minha vida, aquele certamente encabeçaria o placar.

— Humhum... — Ouvi pigarros e foi só por isso que me afastei do João. Olhei para o lado e seus avós nos encaravam com desaprovação.

— Quando sua mãe nos disse que você estava muito bem, eu não achei que fosse tanto. — A elegante senhora de cabelos acinzentados provocou.

— Dona Clarice, eu... Vou... — gaguejei, devorada pelo constrangimento.

— Não sabe como ver essa cena, deixa esse velho feliz! — Seu avô parou do meu lado e envolveu o neto em um abraço terno e emocionante. — Nós tivemos tanto medo da sua reação, de que você não entendesse o recado do universo... Meu filho, você sobreviveu a um acidente que poderia tê-lo o levado. Isso é o mais importante.

— Seu avô tem razão. — Clarice também abraçou o neto. — Sua vida é preciosa, e você recebeu uma segunda chance... Um presente de Deus.

— Eu concordo! Precisei perder uma parte da perna para ouvir dessa garota que ela me ama, portanto, acho que eu estou na vantagem! — João levou minha mão até os seus lábios e a beijou com carinho.

— Eu tenho certeza de que deram algum medicamento errado para ele. O João está fora de controle — brinquei. — Agora é sério, o Caio vai me matar se eu não sair daqui...Ele quer tanto te ver, e tem seu padrasto também.

— Não queria que você fosse...

— Eu volto à tarde. Prometo. — Depositei em seus lábios um beijo casto, em respeito aos seus avós.

— Tudo bem, mas eu preciso que volte mesmo...

Estalei os lábios e caminhei até a porta.

— Como eu poderia deixar de vir? Um vício é sempre um vício. — Pisquei pra ele e recebi em troca o sorriso mais bonito que ele poderia ter me dado.

Posso dizer que pela primeira vez eu caminhei pelo corredor do hospital como se flutuasse. Sentia-me leve e em paz, no fim, dizer que amava o João, olhando nos olhos dele, tinha sido algo mágico.

*“Viu só, Diana Lima? O amor pode ser bom!”*



De volta ao jardim, Chloe e Diogo permaneciam sentados no banco que eu ocupava anteriormente. Fiz um breve relato sobre tudo o que acontecera naquele quarto, e claro, pulei a parte da declaração, afinal, eu queria contar aquilo para a minha amiga com calma, com detalhes e, sem a presença do meu irmão.

— Pi...Pi...Pi...Alerta de furacão — Chloe sibilou enquanto fazia uma careta.

Movi a cabeça na direção em que seus olhos verdes estavam e entendi o que seria o tal “*furacão*.” Pedro Paulo, com as mãos no bolso da calça e um ar de desconcerto, parou em nossa frente.

— Bom dia — ele cumprimentou a nós três de maneira geral.

— Bom dia! — respondemos em uníssono.

— Eu fiquei sabendo o que houve, só agora pela manhã. Na cidade não se fala de outra coisa.

— Notícias como essa se espalham rapidamente — disse Diogo.

O pai da Débora concordou com a cabeça e colocou os olhos sobre mim.

— Achei que tivesse viajado.

— Acabei desistindo. — Dei de ombros.

Chloe olhou para mim e depois para o namorado com suas piscadelas deladoras.

— Vou até a cafeteria...Acho que eu viciiei no cappuccino deles. — Ela se levantou. — Quer um café, Dili?

— Não. Estou bem.

— Voltamos em cinco minutos. — Meu irmão passou os braços sobre os ombros dela, então, partiram.

— Posso? — Pedro Paulo apontou para o banco.

— Claro. — Ensaiei um sorriso.

Ele crispou os lábios e esticou as pernas, as mãos iam e voltavam por suas coxas e mesmo eu, que nunca tinha estudado nada sobre linguagem corporal, sabia que Pedro Paulo se sentia nervoso.

— Imagino que vai ficar mais um tempo aqui em Arco Dourado. Divulgaram o boletim médico e foi bem sério mesmo, ele...ele...

— Teve uma parte da perna amputada — completei, já imaginado que teria de repetir aquilo por algumas vezes.

— Que droga, não é?

— É, mas a amputação foi o melhor dos resultados...Se algo pior tivesse acontecido a ele, eu...eu...— Fechei os meus olhos e parei de falar, aquele não era um assunto a ser falado com ele.

Senti o meu rosto ferver e ele também ficou muito sem graça.

—Tudo bem, Dili...Acho que tudo aconteceu de modo bem providencial. Isso é do ser humano, perceber o quanto algo nos é importante, apenas depois que perdemos, ou estamos perto de perder...

Abri a boca para tentar responder, mas antes de conseguir, uma jovem mulher de cabelos naturalmente ruivos, nos cumprimentou com simpatia.

— Eu sou Adriana Jordão, do jornal Gazeta de Arco Dourado e gostaria de fazer umas perguntas para você.

Franzi a testa e me levantei.

— Perguntas? Para mim?

— Você é a namorada do João Victor, não é?

— Sim, eu sou — respondi sem precisar pensar.

—Como eu disse, sou repórter do jornal da cidade, por isso gostaríamos de algumas informações... Como ele está encarando essa amputação? A família pretende processar a motorista? Como ficam as olimpíadas agora que

— Nossa, Adriana! — Fui logo cortando-a.— Eu prefiro não dizer nada, tudo é muito recente e só o que eu posso garantir é que o João Victor é um guerreiro, é especial e está grato a Deus por ter sobrevivido. — Meio atordoada, cambaleei para longe dela e Pepa veio atrás de mim.

— Se saiu bem.

Passei as mãos pelos cabelos e olhei para o céu.

— Nossa, é tanta coisa que as vezes eu acho que vou enlouquecer — confessei.

Ele estreitou os olhos, parecia estar pensando no quealaria e tudo o que eu desejava era que não fosse algo que me levasse para um lugar ainda pior.

—Você cresceu, Dili. E ainda que não seja o desfecho que eu queria, fico feliz por você...Espero que tudo dê certo para o rapaz, e também, entre vocês dois. De verdade.

Assenti com a cabeça, emocionada. Se pudesse teria abraçado o Pedro Paulo, mas preferi deixar que ele partisse com apenas o que tinha de mim. As lembranças do nosso passado.

— Pela carinha do Pepa, você colocou cada coisa em seu lugar...— Chloe franziu o nariz.

—É, eu sinto como se estivesse prestes a terminar um daqueles quebra-cabeças de mil peças.— Ri sem muita vontade.— Agora vamos... Eu preciso respirar ares menos hospitalares.

Olhei para os lados e entrelacei o meu braço ao da Chloe, deixando ela entre mim e o meu irmão.



## 22 – Uni dunitê

Café, hospital.

Almoço, hospital.

Jantar, hospital.

Essa foi minha rotina nos primeiros seis dias desde o acidente do João, depois de uma semana ele foi transferido para um quarto normal. Lá, tudo era bem diferente, o horário das visitas foi ampliado, e tinha outra grande vantagem, o João podia ter uma companhia durante as 24 horas do dia e, como eu era a pessoa mais desocupada no momento, me ofereci para ficar na maior parte do tempo, algo que não foi sacrifício nenhum.

No terceiro andar do São Rafael, o leito número 37 parecia mais um quarto de hotel. Havia uma cama para o acompanhante, poltronas confortáveis, além de uma tevê com canais pagos e ar condicionado.

A comida também era boa, mesmo assim, eu estava sempre levando guloseimas para o João. Minha mãe fazia questão de mandar todo

dia uma marmitazinha com as delicias da Primeiro Peçaço.

Não posso dizer que vivíamos um mar de rosas, na verdade, havia dias em que era como se estivéssemos atravessando um furacão. Quando o efeito dos medicamentos começava a passar, João amargava dores terríveis, e por mais que tentasse disfarçar quando estava comigo, o médico deixava claro que sim, seu sofrimento era profundo.

De qualquer forma, ele era mesmo bravo e valente, mantinha sempre um sorriso estampado no rosto e seu otimismo acabava contaminando todos ao seu redor.

Nem preciso dizer que ele fazia a festa das enfermeiras, tanto das mais novas que suspiravam pelos corredores, quanto as mais velhas, que elogiavam sua beleza e seu físico descaradamente.

Quanto a nós, nosso RELACIONAMENTO, ia muito bem. Sem todas aquelas camadas de armaduras que eu vestia antes, estar com ele sem o peso das dúvidas e do medo, era bom e apesar de toda a tempestade, nunca estive tão feliz.

— Três semanas depois e enfim estarei de volta à minha casa — João comemorou, ao ser avisado de sua alta.

— Por isso eu vi uma reunião de mulheres vestidas de branco, chorando copiosamente ao fim do corredor? — Quis provocá-lo.

João ergueu as sobrancelhas e cruzou os braços contra o peito.

— Na verdade, estão assim porque eu selecionei algumas delas para cuidarem de mim em casa, então, as que não foram escolhidas devem estar mesmo decepcionadas.

Caminhei dois passos e cheguei até a poltrona onde ele permanecia sentado e me abaixei em sua frente.

— A única enfermeira que você vai ter, está bem aqui, com o dedo apontado para o seu lindo nariz...Dê-se por satisfeito.

Com o rosto liso e um ar misterioso, ele segurou o meu queixo e depositou um beijo rápido nos meus lábios.

— Eu vou adorar tê-la cuidando de mim, mas tem uma coisa que vem martelando os meus pensamentos e mesmo temendo a resposta, eu preciso perguntar.



Antes que ele prosseguisse, eu já podia imaginar sobre o que ele se referia. Puxei um pouco de ar para dentro dos meus pulmões e me levantei, afastei-me dele e parei de frente para a janela que fazia vista para o jardim do hospital.

— Pode perguntar — assenti com os olhos fixos na plantação de margaridas. Vistas de cima elas pareciam pinturas.

— Eu sei que em algum momento você vai voltar para a Florida, sei que você tem uma agenda de trabalhos para cumprir, tem seu estúdio, seu apartamento, mas agora tem um namorado, e eu preciso saber como vamos fazer.

Balancei a cabeça instintivamente, eu, assim como ele, tive tempo para pensar sobre o assunto e também, para tomar algumas decisões e fazer algumas escolhas. Esperava o momento ideal para comunicá-las ao João, então, diante da sua indagação eu não vi outra saída, que não abrir o jogo com ele.

— Eu tenho cerca de vinte e cinco peles agendadas e as datas se estendem até o mês de agosto. — Voltei até ele. — Portanto, ainda que eu fosse o The Flash, não daria para fazer tudo isso, sem me ausentar daqui por um bom tempo, já que a agenda não depende só de mim. As pessoas marcam suas tatuagens de acordo com sua própria disponibilidade.

— Eu sei, e entendo. — Ele fez uma careta, e eu, outra vez me abaixei em sua frente. — São cinco meses, Dili. Eu vou morrer de saudades, mas posso aguentar.

— Eu tomei uma decisão. E não foi agora, foi há dias. — Apoiei meus dois braços sobre a sua coxa direita e deixei meus olhos se perderem nos seus por alguns instantes, preparando-me para o que eu ia dizer. — A questão, é que eu não suporto ficar longe de você... Não volto mais para a Florida, ou melhor, volto apenas pra visitar. Consegui negociar meu estúdio, e a Haley, uma amiga minha, também tatuadora, vai assumir a minha agenda. Conversei com os pais da Chloe e eles vão colocar meu apartamento para alugar.

— Espera aí... Você está querendo me dizer que...? — João externou todo o seu ceticismo, com expressões que quase me arrancaram um riso.

— Estou dizendo que vou ficar em definitivo. Vou refazer a minha vida aqui, em Arco Dourado. Estou negociando outro espaço para montar meu estúdio, quero deixar tudo com a minha cara. Minhas coisas estão vindo de container, tenho um bom estoque de matéria prima e a Haley vai me enviar suprimentos quando eu precisar.

— Planejou tudo! Tem mesmo certeza?

Deixei escapar um riso nervoso.

— Não. — Passei as mãos pelo meu rosto. — Eu nunca tive tantas incertezas, e eu sinto como se estivesse diante de vários caminhos, com estradas que podem me levar para diversos destinos, mas tudo o que sei, é que eu quero seguir pelo que me leve a um moreno, alto, treze anos mais jovem, que tem as covinhas mais sexys do mundo e que quando me olha desse jeito apaixonado, infla meu ego e me faz pensar que eu sou a pessoa mais especial deste planeta. É tão bom e eu não quero deixar de me sentir assim, nunca.

— No que depender de mim, não vai, porque você é, Dili, a pessoa mais especial deste planeta.



A despedida do hospital foi emocionante. Quase um mês e você acaba criando laços com as pessoas. Era sexta-feira, início de tarde e o suor molhava meu rosto enquanto seguíamos para o hall do São Rafael. Eu empurrava a cadeira de rodas em que João estava sentado e, isso era protocolo do hospital, já que ele vinha se adaptando bem às muletas.

Perto da porta de saída, o médico que o operou, alguns integrantes da sua equipe, sua família, seu técnico e um homem trajando roupas sociais que eu nunca tinha visto antes, esperavam por ele.

— Quero agradecê-lo por tudo....O senhor foi fantástico, e eu nunca vou me esquecer da sua dedicação. — João estendeu a mão ao doutor Hercílio.

— Não pense que todo o meu esforço foi genuíno e desinteressado... Você é o atleta mais importante da cidade, portanto, não se esqueça de mim quando estiver em cima de um pódio.

Todos nos entreolhamos, e um clima de desconforto pairou sobre nós. Constrangidos pelo silêncio, Caio pigarreou e eu forcei uma tosse.

— O doutor Hercílio não está maluco, nem perdeu a noção, como vocês devem estar pensando. — O técnico do João deu um passo à frente. — Esse é Fabrício Simerio, diretor executivo da *Techmaster*, uma das maiores empresas de tecnologia do país.

O elegante homem fez um cumprimento geral, depois, se inclinou e estendeu a mão ao João, que parecia um tanto confuso ao apertá-la.

— Soube da sua história e a nossa empresa gostaria muito de patrociná-lo. Estamos finalizando a construção de uma nova sede da *Techmaster* neste município e seria uma honra fazermos parte do seu time.

— Eu acho que... Bem, esse patrocínio chegou um pouco atrasado, eu não...

— Tor, eu sei que ainda precisamos conversar muito sobre a sua nova condição — interveio seu técnico. — No entanto, levando em conta a sua idade e o seu preparo físico, todos nós apostamos alto que você pode brilhar muito no para-atletismo.

— Exato! — Fabrício expôs toda a sua empolgação. — Hoje o mercado internacional dispõe de próteses fantásticas, que permitem que uma atleta como você, possa continuar exercendo todas as funções de antes do acidente. Nós da *Techmaster*, estamos dispostos a custear essas próteses para você, além de um suporte mensal para ajudar nas despesas de manutenção da mesma e também para a sua reabilitação.

— Aqui está a proposta deles, toda detalhada, você pode estudá-la com calma. — O técnico do João entregou-lhe uma pasta escura, com o logotipo da empresa de Fabrício timbrada no canto.

— Nossa! — João emitiu um suspiro sonoro. — Eu nem sei o que dizer, confesso que não tinha pensado nisso, ou melhor, até tinha, mas não dessa maneira.

Doutor Hercílio deu três tapinhas nas costas do João e sorriu. Nos olhos, o brilho demasiado denunciava sua emoção.

— Contamos com você, garotão. Tenho certeza que em 2016 eu vou vê-lo trazendo algumas medalhas para esta cidade.

— Eu também acredito nisso, filho...Você sabe que é capaz. — Marian finalmente se manifestou.

Esperança. Esta palavra definiria bem a sensação que todos nós tivemos ao sairmos daquele hospital. A premissa da realização do sonho de João, fez com que todos nós, partilhássemos dos raios de sol que voltaram a brilhar com força.



### **3 meses depois....**

Dizer que foi fácil seria uma mentira descarada, de qualquer forma, nós vínhamos nos saindo bem. João se recuperava da cirurgia sem complicações, mas as dores o acompanharam por algum tempo, inclusive, as fantasmas, que causavam desconforto na parte inexistente da sua perna.

Em momentos como esse, era possível ver nuances de tristeza nos olhos do meu namorado, mas eu sempre dava um jeito de mudar o foco.

A inauguração do meu novo estúdio estava marcada para dentro de cinco dias, e confesso que o salão, bem no meio do centro da cidade, era muito mais a minha cara.

—A vibração daqui é outra. — Chloe parou na minha frente. Eu terminava de checar as caixas que tinham chegado da Florida e senti uma fisgada na minha barriga; aquela sensação boa de recomeço.

— Estamos longe daquela nuvem negra que pairava sobre a cabeça do Evandro. — Fiz uma careta. — Só isso já o bastante para sentir diferença.

— Eu sinto pena da boate, gostava da Glowing — ela fez um beicinho e sentou no chão com as costas rentes à parede.

— Eu também gostava, ainda mais porque guardava memórias da minha adolescência. Também foi lá que eu beijei o João pela primeira vez.

— Own...Que coisa mais linda...Quem diria que a Dili, seria tão romântica... —minha amiga zombou, ao mesmo tempo em que acariciava sua discreta barriga de quatro meses.

— Só vou relevar a provocação, porque tem um bebezinho aí dentro... —Apontei o dedo para ela.

Chloe sorriu de um jeito que iluminou o seu rosto.

— Me sinto tão feliz... Se você pudesse imaginar como é a sensação de gerar uma vida...

Suspirei alto e, imaginava mesmo que deveria ser muito bom, já que em mais de dezesseis anos, aqueles últimos quatro meses vinham sendo os que eu vi a Chloe mais plena, sensata e bonita.

— Fico feliz por você estar feliz e também por fazer do meu irmão um homem tão

— Maravilhoso! — interrompeu-me ela.

Fiz uma careta.

—Eu não diria isso, mas tudo bem, se está falando, eu não vou contrariar. —Puxei sua mão e dei um beijo rápido nela. — Por falar em bebês, eu ainda não criei coragem de ir visitar a Sabrina...Sério, parece que alguma coisa me trava.

— Mas você mandou convite para a inauguração do estúdio? — Confirmei com a cabeça. — Então espere, quem sabe ela não aparece, aí você conhece o filho dela, aproveita de entrega o presentinho que comprou.

— Eu comprei? — Encarei-a com espanto.

—Não, mas, seu irmão anda comprando tanta coisa pra a Maria, que eu posso desviar alguma roupinha ou brinquedo.

— Maria? Como assim, já decidiram o nome? Ou melhor, como sabem que é uma menina?

— Não temos uma confirmação, mas o meu instinto materno me diz que é uma menina, e eu faço questão de um nome simples.

Abracei as minhas pernas e fiquei encarado a Chloe, tentando entender como alguém pode mudar e amadurecer em tão pouco tempo.

— Eu olho para você e só consigo pensar numa coisa: Primavera.

—Primavera?

—Isso. Se eu tivesse que compará-la a uma estação do ano, seria primavera.

—Eu gosto da primavera...Na verdade, é a minha estação preferida. — Ela virou todo o corpo para mim, ao mesmo tempo que exibia no rosto um sorriso malicioso. — E você e o João, qual estação definiria vocês?

— Sem sombra de dúvidas o alto verão...Daqueles onde o sol nasce às cinco da manhã e queima com vigor mesmo com a lua no céu.

— Então vocês já voltaram a... — Ela arregalou os olhos.

— Digamos que essa coisa de ser enfermeira tem lá suas vantagens, sem contar que o João perdeu parte da perna, mas todo o resto continua igual, ou melhor. E agora que ele entendeu isso, posso dizer que estamos em nossa melhor fase... — Cobri o meu rosto com as mãos um pouco constrangida com o comentário.

Eu desabafara semanas antes com a Chloe, sobre a minha vida sexual depois do acidente. É claro que eu não esperava que tudo voltasse a ser como era antes, ao menos não imediatamente. João sentia dores muito fortes, e havia também o lado psicológico, que não passou ileso.

A questão era que, mesmo sendo eu a ajudá-lo com seus curativos e até mesmo no banho, nos momentos em que ficávamos à sós, trocando beijos mais intensos e carícias mais íntimas, ele dava um jeito de se desvencilhar, de me cortar, sem dó nem piedade.

Por bem, eu nunca fui uma pessoa de meias palavras, então, mais de dois meses depois do acidente, em uma das noites onde eu quase explodia de desejo, assim que ele deu um jeito de impedir que eu tirasse seu shorts, o coloquei contra a parede.

Para minha surpresa João não fugiu daquela conversa, muito menos tentou me dar desculpas esfarrapadas. Direto, como sempre

costumava ser, confessou o desconforto por causa da perna e, ainda completou temer a minha reação, achava que eu poderia, de alguma maneira, reagir mal ou simplesmente criar uma rejeição a sua atual anatomia.

Naquela noite, além de termos nos amado pela primeira vez depois de sua nova condição, descobrimos que para algumas situações palavras não são necessárias. Eu poderia ter dito que ele era o homem mais completo do Universo, ou ainda, que quando olhava para ele sequer me lembrava da amputação, o que de fato, era tudo verdade, no entanto, eu apenas o beijei e depois o despi com toda a calma que não me pertencia, mas que eu tinha pegado emprestada de alguém, assumi o controle da situação, dando um jeito de mostrar que eu o amava, exatamente do jeitinho que ele era.

Foi a melhor experiência da minha vida.

— E ele volta quando? — Ouvi a pergunta feita pela Chloe, bem ao fundo das minhas memórias.

— Oi? — Encarei-a tentando voltar daquele lugar incrível por onde meus pensamentos passeavam.

— Eu perguntei, quando o João volta — ela repetiu com paciência.

— No dia da inauguração. — Levantei-me para em seguida ajudar a Chloe a fazer o mesmo. — Parece que algo deu errado com as medidas da prótese.

— Então ele ainda não vem com ela colocada?

— Ainda não...Remarcaram para o próximo mês e, por mais que ele tenha tentado disfarçar, eu senti um desapontamento em sua voz quando nos falamos pela manhã.

Chloe estalou os lábios.

—Fazer o quê, não é?

—Terminar de arrumar todas estas coisas aqui! — Pisquei para ela. — Eu quero que *o Ink Sky Tattoo* esteja pronto até amanhã, depois eu preciso descansar para o dia da inauguração.



Como já era de se esperar, estávamos atrasados. Meus pais partiram na frente, já que a Primeiro Peçaço assinava o buffet da festa e, como a minha mãe foi proibida de trabalhar naquele dia, fez questão de ir uma hora mais cedo para supervisionar sua equipe.

O João Victor era outro com sérios problemas de horário. Ligou-me no início da tarde, dizendo que tinha perdido o voo e que por isso chegaria com a festa já iniciada. Para ajudar, o Diogo não encontrava as chaves do seu carro e enquanto os minutos voavam, ele, a Chloe e eu, vasculhávamos a casa em busca da bendita.

—Você não tem uma chave reserva? — perguntei, pensando seriamente em chamar um táxi.

—A que sumiu, é a chave reserva — Chloe gritou da cozinha.

Apenas bufei, pensando em um xingamento bem adequado para o Diogo.

—Achei! — ele avisou, antes que eu colocasse pra fora todas as palavras feias que se amontoavam na ponta da minha língua.

Chloe juntou-se a nós na sala, parou bem no meio dela e começou a dar uns saltinhos.

Diogo e eu nos entreolhamos e o ceticismo nos dominava.

— Ficou maluca? — bradei. — Esqueceu que está grávida? Por que ficar pulando como um canguru?

—É que eu pedi ajuda pro São Loguinho... — Ela encolheu os ombros. — Sua mãe me ensinou que quando uma coisa desaparece você

— Santo Cristo! — Ergui minhas mãos. —É São Longuinho, Chloe — expliquei com calma.— E você, Diogo, precisa ter uma conversa séria com a mamãe. Daqui a pouco sua namorada vai estar cobrindo espelhos ao início de uma tempestade, evitando passar por debaixo de escadas...



Diogo gargalhou, enquanto Chloe parecia não ter entendido nada.



— Está nervosa, Dili? — A pergunta foi repetida pela milésima vez durante o trajeto de casa para o meu novo estúdio. Quando não era meu irmão, era a minha amiga.

Minhas respostas se limitavam a suspiros e gestos com a mão ou cabeça. Fazia meia hora que a festa onde eu era a anfitriã começara, e em vez de estar recebendo meus convidados, eu me encontrava sentada no banco traseiro de um carro, onde o motorista dirigia como uma lesma porque a namorada grávida era sua passageira e, se não bastasse tudo isso, tinha também o fato de o João não ter respondido nenhuma das minhas 98 últimas mensagens.

Finalmente, quando dobramos a esquina, pude notar que o quarteirão exibia filas de carros estacionas dos dois lados da rua.

— Será que são meus convidados. — Enfiei-me entre os bancos da frente. Meu irmão se concentrava na baliza que fazia, a vaga almejada parecia ser menor que seu carro, no entanto, depois de duas tentativas ele gritou:

— Quem é o melhor motorista de Arco Dourado?

Revirei meus olhos, irritada por minha pergunta ser efetivamente ignorada.

“Droga! Deviria ter colocado um salto mais baixo!” — Meus joelhos tremiam tanto que de repente, meu salto de doze centímetros parecia ter mais de vinte quando eu tentava me equilibrar pela calçada de pedras portuguesas.

Sentindo-me avulsa, coloquei-me entre a Chloe e o Diogo.

— Preciso de apoio. Estou com vontade fugir daqui... — confessei, enlaçando meus braços nos deles.

— Dili, seu estúdio vai ser um sucesso! — Ela depositou um beijo na minha bochecha.

—Vai mesmo, e, se quiser um modelo para tatuar alguém hoje durante a festa, eu me prontifico.

Lancei um sorriso amarelo ao meu irmão.

—Dili! — Uma voz conhecida veio detrás de mim. Virei-me e logo vi Marian, acompanhada do seu marido.

Os dois aceleraram os passos e logo nos alcançaram.

—Marian, é muito bom ter você aqui. —Abracei-a com força, seguindo depois para Fernando, seu marido. — E o João? Alguma notícia dele?

— Chegou quando nós saíamos, o Caio vem com ele.

— Que bom. — Coloquei a mão sobre o meu peito esquerdo. — Confesso que começava a me preocupar, ele não responde as minhas mensagens.

Marian e o marido se entreolharam e se eu não estivesse com a minha adrenalina em níveis consideravelmente altos, talvez tivesse notado algo a mais naquele ato.

— Bom, como devem ter percebido, eu estou atrasada para a minha própria festa, portanto, tenho que correr.

—Claro! — Marian voltou a caminhar, depois de segurar no braço de Fernando.

Com poucos passos paramos em frente a calçada do *Ink Sky Tattoo*. Através da grande vidraça, era possível ver como tudo estava do lado de dentro.

As paredes claras, com meus desenhos emoldurados pendurados nelas e no chão branco, bem ao centro, uma passarela de espelhos que levava à sala onde seriam feitas as tatuagens. No teto, sobre ela, a pintura imitando nuvens era refletida e isso causava o efeito de, literalmente, estar caminhando no céu. Toda a mobília e a decoração também exibia tons de azul. Diferente do meu estúdio em Tampa, onde o estilo era bem rock, no de Arco Dourado eu não busquei inspiração em mais nada além de mim, dos meus gostos e dos meus sentimentos.

— Anda, Dili! — Clhoe gritou já na porta. — Isso está cheio de gente.

Enchi meus pulmões com todo o ar que fui capaz e, aproveitando aquela maré de superstições, pisei com o pé direito sobre capacho que levava o nome do lugar. A pedido meu, a música ambiente ficava por conta de uma coletânea de canções dos anos 90, já que para mim, foi a década de melhores artistas.

Ao som de *Estoy Aqui*, passei os meus olhos por cada cantinho do meu estúdio, assim como pelas pessoas presentes que se refestelavam com as delicias da Primeiro Pedaco.

A maioria eram clientes que eu fizera naqueles poucos meses, com eles, amigos e parentes; havia também os colegas do Diogo, tanto do trabalho, como do futebol (que ele não jogava mais, desde a chegada da Chloe). Reconheci alguns ex-colegas de escola e o restante eram pessoas que foram convidadas pelo João.

Ele parecia um cabo eleitoral, fazia propaganda do Sky Ink a todo mundo que olhava para ele. A impressão que eu tinha, era a de que meu namorado torcia mais do que eu para que aquilo desse certo.

— Ficou incrível, Dili! Muito mais bonito e aconchegante do que o da Glowing — Marian parou do meu lado.

— Sem sombra de dúvidas. Exatamente como a Chloe disse um dia desses, este espaço tem outra vibração, me traz paz.

— Exato! O Fernando e eu demos uma olhada nas suas pastas e estamos cogitando fazer uma tatuagem de casal. Claro que algo bem discreto. — Ela piscou para mim, fazendo com que eu risse da sua declaração.

— Dili, sua mãe está colocando a mão na massa... — Chloe voltou dos fundos e cochichou em meu ouvido.

— Eu disse que não era para ela trabalhar hoje! — resmunguei, já seguindo para onde a Dona Eliete se encontrava.

Para minha não-surpresa, ela alegou que as meninas contratadas não sabiam como arrumar os salgadinhos na bandeja, nem como finalizar as

mini porcelanas e que os docinhos deveriam ficar para mais tarde. Tudo isso, chancelado pelo meu pai.

Resumo da ópera, os dois ficaram enfurnados na cozinha por um bom tempo, e só saíram de lá para aproveitar o coquetel, quando conseguiram colocar tudo nos eixos.

Minhas bochechas doíam, tantos foram os sorrisos que distribuí na primeira hora. Os elogios não paravam de chegar, e todos os convidados se mostravam empolgados com o mais novo empreendimento da cidade.

— É, definitivamente, um dos mais charmosos lugares de Arco Dourado — elogiou a repórter de uma revista local, depois que finalizou uma série de perguntas que fariam parte da entrevista para sua coluna social.

— Muito obrigada... E se resolver aventurar-se nessa coisa de colorir a pele, peça um voucher àquela menina com uma cesta nas mãos. — Apontei para a garota e automaticamente meus olhos foram para a porta de entrada.

Por ela, acabavam de passar os convidados que eu achei que jamais iriam. Minha tia Eliana, a Débora e também o meu tio. Cética e um tanto atordoada, tentei voltar à órbita quando fui cercada por um rapaz todo vestido de preto. Nas mãos uma câmera fotográfica profissional.

—Tudo bem fazermos alguns registros agora? — perguntou ele.

— Claro, sem problemas. — Forcei um sorriso. —Eu só vou chamar meus pais e também meu irmão e a minha amiga...Quero que eles estejam nas fotografias.

—Certo, vou esperar lá fora. Acho legal que saia a imagem da fachada e também quero fazer uma montagem com aquela pintura de céu.

Movi a cabeça para cima e para baixo, dei as costas para ele e corri em busca da minha tábua de salvação. Chloe.

— Mas você os convidou. — Ela me segurou pelos ombros, argumentando como se falasse com uma criança.

— Eu sei, só achei que não viriam.

— Achou errado. — Chloe passou o dedo pela ponta do meu nariz.— Baby, deixe que eles comam e bebam nesta festa, o mais importante é que vejam os louros da sua gloria!

—Ok, vamos ao próximo ato. Preciso que reúna meus pais e o Diogo. Esteja com eles lá fora em trinta segundos. — Tentei fazer com que a Dili workaholic, voltasse, ao menos por alguns instantes.

Por bem, evitei o encontro com o trio. Quando voltei à frente do estúdio, nem sinal deles, imaginei que estivessem explorando o lugar.

Fazíamos as fotos sobre a passarela de espelhos, quando Chloe voltou com o restante da Família Busca-pé.

— Missão dada é missão cumprida! — ela se gabou, batendo continência.

— Estes são meus pais, meu irmão e a minha amiga, também conhecida como minha cunhada — expliquei à assistente do fotógrafo que anotava tudo em um bloco de papel.

— Eu estou grávida, portando, se tiver um jeito de a minha barriga sair mais proeminente na foto, eu ficarei grata.

Todos rimos.

— Não se espantem, isso é muito comum...Apenas nessa hora as mulheres pedem para deixarmos elas mais gordas! — explicou o fotógrafo, em tom de escárnio.

—Eu concordo! Grávida bonita é grávida redonda! — minha mãe opinou.

Todos os homens ali presentes se entreolharam e mantiveram as bocas bem fechadas.

— Quer tirar com mais alguém? — perguntou ele, depois de alguns flashes.

— Pode ser mais tarde? — indaguei, sem esconder a minha chateação. Eu queria fotos com o João, muitas delas, e ele, nada de aparecer.

Diante de sua concordância, preparava-me para voltar ao interior do salão, quando dei a última olhada para o fim da rua.

Se precisasse encontrar palavras para descrever como me senti diante da cena que vi, provavelmente leria o dicionário Aurélio do início ao fim e, ainda assim, não as encontraria.

Ele vinha, vestido em calças escuras, algo que parecia com um tom de vinho, a camisa de manga curta era branca e exibia os braços malhados. Os cabelos penteados para cima, formavam um belo topete e para arrematar, suspensórios e uma gravata borboleta na cor da calça, faziam com que João Victor parecesse ter saído de uma revista de moda vintage. No entanto, ainda que toda a sua beleza e seu sorriso estivessem me prendendo como se fossem um campo magnético, a falta de muletas foi o que me levou a olhar para os seus pés.

— Gostou dos sapatos, Dili? — ele parou bem na minha frente e colocou as mãos nos bolsos da calça.

Olhei para eles. Dois sapatos, portanto, dois pés.

Eu abria e fechava a boca sem conseguir emitir som algum, senti a minha sobrelha esquerda pular e se considerasse as pontadas no peito, poderia jurar que estava prestes a sofrer um infarto.

— O que está acontecendo? — murmurei incrédula. — Só não me fala que é um sonho, porque seria muita maldade tirar de mim esse momento de tamanha felicidade — choraminguei, antes que João pudesse me responder.

— A perna mecânica... Deu tudo certo e eu quis fazer uma surpresa — ele sussurrou nos meus ouvidos, assim que me abraçou.

Relutante, mas ainda mais curiosa, afastei-me dele para poder vê-lo por inteiro e foi incrível. Parado como ele estava, tudo parecia igual a antes do acidente, e por certo, ver seus olhos brilhando e a felicidade estampada em cada milímetro do seu rosto, deu ao meu mundo mais sentido.

Sem conseguir impedir o meu choro, segurei seu rosto dentro das minhas mãos e o beijei com toda a paixão que explodia dentro do meu peito.

— Eu te amo, João — declarei, com a voz falha, e, como Chloe mesmo dissera antes, chega uma hora que fazer uma afirmação dessas, se torna tão fácil quanto respirar.

—Também amo você, Diana Lima, a mais nova empresária de sucesso de Arco Dourado — disse, apertando-me contra seu peito.

— Temos! Estas ficaram lindas! — O fotógrafo me trouxe de volta à Terra, depois de um pigarro alto. — Fiz umas imagens enquanto vocês...

—Claro, de agora em diante, quero que fotografe cada passo que eu der ao lado deste belo rapaz! — Beije seu rosto rapidamente.

— João Victor, certo? — perguntou, meio sem jeito, a garota que segurava um bloco de papel.

— João Victor Dellawin, meu namorado — acrescentei, por várias razões.

—Isso vai sair no jornal? — perguntou ele à garota.

— Revista Golden.

— Bom! Então, acrescente ao namorado, futuro marido e futuro pai dos filhos de Diana Lima.

—E vidente, também — resmunguei, enquanto João se posicionava atrás de mim. Seus braços envolveram a minha cintura e eu me senti desmanchando. A vontade era de largar a festa e fugir com ele.

A garota balançou a cabeça e riu ao mesmo tempo que rabiscava o bloco.

— Nossa, precisei estacionar a dois quarteirões daqui. — Caio voltou reclamando, e com razão, de fato as vagas mais próximas ao meu estúdio tinham sido ocupadas logo na primeira hora da festa. —Uau! —Ele assoviou depois de uma olhada panorâmica no lugar.

— Ficou maravilhoso, não ficou? — indaguei, como uma boa mãe coruja.

— Sem palavras. — Caio encolheu os ombros.

—Minha garota é boa em tudo o que faz, as ideias foram todas dela.

— Caio, você sabia o tempo todo sobre a prótese? —Voltei, ao que para mim, era o assunto mais importante da noite.

Os dois trocaram olhares que denunciavam sua cumplicidade.

— Ele sabia, mas eu pedi que não dissesse nada, senão, deixaria de ser uma surpresa.

— Eu vou comer alguma coisa, e depois retomo as fotos, pode ser?

— Claro que pode! Fiquem à vontade. —Voltei minha atenção ao fotógrafo e sua assistente.

Os dois saíram, então, Caio, João e eu, continuamos conversando sobre como era fácil me enganar.

—Vou procurar a Mari e contar que deu tudo certo. — O tio do meu namorado deu um jeito de sair de cena.

— Ela também sabia? — Coloquei meu dedo em riste. — João assentiu com a cabeça. — E a Chloe? — perguntei, com uma dose de ceticismo.

— Ela não. Seu irmão sim.

— Então ela sabe também...Na relação dos dois, não existem segredos! — Quis provocá-lo.

— Boba! — Mordiscou minha bochecha.

— Sente alguma dor? Qual é a sensação de ter os dois pés no chão, novamente?

—Não vou negar que dói um pouco e é normal, afinal, este é o segundo dia em que eu estou usando a prótese, mas não é nada que incomode ou me deixe mal-humorado. —Seus braços me puxaram para mais perto. — Nada comparado a ficar longe de você.

Fechei meus olhos, deixando que sua voz, seu cheiro e suas palavras fossem absorvidas pelo meu organismo. Eu sabia bem sobre o que ele falava.

— Estou tão morta de saudades, que passei a cogitar a hipótese de largar esta festa e ir direto para o nosso lugar.

— Nosso Lugar? — João ergueu as sobrancelhas exprimindo sua confusão.



— Sim, eu promovi o estacionamento aberto do clube, como “o *nosso lugar*.”

— Hum...Eu não tinha... Dili, gostei da ideia...

— Qual delas? A de fugirmos?

João jogou a cabeça para trás e riu.

— Essa é tentadora, mas me refiro a termos um lugar e, quanto a fuga, embora me pareça perfeita, veja a quantia de pessoas que estão aqui por você, para prestigiá-la. A noite é sua, portanto, brilhe!

Diante de suas –não raras –palavras sábias, permaneci um tempo olhando para ele, e algo dentro de mim gritava, se remexia com inquietação, como quando se coloca dentro de uma gaveta, mais coisas do que ela pode comportar.

Eu estava cheia, cheia de amor para dar e pronta também para receber, porque ser amada era mesmo algo muito bom.



## 23 – Amarelinha

—E o ganhador do vale-tatuagem é.... — Uma das organizadoras do coquetel, começou a anunciar, o desfecho de sua própria ideia. Depois de ver se esgotar como água no deserto, todos os cinquenta volchers de desconto, ela sugeriu que oferecêssemos uma tatuagem maior para um sorteio, e eu, que já nem sentia mais meus pés e não via a hora de encerrar aquela festa, concordei, sob a condição de que ela daria um jeito de colocar todo aquele povo para fora em nada além de quinze minutos. —Pedro Paulo Guerrine.

Pedro Paulo Guerrine, o Pepa, e eu, sequer sabia que ele estava na minha festa. Eu passei a noite fugindo da minha tia, já a Débora, acabamos nos esbarrando antes e para ela, foi como se nada tivesse acontecido.

A garota elogiou o estúdio, disse que eu estava muito bonita e depois se prostrou na frente do balcão dos bartenders e ficou lá, enchendo a cara com drinks sem álcool (ao menos é o que eu acho, uma vez que eu deixei bem claro que só frutas e suco deveriam ser mixados para os menores de 18 anos) e fazendo charme aos rapazes que tinham coqueteleiras nas mãos.

De qualquer forma, ainda que fosse uma surpresa para mim, o Pepa estava lá, e assim que seu nome foi chamado, ele apareceu e seu sorriso para mim, fez com que João apertasse minha mão dentro da sua. Com os olhos, acompanhamos enquanto ele caminhava até a organizadora da festa e quando ela o congratulou pela sorte, senti o corpo do meu namorado enrijecer. Automaticamente, passou o braço em torno da minha cintura e me puxou para mais perto.

Foi como um aviso, algo do tipo: *“Nem pense que você vai sair daqui para abraçar aquela cara!”*

—Diana! — a mulher disse meu nome, ao mesmo tempo que me chamava com a mão. Senti vontade de me esconder.

*“Que grande merda! Com mais de cem pessoas dentro deste espaço, por que raios, justamente o Pepa, tinha de ser o maldito ganhador?”*

Soltei-me do João, que manteve em seu rosto uma expressão fechada. A medida que nos aproximávamos, eu só conseguia pensar que nunca me sentiria confortável para tatuá-lo.

— Parabéns Pep...Pedro Paulo. —Entreguei o papel para ele. Este voucher é transferível, portanto, se não quiser ter a pele rabiscada, pode passar para qualquer um. —Minha voz tinha um tom audível, apenas para os que estavam mais próximos.

Ele sorriu outra vez, engoliu em seco e eu reconheci sua expressão. Foi a mesma de quando pediu para ver os meus seios. Talvez fosse impressão minha, paranoia da minha cabeça, mas posso jurar que ele olhou, de fato, para a área em questão.

Sentindo meu sangue ferver dentro das veias, abracei-o muito rapidamente e sob aplausos voltei a minha atenção à mulher do meu lado.

— Agora cumpra a sua parte! — falei, sem mexer os lábios. Ela concordou com a cabeça e começou com os agradecimentos.

Afastei-me quase que correndo, mas senti o meu braço ser segurado por ele.

— A vida é mesmo feita de ironias...

—Não entendi — respondi, sentindo seus dedos se afrouxando.

— Viu qual o valor do vale-tatuagem que ganhei? — Enruguei a testa de olho no voucher. — Quinhentos reais — verbalizou, o que eu acabava de ver.

—No fim, acabei te devolvendo. — Encolhi meus ombros.

—Vou fazer um registro de vocês dois. — O fotógrafo apareceu em nossa frente, antes que Pedro Paulo pudesse me responder.

Ignorando as coordenadas do homem com a câmera, eu só conseguia buscar João com meus olhos e não demorei muito para encontrá-lo. Parado a poucos metros de distância de nós, estávamos separados por

meia dúzia de pessoas, e ele mantinha os braços cruzados contra o peito, apenas me observando.

Pedro Paulo o viu também, e como se quisesse provocá-lo, alcançou minha cintura e deu um jeito de me puxar para mais perto.

Forcei um sorriso na hora do flash, e antes que o fotografo viesse com aquela coisa de, só mais uma para garantir, ergui meu polegar para ele e cambaleei até o João.

— Esse cara é um belo folgado! — rosnou para mim. — Juro que só não proporcionei um reencontro entre a minha mão e rosto dele, porque eu não quero estragar sua noite.

Pedro Paulo nos observou por algum tempo e com um sorriso no canto dos lábios, saiu de cena.

Voltei a respirar.

— Que bom que pensou assim...A última coisa da qual eu preciso agora, é ter meu estúdio transformado em um ringue de MMA.

João empinou o queixo, passou uma das mãos por ele para em seguida me envolver num abraço.

—Não vai tatuá-lo — afirmou, com o rosto repousado no meu ombro.

— Eu não acho que ele vá querer...Aposto que vai guardar aquele papel, ou ainda, jogá-lo fora — disse, sem ter certeza das minhas palavras.

— Como é que você vive falando para a Chloe? É...Desce da nuvem, Dili! —imitou-me, arrancando um riso meu. — Esse aí vai amanhecer na frente estúdio. Se bobear, nem vai embora...

—Você é mesmo impossível, Jojo...

— Jojo? Sabe bem que quando me chama desse jeito.... — Ele forçou o corpo para trás, e eu senti em minha coxa a razão do seu sorriso malicioso.

Olhei em minha volta e notei o salão mais vazio. Os doces estavam sendo servidos, as lembrancinhas entregues e levaria minutos para que a festa chegasse ao fim.

— Eu já volto. — Beije seus lábios rapidamente e seguiu direto para a cozinha, eu sabia que ela estaria lá. — Como eu imaginava. — Pigarreei parada na porta, depois de alguns segundos observando o Diogo colocando brigadeiros na boca da Chloe.

— Confesso, eu vim assaltar a cozinha, mas Dili, estes doces da sua mãe são uma perdição. — Ela confessou com a boca cheia.

— A Maria estava louca por açúcar — completou Diogo.

Revirei os olhos, a mim, era estranho que os dois estivessem chamando a criança pelo nome, sem ao menos saber se o bebê era mesmo uma menina.

— Posso pedir um favor?

— Até dois.

— Vocês podem fechar o estúdio para mim? Não se preocupem em organizar nada, apenas certifiquem-se de que ninguém vai ficar preso aqui (não sei por que, mas palavras de João se fizeram presentes) e que as portas estejam perfeitamente trancadas.

— Deixa comigo — meu irmão concordou. Abracei-o rapidamente e fui até a Chloe.

— Que noite agitada, hein? A inauguração foi um sucesso e eu já marquei alguns clientes que insistiram muito em garantir horários. Sem contar o garotão caminhando com as duas pernas, o Pepa ganhando um vale tatuagem...

— Por que eu senti uma ponta de sarcasmo nessa última frase?

Chloe ergueu as mãos em rendição e riu.

— Engano seu...Eu só estou relatando os acontecimentos mais importantes da festa.

— Sei...Agora deixa eu ir acalmar os ânimos de alguém que não gostou nada desse sorteio, aliás, do ganhador dele.

Chloe e Diogo se entreolharam.

— É...Agora que vai ficar em definitivo, o Pedro Paulo vai marcar em cima... A boa e velha história do amor mal resolvido.

Chloe balançou a cabeça concordando com o namorado.

—Vocês são dois grandes — engoli meu xingamento outra vez, afinal, a Maria estava ali, tudo bem que era dentro da barriga, mas estava. — Eu vou, porque vocês me confundem, me perturbam, e, de confusão e perturbação eu estou passando longe. —Dei as costas para os dois.

—Será que hoje a Dili e o João fabricam um priminho para a Maria? — Ouvi a Chloe cochichando, apenas balancei a cabeça, inconformada em como sua mente era fértil.

—Diana!—Sua voz dizendo meu nome, fez meu coração parar de bater por instantes.

— Tia Eliana...— deixei escapar com mais rancor do que eu imaginava ter.

—Eu estou indo, mas antes queria te dar os parabéns.—Muito sem graça, ela parou na minha frente.

Passei as mãos pelo rosto e cansada demais para discutir, eu sorri (ou fingi que o fazia).

— Muito obrigada. Este lugar é de fato a minha maior conquista.

— É...Eu sempre soube que você chegaria longe.

“*Mentirosa...*”

— Hum...—limitei-me em dizer.—Bom eu, estou exausta e

— Diana, eu sei que errei muito com você, mas quem não erra? —Ela deixou os ombros caírem.

—Não errou comigo. — Cruzei os braços.— Errou com a sua irmã, alguém a quem a senhora deveria respeitar.

—Não pense que me orgulho desse erro, mas a Eliete me perdoou e

—Não!—Levantei o dedo. — Não existe perdão para algo tão sujo. O que minha mãe fez só mostra o quanto ela é superior e também, altruísta. Embora eu, como mulher, não concorde, entendi que ela pensou na família... Na nossa e na sua, por isso escolheu passar por cima de tamanha sacanagem.

— Diz estas coisas para o seu pai também? Sim, porque eu não errei sozinha...

Joguei a cabeça para trás, os meus pés estavam me matando e eu não queria, mesmo, estar tendo essa maldita conversa.

— Levei dezesseis anos para voltar...Em todos os dias deles, não houve um, em que eu deixasse de pensar no que vocês, dois, fizeram. Mas ele é meu pai, eu o amo genuinamente. Quanto a senhora, eu não desejo nenhum mal, afinal, conviver com o peso das suas atitudes, já deve ser um castigo e tanto.

Ela ficou de olhos arregalados e antes que tentasse me dizer mais alguma coisa, eu me abaixei, tirei meus sapatos e passei por ela sem olhar para trás.

Não posso dizer que foi fácil, e minhas pernas ainda tremiam, mas quando vi o João caminhando até mim, nada mais passou a ter importância. Com mais calma, e passada toda aquela sensação de êxtase, notei que ele mancava um pouquinho. Nada exagerado, e podia ser apenas a falta de prática em usar a perna mecânica, de qualquer maneira, ele tinha conseguido ficar ainda mais charmoso.

— Que bom que eu tenho você...— Afundei o meu rosto em seu peito, esperando que o som do seu coração me acalmasse.

— Aconteceu mais alguma coisa?

— Na verdade, eu só coloquei o pingo no último “I”, que faltava.

— Dili e suas metáforas...— Ele riu e seu corpo todo se chacoalhou.—Agora que cumpriu com todas as suas obrigações, será que podemos ir? Eu estou morto de saudades e não quero esperar mais para matá-la.

— Nem eu...

Passamos por uma roda onde meus pais conversavam com a família do João. Ele foi até o tio e pegou as chaves do seu carro, que tinha sido trazido por Caio, para a frente do estúdio. Saímos, depois de nos despedirmos de todos.

— Se importa em pilotar ?



— Claro que não!— Tomei meu lugar no banco do motorista e ajustei-o para a minha pouca altura.

O João não tinha deixado de dirigir, para isso, teve um de seus carros adaptados. O daquela noite era o que ganhara como prêmio na corrida, e ele não tinha passado por nenhuma alteração.

— Com a prótese pode dirigir este?

— Posso, mas prefiro treinar um pouco. — Ele acariciou o meu rosto com as costas das mãos. — Estive pensando na sua proposta, mas por mim, poderíamos deixar o “*nosso lugar*” pra outro dia...O que acha de irmos para a sua casa, desfrutar daquela cama enorme?



— Quanto tempo até seus pais chegarem? — perguntou João, enquanto caminhávamos pelo corredor, ainda com seus lábios grudados nos meus.

Não consegui segurar o riso.

— Está parecendo um adolescente, com medo de ser flagrado pelos pais da namoradinha — zombei, ao mesmo tempo que empurrava a porta para abri-la.

— Não é isso, eu só não quero que ninguém nos atrapalhe.— Sua voz soou mais sensual que o normal.

— Não se preocupe. — Fechei a porta atrás de mim e avancei sobre João. Naquele momento, a necessidade de tê-lo, de sentir o seu cheiro e de fazer os meus lábios encontrarem os seus, era algo que corria em minhas veias, misturado ao meu sangue.

— Espere um pouco. — Ofegante, ele segurou minha mão que, ágil desabotoava sua camisa como se tivesse vontade própria. — Eu tenho uma surpresa pra você.

— Surpresa?— Parei.

— Confesso, que neste exato momento eu me sinto nervoso. Tenho muito medo de que não goste.

Ainda de costas, dei três passos que me levaram até a cama. Sentada, passei os olhos por toda a extensão do João.

— Só não me peça em casamento agora, porque eu juro, isso é muito para mim! — choraminguei, perturbada por aquele pensamento. Não sei se foi o pânico, ou se eu andava assistindo a muitas comédias românticas, mas a questão é que eu conseguia ver João ajoelhado, estendendo-me uma caixinha de joias e, por mais que eu o amasse, ainda era cedo para um passo tão grande.

Ele ficou sério por um tempo, e meu coração resolveu despertar ainda mais, minha boca secou e meus lábios voltaram a ter dificuldade para se mexerem.

— Detesto decepcioná-la, mas não, não vou pedi-la em casamento. — Ele riu. — Ao menos, não agora.

Aliviada, tateei a área atrás de mim e alcancei uma das minhas almofadas. Não levou nem dois segundos para que ela passasse da minha mão, para quase acertar o rosto de João, que desviou a tempo.

— Bom reflexo!

Ele concordou com a cabeça, depois, os olhos se estreitaram e eu percebi pelo jeito que ele engolia a saliva, que de fato sentia-se nervoso.

Endireitei as minhas costas e desisti de tentar desconstrair aquele clima que eu ainda não conseguia definir se era de mistério ou de pura sensualidade, porque quando o João dependeu a gravata borboleta e a jogou no chão, a fisgada que senti entre as pernas, me fez querer mais.

— Vai fazer um strip-tease pra mim? — murmurei, desejando uma resposta positiva.

João não se pronunciou, apenas continuou desabotoando a camisa até que livrou-se dela. — Outra fisgada. — Quando foi para o cinto e em seguida para o cós da calça, eu enlouqueci.

*“Por que nunca fez isso antes?”*

Depois de abaixar o zíper, ele descalçou os sapatos. Primeiro o direito, depois o da perna esquerda e então o pé mecânico se revelou. Não

tive como não deixar minha atenção ali. Ele tinha quase que a mesma cor da pele do João, a diferença era o formato, mais robusto que um pé normal.

— Está pronta? — falou finalmente.

Assenti com a cabeça, não sabia a que exatamente ele se referia, mas de qualquer maneira eu estava pronta; e como.

— Ai. Meu. Deus! — exclamei, levando as mãos até a minha boca.

João terminou de se livrar da calça, e eu não consegui disfarçar o meu choque. Vestindo apenas uma cueca boxer branca, ele permaneceu parado, com as mãos na cintura como se fosse um manequim.

— Eu...Eu nem sei o que dizer... — gaguejei, forçando-me a ficar em pé e tentando de todas as maneiras organizar os pensamentos que se embaralhavam dentro da minha cabeça.

— Estou com medo de perguntar o que achou. — Seus olhos pareciam um espelho, refletindo todo o torpor e toda a dúvida guardados dentro dele.

Nesse momento, eu terminava de dar a volta em seu corpo. Não queria deixar nada passar. João tinha uma nova silhueta, um novo corpo, e nada mais justo do que eu fazer o reconhecimento da área.

— Isso é incrível...A prótese... Então esta é a surpresa? — Apontei apara a sua perna mecânica.

— Sim, e se me disser o que achou, vai ajudar esse coração de atleta a se acalmar.

Abaixei-me aos seus pés e pus-me a observar com mais minúcia.

— Posso? — Estiquei meu dedo, a fim de tocá-la.

— Claro.

— Não preciso nem perguntar se tem dedo da Chloe nisso, porque sei que tanto os das mãos quanto o dos pés estão envolvidos.

Há algumas semanas, enquanto eu estava quase louca, resolvendo milhares de burocracias sobre a mudança e reforma do meu estúdio, Chloe veio com a história de que um cliente de outra cidade queria

um desenho exclusivo, algo grande, um fechamento para meia-perna. Perguntei sobre o tema e ela afirmou não haver exigência, mas que ele queria ver o projeto antes.

Se estivesse em meu estado normal, teria a questionado mais, ou ainda, desconfiado de que algo não fazia sentido, mas, como eu disse, tinha minha cabeça recheada de problemas, portanto, eu apenas aproveitei para deixar a minha mente viajar. Coloquei todas as minhas energias boas no tal projeto, criei paisagens com animais da fauna brasileira e confesso que me apaixonei pelo resultado. Agora, tudo estava ali, estampado na prótese do João.

— Sua amiga vem sendo de grande ajuda para mim, desde o começo de tudo.

Enchi meus pulmões com um pouco de ar e me levantei, coloquei os meus olhos na linha dos do João e me perdi ali por alguns instantes. Seria muito estranho achar que ele tinha ficado ainda mais bonito com uma perna mecânica?

Isso não quer dizer que eu preferia assim, no entanto, não existiu impacto, não me causou estranheza e tudo parecia tão encaixado, que eu só conseguia enxergar perfeição.

— Tenho que me lembrar de agradecer essa amiga, irmã e fada madrinha que Deus colocou na minha vida... — Envolvi meus braços em torno do pescoço do João.

— Eu concordo. Mas agora, o que acha de testarmos as habilidades da minha perna nova?

Antes que eu pudesse responder, João me carregou no colo e caminhou até a cama. Assim que me deitou, repousou seu corpo sobre o meu, envolveu meus lábios com paixão, enquanto as mãos percorriam a lateral do meu vestido.

— Durante toda a festa eu só conseguia pensar no momento em que desceria este zíper — ele disse em meus ouvidos.

Inundada de desejo, me contorci sob ele, sua voz aveludada e a respiração ofegante me causavam arrepios intensos, e só faziam a vontade de tê-lo por completo, de senti-lo dentro de mim, aumentarem a ponto de parecerem vital. Por bem, para ele tudo estava da mesma forma e tal como

eu imaginava, tivemos uma noite de amor e descobertas, onde a novidade não era apenas a sua perna mecânica, mas sim, seu significado latente e a premissa de uma segunda chance.

—É engraçado como a vida da gente toma rumos completamente diferentes do que planejamos, não é? —Virei-me para ficar de frente para o João. Fazia pouco tempo que meus pais, a Chloe e o Diogo haviam chegado. Eles riam de alguma coisa e foi exatamente aquela alegria intrínseca que mudou os rumos dos meus pensamentos.

— Mais ou menos...Eu, desde muito cedo, sabia exatamente o que queria, e hoje me vejo mais perto de realizar meus objetivos. — Ele forçou o braço que envolvia a minha cintura, me levando para ainda mais perto do seu corpo nu.

— Mas eu não estou falando sobre profissão, eu me referi a

— Ei! — Ele me roubou um beijo rápido, interrompendo meu raciocínio. — Eu nem pensei nisso, na verdade eu me referi a você, em quando eu ainda era um menininho e a pedi em casamento.

Fechei os meus olhos e ri.

—Eu querendo ter uma conversa séria e você aí, todo debochado — acusei.

—Não é deboche, Dili, eu falo muito sério, e, isso sim é um baita golpe do destino. Não percebe como tudo deu certo? Nascemos em décadas diferentes e treze anos nos separavam, você namorou meu tio e foi através dele que nos conhecemos, então você ficou dezesseis anos fora, e quando voltou eu estava aqui, pronto para você.

— Eu já me peguei pensando que se eu tivesse voltado antes, tipo, uns cinco anos mais cedo, eu teria o visto adolescente, cheio de espinhas e com o físico desproporcional, então, ainda que nós nos reencontrássemos no clube, em um novo retorno meu, o impacto seria diferente, eu saberia que o Senhor Covinhas era o sobrinho do Caio, e você, que a tatuada sexy era a ex-namorada do seu tio.

— Ainda assim não adiantaria...Primeiro, porque eu nunca tive espinhas, segundo, que modéstia à parte, as minhas proporções sempre foram bem distribuídas, além do mais, você nasceu para ser minha, e nada mudaria esse fato...Seria só questão de tempo.

Como argumentar? João era eloquente, e seu domínio sobre as palavras fazia algo impossível e que só ele conseguia: me deixar sem fala. Naquele momento eu soube que tinha de fato, saltado sobre os dez quadrados e chegado ao céu.

— O que acha de irmos ver o sol nascer? — sugeri, tentando disfarçar algumas lágrimas que insistiam em brotar dos meus olhos.

—No nosso lugar?

—No nosso lugar.



# *Epilogo*



## Epílogo

A nova fachada do Samba's é linda. Faz mais de dez minutos que estou parada de frente para as letras prateadas sobre as cores verde e amarelo e não consigo parar de admirá-las. Os pais da Chloe discutem sobre a impressão dos cardápios, enquanto Matheus rabisca folhas sobre a mesa.

Sim, meu sobrinho é um belo menino, e tanto meu irmão quanto a Chloe se enganaram ao apostarem que estavam à espera de Maria, se bem que, dias depois de Matheus ter completado um ano, minha cunhada começou a apresentar uns enjôos.

Mais uma vez lá fui eu, corri até a farmácia e comprei um teste de gravidez, apenas para comprovar o que eu e meu sexto sentido de tia, tínhamos certeza.

Dito e feito, sete meses mais tarde, conhecemos o novo membro da família, dessa vez, Maria.

Chloe leva a filha até os fundos da Samba's porque suas fraldas precisam ser trocadas. Ela volta sem a pequena ruiva, mas nas mãos traz uma revista e a entrega para mim.

— Olha só quem está na capa.

Pego a revista e antes de olhar para ela, sei a quem minha cunhada se refere.

João Victor aparece exibindo no peito cinco medalhas, duas de ouro, uma de prata e duas de bronze. Esse foi o saldo final do seu desempenho nas paraolimpíadas disputada no ano anterior, onde, diga-se de passagem, ele brilhou.

— *“A bela lição de vida de um jovem que deu a volta por cima”*  
— leio em voz alta o título da reportagem, enquanto tento definir como me sinto agora.



— Por que essa cara, dona Diana Lima? — Chloe puxa uma cadeira e senta sem desgrudar os olhos de mim.

Imitando-a, também me sento, solto um suspiro cheio de significados e continuo observando a foto.

— No fim eu estava certa quanto ao medo que eu tinha de me envolver com ele, não é? Eu deveria imaginar como seria o desfecho...Esse filho da... Veja como estou, Chloe!

Ela joga a cabeça para trás enquanto ri.

— Se eu fosse você, antes de continuar com toda essa braveza, abriria a revista e leria a parte da reportagem que ele fala sobre você. A maneira que ele conta sobre ter se envolvido com uma mulher treze anos mais velha é...

— Ele falou sobre isso, aqui? — resmungo, enquanto balanço a revista.

Chloe fica em silêncio e seus olhos estão perdidos em algum ponto atrás de mim. Ouço passos que se aproximam e antes de me virar sei que é ele, apenas pelo jeito de andar.

— Posso saber qual a razão desse mau-humor? — João se inclina e deposita um beijo em meu rosto.

— Tio Tor! — Matheus vem correndo com uma folha de papel nas mãos. Para ele, o tio é de fato um super-herói, principalmente por causa da perna mecânica.

— E aí garotão, o que está fazendo de bom? — João segura o garoto no colo.

— Tô desenhando você e a tia Dili.

João o coloca no chão e fixa os olhos no desenho. Fico observando seu rosto, tentando identificar o que dizem suas expressões. Ele sorri e as covinhas estão ali, como sempre.

— Deixa eu ver isso, afinal, dizem que não existe bicho mais sincero que criança. — Levanto-me e paro bem ao lado de João. — Minha nossa! Meu sobrinho me desenhou igual a um canguru!

Chloe e João tentam disfarçar a risada, já Matheus, gargalha deliberadamente.

— Tia, você tá mesmo parecendo um canguru.

— Viu só João? Isso é culpa sua...Veja o que fez comigo... — choramingo em seu peito, sendo abraçada por ele, que ainda ri.

— Eu? Então a culpa é só minha?

Respiro fundo e é incrível como ainda, mesmo depois de anos, o perfume que exala do seu corpo consegue me acalmar.

—Vem filho, vamos deixar os pombinhos se acertarem. — Chloe carrega Matheus para dentro da pizzaria.

— Achei que quando voltasse, a encontraria mais calma, porque hoje de manhã, você parecia uma vespinha...

— Claro... acha que é fácil não ter uma roupa que sirva em você, ou olhar para seus pés eles estarem parecendo fermentados? João, eu me sinto horrível! — Faço um beicinho.

—Você está como sempre...Linda, incrível e esse seu barrigão...Ah...Dili, juro que vou sentir saudades quando nossos bebês nascerem. Eu perdi as contas de quantas foram as vezes em que acordei no meio da noite apenas para ficar olhando você dormir, sem acreditar que eu consegui...Que a mulher mais bonita de Arco Dourado, ou melhor do planeta, é minha esposa e mãe das minhas filhas.

—Você não muda, não é João Victor? — Beijo seus lábios. — Agora me conta, a Chloe disse que você fala sobre mim nessa reportagem, espero que sejam coisas boas. — Volto a me sentar, prestes a folhear a revista.

João senta na minha frente, noto que ele parece meio nervoso.

— Quer mesmo ler isso agora? Não acha melhor deixar para depois?

Ergo as sobrancelhas e balanço a cabeça negando. Só consigo pensar que, tem carçoço nesse angu...

Começo a correr os olhos pelas letras, a reportagem é enorme, praticamente um compilado de toda a vida do João. Fotos dele bem jovem,

dividem espaço com entrevistas das pessoas mais próximas. Leio o depoimento de Marian, também a do Caio e fico me perguntando: “Por que raios não quiseram me entrevistar? Será que a mulher que carrega de uma só vez, DUAS filhas do João no ventre, não tinha nada relevante para completar a reportagem?”

Continuo virando as páginas em silêncio e, às vezes oscilo olhares entre a revista e ele, faço isso com mais intensidade quando vejo a palavra namorada ser citada pelo entrevistador. Ou seria entrevistadora?

Namorada. Tudo bem que nós não havíamos formalizado, mas a meu ver, um homem e uma mulher que moram juntos, e que esperam não um, mas DOIS filhos, deveria ser tratada com mais respeito. Aproveitando o ensejo, quero salientar um ponto: Minha gravidez não foi planejada, muito pelo contrário, foi algo que me pegou de surpresa, e o pânico de saber que eu gerava uma vida, só não superou a sensação de ter descoberto no segundo exame de ultrassonografia, que não era uma criança, e sim, duas.

Eu fazia uso do DIU e teoricamente, isso não era para ter acontecido. Mas aconteceu e graças ao histórico familiar dos Dellawin, o lado paterno do João, gêmeos eram uma grande possibilidade, fato relevante que eu fui saber apenas quando já haviam dois serezinhos crescendo em meu ventre.

Confesso que foi um choque, ainda mais para mim, que nunca tinha desejado ser mãe. Mas o João, sua família e a minha família ficaram tão felizes que, eu fui gostando da ideia, depois, a cada mudança nas minhas curvas e sentir-me mãe me agrada mais e mais, só que ultimamente, tudo tem me irritado.

Minha barriga de vinte e oito semanas está tão enorme, que eu não encontro nenhuma posição boa para dormir, sem contar que apenas um vestido, que eu odeio, consegue cobrir o meu corpo, meus pés estão inchados e Olivia e Leona parecem brincar constantemente de ciranda dentro de mim.

— Por que não me entrevistaram? — pergunto finalmente, antes de virar a última página. — E mais, por que me tratam como sua namorada?

— Já terminou de ler? — Ele cruza os braços contra o peito e me encara.

— Não, mas acho que já vi o bastante.

— Dili, termine, por favor — João, munido de toda a paciência extra que vem utilizando nos últimos tempos, pede com calma.

Estalo meus lábios e continuo a leitura. Em meio a centenas de letrinhas, vejo meu nome. Diana Lima, o verdadeiro e não meu apelido. Desvio meus olhos para ele, que agora está com o braço sobre a mesa e a cabeça apoiada na mão.

“Embora os treze anos de diferença que existe entre eles, passe despercebido, já que Diana tem uma alma adolescente, a maturidade que adquiriu em sua trajetória, foi essencial para ajudar meu filho a atravessar o período mais complicado da sua vida. Tenho certeza de que uma garota sem tanta vivência, não conseguiria dar o apoio, nem o suporte que ela doou ao João Victor” — Esse é mais um dos depoimentos de Marian, e confesso, antes de terminar de ler, já me sinto emocionada. Olho para cima, a fim de interromper a formação das minhas lágrimas, mas João nota meu estado, estica outro braço e entrelaça seus dedos nos meus.

Com a cabeça ele faz um sinal, entendo que devo prosseguir com a leitura. Viro a página e me deparo com uma foto nossa. Não é muito antiga, mas é uma das minha preferidas. João e eu aos pés do Cristo Redentor, logo depois do encerramento das olimpíadas. Aproveitamos a folga e prolongamos nossa estadia no Rio de Janeiro.

Nenhum de nós conhecia aquele monumento e posso dizer que foi um dos momentos mais marcantes da nossa história.

“Conheci a Diana, minha Dili, quando eu tinha três anos e nesse dia eu a pedi em casamento. Ela não aceitou (Risos), acabou namorando o meu tio, depois mudou de país e dezesseis anos mais tarde nos reencontramos em Arco Dourado. Ela cortou a minha frente na fila de bebidas de um Baile do Havaí e foi o momento em que descobri que ela era “a pessoa”. Hoje, quase cinco anos mais tarde, e eu ainda não encontro palavras para descrever o impacto de ter os seus olhos coloridos nos meus, nem sei como explicar a maneira como me senti enquanto conversávamos à beira da piscina onde eu sempre treinei. Tudo o que posso garantir é que

naquela noite eu soube, de alguma maneira, que era ela a mulher com quem eu teria filhos e passaria os meus últimos dias.

Admito que foi uma tarefa difícil convencê-la de tudo isso, mas eu venho me saindo bem. Estamos morando juntos há quatro anos e as gêmeas nascem em pouco mais de um mês .

E, numa próxima reportagem eu conto se ela aceitou o pedido de casamento que vou fazer quando ela terminar de ler esta matéria.”

Releio o último trecho por mais umas quatro ou cinco vezes, de soslaio, noto que João parece impaciente, ele se mexe na cadeira e eu tenho medo de encará-lo.

Meu coração está acelerado, tanto que minhas filhas parecem brincar de pula-pula dentro da minha barriga; minhas mãos estão trêmulas e a minha garganta seca.

Fecho a revista e respiro fundo. Tenho medo de desfalecer.

—Eu... Eu... João, o que significa isso? — pergunto, ainda encarando a revista.

João se mexe de novo e eu noto que ele coloca alguma coisa sobre a mesa.

— Olhe pra mim, Dili.

— Não quero olhar.

—Diana Lima, deixe de ser infantil. —Ele se inclina sobre a mesa e segura meu queixo com a ponta dos dedos. — Dili...Eu vou fazer o pedido de um jeito ou de outro, mas eu que adoraria que estivesse olhando para mim.

— Não, João... — choramingo, enquanto enfio o rosto dentro das minhas mãos. —Isso é muito pra mim. Estamos morando juntos, eu estou esperando dois bebês e tudo foge completamente do que eu tinha planejado para o meu futuro.

João ri.

— Eu te disse anos atrás que seria assim, você deveria estar preparada.

— Você é um grande manipulador mesmo! — acuso, finalmente olhando para aquele rosto, para aquele sorriso e entendo a razão de sucumbir aos seus pedidos, por mais absurdos que possam parecer.

— Casa comigo? — Ele segura uma aliança dourada com a ponta de dois dedos. — Esperamos a gêmeas nascerem e então faremos tudo direitinho... Padre, igreja, véu, grinalda...

— É só o que falta para que suas previsões se completem, não é? — Estico a minha mão direita na direção de João e ele tenta colocar a aliança no meu dedo anelar. Em vão. Ela entra somente até a falange.

— Peguei um dos seus anéis para saber o tamanho...

— Eu estou inchada... Hoje em especial, parece que comi fermento. — Rio nervosa. — Mas tudo bem, você refaz o pedido outra hora, em um lugar mais romântico que a Samba's de Arco Dourado.

João balança a cabeça e sorri, logo seus lábios estão nos meus.

— Ela aceitou? — Ouço a Chloe gritar.

— Sim — João responde sem se afastar.

— Você já pode pegar o certificado de Cupido Honorável, sua missão foi cumprida, com êxito! — Olho para a minha amiga que sorri feito uma boba.

— Não precisa me agradecer! Foi um prazer... — diz, em tom de escárnio.

Eu deveria mesmo agradecê-la, afinal, Chloe foi essencial para a minha mudança, seus conselhos e o seu jeito prático de ver a vida, foram o impulso que eu precisei para aceitar que eu amava o João e que já era hora de deixar de lado meus próprios preconceitos e aproveitar aquele presente que o universo me dera.



Olívia e Leona nasceram no dia treze de agosto de dois mil e dezessete, saudáveis e lindas. A coincidência da data só reforçou para Dili que, talvez, o treze não seja mesmo apenas um número.



## Nana C. Fabreti



### Sobre a autora

Elizandra Curatito Fabreti, tem trinta e quatro anos, é casada e vive em Piracicaba, interior de São Paulo. A paixão pela escrita vem desde muito cedo, e, aos quinze anos, quando ganhou um concurso de redação onde disputou com todo o seu colégio, teve certeza da eminência da literatura em sua vida.

As responsabilidades acabaram a levando por outros caminhos, mas nunca deixou de escrever. Com vários manuscritos na gaveta, somente em fevereiro de 2017, criou coragem de compartilhar suas histórias. Teve seu primeiro livro publicado pela Editora Pendragon, Meu Protetor, sob o pseudônimo Nana C. Fabreti. Participou,



nesse mesmo ano, da bienal do Rio de Janeiro, onde viveu uma das suas mais empolgantes experiências de vida.

Romantica incorrigível, falar sobre o amor a inspira e as relações humanas são uma fonte inesgotável de ideias, por isso, muitas histórias ainda estão por vir.

# Contato:

WATTPAD NANACFABRETI  
INSTAGRAM: ELIZANDRACURATITO  
FACEBOOK: @AUTORANANAC.FABRETI  
E-MAIL: NANAAUTORA@GMAIL.COM



Acompanhe a autora nas Redes Sociais